



FLUMINENSE

Jogos Inesquecíveis



DHANIEL COHEN | HEITOR D'ALINCOURT | JOÃO BOLTSHAUSER | CARLOS SANTORO



FLUMINENSE

Jogos Inesquecíveis



DHANIEL COHEN | HEITOR D'ALINCOURT | JOÃO BOLTSHAUSER | CARLOS SANTORO

Sumário

Capa

Folha de rosto

Apresentação

Prefácio

O que nasceu a partir desse livro...

Década de 1900

01 - Amistoso - 1902 - Fluminense 8 x 0 Rio Football Club

02 - Amistoso - 1903 - Fluminense 3 x 0 São Paulo Athletic

03 - Carioca - 1906 - Fluminense 7 x 1 Paysandu

04 - Carioca - 1909 - Fluminense 2 x 1 Botafogo

Década de 1910

05 - Carioca - 1912 - Fluminense 3 x 2 Flamengo

06 - Carioca - 1917 - Fluminense 11 x 1 Bangú

07 - Amistoso - 1918 - Fluminense 3 x 1 Paulistano

08 - Carioca - 1918 - Fluminense 2 x 1 Botafogo

09 - Carioca - 1919 - Fluminense 4 x 0 Flamengo

Década de 1920

10 - Carioca - 1924 - 6 x 5 Bangu

11 - Carioca - 1928 - Fluminense 4 x 1 Flamengo

Década de 1930

12 - Carioca/Rio-São Paulo - 1933 - Fluminense 3 x 1 Vasco

13 - Torneio Aberto - 1935 - Fluminense 3 x 1 América

14 - Carioca - 1936 - Fluminense 1 x 1 Flamengo

15 - Carioca - 1937 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

16 - Carioca - 1938 - Fluminense 2 x 0 Flamengo

17 - Carioca - 1939 - Fluminense 3 x 2 Botafogo

Década de 1940

18 - Carioca/Rio-São Paulo - 1940 - Fluminense 2 x 1 Flamengo

19 - Carioca - 1941 - Fluminense 6 x 2 Vasco

20 - Carioca - 1941 - Fluminense 4 x 3 América

21 - Carioca - 1941 - Fluminense 2 x 2 Flamengo

22 - Carioca - 1944 - Fluminense 2 x 1 Vasco

23 - Amistoso - 1946 - Fluminense 2 x 1 São Paulo

24 - Carioca - 1946 - Fluminense 5 x 2 Flamengo

25 - Carioca - 1946 - Fluminense 1 x 0 Botafogo

26 - Torneio Municipal - 1948 - Fluminense 1 x 0 Vasco

Década de 1950

27 - Carioca - 1951 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

28 - Carioca - 1951 - Fluminense 2 x 0 Bangu

29 - Mundial - 1952 - Fluminense 3 x 0 Peñarol

30 - Mundial - 1952 - Fluminense 5 x 2 Áustria Viena

31 - Mundial - 1952 - Fluminense 2 x 2 Corinthians

32 - Amistoso - 1956 - Fluminense 3 x 0 Porto

33 - Rio-São Paulo - 1957 - Fluminense 3 x 2 Corinthians

34 - Rio-São Paulo - 1957 - Fluminense 3 x 1 Portuguesa

35 - Carioca - 1959 - Fluminense 2 x 0 Madureira

Década de 1960

36 - Rio-São Paulo - 1960 - Fluminense 7 x 2 São Paulo

37 - Rio-São Paulo - 1960 - Fluminense 3 x 2 Vasco

38 - Rio-São Paulo - 1960 - Fluminense 1 x 0 Palmeiras

39 - Rio-São Paulo - 1963 - Fluminense 4 x 2 Santos

40 - Carioca - 1964 - Fluminense 3 x 1 Bangu

41 - Rio-São Paulo - 1965 - Fluminense 7 x 2 Botafogo

42 - Taça Guanabara - 1966 - Fluminense 3 x 1 Flamengo

43 - Carioca - 1966 - Fluminense 2 x 1 Vasco

44 - Carioca - 1967 - Fluminense 2 x 0 Vasco

45 - Brasileiro - 1968 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

46 - Carioca - 1969 - Fluminense 3 x 2 Flamengo

Década de 1970

47 - Brasileiro - 1970 - Fluminense 2 x 1 Cruzeiro

48 - Brasileiro - 1970 - Fluminense 3 x 0 Palmeiras

49 - Brasileiro - 1970 - Fluminense 1 x 0 Palmeiras

50 - Brasileiro - 1970 - Fluminense 1 x 0 Cruzeiro

51 - Brasileiro - 1970 - Fluminense 1 x 1 Atlético-MG

52 - Carioca - 1971 - Fluminense 1 x 0 Botafogo

53 - Carioca - 1973 - Fluminense 1 x 0 Vasco

54 - Carioca - 1973 - Fluminense 4 x 2 Flamengo

55 - Amistoso - 1975 - Fluminense 4 x 1 Corinthians

56 - Carioca - 1975 - Fluminense 1 x 0 América

57 - Carioca - 1975 - Fluminense 1 x 0 Vasco

58 - Amistoso - 1975 - Fluminense 1 x 0 Bayern de Munique

59 - Carioca - 1975 - Fluminense 4 x 1 Vasco

60 - Brasileiro - 1975 - Fluminense 2 x 1 Cruzeiro

61 - Brasileiro - 1975 - Fluminense 4 x 2 Palmeiras

62 - Torneio de Paris - 1976 - Fluminense 3 x 1 Seleção Europeia

63 - Carioca - 1976 - Fluminense 1 x 0 Vasco

64 - Carioca - 1979 - Fluminense 3 x 0 Flamengo

Década de 1980

65 - Carioca - 1980 - Fluminense 1 x 0 Vasco

66 - Carioca - 1983 - Fluminense 2 x 0 América

67 - Carioca - 1983 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

68 - Brasileiro - 1984 - Fluminense 2 x 0 São Paulo

69 - Brasileiro - 1984 - Fluminense 5 x 0 Coritiba

70 - Brasileiro - 1984 - Fluminense 2 x 0 Corinthians

71 - Brasileiro - 1984 - Fluminense 1 x 0 Vasco

72 - Brasileiro - 1984 - Fluminense 0 x 0 Vasco

73 - Carioca - 1984 - Fluminense 2 x 0 Vasco

74 - Carioca - 1984 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

75 - Carioca - 1985 - Fluminense 2 x 1 Bangu

76 - Carioca - 1987 - Fluminense 2 x 0 Vasco

77 - Brasileiro - 1988 - Fluminense 3 x 2 Vasco

Década de 1990

78 - Carioca - 1994 - Fluminense 4 x 2 Flamengo

79 - Carioca - 1994 - Fluminense 7 x 1 Botafogo

80 - Carioca - 1995 - Fluminense 4 x 3 Flamengo

81 - Carioca - 1995 - Fluminense 3 x 2 Flamengo

Década de 2000

82 - Brasileiro - 2000 - Fluminense 6 x 1 Santa Cruz

83 - Brasileiro - 2001 - Fluminense 6 x 2 Palmeiras

84 - Brasileiro - 2002 - Fluminense 5 x 1 Cruzeiro

85 - Carioca - 2003 - Fluminense 4 x 0 Flamengo

86 - Brasileiro - 2003 - Fluminense 3 x 2 Coritiba

87 - Carioca - 2005 - Fluminense 4 x 1 Flamengo

88 - Carioca - 2005 - Fluminense 3 x 1 Volta Redonda

89 - Brasileiro - 2005 - Fluminense 6 x 2 Cruzeiro

90 - Copa do Brasil - 2007 - Fluminense 1 x 0 Atlético-PR

91 - Copa do Brasil - 2007 - Fluminense 1 x 0 Figueirense

92 - Carioca - 2008 - Fluminense 4 x 1 Flamengo

93 - Libertadores - 2008 - Fluminense 6 x 0 Arsenal

94 - Libertadores - 2008 - Fluminense 3 x 1 São Paulo

95 - Libertadores - 2008 - Fluminense 3 x 1 Boca Juniors

96 - Brasileiro - 2009 - Fluminense 3 x 2 Cruzeiro

97 - Brasileiro - 2009 - Fluminense 1 x 0 Palmeiras

98 - Sul-Americana - 2009 - Fluminense 2 x 1 Cerro Porteño

99 - Brasileiro - 2009 - Fluminense 1 x 1 Coritiba

Década 2010

100 - Brasileiro - 2010 - Fluminense 2 x 1 Flamengo

101 - Brasileiro - 2010 - Fluminense 1 x 0 Santos

102 - Brasileiro - 2010 - Fluminense 2 x 0 Grêmio

103 - Brasileiro - 2010 - Fluminense 1 x 0 Guarani

104 - Libertadores - 2011 - Fluminense 4 x 2 Argentinos Jrs.

105 - Brasileiro - 2011 - Fluminense 3 x 2 Santos

106 - Brasileiro - 2011 - Fluminense 5 x 4 Grêmio

107 - Carioca - 2012 - Fluminense 3 x 1 Vasco

108 - Libertadores - 2012 - Fluminense 2 x 1 Boca Juniors

109 - Carioca - 2012 - Fluminense 4 x 1 Botafogo

110 - Brasileiro - 2012 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

111 - Brasileiro - 2012 - Fluminense 1 x 0 Flamengo

112 - Brasileiro - 2012 - Fluminense 3 x 2 Palmeiras

Autores

Créditos

Agradecimentos

Publiko

Selecionar os 110 jogos desta obra não foi tarefa fácil. Entre impasses e divergências, os autores se confortavam à velha máxima do profeta tricolor:

"Toda unanimidade é burra"

APRESENTAÇÃO

Em 2012, o Fluminense Football Club completa 110 anos. Para celebrar esta data tão especial, a instituição resolveu selecionar jogos e personagens que marcaram a história do clube, tornando-o um orgulho para o Brasil e uma paixão para milhões de torcedores. Decidiu-se então pela produção deste livro, unindo nossa memória afetiva, extensas pesquisas e imagens disponíveis para cada partida agora eternizada.

Na obra, todas as gerações de tricolores são contempladas, uma vez que abordamos dos primeiros jogos amadores ao Fla-Flu da Lagoa, do Supercampeonato de 1946 ao Mundial de 1952, passando pelos esquadrões inesquecíveis da Máquina, pelo tricampeonato de 1983-1984-1985 e ainda pelo antológico título de 1995, além, é claro, dos três Campeonatos Brasileiros. Os torcedores irão curtir, desta maneira, diversos momentos inesquecíveis.

No processo de ilustração do livro, recorremos tanto a negativos em vidro do começo do século XX quanto a ferramentas digitais contemporâneas. Selecionadas, as imagens, devidamente tratadas e restauradas, enriquecem ainda mais as crônicas dos jogos.

Ao longo de nossas pesquisas, tivemos acesso a histórias fascinantes – algumas perdidas no tempo, esquecidas pelo público em geral – que mereciam ser resgatadas. Reunidas, representam um breve panorama da história do futebol do clube.

Não podemos encerrar sem deixar de agradecer à diretoria do Fluminense e a todos os tricolores que acreditaram neste projeto, fazendo dele um recorde brasileiro em financiamentos coletivos.

Os autores

PREFÁCIO

Desde que comecei a torcer pelo Fluminense, adquiri o hábito de cultuar o nosso glorioso passado. Por isso, logo nos meus primeiros meses na presidência, queria ter um produto institucional apresentando o clube através do que ele é mais rico: a sua história. Conversando com meus companheiros, chegamos à conclusão que nada poderia ser mais emblemático do que lançar um livro comemorativo dos 110 anos de nossa instituição. Mas qual imagem passaríamos para o mundo?

Pensando em dois conceitos sobre o Flu que tanto me agradam, o de "Time de Guerreiros" para o futebol e o "Nós somos a História" para todo o clube, surgiu uma interseção de ambos com o lema "Guerreiros desde 1902". Para reforçar essa imagem de luta, de superação, de valentia, tão marcante na história tricolor, nada mais natural do que abordar jogos emocionantes, épicos, antológicos. Desenvolvemos, então, o projeto do livro para retratar 110 partidas do Fluminense com espírito guerreiro.

Aí, refletimos e pensamos: "Como vamos fazer o livro?" Qualquer produção editorial de qualidade envolve um investimento. Dessa maneira, criamos um crowdfunding, pois tínhamos o desejo de dar aos torcedores a oportunidade de participarem da história ao

financiarem um projeto tão importante. E os tricolores compraram a ideia. Alcançamos a meta estipulada em oito dias e o projeto se tornou autossustentável, batendo ainda o recorde brasileiro de arrecadação nessa plataforma.

De modo muito bem pensado, o nosso livro está sendo publicado em um ano especial. Em 2012, além de completarmos 110 anos, celebramos o centenário do clássico Fla-Flu, com 25 jogos memoráveis aqui retratados. Além disso, festejamos os 60 anos do nosso Mundial Interclubes, tratados com bastante destaque, que mereceram inclusive duas páginas com o time campeão, e mais um centenário, o de nosso eterno profeta Nelson Rodrigues, também lembrado e homenageado desde as primeiras páginas.

Resgatar a história é ponto-chave de nossa gestão. Tenho orgulho de ser o presidente dos 110 anos do Fluminense Football Club. Recentemente tivemos a inauguração da nossa belíssima Sala de Troféus e agora o lançamento deste livro. Temos um grupo de quatro pessoas totalmente focado na valorização da história tricolor e com muita felicidade os vejo assinando esta obra. Tenho certeza de que os tricolores vão adorar, assim como eu, pois este livro envolve a torcida e é a cara de todos nós.

Peter Eduardo Siemsen
Presidente do Fluminense Football Club

O QUE NASCEU A PARTIR DESSE LIVRO...

Em agosto de 2012, após uma festa que contou com a presença de centenas de torcedores que participaram de um financiamento coletivo, o Fluminense Football Club lançou a obra "Guerreiros desde 1902" para celebrar os 110 anos da instituição. No mesmo dia, diversos exemplares do livro foram vendidos para viabilizar um busto de Nelson Rodrigues, que estava no ano de seu centenário. Assinado pelo Flu-Memória, departamento que responde por projetos ligados à história e cultura do Fluminense, a iniciativa teve uma enorme visibilidade e gerou vários filhos. Pouco tempo depois, em parceria com a Editora Sextante, o grupo também foi responsável pelo "Fluminense tetracampeão – O livro oficial da conquista". A obra foi lançada pouco após o tetracampeonato brasileiro. Distribuída por livrarias de todo o país, foram milhares de livros vendidos em poucos meses.

O terceiro trabalho assinado pela equipe nasceu a partir de uma parceria com a BB Editora. É o livro "Guerreiros lance a lance", que conta a trajetória do Time de Guerreiros entre 2009 e 2012 com capas do jornal Lance!. A obra foi lançada no estande do Fluminense na Bienal do Livro, que seguiu a sua tradição de pioneirismo ao ser o primeiro clube de futebol a fincar uma bandeira na maior feira

literária da América Latina. Foram mais de 600 mil visitantes ao longo de 11 dias. No espaço, o clube recebeu cerca de 50 ilustres convidados e alguns deles foram agraciados com a Medalha Nelson Rodrigues. Eis tricolores que apoiaram o projeto: André Trigueiro, Evandro Mesquita, Fausto Fawcett, Fernanda Montenegro, Guilherme Fiúza, Ivan Sant'anna, Jô Soares, João Barone, João Luiz Albuquerque, João Máximo, José Rezende, Marcelo Janot, Marcos Caetano, Merval Pereira, Miguel Paiva, Nelsinho Rodrigues, Nelson Motta, Pedro Bial, Sérgio Garcia, Sérgio Sá Leitão, Sidney Garambone, Thalita Rebouças e Zuenir Ventura.

Só esses três livros, somados, venderam cerca de 20 mil exemplares, gerando um bom volume de royalties para o caixa do clube. O trabalho, porém, seguiu em frente. Em maio de 2014, em parceria com a Editora Livros Ilimitados, nasceu a obra "Romerito – Tricolor de Corazón", com o objetivo de celebrar os 30 anos do título brasileiro de 1984. Um mês depois, antes do início da Copa do Mundo de 2014, o grupo lançou o livro "Nós somos a História" para celebrar os 100 anos de parceria entre Fluminense e Seleção Brasileira. Aproveitando a presença de vários estrangeiros no Brasil, o livro ainda ganhou uma versão em inglês com o título "We are the Legend". O trabalho foi executado mais uma vez em parceria com a BB Editora.

Mais recentemente, o grupo fez o segundo crowdfunding da história do clube para viabilizar uma grande homenagem para a dupla Washington e Assis. Mais uma vez, o projeto foi bem-sucedido e dele, além de medalhas e bustos para o Casal 20, surgiu a obra "Recordar é viver". Por fim, com muito orgulho, os autores retomam

à tradição pioneira do clube e agora tocam o primeiro e-book oficial da história de um time de futebol, em parceria com a Publik. Era uma demanda forte da torcida e esperamos que o torcedor goste do resultado final.

Flu Memória

**"A humildade
acaba aqui"**

Nelson Rodrigues

DÉCADA DE 1900



AMISTOSO - 1902

RUA PAYSANDU

FLUMINENSE 8 x 0 RIO FOOTBALL CLUB

A melhor ideia que já se teve

**História do Flu inicia contra adversário que,
felizmente, lhe usurpou o nome.**

Dois dias após alugarem em Laranjeiras o terreno onde construiriam a sede do Fluminense, alguns membros do clube, então com 55 associados, atravessaram a rua para disputar no campo de críquete do Paysandu a primeira partida oficial da nova instituição. O jogo foi contra aquele que meses antes havia lhe usurpado o nome: o Rio Football Club, primeira agremiação dedicada ao futebol no Rio de Janeiro, fundada em 12 de julho de 1902, após um desentendimento entre Oscar Cox e T. Mackintosh, do Rio Cricket. Deixado de fora de uma excursão que os futuros fundadores do Fluminense fizeram a São Paulo no início de julho, Mackintosh e alguns amigos resolveram fundar o seu próprio clube, apropriando-se do nome com que Oscar Cox planejara batizar originalmente o Fluminense Football Club.

Coube ao craque do time e único estrangeiro do grupo, Victor Etchegaray, a tarefa de escalar e treinar a equipe para a partida histórica. Eleito capitão pelos sócios em Assembleia Extraordinária, competia a ele – e somente a ele – “dirigir os jogos, escolher os times e marcar e presidir os ensaios”. Foi só no ano seguinte, com a incorporação do posto de capitão à Comissão de Esportes, que essas atribuições passaram a ser exclusivas do ground-committee.

A confirmação tardia do jogo, divulgada pela imprensa apenas na véspera, não impediu que enorme multidão se dirigisse à Rua Paysandu no domingo, 19 de outubro, às 16h, curiosa por conhecer o recém-introduzido esporte. Talvez a notícia que circulara durante a semana, de que o Fluminense teria recusado o desafio que o Rio lhe propusera, quando na verdade o convite chegara ao secretário do clube somente na sexta-feira, tenha incomodado e mexido com o brio dos jogadores. E isto se refletiu em campo, pois a vitória do Flu foi acachapante. Foram quatro gols no primeiro tempo, tendo Vasconcellos assinalado dois, Félix Frias um e Costa Santos outro, de pênalti; e mais quatro no segundo, marcados por Costa Santos (dois), Eurico de Moraes e Simonsen. Nada mau para o primeiro jogo da história do clube.

Do Rio Football Club nunca mais se soube. Uns dizem que se dissolveu após a goleada vexatória. Outros, que se trata do clube de garotos de mesmo nome, ativo entre 1905 e 1910, e celeiro de futuros craques tricolores. É mais provável que este último, espécie de precursor do juvenil do Fluminense, sediado na casa da família Cox, com uniforme também tricolor, porém branco, roxo e preto, tenha sido apenas um clube homônimo.

• PERSONAGEM: OSCAR COX

Depois de concluir seus estudos na Suíça, Oscar Alfredo Sebastião Cox introduziu o futebol no Rio de Janeiro. Ainda jovem (22 anos), derrubou preconceitos contra o novo esporte praticado com bola. Na reunião inaugural da diretoria do Fluminense, teve seu nome aclamado como primeiro presidente. Em sua gestão, o clube instalou-se no terreno onde se encontra até hoje, nas Laranjeiras, e adotou as cores cinza e branca no seu primeiro uniforme e na bandeira. Além de jogar sete partidas pelo time principal, iniciou oficialmente o intercâmbio com clubes paulistas, através de uma temporada em São Paulo, em 1903. Símbolo da idealista juventude do início do século XX, seu nobre exemplo de perseverança tornou possível a existência da grande instituição Fluminense Football Club.

Ficha Técnica

Data: 19/10/1902

Árbitro: Louis da Nóbrega Júnior

Gols: Horácio Costa Santos (3), Heráclito Vasconcellos (2), Félix Frias, Eurico de Moraes, Adolpho Simonsen

Fluminense: Américo Couto, Mário Frias, Victor Etchegaray, Mário Rocha, Oscar Cox, Walter Schuback, Adolpho Simonsen, Eurico de Moraes, Horácio Costa Santos, Heráclito Vasconcellos e Félix Frias.

Rio Football Club: R. Belfort, T. Mackintosh, H. Palm, B. Lockhost, Alvarenga Sênior, D. Croik, T. Pereira, Alvarenga Júnior e H. Brenton, J. Stewart e A. Cerqueira.



AMISTOSO - 1903

VELÓDROMO PAULISTA

FLUMINENSE 3 x 0 SÃO PAULO ATHLETIC

Sampa Flu

Flu derruba campeão paulista em partida sensacional.

Na noite de sábado, 5 de setembro, embarcavam no trem noturno com destino a São Paulo os jogadores do Fluminense que disputariam nos três dias seguintes partidas amistosas contra três dos cinco clubes que participavam do Campeonato Paulista daquele ano. Treze horas depois, às 10h, desembarcavam na capital paulistana e, em menos de seis horas, já adentravam o gramado do Velódromo Paulista para o primeiro jogo da excursão do time.

Apesar do cansaço, a equipe se portou bem neste primeiro encontro. Fez jogo igual com o Sport Club Internacional (empate em 0 a 0) e agradou a plateia, que lotou as dependências do Velódromo, ocupando não só as extensas arquibancadas como também se posicionando ao redor do campo.

No jogo seguinte, contra o Paulistano, o Fluminense se exibiu ainda melhor. Virou a partida para 2 a 1, com um gol contra do vice-campeão paulista, recebendo muitos elogios da imprensa local.

Para o jogo contra o São Paulo Athletic, o mais esperado da excursão, o Flu não pôde contar com o jogador Wright, que se contundira. Para substituí-lo, recorreu ao jogador de críquete Brooking, que se encontrava em São Paulo e foi feito sócio na véspera, no Polytheama, onde pagou as suas mensalidades.

Se o primeiro jogo da excursão fora morno e o segundo bem disputado, o terceiro, contra o campeão paulista, foi sensacional. Era opinião corrente que o Fluminense finalmente seria vencido pelos athleticanos, mas o que sucedeu foi exatamente o contrário, "tal o élan desenvolvido pelos forwards fluminenses que varriam completa e constantemente o campo, com formidáveis rushes e soberbos passes. Foi uma Austerlitz!", exagerou a imprensa. Um chute de Vasconcellos, após receber um passe de Frias, vazou o gol adversário pela primeira vez. Costa Santos, de um centro de Emile Etchegaray, fez o segundo, já na etapa final. E Cawood Robinson, com um chute de canhota, completou o placar. Uma vitória indiscutível sobre a melhor equipe paulista e um duro golpe para São Paulo, na época o centro mais desenvolvido do nosso futebol.

"Extraordinário", "assombroso" e "prodigioso" foram alguns dos adjetivos reservados para o goleiro Charles Cruickshank, o grande destaque da equipe cinza e branca na excursão e sempre lembrado para jogos interestaduais. Nascido na Índia, filho de um cirurgião

geral do exército britânico, veio ao Brasil a trabalho e por aqui ficou até se aposentar, quase 40 anos depois.

• PERSONAGEM: EDWIN COX

Tricampeão estadual de 1906 a 1908, Edwin Cox, apesar do nome inglês, nasceu no Rio de Janeiro. Irmão de Oscar Cox, fundador do Fluminense, o atacante alcançou a respeitável média de quase um gol por jogo, 18 dos quais assinalados no Campeonato Estadual de 1908, quando se sagrou artilheiro. Uma de suas vítimas favoritas era o Botafogo, contra quem marcou dez gols. Fez história também no Grêmio de Porto Alegre.

Ficha Técnica

Data: 08/09/1903

Árbitro: Hermann Friese

Gols: Heráclito Vasconcellos 1ºT, Horácio Costa Santos 2ºT, Cawood Robinson 2ºT

Fluminense: Cruickshank, Jack Robinson, Victor Etchegaray, Emile Etchegaray, Brooking, Moreton, Cawood Robinson, Edwin Cox, Horácio Costa Santos, Heráclito Vasconcellos e Félix Frias.

São Paulo Athletic: Holland, Jeffery, Jeans, Duff, Robinson, Ford, Poole, Boyes, Miller, Hodgkiss e Montandon.



CARIOCA - 1906

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 7 x 1 PAYSANDU

O primeiro campeonato

Tricolor começa campeonato largando na frente.

Desde 1904 já se previa a criação de uma liga de futebol e, consequentemente, a organização de um campeonato entre os clubes do Rio de Janeiro. Disputado pela primeira vez em 1906, o Campeonato Carioca, que deveria se chamar Campeonato Fluminense (denominação dos que são naturais do estado), contou em sua primeira edição com cinco equipes do Rio de Janeiro e uma de Niterói.

A estreia do Fluminense foi realizada em seu próprio campo, às 16h, contra o seu vizinho Paysandu, perante estimados mil espectadores, o suficiente para encher as elegantes arquibancadas do campo das Laranjeiras. Por determinação do comitê da liga, ficou assentado que o jogo teria 80 minutos, dos quais 40 em cada tempo, e 10 para descanso dos jogadores. O Fluminense, que alinhou com seu

presidente (Francis Walter) no gol, não tomou conhecimento de seu adversário, formado em sua maioria por jogadores ingleses, e aplicou-lhe uma impiedosa goleada de 7 a 1. Foi uma partida movimentada em que houve de tudo: gol contra (Murray), gol de pênalti (Emile Etchegaray) e até gol anulado por impedimento (Horácio Costa Santos).

Tirada a sorte entre os capitães, a saída coube ao Fluminense, que, mais incisivo, logo se pôs em vantagem, através de um chute bem colocado de Horácio Costa Santos, que se aproveitou de um passe de Emile Etchegaray. Um gol histórico, o primeiro de todos os Campeonatos Cariocas. O Paysandu ainda conseguiu empatar, com Hargreaves, mas parou por aí, enquanto os gols tricolores foram se sucedendo rapidamente: Emile fez o segundo; Horácio Costa Santos, de falta, o terceiro, ao final do primeiro tempo; o quarto, já no segundo período, foi um presente do Paysandu e foi marcado quando Murray, querendo rebater a bola em sua pequena área, acabou empurrando-a contra o próprio gol; Emile, de pênalti, fez o quinto; Horácio Costa Santos, mais uma vez, o sexto; e Edwin Cox deu números finais ao jogo.

O Fluminense inaugurava o Campeonato Carioca com vitória, largando na frente na disputa da Taça Colombo, troféu oferecido pela casa de artigos masculinos de mesmo nome. Ao longo da disputa deste campeonato, o clube faria dez jogos de maio a outubro, com nove vitórias e apenas uma derrota. Assim, o Flu seria o primeiro campeão carioca da história, fato ocorrido com uma rodada de antecipação ao vencer o Rio Cricket por 4 a 1, com dois gols de Horácio Costa Santos e dois de Edwin Cox.

• PERSONAGEM: HORÁCIO COSTA SANTOS

Primeiro grande artilheiro da história do Fluminense, clube que ajudou a criar numa reunião em sua casa em 1902. Integrou o time vitorioso do início do século XX, participando de três das quatro conquistas estaduais consecutivas de 1906 a 1909. Goleador nato, ele fez a diferença logo na partida inaugural do Fluminense, contra o Rio Football Club, marcando três vezes. Teve ainda a expressiva média de quase dois gols por jogo no Campeonato Estadual de 1906, quando fez 19 gols, sagrando-se artilheiro da competição.

Ficha Técnica

Data: 03/05/1906

Árbitro: Francis Moreton

Gols: Horácio Costa Santos (3), Emile Etchegaray (2), Edwin Cox e W. Murray (contra) (Flu); C. Hargreaves (Pay)

Fluminense: Francis Walter, Victor Etchegaray, Salmond, Naegeli, Buchan, Edgard Gulden, Duque Estrada, Horácio Costa Santos, Edwin Cox, Emile Etchegaray e Félix Frias.

Paysandu: J.B. Freeland, W.R. Murray, Jack Robinson, H.B. Freeland, Harry Wood, H.G. Pullen, C. Robinson, C.R. Hargreaves, C.F. Cruickshank, G.H. Pullen e J. Hampshire.



CARIOCA - 1909

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 2 x 1 BOTAFOGO

Rumo ao tetra

Flu vence Botafogo e segue invicto no Carioca.

Muita expectativa cercava a partida contra o Botafogo pelo retorno do Campeonato Carioca. Os dois times estavam invictos na competição e quem vencesse daria um grande passo rumo ao título. O Botafogo vinha se tornando uma pedra no sapato do Fluminense, que não o vencia havia mais de dois anos, desde a crise causada pelo próprio Alvinegro em 1907, quando o clube da Voluntários da Pátria, então empurrado em pontos com o Flu, propôs à Liga que fosse disputada uma partida extra para decidir o título, rasgando assim o regulamento da competição, que apontava o Fluminense campeão, por este ter melhor saldo médio de gols (saldo de gols dividido pelo número de jogos). A presença na partida do zagueiro do Botafogo Dinorah de Assis, envolvido no assassinato do escritor e jornalista Euclides da Cunha, fez a torcida pender para o Tricolor.

Coube ao Fluminense, jogando contra o sol, dar o pontapé inicial da partida, que desde seus primeiros instantes se mostrou equilibrada. Aos 15 minutos, Waymar avançou pela direita e centrou a bola em direção à grande área, Charles Hargreaves escorou e Emile Etchegaray, de cabeça, mandou para o fundo das redes, inaugurando o marcador. O Fluminense permaneceu no ataque. Um chute de Armínio Motta pouco depois explodiu no travessão. O Botafogo, então, avançou resoluto, mas esbarrava sempre em insuperáveis obstáculos. Victor Etchegaray multiplicou-se em campo. Já Mutzenbecher desarmava à perfeição. Um chute violento de Flávio Ramos rebatido por Waterman foi o último lance de perigo do primeiro tempo, que se encerrou com o placar mínimo.

No começo da segunda etapa, o Botafogo se lançou ao ataque, mas não era efetivo. Um chute de Nestor Macedo da pequena área, aproveitando um escanteio batido por Galo aos 25 minutos, garantiu a vitória tricolor. O Botafogo, a dois minutos do fim, ainda faria um gol, marcado por Gilbert Hime, mas já não havia tempo para reação.

Pouco mais de um mês depois, ao golear o Riachuelo por 8 a 2, o Fluminense confirmaria o título, dois pontos à frente de seu rival. A conquista invicta marcou o fim de uma era, o último título da geração de 1902, que criara o Fluminense, a de jogadores consagrados como Félix Frias e os irmãos argentinos Victor e Emile Etchegaray, únicos presentes em todos os 33 jogos da campanha do tetracampeonato. Eles ainda teriam uma sobrevida no futebol, mas uma nova geração, mais jovem, porém não menos talentosa, começava a substituí-los.

• PERSONAGEM: VICTOR ETCHEGARAY

Zagueiro e capitão do time na primeira partida oficial da história do clube, em 1902, o estiloso Victor Etchegaray é também um dos principais fundadores do Fluminense. Faleceu em 1915, com apenas 37 anos, vítima de tuberculose. Já havia deixado seu legado dentro de campo, com conquistas como o tetra estadual em 1909, e pela admiração que despertou entre amigos e colegas, como a do inesquecível goleiro Marcos Carneiro de Mendonça.

Ficha Técnica

Data: 22/08/1909

Árbitro: Henry Wood

Gols: Emile Etchegaray 1ºT, Nestor Macedo 2ºT, Gilbert Hime 2ºT

Fluminense: Waterman, Victor Etchegaray, Félix Frias, Nestor Macedo, Mutzenbecher, Galo, Waymar, Joaquim Costa Santos, Charles Hargreaves, Emile Etchegaray e Armínio Motta.

Botafogo: Ernest H. Coggin, Hugh Edgard Pullen, Octávio Werneck, Rolando de Lamare, Lulú Rocha, Viveiros de Castro, Millar, Flávio Ramos, Dinorah, Gilbert Hime e Emmanuel Sodré.

DÉCADA DE 1910



CARIOCA - 1912

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 3 x 2 FLAMENGO

40 minutos antes do nada

**Recordar é viver, Bartholomeu acabou com
você.**

O Fluminense que entrou em campo naquele 7 de julho para o primeiro Fla-Flu era apenas um arremedo da equipe campeã carioca invicta do ano anterior. Numa crise sem igual em sua ainda curta história, o clube perdera nove de seus titulares justamente para o adversário, até então uma agremiação dedicada exclusivamente ao remo.

Tal crise teve início em setembro de 1911, quando o capitão do time, Alberto Borgerth, insatisfeito por não ter sido relacionado para um jogo, sugeriu aos outros membros do ground-committee que os jogadores passassem a ser consultados sobre a escalação. Sugestão aceita, Affonso de Castro, voto vencido, alertou para o mau precedente que estava se abrindo, que poderia levar os jogadores eventualmente a escalarem a si mesmos, criando assim uma

espécie de “panelinha” entre eles. A comissão ouviu as alterações sugeridas, mas manteve o conjunto originalmente escalado, contra o voto de Borgerth e de outros nove jogadores, que, insatisfeitos, pediram demissão do clube após os compromissos restantes. Dos 11 considerados titulares, apenas Oswaldo Gomes e James Calvert se mantiveram fiéis ao Flu.

O favoritismo rubro-negro não inibiu os jogadores tricolores, que se lançaram ao ataque. Ed Calvert, ao receber um passe de seu irmão, driblou um adversário e chutou a gol, inaugurando o placar logo no primeiro minuto. O Fla não desanimou e, numa escapada de Arnaldo, empatou.

No segundo tempo, as equipes continuaram se alternando no ataque. Cobrando falta, James Calvert chutou na direção do gol rubro-negro. A bola escapou das mãos de Baena e morreu mansamente nas redes. Foi o primeiro frango da história do Fla-Flu. Faltando cinco minutos, Píndaro se apoderou da bola e chutou violentamente, vencendo Laport. No último minuto, o Fluminense voltou à carga, investindo pela esquerda em passes curtos. Quase da linha de fundo, James Calvert centrou, a bola passou por toda a defesa do Flamengo e sobrou para Bartholomeu, que com um chute rasteiro marcou o gol da vitória tricolor.

O imponderável acontecera: a zebra vencera o favorito, os reservas derrotaram os titulares. Segundo Nelson Rodrigues, “esse resultado seria decisivo” para a rivalidade entre os dois clubes: “Se o Flamengo tivesse ganhado, a rivalidade morreria ali... mas a vitória gravou-se

na carne e na alma flamenga. E sempre que os dois se encontram é como se o fizessem pela primeira vez."

Ficha Técnica

Data: 07/07/1912

Árbitro: Frank Robinson

Gols: Ed Calvert 1' 1ºT, Arnaldo 4' 1ºT, James Calvert 17' 2ºT, Píndaro 40' 2ºT, Bartholomeu 41' 2ºT

Fluminense: Laport, Luiz Maia, Bello, João Leal, Mutzenbecher, Pernambuco, Oswaldo Gomes, Bartholomeu, Behrmann, James Calvert e Ed Calvert **Técnico:** Charles Williams

Flamengo: Baena, Píndaro, Nery, Cintra, Gilberto, Galo, Orlando Baiano, Arnaldo, Alberto Borgerth, Gustavo de Carvalho e Amarante.

• PERSONAGEM: OSWALDO GOMES

Autor do primeiro gol da história da Seleção Brasileira, nas Laranjeiras, em 1914, Oswaldo Gomes estabeleceu laços muito fortes com o Fluminense, ao qual sempre se manteve fiel, razão por que é até hoje considerado uma glória do amadorismo. Conquistou nada menos que oito vezes o Campeonato Estadual, mantendo-se até hoje como o maior vencedor da competição. Nem mesmo quando vários jogadores tricolores trocaram o Flu pelo Fla, em 1911, Gomes, que presidiria a CBD de 1922 a 1924, deixou as Laranjeiras. Exemplo de lealdade, Oswaldo Gomes defendeu o clube de 1906 a 1921, também em modalidades como tênis e atletismo.



CARIOCA - 1917

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 11 x 1 BANGU

Goleada histórica

**Com seis de Welfare, Flu faz um caminhão
de gols no Bangu.**

As turras com a Liga Metropolitana devido à interdição de seu campo, os banguenses andaram ameaçando não comparecer às Laranjeiras para o encontro do retorno do Campeonato Carioca com o Fluminense. Contra a expectativa geral, o Bangu apareceu. Antes não o tivesse feito. A goleada que sofreria seria a maior (posteriormente igualada) já aplicada pelo Tricolor sobre a equipe suburbana em mais de 100 anos.

O placar do jogo revela a intensidade da disputa nas duas grandes áreas, como se a bola não tivesse em nenhum momento passado pelo meio-campo. Em 80 minutos de bola rolando foram anotados 13 gols (um anulado), sinalizados dez escanteios e assinalados quatro pênaltis: dois a favor do Fluminense, ambos convertidos, e dois a favor do Bangu, um defendido por Marcos e outro chutado para fora.

Iniciada a peleja, enquanto a torcida se divertia e dava boas risadas com as idas e vindas do árbitro Gamaliel Bonorino, às voltas com uma intermitente câimbra – fruto do esforço excessivo de ter apitado, além da partida principal, o encontro preliminar dos segundos quadros –, o centroavante Welfare se divertia fazendo gols. Muitos gols. Sete no total, sendo um anulado.

O tanque inglês, por sinal, merece um parágrafo à parte. Artilheiro absoluto do Flu em Cariocas, Welfare recebeu este apelido da imprensa da época devido a seus incríveis arranques, que abriam defesas inimigas, só parando às portas do gol, tal e qual um tanque de guerra, ignorando obstáculos e passando por cima de tudo que encontrava pelo caminho. Sua superioridade sobre os zagueiros adversários era tanta que clubes rivais tentaram impedi-lo de jogar, alegando tratar-se de um jogador profissional. Porém, bastou um ofício enviado pela diretoria do Liverpool, seu antigo clube, atestando seu caráter amador para que a acusação se revelasse infundada. Seus seis gols contra o Bangu são um recorde até hoje, marca também alcançada por dois outros centroavantes estrangeiros, Buchan e Rongo.

A goleada foi completada com três gols de Zezé, o “Menino de Ouro” imortalizado no tango de Ernesto Nazareth; um de Fortes, o endiabrado Dadá, sempre disposto a uma nova traquinagem; e um de Chico Netto, o popular Chicão, apelido que o público repetia aos brados quando o assistia a suas atuações.

A vitória manteve o Fluminense na briga pelo campeonato, um ponto atrás do líder América. Três finais de semana depois, o

Tricolor, ao bater no Andaraí por 7 a 2, confirmaria o título, interrompendo um jejum de seis anos sem conquistas.

• PERSONAGEM: WELFARE

Nascido em Liverpool (ING), Welfare chegou ao Fluminense em 1913, com 25 anos. Artilheiro de um dos maiores esquadrões do clube, acabou ganhando o apelido de "The Tank". Ficou nas Laranjeiras até 1924, marcando 161 gols em 165 partidas, média de quase um por jogo. Curiosamente, veio ao Rio para ensinar inglês e matemática, mas sua habilidade com os pés acabou falando mais alto. Pelo Flu, conquistou o tricampeonato estadual de 1917 a 1919. Arma poderosa do time, despertou do cronista Mário Filho uma excelente definição: "Era como se o Fluminense estivesse usando uma arma proibida. Os outros clubes de espada; o Flu de revólver, de metralhadora."

Ficha Técnica

Data: 09/12/1917

Árbitro: Gamaliel Bonorino

Gols: Welfare (6), Zezé (3), Chico Netto, Fortes (Flu); French (Ban)

Fluminense: Marcos, Moreira, Chico Netto, Laís, Oswaldo Gomes, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, Machado e Moraes. **Técnico:** J. A. Quincey Taylor

Bangu: Galvão, Leitão, Calvert, Godoy, Luiz Antônio, Thomaz, Alberto, Antenor, French, Feliciano e Patrick.



AMISTOSO – 1918

JARDIM AMÉRICA

FLUMINENSE 3 x 1 PAULISTANO

Duelo de gigantes

**Em um dos maiores clássicos da época,
mais um triunfo tricolor.**

Campeões estaduais, o Fluminense, a caminho do tri (1917-1919), e o Paulistano, a meio caminho do tetra (1916-1919), eram, em 1918, os expoentes máximos do futebol brasileiro. O Tricolor, com seis títulos, e o alvirrubro paulista, com cinco, detinham a hegemonia de conquistas em seus respectivos estados. Não era, entretanto, o passado glorioso de ambos que emprestava ao encontro de 11 de junho a importância suprema que a ele se atribuía. A vitória do Paulistano sobre o Fluminense no Rio por 3 a 2 em abril, em disputa da Taça Ioduran, permitira à imprensa paulista reivindicar para São Paulo a supremacia do futebol brasileiro. Essa suposta superioridade seria agora posta à prova, com os cariocas ávidos por dirimir o orgulho descabido dos paulistas.

Enquanto milhares de pessoas se dirigiam às ruas centrais da cidade de São Paulo, para assistir à imponente passeata cívica promovida pela Liga Nacionalista em homenagem ao aniversário da Batalha do Riachuelo, milhares de outras se encaminhavam à praça de esportes do Paulistano, no Jardim América, ansiosas por assistir à batalha entre os dois gigantes do futebol. E os que preferiram o esporte bretão à grande manifestação cívica não se decepcionaram, pois foram testemunhas de um grande jogo.

Credenciado pela goleada de 6 a 1 aplicada sobre o Santos dois dias antes, o Fluminense entrou no campo inimigo sereno e confiante. Mas foi o Paulistano quem, de início, se apresentou mais disposto. Logo aos 14, faria seu gol solitário, com Mário Andrada, em chute de longe que Marcos, encoberto, não pôde defender. O Fluminense não se abalou com a vantagem paulista e, aos 30, chegou ao empate com Welfare, em belíssima cabeçada, após centro magistral de Mano pelo alto.

Se no primeiro tempo a partida mostrou-se equilibrada, no segundo, o Fluminense foi dominante, organizando ataques constantes e fulminantes que obrigaram a defesa paulistana a se desdobrar em campo na inútil tentativa de anular as investidas do Tricolor. Welfare, aproveitando o rebote de um chute de French, e Mano, com um chute indefensável após um passe de Zezé, fizeram os gols que deram a vitória ao campeão carioca.

Foi um duelo de gigantes. Duelo entre o Paulistano de Friedenreich e o Fluminense de Marcos e Welfare. Duelo entre os dois maiores vencedores do regime amadorista no futebol brasileiro. Mas, ao final,

a bandeira que tremulou no alto do mastro da vitória foi a gloriosa flâmula tricolor.

• PERSONAGEM: MANO

Irmão mais velho de Preguiinho, Mano integrou a melhor equipe tricolor da era do amadorismo, sendo tricampeão de 1917 a 1919. Em uma partida contra o São Cristóvão, em 1922, sofreu uma séria contusão. O jogo estava apertado e Mano não quis deixar o campo. Venceu por 2 a 1, mas o preço foi alto. O traumatismo lhe causou infecção generalizada e, por fim, a morte, na véspera do jogo Brasil x Uruguai pelo Sul-Americano. O contraste entre a alegria da multidão que chegava para o jogo e a tristeza na casa da família Coelho Netto, em frente ao estádio, era desolador. O Brasil jogou com braçadeiras negras em sua homenagem.

Ficha Técnica

Data: 11/06/1918

Árbitro: Francisco Pellegrino

Gols: Mário Andrada 14' 1ºT, Welfare 30' 1ºT, Welfare 12' 2ºT, Mano 26' 2ºT

Fluminense: Marcos, Vidal, Chico Netto, Laís, Oswaldo Gomes, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, French e Machado. **Técnico:** J. A. Quincey Taylor

Paulistano: Bueno, Lulú, Carlito, Sérgio, Gullo, Benedicto, Agnello, Mário Andrada, Friedenreich, Zonzo e Junqueira.



CARIOCA - 1918
GENERAL SEVERIANO

FLUMINENSE 2 x 1 BOTAFOGO

Quem espera sempre alcança

Flu derrota Botafogo com gol de seu grande artilheiro.

Com o campo das Laranjeiras interditado para as obras de construção do estádio, o Fluminense, mesmo tendo o mando da partida, não se intimidou em disputar o jogo contra o Botafogo nos domínios do rival. Quatro pontos à frente na tabela, a quatro rodadas do final do torneio, a vitória não garantia o título, mas o deixava bem encaminhado.

O sorteio foi favorável ao Botafogo, que se colocou a favor do sol e contra o vento. O campeão exerceu certo domínio no primeiro tempo, mas os papéis se inverteram no segundo, com o Botafogo a todo custo procurando desfazer a vantagem de um gol, marcado por Machado, após passe de Zezé. Os ataques alvinegros encontravam em Marcos, Chico Netto e Vidal uma barreira intransponível. Marcos fazia defesas magistrais até que Vidal cometeu pênalti, batido com

violência por Monti. Marcos ainda tocou na bola, mas não houve jeito: 1 a 1.

O Botafogo, a partir daí, redobrou suas energias e se lançou ao ataque. Mas a defesa tricolor inutilizava todas as investidas alvinegras. Até que nos acréscimos Osny cometeu uma falta em Welfare que originou uma discussão de um torcedor alvinegro com o jogador do seu time. Tumulto desfeito, Mano cobrou a falta magistralmente e o atacante inglês aproveitou, colocando a bola no fundo da rede. Gol do Flu, delírio da torcida e muita discussão entre os jogadores alvinegros, que culpavam uns aos outros. Fim de jogo e festa tricolor.

Como detalhe curioso da partida, refletindo um pouco o futebol praticado na época, apenas seis faltas foram marcadas para cada time, números inimagináveis nos dias de hoje. E nove hands foram cometidos, recurso muito utilizado para parar a jogada num tempo em que não existia cartão amarelo.

O campeonato seria interrompido no mês seguinte em meio à epidemia da Gripe Espanhola, que assolava o mundo pós-Grande Guerra. No retorno, em dezembro, o Fluminense bateria o Mangueira, assegurando o bicampeonato com uma rodada de antecedência, e abriria mão de disputar a sua última partida, contra o Carioca, em luto por seus sócios vitimados pela terrível enfermidade, entre eles o jovem atacante Archibald French.

- **PERSONAGEM: FORTES**

Nelson Rodrigues o definiu como o “cão faminto” do elenco tricampeão estadual de 1917/18/19. Para o Profeta Tricolor, ele valia por meio time. Além de ótimo marcador, destacava-se pelo repertório interminável de jogadas na lateral esquerda. Jogou 229 vezes com a camisa do Fluminense ao longo de 14 temporadas. Pelo Brasil, disputou a Copa do Mundo de 1930 e sagrou-se campeão Sul-Americano em 1919 e 1922.

Ficha Técnica

Data: 29/09/1918

Árbitro: Antônio Augusto de Almeida

Gols: Machado 17' 1ºT, Monti (pênalti) 27' 2ºT, Welfare 42' 2ºT

Fluminense: Marcos, Vidal, Chico Netto, Laís, Oswaldo Gomes, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, French e Machado. **Técnico:** J. A. Quincey Taylor

Botafogo: Cazuza, Monti, Osny, Pino, Joppert, Police, Petiot, Berregaray, Santinho, Menezes e Vadinho.



CARIOCA - 1919

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 4 x 0 FLAMENGO

Laranjeiras Imortais

**Flu massacra e conquista o seu primeiro
título no estádio das Laranjeiras.**

Com dois pontos de vantagem sobre o segundo colocado Flamengo, graças a uma brilhante campanha, com 15 vitórias e apenas uma derrota, o líder Fluminense entrou no gramado das Laranjeiras na tarde de 21 de dezembro necessitando de um simples triunfo para conquistar por antecipação o tão almejado tricampeonato. Para aquele Fla-Flu da penúltima rodada do Campeonato Carioca, o time, porém, não poderia contar com Chico Netto, substituído por Othelo, em campo nas três partidas anteriores.

O dia foi festivo: a partida só começaria às 16h, mas às 15h as dependências do Fluminense já se encontravam completamente lotadas, obrigando a polícia a mandar fechar os portões. Cerca de cinco mil pessoas não conseguiram adquirir ingressos. Às 15h30, quando ainda jogavam os quadros dos segundos times (o Flu

venceria esta preliminar por 3 a 1), chegou ao estádio, acompanhado do ministro da Marinha e do chefe de Polícia, o presidente da República Epitácio Pessoa. A partida foi suspensa por cinco minutos, os jogadores perfilaram-se diante da tribuna de honra e a banda do Batalhão Naval executou o Hino Nacional.

O jogo de fundo começou com lances empolgantes. O Fluminense pressionava e o Flamengo defendia-se desesperadamente. Um gol de Zezé foi anulado sob a alegação de impedimento. Logo a seguir, o árbitro marcou um pênalti contra o Fluminense. O meia Japonês bateu, Marcos defendeu, mas largou a bola. No rebote, Japonês chutou e Marcos voltou a defender. Novo rebote: Sidney emendou o rechaço e o extraordinário arqueiro tornou a salvar, mas a bola escapou-lhe das mãos e, na corrida, Junqueira emendou para Marcos praticar a quarta defesa da série sensacional. O público, em silêncio, não acreditando no que acabara de presenciar, colocou-se de pé e ovacionou aquele que é considerado o maior goleiro brasileiro da era amadora do futebol. Após esse lance, o Fluminense passou a dominar as ações, e os gols foram surgindo: um no primeiro tempo e três no segundo, sendo o terceiro um golaço, marcado pelo jovem tenente Bacchi, após driblar quatro jogadores do Flamengo.

Logo que o juiz encerrou o jogo, uma banda de clarins saudou a vitória e, no alto do Morro do Mundo Novo, uma salva de 21 tiros de canhão anunciou a conquista do tricampeonato carioca de futebol, que garantiu ao Fluminense a posse definitiva da Taça Colombo. Os jogadores foram carregados em triunfo e, junto a numerosos sócios do clube, deram a volta olímpica com a bandeira tricolor.

• PERSONAGEM: MARCOS

Reconhecidamente uma escola de goleiros, o Fluminense pode se orgulhar de ter Marcos Carneiro de Mendonça como decano de seus camisas 1. Aristocrata, ficou marcado também pela fita roxa que amarrava ao calção, presente da poetisa Ana Amélia, sua esposa. De família tradicional, foi presidente do clube de 1941 a 1943. Marcos Carneiro de Mendonça foi um dos maiores nomes da era amadora do futebol nacional, sendo ainda o primeiro goleiro a servir a Seleção Brasileira, por quem conquistaria os Sul-Americanos de 1919 e 22. Gozava da admiração de outro ilustre tricolor, Nelson Rodrigues, que o tinha como ídolo de infância.

Ficha Técnica

Data: 21/12/1919

Árbitro: Eduardo Magalhães

Gols: Machado 18' 1ºT, Welfare 2' 2ºT, Bacchi 16' 2ºT, Machado 30' 2ºT

Fluminense: Marcos, Vidal, Othelo, Laís, Oswaldo Gomes, Fortes, Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bacchi. **Técnico:** Ramon Platero

Flamengo: Laport, Píndaro, Telefone, Japonês, Sisson, Dino, Carregal, Candiota, Pereira Lima, Sidney Pullen e Junqueira.

DÉCADA DE 1920



CARIOCA - 1924

RUA FERRER

FLUMINENSE 6 x 5 BANGU

Abalou Bangu

Com cinco gols de Nilo, Flu começa bem o Carioca.

O início de 1924 ocorreu a segunda cisão da história do futebol carioca. Insatisfeitos com os estatutos da liga vigente, que dava peso igual de voto a agremiações inexpressivas, América, Bangu, Botafogo, Flamengo e Fluminense, liderados pelo Tricolor, se desligaram da entidade dirigente e fundaram uma nova liga. Pesou também na decisão o descontentamento com a prática de alguns clubes membros, como o Vasco e o Andaraí, de utilizarem "atletas de profissão duvidosa", eufemismo para jogadores remunerados, que ganhavam a vida batendo bola – o chamado "amadorismo marrom".

Para o jogo de estreia do Flu na nova liga, 30 dos 33 jornalistas que concorriam ao Torneio de Palpites da Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro apontavam o Tricolor vencedor. Após

cinco anos, com apenas os titulares Zezé e Fortes como remanescentes do tri de 1919, o Flu voltara a montar um time com chances reais de ser campeão. A estreia, porém, seria muito mais difícil do que se poderia supor.

Com menos de cinco minutos, Nilo, escorando um centro de Zezé, abriu o marcador para os visitantes. Aos 26, Dininho, com um tiro indefensável, empatou para o Bangu. Em um espaço de apenas três minutos, o Flu fez dois gols, ambos com Nilo. O Bangu reagiu espetacularmente e fez três gols em sequência, virando o jogo a seu favor. Antes de terminar o primeiro tempo, o Flu voltou a empatar, outra vez por intermédio de Nilo, que, após um passe de Zezé, com uma inesperada virada, fez o mais belo gol da tarde.

O jogo seguiu imprevisível no segundo tempo, para delírio do público que, de pé, vibrava com cada lance de mais perigo. Aos nove, Moura Costa pôs o Flu de novo na frente. Instantes depois a trave impediu Lagarto de aumentar a vantagem tricolor. Um tranco de um adversário pôs Nilo temporariamente fora de combate. O Bangu aproveitou o fato de estar momentaneamente com um a mais em campo e, pela terceira vez, igualou o marcador. O jogo caminhava para o empate quando a dois minutos do fim, Nilo, de cabeça, fez seu quinto gol, dando a vitória ao Flu em um incrível jogo de 11 gols.

Verdadeira máquina de balançar redes, o centroavante Nilo era cria do próprio clube. Menino prodígio já na adolescência, integrou o infantil do Flu antes de a família se mudar para Natal (RN). Os cinco gols que marcou contra o Bangu foram só os primeiros dos 28 que faria ao longo dos 14 jogos do campeonato. Gols que não só ajudaram

o Flu a ser o campeão como representaram mais da metade dos tentos da equipe no torneio.

• PERSONAGEM: ZEZÉ

Como Oswaldo Gomes, a entrega do atacante ao Fluminense não se restringia às quatro linhas: Zezé foi campeão de atletismo em 1919, antes de se dedicar também ao tênis. No futebol, começou cedo no time de cima, com 16 anos, razão por que, aos 20, já era tricampeão estadual. Expoente de um dos melhores times do Flu no amadorismo, chegou à Seleção, conquistando títulos como a Copa Roca de 1922. Jogava com igual desembaraço tanto no meio quanto na ponta. Zezé marcou 102 gols em 173 partidas pelo Flu, pelo qual atuou ao longo de 14 temporadas (1915 a 1928).

Ficha Técnica

Data: 04/05/1924

Árbitro: Mário Alves da Cunha

Público: 4.048 pagantes

Gols: Nilo 4' 1ºT, Dininho 26' 1ºT, Nilo 29' 1ºT, Nilo 31' 1ºT, Nonô 33' 1ºT, Anchyses 36' 1ºT, Antenor 37' 1ºT, Nilo 38' 1ºT, Moura Costa 9' 2ºT, Anchyses 14' 2ºT, Nilo 36' 2ºT

Fluminense: Haroldo, Léo, Chico Netto, Laís, Floriano, Nascimento, Zezé, Lagarto, Nilo, Brazil e Moura Costa. **Técnico:** Charles Williams

Bangu: Gabriel, Luiz Antônio, Pastor, Coquinho, Frederico, Guerra, John, Anchyses, Nonô, Dininho e Antenor.



CARIOCA - 1928

RUA PAYSANDU

FLUMINENSE 4 x 1 FLAMENGO

Não foi sopa

**Artimansa de dirigente mexe com os brios
de Preguiinho.**

Na véspera do Fla-Flu pelo primeiro turno do Campeonato Carioca, chegou às Laranjeiras um telegrama endereçado a Preguiinho, assinado pelo goleiro rubro-negro Amado, com a seguinte mensagem: "És sopa. Amanhã não farás gol."

Aproveitando a oportunidade para aumentar suas vendas e promover o clássico de domingo, o "Rio Esportivo" publicou a resposta do atacante tricolor à provocação do adversário: "Farei dois gols, no mínimo."

No dia do jogo, ao pisar no gramado do campo do Flamengo, na Rua Paysandu, Preguiinho foi recebido por uma sonora vaia, além de muitos insultos. Quando a partida começou, antes mesmo do fim do primeiro minuto, Amado fez a primeira defesa e, olhando debochadamente para Preguiinho, quicou a bola cinco ou seis vezes,

como de hábito. Foi o seu grande erro. Um pequeno descuido e o ponta de lança tricolor tomou a bola do goleiro, empurrando-a para as redes. Era o primeiro gol do Flu. O jogo prosseguiu animado com ataques de ambos os lados, que obrigavam os goleiros a intervirem em situações claras de gol. Aos 11 minutos, investiu a linha tricolor: Preguinho, da entrada da área, desferiu violento chute que o arqueiro rubro-negro não conseguiu defender. Estava consignado o segundo gol do Flu. O Flamengo reagiu e Batalha fez linda defesa em chute de Fragoso. Logo depois, o Fluminense fez entrar Eurico no lugar de Milton. Na sequência, Ripper e Fragoso foram punidos por impedimento e o primeiro tempo terminou mesmo com o escore de 2 a 0 para os visitantes.

Para o segundo, o Flamengo fez duas alterações, entrando Couto e Nonô. Este obteve de cabeça o único gol da sua equipe. O Flamengo voltou à ofensiva e Batalha aparou chutes de Vadinho e Nonô. O Fluminense respondeu e passou a atacar ainda com mais vigor. E o resultado não se fez esperar. Nascimento passou a Alfredinho, que chutou a bola na trave. Na rebatida, Eurico a empurrou para o gol. Reiniciado o jogo, o Fluminense continuou no ataque e teve três círneres seguidos marcados a seu favor. Faltando poucos minutos, Eurico recebeu um passe de Lagarto e, com um chute enviesado no canto esquerdo, marcou o quarto e último gol tricolor.

Finalizada a partida, Preguinho foi carregado em triunfo. Aclamado pela torcida, deixou o gramado de alma lavada, com o senso do dever cumprido. Só depois é que se descobriu que o verdadeiro autor do telegrama provocativo fora o diretor-geral de Esportes do

Fluminense, Affonso Teixeira de Castro, o Castrinho, que o enviara com o intuito de mexer com os brios do atacante tricolor.

• PERSONAGEM: PREGUINHO

Um dos ídolos eternos do Fluminense, João Coelho Netto, o Preguiinho, era filho ilustre da família Coelho Netto. Entrou para a história da Seleção ao tornar-se o autor do primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo, em 1930, no Uruguai. Mesmo na era do profissionalismo, recusava-se a receber do Flu, com quem tinha relação de amor genuíno. "Eu mal sabia falar e o Fluminense já estava em minha alma, em meu coração e meu corpo", disse. Habil em até oito modalidades esportivas, como basquete e natação, Preguiinho é considerado um dos mais completos atletas do país em toda a história.

Ficha Técnica

Data: 27/05/1928

Árbitro: Carlos Martins da Rocha

Gols: Preguiinho 1' 1ºT, Preguiinho 11' 1ºT, Nonô 3' 2ºT, Eurico 30' 2ºT, Eurico 36' 2ºT

Fluminense: Batalha, Paulo, Py, Nascimento, Fernando, Albino, Ripper, Lagarto, Alfredinho, Preguiinho e Milton (Eurico). **Técnico:** Eugênio Medgyessy

Flamengo: Amado, Roseira, Hélcio, Benevenuto, Cabral, Flávio Costa (Couto), Newton, Vadinho, Fragoso, Angenor (Nonô) e Moderato. **Técnico:** Joaquim Guimarães

DÉCADA DE 1930



CARIOCA/RIO-SÃO PAULO – 1933

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 3 x 1 VASCO

... e o futebol virou profissão

Flu triunfa e decreta o fim do amadorismo marrom.

As más colocações do Fluminense nos últimos anos evidenciavam aos dirigentes tricolores a impossibilidade de o clube competir em igualdade de condições com o “amadorismo marrom” praticado por alguns de seus rivais e a necessidade da implantação de um regime profissional no futebol.

Por iniciativa de Arnaldo Guinle, em 23 de janeiro de 1933, criou-se então a Liga Profissional, na sede de Álvaro Chaves. América, Bangu, Fluminense e Vasco adotaram o novo regime, ao passo que Botafogo, Flamengo e São Cristóvão, num primeiro momento, resolveram manter-se atrelados ao amadorismo.

O primeiro grande clássico do regime remunerado envolveu Fluminense e Vasco, este último uma das equipes que mais se

beneficiaram do falso amadorismo. O Tricolor renovou quase que inteiramente a sua equipe. Dos 11 titulares escalados para o jogo, dez eram recém-contratados. Apenas o médio Ivan Mariz atuara no clube como amador.

Uma grande multidão tomou o Estádio das Laranjeiras para assistir à partida, que não foi tecnicamente brilhante, mas bastante movimentada. Quando a bola rolou, Vicentino, aproveitando-se de uma bola largada por Jaguaré numa falta cobrada por Chedid, abriu o marcador para o Flu. O jogo seguiu com ataques de parte a parte. Aos 39, Vicentino escapou pela direita e lançou Said, que passou por Tinoco e Rey, entrou na grande área e mandou para o fundo da rede: 2 a 0.

Na volta do intervalo, Benedicto tentou, sem sucesso, rebater uma bola centrada pelo alto e Almir aproveitou, marcando o único gol do Vasco na partida. O time cruzmaltino então se entusiasmou, passando a atacar com mais frequência. Mas foi o Flu quem marcou de novo: Bermudez, que entrara no lugar de Sinhô, recebeu um passe açucarado de Vicentino, e chutou forte, colocado, sem chances de defesa para Rey.

O Fluminense passou a dominar as ações, irritando os jogadores vascaínos. Num dado momento, Fausto foi driblado por Said, perdeu a cabeça e acertou-lhe um pontapé. Said revidou e ambos foram expulsos. O atacante tricolor, porém, foi aclamado pelos torcedores, que, ao fim da partida, invadiram o campo para abraçar os vencedores.

No vestiário, entre parabéns, vivas, cumprimentos e sorrisos, o treinador Vinhaes mostrava a todos, orgulhoso, o quadro negro por ele preenchido na véspera. Lá estava em letras miúdas e brancas um placar. Para surpresa de todos, o mesmo da partida que pouco antes terminara.

• PERSONAGEM: ARNALDO GUINLE

Presidente do Fluminense no período de 1916 a 1931, Arnaldo Guinle promoveu uma série de reformas que transformaram o Fluminense em uma das maiores potências esportivas da América Latina. Durante seu mandato foram construídos estádio, piscina, ginásio, estande de tiro, estádio de tênis e o salão nobre do clube. A enorme dedicação de Guinle foi reconhecida no Estatuto do Fluminense, que confere a ele o título de Patrono, com o direito de comparecer às sessões de todos os Poderes do clube e nelas propor, discutir e votar.

Ficha Técnica

Data: 07/05/1933

Árbitro: Haroldo Dias da Motta

Gols: Vicentino 20' 1ºT, Said 39' 1ºT, Almir 12' 2ºT, Bermudez 25' 2ºT

Fluminense: Chiquito, Benedicto, Nariz, Luciano, Brant, Ivan Mariz, Walter, Vicentino, Sinhô (Bermudez), Said e Chedid. **Técnico:** Luiz Vinhaes

Vasco: Jaguaré (Rey), Jucá, Itália, Tinoco, Fausto (Gringo), Molla, Bahianinho, Bahia, Almir, Carnieri e Orlando. **Técnico:** Henry Welfare



TORNEIO ABERTO – 1935

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 3 x 1 AMÉRICA

retumbante de glórias

Flu conquista seu primeiro título da era profissional.

Com o intuito de atrair clubes amadores para o futebol profissional, a Liga Carioca de Futebol criou em 1935 o Torneio Aberto. A competição tinha esse nome porque permitia a inscrição de clubes amadores, profissionais e até de outros estados e ligas.

Vinte e três clubes se inscreveram para a primeira edição. À exceção de um empate com o Flamengo e um tropeço contra os Fuzileiros Navais, o Fluminense goleou sistematicamente adversários inexpressivos como Jequiá e Filhos de Iguaçu até chegar à grande final, contra o América. O time rubro, que não havia perdido ponto no torneio, jogaria pelo empate. Ao Flu, só a vitória interessava.

Com as dependências das Laranjeiras completamente tomadas, o jogo esteve sempre equilibrado. Se o América tinha um conjunto

mais acertado, o Fluminense se valia de jogadores mais qualificados. O primeiro tempo teve dois pênaltis marcados. E perdidos: Batatais segurou o de Carola, e Walter rebateu o de Machado.

O América tomou a iniciativa no segundo tempo e, logo aos dois minutos marcou o seu gol, com Lindo, que arrematou um ótimo passe de Ismael. O Fluminense custou um pouco a reagir, mas, quando o fez, virou em apenas sete minutos: Hércules, escorando um centro de Sobral, igualou o placar, no que seria o primeiro dos quase 200 gols que marcaria com a camisa tricolor; e o meia americano Oscarino, em um lance de rara infelicidade, marcou contra, ao tentar tirar a bola largada por Walter, após chute de Russo. Faltando poucos minutos, o jogo seguia indefinido, até que o centroavante Gabardo, deslocado para a meia-esquerda, marcou o terceiro gol tricolor, consolidando a vitória e a conquista.

Mal terminou o jogo, um grupo de sócios invadiu o campo com a bandeira tricolor, provocando grande ovAÇÃO do público. O Fluminense iniciava a semana de festejos comemorativos do seu 33º aniversário da melhor maneira possível: com vitória sobre o até então invicto América e, de quebra, com o título do Torneio Aberto, sua primeira conquista da Era Profissional.

• PERSONAGEM: RUSSO

Com 24 gols marcados somente em clássicos, Russo foi o centroavante ideal para um Fluminense que colecionava títulos no período de 1936 a 1941. Nascido no Afeganistão, criado em Pelotas (RS), veio de São Paulo para revolucionar o início da era do profissionalismo no Rio de Janeiro. Seu futebol casou-se perfeitamente com o de Tim e Romeu, jogadores hábeis e inteligentes. Anotou 149 gols em 248 jogos pelo Fluminense,

ao longo de 12 temporadas. Russo foi ainda assessor de futebol na gestão do presidente Francisco Laport.

Ficha Técnica

Data: 14/07/1935

Árbitro: Guilherme Gomes

Gols: Lindo 2' 2ºT, Hércules 17' 2ºT, Oscarino (contra) 24' 2ºT, Gabardo 37' 2ºT

Fluminense: Batatais, Ernesto, Machado, Marcial, Brant, Orozimbo, Sobral, Russo, Gabardo, Vicentino e Hércules. **Técnico:** J. A. Quincey Taylor

América: Walter (Helion), Vital, Cachimbo, Oscarino, Og, Possato, Lindo, Clóvis, Carola, Ismael e Orlandinho.



CARIOCA - 1936

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 1 x 1 FLAMENGO

Orgulho de ser tricolor

Em melhor de três, com empate no jogo final, Flu é campeão.

O Fluminense vivia uma longa seca de títulos cariocas. Campeão pela última vez em 1924, o clube atravessava o maior jejum de sua já gloriosa história. Nunca o Flu passara tanto tempo sem levantar a taça no Rio de Janeiro. O futebol já enveredava pelo profissionalismo e o Tricolor perseguia seu primeiro título carioca nesta era. Para conquistá-lo, ainda em 1935, foi em busca de reforços em São Paulo, de onde trouxe alguns craques que brilhavam na seleção paulista, como Batatais, Orozimbo, Romeu e Hércules. Juntaram-se a uma equipe que já contava com bons jogadores, casos de Brant e Russo. Começava a se formar uma das gerações mais vitoriosas da história do Fluminense.

O time deu as cartas logo em sua estreia, ao aplicar uma sonora goleada por 10 a 0 na Portuguesa. Com média de 3,5 gols por jogo, o

ataque tricolor revelou-se uma máquina ao longo da competição. Hércules, que marcou 23 vezes, foi o artilheiro do campeonato.

Na fase final, três Fla-Flus decidiriam quem seria o campeão do Rio de Janeiro, o maior acontecimento esportivo do Brasil naquele ano. No primeiro desafio, Fluminense e Flamengo empataram em 2 a 2, gols de Russo e Hércules. No clássico seguinte, o Tricolor se impôs e aplicou uma expressiva goleada em seu tradicional adversário: históricos 4 a 1, também com gols de Russo e Hércules, só que em dose dupla.

Assim, bastava um empate ao Fluminense na partida final. Em caso de vitória rubro-negra, por conta de um esdrúxulo regulamento, ambos os clubes seriam declarados campeões, hipótese sequer admitida pelo tricolor Hércules: "Não acredito na possibilidade de divisão de título com o Flamengo. Aqueles 4 a 1 foram decisivos. Não perderemos de maneira alguma a terceira partida. O máximo que poderá acontecer será um empate. Eles não serão campeões."

Dito e feito. Quando a bola rolou, o Flamengo até saiu na frente, com um gol de Leônidas da Silva. O atacante rubro-negro, por pouco, não faria o segundo, mas Batatais fez uma defesa sensacional em chute à queima-roupa, confirmando a sua vocação de grande goleiro. Veio o segundo tempo e Hércules confirmaria sua tradição de carrasco rubro-negro, ao marcar o gol de empate tricolor. O Fluminense manteve o 1 a 1 até o fim e soltou o grito de campeão. Festa nas Laranjeiras. Fez-se justiça à grande campanha do Fluminense, que não precisou dividir o título com o rival. E era só o primeiro de uma série que estava por vir.

• PERSONAGEM: HÉRCULES

Jogador valente, Hércules integrou o revolucionário time tricolor de 1936 a 1941, que transformou o futebol do Rio de Janeiro, então iniciando a era profissional. Mineiro de Guaxupé, atingiu pelo clube a impressionante marca de quase um gol por partida (165 gols em 176 jogos). Além do Torneio Municipal de 1938, conquistou cinco Cariocas nas Laranjeiras. Ficou conhecido como “O Dinamitador” pela violência de seu chute com as duas pernas. Dizia-se que disparava um canhão com a esquerda e um míssil com a direita. Logo em seu primeiro caneco pelo clube, em 1936, marcou quatro gols nos três Fla-Flus que decidiram a taça. Disputou a Copa de 1938 pela Seleção.

Ficha Técnica

Data: 27/12/1936

Árbitro: Carlos de Oliveira Monteiro

Público: 16.386 pagantes

Gols: Leônidas da Silva 22' 1ºT, Hércules 17' 2ºT

Fluminense: Batatais, Guimarães, Machado, Marcial, Brant, Orozimbo, Mendes (Sobral), Lara, Russo (Vicentino), Romeu e Hércules. **Técnico:** Carlos Carlomagno

Flamengo: Raymundo, Carlos Alves, Marin, Médio, Fausto, Otto, Sá, Caldeira, Alfredinho, Leônidas da Silva (Nélson) e Jarbas. **Técnico:** Flávio Costa



CARIOCA - 1937

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Na trilha do bi

Cansado de perder, Fla pede para Flu não usar uniforme branco.

Desde as finais do campeonato de 1936, quando o Fluminense adotou camisetas brancas para seus jogos noturnos em substituição ao seu tradicional uniforme tricolor, que o clube das Laranjeiras não perdia para o Flamengo. 4 a 1, 4 a 3, 4 a 1... As vitórias se acumulavam para desespero do supersticioso presidente rubro-negro, José Bastos Padilha, que chegou a formular um protesto na Liga contra o segundo uniforme do Flu.

Na véspera do Fla-Flu de encerramento do Primeiro Turno do campeonato de 1937, Padilha, temeroso, combinou com o presidente em exercício do Flu, Afrânio Costa, que ambas as equipes se apresentariam com seus uniformes tradicionais. Na noite do clássico, entretanto, o dirigente tricolor, retido no engarrafamento que se formou no entorno de Álvaro Chaves, chegou em cima da

hora e, encaminhando-se diretamente à Tribuna de Honra para recepcionar as autoridades presentes, não pôde avisar o roupeiro do combinado. Alheio a toda essa história, o Flu entrou em campo envergando o uniforme branco.

O clássico foi duríssimo e muito disputado. O Flamengo, vice-líder, começou melhor e teve ligeiro predomínio até os 20 minutos. A partir daí e até o final do primeiro tempo, o Fluminense cresceu e passou a dominar as ações. A certa altura, o Tricolor avançou com toda a sua linha de ataque. O centroavante Sandro recebeu livre um passe, chutou com violência e a bola explodiu na trave. Hércules aproveitou o rebote, mas acabou chutando para fora a melhor chance do time na etapa inicial.

O segundo tempo foi uma repetição do primeiro. O Flamengo de Domingos da Guia, que fazia sua reestreia pelo Rubro-Negro, foi mais incisivo nos primeiros instantes, mas o Flu, líder, reagiria nos 20 minutos finais. Batatais praticou ótima defesa em um chute de Leônidas e Yustrich salvou a pátria do Fla num tiro de Sobral. Quando o empate sem gols parecia o resultado mais lógico, com o público já começando a deixar o estádio, Santamaria arrancou pelo meio e entregou a bola a Tim, que driblou Villa e Domingos antes de passar a Sandro. O centroavante tricolor entrou na área, ajeitou a bola para o pé esquerdo e desferiu violento chute no alto, vazando a meta do goleiro Yustrich. O Fluminense terminava o Primeiro Turno mais líder do que nunca, quatro pontos à frente do seu maior rival.

Ao supersticioso Padilha e ao Flamengo não restou alternativa senão copiar o Tricolor e adotar também, já para o Segundo Turno,

um segundo uniforme com camisetas brancas.

• PERSONAGEM: MACHADO

Formou a dupla de zaga da Seleção Brasileira com Domingos da Guia na Copa de 1938. Apesar de nascido em Niterói (RJ), destacou-se no futebol paulista pela Portuguesa, onde jogou de 1927 a 1934. Transferido para o Fluminense no ano seguinte, o "Pé de Ferro", como também era conhecido, por aliar técnica à forte marcação, fez parte de um dos maiores times do clube na década de 1930. Conquistou seis títulos pelo Flu ao longo das oito temporadas em que o defendeu.

Ficha Técnica

Data: 27/11/1937

Árbitro: Sanchez Diaz (ARG)

Público: 19.804 pagantes

Gol: Sandro 37' 2ºT

Fluminense: Batatais, Moysés, Machado, Milton, Santamaria, Orozimbo, Sobral (Orlandinho), Romeu, Sandro, Tim e Hércules. **Técnico:** Carlos Carlomagno

Flamengo: Yustrich, Domingos da Guia, Villa, Caldeira (Barbosa), Engel, Arcadio Lopez, Sá, Waldemar, Cocco, Leônidas da Silva (Valido) e Jarbas. **Técnico:** Dori Krueschner



CARIOCA - 1938

GÁVEA

FLUMINENSE 2 x 0 FLAMENGO

A Lenda

Vitória emblemática no primeiro Fla-Flu na Gávea.

Depois da conquista do bi em 1937, o Fluminense lutava pelo segundo tricampeonato de sua gloriosa história. Antes mesmo do início da competição, a equipe já havia conquistado o Torneio Municipal do Rio de Janeiro.

A disputa se daria logo após a Copa do Mundo, competição em que o Tricolor, ao lado do Botafogo, fora o clube com mais atletas convocados para servir à Seleção Brasileira (Batatais, Hércules, Machado, Romeu e Tim). Todos brilharam em campos franceses – especialmente Romeu, com três gols –, mas o Brasil terminaria o Mundial em terceiro lugar.

Logo na estreia, com três gols de Tim, o Fluminense sapecou um arrasador 6 a 1 no Bangu. Já na rodada seguinte, Flamengo e

Fluminense, ambos postulantes ao título, fariam uma partida especial. Pela primeira vez, o clássico Fla-Flu seria disputado no estádio da Gávea.

Comandado por Brant, o Fluminense brilharia desde o início num jogo marcado pela movimentação e muito elogiado pela técnica. Logo aos 12 minutos, Romeu abriu o placar, ao pegar o rebote do goleiro, após forte finalização de Tim. O Flu não diminuiu seu ímpeto ofensivo e marcou mais um no segundo tempo. Na jogada, depois de rápida troca de passes entre Santamaría, Brant e Hércules, Sandro recebeu um belo passe pelo lado esquerdo e chutou, preciso, no fundo das redes.

O Fluminense abria 2 a 0 e poderia ter feito até mais, mas o placar já era o suficiente para garantir um triunfo histórico do Tricolor no primeiro Fla-Flu disputado no campo do rival. O Fluminense começava a embalar rumo a mais um tricampeonato.

• PERSONAGEM: BRANT

Mineiro de Diamantina, Brant conquistou seis títulos no Fluminense, vestindo por 252 vezes a camisa do clube, de 1933 a 1941. No último ano de sua carreira, teve de se superar para estar em campo na partida final do Carioca, o famoso Fla-Flu da Lagoa. O velho Brant ainda não havia feito nenhuma partida do campeonato quando o Flu, envolto com vários problemas de lesão, teve de recorrer ao jogador, que fez uma preparação específica para o clássico, o último e mais emocionante de sua carreira. Quando largou os gramados, exerceu na Tesouraria do clube a mesma competência demonstrada nas quatro linhas.

Ficha Técnica

Data: 11/09/1938

Árbitro: Carlos de Oliveira Monteiro

Público: 11.406 pagantes

Gols: Romeu 12' 1ºT, Sandro 14' 2ºT

Fluminense: Nascimento, Moysés, Guimarães, Santamaria, Brant, Orozimbo, Bioró, Romeu, Sandro, Tim e Hércules. **Técnico:** Carlos Nascimento

Flamengo: Walter, Domingos da Guia, Marin, Médio, Fausto, Natal, Valido (Sá), Waldemar, Leônidas da Silva, Gonzalez e Jarbas. **Técnico:** Dori Krueschner



CARIOCA - 1939

SÃO JANUÁRIO

FLUMINENSE 3 x 2 BOTAFOGO

Explode, coração

“Foi um Fluminense gigante a que nada intimidou.” [Jornal dos Sports]

O ano de 1939 marcou um breve hiato na sequência de títulos daquele que foi um dos maiores times da história do Fluminense. Entre o tricampeonato de 1936–37–38 e o bicampeonato de 1940–41, o Tricolor obteve apenas um modesto quarto lugar no Campeonato Carioca. O grande momento do time naquele ano seria uma heroica vitória sobre o Botafogo, em jogo válido pela antepenúltima rodada da competição.

No clássico, o Fluminense teve de superar não apenas o adversário, que lutava pelo título, como também a vexatória arbitragem do argentino Sanchez Diaz e a contusão do zagueiro Moysés, que deixou o time praticamente com um a menos durante todo o segundo tempo.

O Fluminense abriu o placar, com Pedro Amorim, aos 22 minutos. Mas, quase no fim do primeiro tempo, Moysés e o atacante alvinegro Patesko se chocaram dentro da área tricolor. O árbitro marcou pênalti, que Canalli cobrou, deixando tudo igual. Fluminense 1 x 1 Botafogo. Neste lance do gol de empate alvinegro, o zagueiro Moysés se contundiu seriamente. No intervalo, o técnico uruguaio Ondino Viera se viu obrigado a mexer em toda a estrutura do time tricolor para suprir a ausência do jogador, que passou a fazer número na ponta direita.

No segundo tempo, logo aos dois minutos, a bola resvalou na mão de Vicentini dentro da área. O lance foi nitidamente involuntário, mas novamente o árbitro marcou pênalti para o Botafogo. Canalli cobrou outra vez e virou a partida. Pouco depois, Tim e o ponta-direita Álvaro trocaram agressões e acabaram expulsos. O Botafogo então passou a ficar com dez em campo. O Fluminense, com nove e mais Moysés contundido.

Moysés Alves do Rio era um zagueiro rodado. Àquela altura de sua carreira já tinha uma passagem pelo Boca Juniors, clube pelo qual fora campeão argentino em 1934 e 1935. Naquele dia, sua permanência em campo, no sacrifício, não seria em vão. Aos 12 minutos, Hércules, em jogada genial, atraiu toda a defesa do Botafogo e tocou para Moysés, que estava completamente livre. Mesmo com muitas dificuldades, mancando, o zagueiro ainda conseguiu chutar e fazer o gol de empate do Fluminense. Aos 26 minutos, uma falta foi cobrada na área botafoguense e Hércules apareceu para marcar com uma cabeçada fulminante o gol da virada. O Botafogo ainda tentou desfazer a vantagem, mas naquele

jogo, simplesmente não havia como tirar a grande vitória dos guerreiros tricolores.

• PERSONAGEM: ONDINO VIERA

O uruguaio Ondino Viera foi o segundo treinador que mais vezes dirigiu o Fluminense, totalizando exatas 300 partidas. Após uma passagem com destaque pelo River Plate, pelo qual foi bicampeão argentino, chegou ao clube em 1938. Foi, já em seu primeiro ano, tricampeão estadual. Trouxe diversas inovações táticas para o futebol brasileiro. Anos depois, treinaria a seleção do Uruguai na Copa de 1966. Pelo Tricolor, conquistou outros dois Cariocas, em 1940 e 1941, comandando o time no histórico Fla-Flu da Lagoa.

Ficha Técnica

Data: 12/11/1939

Árbitro: Sanchez Diaz (ARG)

Público: 13.904 pagantes

Gols: Pedro Amorim 22' 1ºT, Canalli (pênalti) 38' 1ºT, Canalli (pênalti) 2' 2ºT, Moysés 12' 2ºT, Hércules 26' 2ºT

Fluminense: Batatais, Moysés, Guimarães, Vicentini, Brant, Malazzo, Pedro Amorim, Romeu, Milani, Tim e Hércules. **Técnico:** Ondino Viera

Botafogo: Aymoré, Bibi, Nariz, Zezé Procópio, Martim, Canalli, Álvaro, Carvalho Leite, Paschoal, Perácio e Patesko.

DÉCADA DE 1940



CARIOCA/RIO-SÃO PAULO – 1940

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 2 x 1 FLAMENGO

Embalos de sábado à noite

“Numa soberba exibição, o Flu derrotou o Fla.” [Diário da Noite]

Com um dos maiores esquadrões de sua história, o Fluminense iniciou o campeonato almejando voltar a conquistar o título do Rio de Janeiro. O time obtivera seis vitórias, um empate e uma derrota no Primeiro Turno. Lutando palmo a palmo com o Flamengo, o último campeão, o Tricolor começou o retorno com duas vitórias, chegando embalado para o importante duelo com os rubro-negros. A partida teria peso dobrado, pois seria válida também por outra competição, o Torneio Rio-São Paulo, então em sua segunda edição na era do profissionalismo. A primeira havia sido em 1933.

O Fluminense tinha a base consolidada desde 1936, reforçada ainda pelo zagueiro Norival, o meia argentino Espinelli e os pontas Adílson e Carreiro. Já o Flamengo tinha uma equipe também muito forte, com o zagueiro Domingos da Guia, o meia Zizinho e o atacante

Leônidas da Silva entre seus destaques. Antes da partida, os jornais enfatizavam os 28 anos do Fla-Flu, considerado o clássico dos clássicos.

Para o duelo, previa-se equilíbrio, mas em campo, apesar do placar apertado, o que se viu foi um total predomínio tricolor. Aos 22 minutos, após boa jogada de Romeu, Adílson recebeu passe açucarado na grande área e finalizou para o fundo das redes. O Fluminense pressionava, com Carreiro e Russo chegando a acertar a trave rubro-negra. De tanto insistir, o time chegou ao segundo gol. Mais uma vez, a jogada começou com Romeu, que tocou para Tim. De pé em pé, a bola chegou a Carreiro na esquerda do ataque. O jogador tricolor invadiu a área e cruzou com precisão para Adílson, que só teve o trabalho de empurrar para o fundo das redes. Fluminense 2 a 0.

Depois do segundo gol tricolor, Zizinho perdeu a cabeça, acertou um forte pontapé em Malazzo e foi expulso pelo árbitro Mário Vianna, deixando o Flamengo com um a menos. Ainda houve tempo para Leônidas da Silva, de pênalti, diminuir, mas a fatura já estava liquidada.

Com a vitória, o Fluminense assumiu a liderança do Campeonato Carioca, do qual se sagaria campeão, assim como do Torneio Rio-São Paulo, interrompido após a disputa do Primeiro Turno com a dupla Fla-Flu empatada na primeira colocação. Descontentes com a baixa renda dos jogos, os clubes paulistas haviam resolvido abandonar a disputa. Tricolores e rubro-negros, apesar de o

Fluminense ser o único invicto, terminaram o Torneio Rio-São Paulo com o mesmo número de pontos.

• PERSONAGEM: ROMEU

Nascido em Jundiaí (SP), Romeu, de futebol extraordinário, foi o melhor meia-direita do país e um dos grandes jogadores de seu tempo. Sua marca registrada era a touca que usava para disfarçar a calvície. Tinha também um tipo físico incomum para um atleta, por conta de uma propensão para ganhar peso. Tamanha habilidade com os pés levava seus companheiros a brincar com o meia. Segundo eles, Romeu levava meses para errar um passe. Jogou 202 vezes pelo Fluminense e conquistou seis campeonatos. Pela Seleção, disputou a Copa de 1938.

Ficha Técnica

Data: 03/08/1940

Árbitro: Mário Vianna

Público: 16.119 pagantes

Gols: Adílson 22' 1ºT, Adílson 19' 2ºT, Leônidas da Silva 35' 2ºT

Fluminense: Batatais, Norival, Machado (Guimarães), Bioró, Espinelli, Malazzo, Adílson, Romeu, Russo, Tim e Carreiro. **Técnico:** Ondino Viera

Flamengo: Yustrich, Domingos da Guia, Oswaldo, Artigas, Volante (Jocelyno), Médio, Sá, Zizinho, Caxambu, Leônidas da Silva e Jarbas (Armandinho). **Técnico:** Flávio Costa



CARIOCA - 1941

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 6 x 2 VASCO

É o destino...

Flu aplica sua maior goleada sobre o Vasco.

Campeão carioca do ano anterior, o Fluminense iniciaria a luta pelo bicampeonato reforçando-se com jogadores como Afonsinho, que disputou a Copa de 1938, os argentinos Renganeschi e Juan Carlos, além do centro-médio Og Moreira. O time havia estreado bem na competição, vencendo o Canto do Rio por 5 a 2. Na segunda rodada, faria um clássico com o Vasco, jogo que resultaria na maior goleada já aplicada pelo Tricolor sobre a equipe de São Januário até os dias de hoje.

Menos de um mês após a publicação de um decreto do Governo Getúlio Vargas regulamentando os esportes no país e a consequente adoção das regras da International Board pela Federação Metropolitana, jogadores e treinadores ainda tropeçavam nas inovações introduzidas. O tempo de jogo mais longo, agora dividido em dois períodos de 45 minutos, a proibição das substituições e,

principalmente, a permissão do tranco entre adversários ainda confundiam os atletas, geravam reclamações, truncavam os jogos e aumentavam o número de faltas. Nada disso atrapalhou, entretanto, a vitória tricolor, que surpreendeu o Vasco com uma avalanche de gols.

Os primeiros minutos foram disputados sem predomínio, mas caberia ao Vasco a abertura do marcador. No lance, aos 19, Villadoniga passou a Gonzalez, que, aproveitando-se da indecisão da zaga tricolor, chutou forte, burlando a vigilância do goleiro Batatais. A resposta dos tricolores foi imediata e fulminante. Aos 21, Pedro Amorim igualou a contagem e, um minuto depois, Tim desempatou. Flu 2 a 1.

O começo da segunda fase proporcionou ao Vasco seu último suspiro no jogo, quando Figliola valeu-se de um escanteio para estabelecer o segundo empate. Era o início da via-crúcis cruzmaltina. Aos 6 minutos, Carreiro, de cabeça, marcou o terceiro. Dois minutos depois, o Fluminense ampliou, graças à colaboração do meia Figliola, que desviou ao gol um chute forte de Tim. Com o desastre estabelecido, o Vasco entregou-se ao desespero: sua zaga se descontrolou, as falhas se avultaram e, aos 39, o impecável Tim driblou Jaú na área, enganou Chiquinho, atraindo-o para um lado, e entregou o balão no outro para Carreiro, que entrou com bola e tudo no gol desguarnecido. Abatido, o time cruzmaltino ainda teve que amargar o desespero de um gol contra pouco antes do término do jogo. Na jogada, Jaú tentou cortar a trajetória de um chute de Pedro Amorim, mas o fez com tanta infelicidade que a bola foi direto às redes de Chiquinho.

• PERSONAGEM: CARREIRO

João Batista Siqueira Lima, ou simplesmente Carreiro, foi um ponta-esquerda com passagem vencedora pelo Fluminense no início dos anos 40. Campeão carioca em seu primeiro ano com a camisa tricolor, Carreiro fez 65 gols pelo clube. Em 1941, além de faturar o Torneio Início, foi bicampeão carioca. Foi contemporâneo de grandes jogadores como Romeu, Russo, Tim, entre outros, atuando em um dos maiores times da história tricolor.

Ficha Técnica

Data: 11/05/1941

Árbitro: Fioravante D'Angelo

Público: 12.608 pagantes

Gols: Gonzalez 19' 1ºT, Pedro Amorim 21' 1ºT, Tim 22' 1ºT, Figliola 5' 2ºT, Carreiro 6' 2ºT, Tim 8' 2ºT, Carreiro 39' 2ºT, Jaú (contra) 44' 2ºT

Fluminense: Batatais, Moysés, Machado, Malazzo, Espinelli, Afonsinho, Pedro Amorim, Juan Carlos, Tim, Pedro Nunes e Carreiro. **Técnico:** Ondino Viera

Vasco: Chiquinho, Jaú, Osvaldo, Figliola, Paulista, Argemiro, Manuel Rocha, Alfredo, Villadoniga, Gonzalez e Orlando. **Técnico:** Henry Welfare



CARIOCA - 1941

LARANJEIRAS

FLUMINENSE 4 x 3 AMÉRICA

Vamos virar, Nense!

**Tim faz três e comanda virada espetacular
do Fluminense.**

Jogo de importância vital para o clube rubro, que teria sua última oportunidade de se classificar à fase seguinte, Fluminense x América não tinha o mesmo peso aos tricolores, já classificados aos dois turnos finais. Por isso, o adversário começou de maneira avassaladora e, com meia hora de jogo, já vencia por 3 a 0 (dois gols de Plácido e um de Hamilton). O Flu ainda perderia um pênalti, com Norival, reforçando as convicções de que a tarde seria mesmo rubra.

Com a larga vantagem, o América se acomodou, e Pedro Nunes, de cabeça, descontou para o Flu. O time marcaria o segundo ainda antes do intervalo, com Tim, no preciso instante em que o árbitro encerrava o primeiro tempo.

Na etapa final, Flu e América aceleraram ainda mais o jogo, que passou a ter lances de ataque de lado a lado. Foi quando o ponta Carreiro começou a jogar. Driblava pra cá, driblava pra lá, fingia que chutava e não chutava, levando os americanos à loucura com suas jogadas desconcertantes, partindo sempre para cima de Osny, um zagueiro nervoso. Em certo momento do jogo, Carreiro começou a driblá-lo e ele caiu sentado. O ponta ria muito, quase largando a bola. Osny, humilhado e desconcertado, partiu para cima dele, esquecendo-se da bola. Resultado: pênalti, que Tim converteu, e expulsão de Osny.

Inflamados pela sensacional reação, os tricolores continuaram em cima. Aos 24, Tim recebeu passe de Carreiro, invadiu a área e chutou no canto, apesar do esforço de Mozart. Era o gol da vitória, o da virada espetacular do Fluminense.

• PERSONAGEM: TIM

No Fluminense, Tim viveu o esplendor de sua majestosa carreira. Dono de um futebol cerebral e de uma visão de jogo rara, além de preciso nos passes, o meia teve participação decisiva em um dos maiores times da história do clube. Brilhou também na Seleção Brasileira. Maravilhados com seu futebol, torcedores argentinos apelidaram-no de "El Peón" no Sul-Americano de 1936, por conduzir o meio-campo como um peão à sua manada. Treinador igualmente brilhante, reconhecido estrategista, Tim comandou o Flu no título carioca de 1964 e na Taça Guanabara de 1966.

Ficha Técnica

Data: 31/08/1941

Árbitro: Oscar Pereira Gomes

Público: 7.020 pagantes

Gols: Plácido 7' 1ºT, Plácido 13' 1ºT, Hamílton 26' 1ºT, Pedro Nunes 36' 1ºT, Tim 45' 1ºT, Tim (pênalti) 5' 2ºT, Tim 24' 2ºT

Fluminense: Capuano, Norival, Renganeschi, Malazzo, Espinelli, Afonsinho, Pedro Amorim, Russo, Tim, Pedro Nunes e Carreiro. **Técnico:** Ondino Viera

América: Mozart, Osny, Gritta, Dedão, Bolinha, Alcebíades, Hamílton, Canhoto, Plácido, Cecílio e Lenine.



CARIOCA - 1941

GÁVEA

FLUMINENSE 2 x 2 FLAMENGO

O Fla-Flu da Lagoa

Os seis minutos mais longos da história tricolor.

O maior Fla-Flu de todos os tempos? Difícil dizer. Se não foi o maior, foi com certeza o mais dramático. Hoje, ele faz parte do folclore do futebol e será eternamente lembrado como “o Fla-Flu da Lagoa”.

Ao Fluminense, com 43 pontos contra 42 do Flamengo nos quatro turnos, bastava o empate para conquistar o bicampeonato. O Tricolor começou melhor e fez logo dois gols, com Pedro Amorim e Russo. Brant, em sua última apresentação pelo Flu, fazia a partida de sua vida. Quando ele cansou, o Fla cresceu e, antes do intervalo, marcou seu primeiro gol.

Aos 38 da etapa final, o Fla empataria. A partir daí, o jogo se tornou dramático. O Fla passou a pressionar ainda mais e os jogadores do Flu lançaram mão do recurso de chutar a bola em direção à Lagoa,

que antes dos sucessivos aterros ficava próxima ao campo da Gávea. O cronometrista parava a todo instante o relógio. O Fla então aparecia com outra bola, de treino, mais pesada, estourando de ar. Batatais a escolhia, apertava, dizia que não servia e escolhia outra. Batia em seguida com ela no chão e dizia novamente que não servia. Finalmente escolhia uma bola e a passava para Renganeschi, que enchia o pé, mandando-a para a Lagoa.

Quando todas as bolas acabaram, o Flamengo colocou seus remadores na água para buscá-las e devolvê-las com mais rapidez ao campo de jogo. Carreiro, que fazia cera, chegou a rasgar a própria camisa para pedir um pênalti ao árbitro Juca da Praia. Acabou expulso por impedir a cobrança de uma falta. Esperto, ganhou mais alguns segundos discutindo com o juiz. Aos 40, Batatais teve a clavícula deslocada, mas continuou no jogo. Um herói para a torcida. Sua bravura empolgava os companheiros, que lutavam para manter o resultado.

Foi então que Romeu, um dos maiores craques que o Brasil já teve, resolveu ficar de posse da bola. Ele a pegava, fingia que ia mas não ia, acabava indo, não a largava, prendia-a, caminhava com ela, corria, voltava, avançava, recuava, deixando os jogadores rubro-negros sem saber o que fazer. Quando o Fla percebeu que ele estava somente fazendo cera, começou a fazer faltas em Romeu. Na cobrança, devolviam-lhe a bola. Ele corria para a bandeirinha de escanteio, protegia-a e sofria nova falta.

Foram os seis minutos mais longos da história do futebol. O árbitro ainda deu 12 minutos de acréscimo e, então, sem que ninguém mais

esperasse, o cronometrista apitou, o juiz abriu os braços e os levantou, cruzando-os no ar. Era o fim. Flu bicampeão no mais dramático Fla-Flu de todos os tempos.

● PERSONAGEM: BATATAIS

Ao desembarcar no Rio, Batatais proferiu a célebre frase “Quando um clube como o Fluminense oferece uma oportunidade a um jogador, não se pode recusá-la”. Trilhou no Fluminense a mesma trajetória dos craques Hércules e Romeu, colecionando títulos de 1935 a 1941. Foi um goleiro extraordinário, o melhor do país na década de 30 e um dos maiores da história do clube. De envergadura privilegiada, tinha fama de pegador de pênaltis. Defendeu a Seleção Brasileira na Copa de 1938.

Ficha Técnica

Data: 23/11/1941

Árbitro: José Ferreira Lemos

Público: 15.312 pagantes

Gols: Pedro Amorim 20' 1ºT, Russo 25' 1ºT, Pirillo 35' 1ºT, Pirillo 38' 2ºT

Fluminense: Batatais, Renganeschi, Machado, Malazzo, Brant, Afonsinho, Pedro Amorim, Romeu, Russo, Tim e Carreiro. **Técnico:** Ondino Viera

Flamengo: Yustrich, Domingos da Guia, Newton, Biguá, Volante, Jayme, Sá, Zizinho, Pirillo, Reuben e Vevé. **Técnico:** Flávio Costa



CARIOCA - 1944
LARANJEIRAS/GÁVEA

FLUMINENSE 2 x 1 VASCO

Só acaba quando termina

Pancadaria interrompe jogo por quatro dias.

Clássico que marcou a abertura do retorno do Campeonato Estadual, Fluminense x Vasco era aguardado pelos cruzmaltinos com demasiada confiança e otimismo. Poucos, porém, imaginariam que a partida se transformaria numa batalha, iniciada nas Laranjeiras e concluída na Gávea.

Quando a bola rolou, o Vasco fez 1 a 0 logo aos 12 minutos. A impressão de que o Fluminense não resistiria ao ímpeto do adversário, dissipou-se rapidamente. E acentuou-se à medida que o cronômetro corria. A vitória tricolor então passou a ser apenas uma questão de tempo. E se não fosse a precipitação de Simões e Magnones em chances claras de gol no primeiro tempo, teria ocorrido ainda mais cedo. Aos 28 da etapa complementar, Pedro Amorim empatau, escorando de cabeça um escanteio cobrado por Pinhegas. A sete minutos do fim, deu-se a virada. Marcado, Raul

Rodriguez atrasou a bola para Norival. O zagueiro tricolor, do meio de campo, alçou a bola sobre a área, Oncinha precipitou-se, saiu mal e foi encoberto.

Após o segundo gol tricolor, começou a confusão. Pedro Amorim correu para apanhar a bola no fundo das redes e foi atingido de maneira desleal por Alfredo. Espinelli e Morales partiram para cima do meia cruzmaltino para defender o companheiro. A pancadaria generalizada entre os 22 jogadores teve cenas de bofetões, pontapés, gravatas e até invasão de campo. A polícia teve de intervir e a partida foi paralisada.

Só Alfredo foi expulso e preso, sendo depois liberado. Suspenso, o jogo teve seu complemento marcado para quatro dias depois no Estádio da Gávea, mas com portões fechados.

Os dias que precederam a conclusão dos sete minutos finais do jogo foram vividos nervosamente por jogadores e torcedores de ambos os clubes. Muito se falou que o Vasco faria tudo para aproveitar o tempo. E o Fluminense tudo faria para passar o tempo. Prevenindo-se contra a “cera” dos tricolores, os vascaínos levaram três bolas de reserva à Gávea. Afinal, a Lagoa ainda era logo ali. O Vasco, com um a menos, se lançou ao ataque, como esperado, e teve duas oportunidades. O Fluminense, um gol anulado. Mas o placar se manteve, garantindo a vitória tricolor: 2 a 1.

• **PERSONAGEM: PEDRO AMORIM**

Baiano de Senhor do Bonfim, Pedro Amorim desembarcou no Rio de Janeiro para estudar Medicina. Cidadão culto e educado, viu no Fluminense a oportunidade para dar

seguimento também à sua carreira no futebol, esporte que praticava como poucos. Não tardou para que ganhasse notoriedade, o que rendeu convocações para as Seleções Carioca e Brasileira. Autor de um dos gols do lendário Fla-Flu da Lagoa, em 1941, seria ainda supercampeão pelo clube cinco anos depois. Ainda em forma, encerrou a carreira para se dedicar à medicina social na Bahia. Pedro Amorim jogou 210 vezes pelo Flu e marcou 77 gols.

Ficha Técnica

Data: 02 e 06/09/1944

Árbitro: Durval Caldeira Martins

Público: 19.755 pagantes

Gols: Lelé 12' 1ºT, Pedro Amorim 28' 2ºT, Norival 38' 2ºT

Fluminense: Batatais, Norival, Morales, Raul Rodriguez, Espinelli, Bigode, Pedro Amorim, Baztarrica, Magnones, Simões e Pinhegas. **Técnico:** Atuel Velasquez

Vasco: Oncinha, Sampaio, Rafanelli, Alfredo, Beracochea, Argemiro, Djalma, Lelé, Ademir Menezes, Jair Rosa Pinto e Chico. **Técnico:** Ondino Viera



AMISTOSO - 1946

PACAEMBU

FLUMINENSE 2 x 1 SÃO PAULO

Abram alas

**Após vencer Fla e Vasco, campeão paulista
perde para o Flu.**

Ob o título “Conseguirá o Fluminense escapar de goleada?”, um jornal paulista dava naquele dia o tom das dificuldades que o Tricolor deveria encontrar no Pacaembu na partida amistosa contra o São Paulo. De fato, o forte adversário, campeão paulista de 1945, e que seria bi em 1946, vinha levando nítida vantagem em seus últimos compromissos contra os grandes do Rio. Primeiro, derrotara o Vasco em São Januário por 2 a 1, atuando a maior parte do tempo com um jogador a menos. Depois, esmagara o Flamengo pela elevada contagem de 7 a 1, mesmo com o time rubro-negro atuando com sua força máxima. Mas o Fluminense também vinha de bons resultados. Vencera Corinthians e Guarani, em São Paulo e em Campinas, e goleara o Bonsucesso por incríveis 9 a 1 com toda a sua linha de ataque deixando a sua marca. Se o São Paulo tinha Leônidas da Silva

e um meio de campo famoso composto por Rui, Bauer e Noronha, o Fluminense teria Ademir, o craque pernambucano, que estrearia.

O São Paulo atacou com mais frequência, mas de forma desordenada. Teve uma única chance para marcar com Remo, mas o chute foi defendido com segurança por Robertinho. Coeso, o Flu não encontrou dificuldades em anular as ações ofensivas da equipe paulista.

Veio o segundo tempo e uma falha de Renganeschi, ex-zagueiro do Fluminense e um dos heróis do Fla-Flu da Lagoa, proporcionou a Geraldino o primeiro gol do jogo. O zagueiro tentou atrasar a bola para Gijo e atrapalhou-se. O centroavante tricolor então interveio e empurrou a bola para o fundo das redes. Os paulistas procuraram reagir, mas esbarraram na marcação sem tréguas do Flu. As exibições perfeitas de Pé-de-Valsa, Paschoal e Bigode permitiam a Ademir atuar mais próximo ao gol são-paulino, pondo em pânico constante o arco de Gijo. Aos 29, Orlando aproveitou uma confusão na área originada de uma rebatida de Gijo para fazer o segundo gol da noite. Alguns minutos depois, Bauer acertou um chute violento de fora da área, marcando o de honra do mandante. Logo depois Pé-de-Valsa e Leônidas trocaram pontapés e foram expulsos, mas o Diamante Negro só deixou o campo após a intervenção da polícia.

“Choram os paulistas a derrota do São Paulo”. A manchete de jornais cariocas no dia seguinte ao jogo deu o tom do inconformismo são-paulino com o revés. Ainda sob a influência dos sucessos alcançados sobre Flamengo e Vasco, o São Paulo procurou diminuir o brilho do feito tricolor, atribuindo ao juiz o mau resultado. A vitória

do Fluminense sobre a “máscara” paulista foi, porém, legítima e incontestável. E reabilitou o futebol carioca.

• PERSONAGEM: ADEMIR MENEZES

“Deem-me Ademir e eu lhes darei o campeonato.” Com esta frase célebre, o técnico Gentil Cardoso conclamou a direção do Fluminense a levar para as Laranjeiras o “Queixada”. Ademir, de fato, conquistou o Supercampeonato de 1946, ratificando a promessa do treinador. Veloz, habilidoso e preciso, o superatacante anotou 24 gols em 23 jogos daquela emocionante competição, incluído o do título na vitória sobre o Botafogo. Ademir Menezes foi um dos maiores atacantes de sua época.

Ficha Técnica

Data: 23/04/1946

Árbitro: Carlos Gomes Potengy

Gols: Geraldino 1' 2ºT, Orlando 29' 2ºT, Bauer 35' 2ºT

Fluminense: Robertinho, Guálter, Aroldo, Pé de Valsa, Paschoal, Bigode, Pinhegas, Orlando, Geraldino, Ademir Menezes e Rodrigues. **Técnico:** Gentil Cardoso

São Paulo: Gijo, Rui, Renganeschi, Sastre (Armando), Bauer, Noronha, Luizinho, Ieso, Leônidas da Silva, Remo (Leopoldo) e Teixeirinha. **Técnico:** Jorge de Lima



CARIOCA - 1946

GÁVEA

FLUMINENSE 5 x 2 FLAMENGO

Diversão na Lagoa

Flu estraga festa do Fla e arranca para o título.

O clima na Gávea era de euforia. Bandeiolas em profusão, música, fogos, tudo estava preparado para os rubro-negros comemorarem mais um título estadual. Afinal, o Flamengo, com 26 pontos, decidiria o título em casa. Ao passo que seu adversário mais direto, o América, também líder com os mesmos 26 pontos, enfrentaria o Botafogo longe de seus domínios. Tricolores e alvinegros, com 24 pontos, precisavam vencer para provocar um quádruplo empate.

O Flamengo, favorecido no sorteio, escolheu o lado e começou jogando a favor do vento, do que fez proveito logo aos cinco minutos, quando abriu o placar. No lance, Perácio recebeu pelo alto de Tião e mandou a bola para o fundo da rede tricolor. O Fla seguiria mandando no jogo. Nesse momento, porém, aconteceu o segundo

gol do Botafogo contra o América, anunciado pelo placar à beira do campo. Foi o combustível para que os tricolores criassem alma nova. O time então passou a jogar melhor e a forçar a defesa contrária. Careca, de falta, quase marcou. Logo a seguir, Rodrigues bateu com maestria falta sofrida por Pedro Amorim. Doly saltou atrasado, a bola bateu na trave e entrou. Era o gol do empate.

Veio o segundo tempo e o Fluminense continuou ditando o ritmo do jogo. Aos quatro, Ademir Menezes venceu Doly, tirando o empate do placar: Flu 2 a 1. Os tricolores voltaram à carga e Rodrigues, aos 16, aproveitou uma bola largada pelo arqueiro rubro-negro para marcar o terceiro.

O Fla esboçou uma reação, mas acabou surpreendido num contra-ataque, com Rodrigues. Já era goleada. Mas tinha mais: Simões marcou o quinto. Bigode ainda cometaria um pênalti, que Jayme bateria, diminuindo o vexame. Com as vitórias de Flu e Botafogo, o campeonato terminava empatado entre quatro clubes, forçando um quadrangular entre eles, que ficou conhecido como Supercampeonato.

A vitória teve um sabor especial para Pedro Amorim. Quando ainda jogava pelo Fluminense, o zagueiro Norival o havia criticado, dizendo que preferia que o time jogasse com Adílson, seu companheiro desde os tempos de Madureira, a tê-lo na ponta-direita. De tanto se queixar, acabou sendo vendido ao Flamengo. Nesta goleada de 5 a 2, tantas foram as bolas que Pedro Amorim colocou entre as pernas de Norival que o zagueiro rubro-negro ficou dias sem poder sair na rua.

Bastava ele aparecer em público para que os populares gritassem:
"Fecha as pernas, Norival!"

• PERSONAGEM: SIMÕES

Apresentado no Fluminense em 1944, Simões não demoraria a mostrar seu faro de artilheiro. Em oito temporadas com a camisa tricolor, marcou 93 vezes. O momento mais marcante no clube aconteceu em janeiro de 1949. Na ocasião, anotou quatro gols em um Fla-Flu que terminou em goleada: 5 a 2. A marca de Simões é até hoje a maior alcançada por um jogador do Fluminense no clássico. Além do Mundial de 1952 (Copa Rio), conquistou o Campeonato Carioca de 1946 e o Torneio Municipal de 1948.

Ficha Técnica

Data: 10/11/1946

Árbitro: Mário Vianna

Público: 17.999 pagantes

Gols: Perácio 5' 1ºT, Rodrigues 36' 1ºT , Ademir Menezes 4' 2ºT, Rodrigues 16' 2ºT, Rodrigues 25' 2ºT, Simões 28' 2ºT, Jayme (pênalti) 30' 2ºT

Fluminense: Robertinho, Guálter, Aroldo, Paschoal, Telesca, Bigode, Pedro Amorim, Ademir Menezes, Simões, Careca e Rodrigues. **Técnico:** Gentil Cardoso

Flamengo: Doly, Newton, Norival, Biguá, Bria, Jayme, Adílson, Tião, Pirillo, Perácio e Vevé.
Técnico: Flávio Costa



CARIOCA - 1946

SÃO JANUÁRIO

FLUMINENSE 1 x 0 BOTAFOGO

Supercampeão

Com gol de Ademir, o craque do campeonato, Flu é campeão.

Como diziam alguns, "nunca se viu um campeonato como este". "Um supercampeonato", afirmavam outros. De fato, quatro equipes terminarem a competição empatadas na liderança após dois turnos, obrigando à realização de um torneio extra para definir o campeão, era algo inédito no futebol carioca. Foi nessa situação que América, Botafogo, Flamengo e Fluminense se viram em 1946. E o Tricolor, em jornada épica, alcançou o título vencendo praticamente de ponta a ponta o turno extra, pois o empate com o Flamengo na primeira rodada, produto de um gol feito com a mão pelo adversário, foi seu único tropeço na caminhada vitoriosa.

Quis o destino que as duas únicas equipes com chances reais de conquista após cinco rodadas se enfrentassem no jogo de encerramento. O Fluminense, com nove pontos, jogava pelo empate.

Já o Botafogo de Heleno de Freitas, com oito, necessitava da vitória. O jogo foi duríssimo, mas correu em um ambiente de disciplina e de respeito mútuo, embora de quando em quando relampejassem as solas de Bigode e Newton. O Tricolor tinha em Pedro Amorim, Ademir, Careca, Orlando e Rodrigues o melhor ataque do campeonato, com 96 gols até então. O Alvinegro, em Osvaldo, Gérson e Belacosa, uma defesa intransponível.

O nervosismo e a responsabilidade tornavam o jogo ainda mais equilibrado. E o que se viu na primeira etapa foi exatamente isso. Ataques de parte a parte até que aos 37 minutos Pedro Amorim escapou pela direita e lançou Ademir, que investiu pela meia e fuzilou Osvaldo, assinalando o gol solitário da partida. A etapa complementar viu um Fluminense vigilante, resguardado na defesa, procurando explorar os contra-ataques. E também um Botafogo incisivo, com ligeiro predomínio, mas incapaz de transformar em gols os ataques. O Fluminense conquistava merecidamente o supercampeonato.

O Fluminense de Pedro Amorim, doutor recém-formado, que atingia o seu ápice quando todos o davam como terminado. O Fluminense de Ademir, o homem-espetáculo, de arrancadas fulminantes, deslocamentos constantes e gols imprevisíveis. Mas acima de tudo o Fluminense de Gentil Cardoso, o “Moço-Preto”, o técnico-filósofo das frases marcantes, que pedira Ademir e prometera o campeonato. Pois lhe deram Ademir e ele conquistou o campeonato.

Terminado o jogo, a torcida tricolor rumou em caravana às Laranjeiras. E, recebida de portões abertos, invadiu a sede do clube,

misturando-se a sócios e jogadores na comemoração da conquista do “campeonato nunca antes visto”. Afinal, “Gildas havia muitas, mas campeão assim nunca houve”.

• PERSONAGEM: RODRIGUES

Também chamado de Tatu, Rodrigues disputou duas Copas do Mundo pela Seleção Brasileira. Dono de um chute potente com o pé esquerdo, não tinha dificuldades para balançar as redes. Goleador, atingiu a artilharia do Supercampeonato de 1946, com 28 gols, logo em seu segundo ano nas Laranjeiras. Tido como dos mais emocionantes de todos os tempos, o campeonato contava com atacantes de nível, como Ademir Menezes e Orlando Pingo de Ouro, também do Flu, o que valorizou o feito de Rodrigues. Ele esteve em campo 197 vezes com a camisa do Fluminense.

Ficha Técnica

Data: 22/12/1946

Árbitro: Mário Vianna

Público: 27.491 pagantes

Gol: Ademir Menezes 37' 1ºT

Fluminense: Robertinho, Guálter, Aroldo, Paschoal, Telesca, Bigode, Pedro Amorim, Ademir Menezes, Careca, Orlando e Rodrigues. **Técnico:** Gentil Cardoso

Botafogo: Osvaldo, Gérson, Belacosa, Ivan, Newton, Juvenal, Nilo, Geninho, Heleno de Freitas, Tovar e Braguinha. **Técnico:** Martim Silveira



TORNEIO MUNICIPAL – 1948

GENERAL SEVERIANO

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

Bicicleta de ouro

Atacante Orlando derruba badalado time vascaíno.

Precursor da Taça Guanabara, o Torneio Municipal foi disputado oito vezes, de 1938 a 1951, sempre antecedendo o Campeonato Carioca. O favorito à conquista do título em 1948 era o Vasco, que mesmo utilizando sua equipe de aspirantes terminou a competição empatado na liderança com o Fluminense, sendo necessária, então, a disputa de uma melhor de três para apontar o campeão. O Flu venceu o primeiro jogo e o Vasco venceu o segundo, ficando a definição do título para a terceira partida.

Quando todos esperavam que o Vasco mais uma vez se faria representar pelo "Expressinho", entra no gramado de General Severiano, para surpresa geral, sua equipe titular, o badalado "Expresso da Vitória" de Barbosa, Ademir Menezes, Danilo Alvim, Chico e companhia. A missão tricolor tornava-se ainda mais difícil.

A presença do esquadrão cruzmaltino, em vez de esmorecer, aumentou o ânimo dos tricolores, que nos primeiros minutos se mostraram mais bem distribuídos, incisivos e perigosos. O gol de Orlando, aos oito, surgiu de uma bola centrada da direita por Rubinho, que cruzou sobre o arco de Barbosa e foi parar nos pés de Rodrigues. Sem ângulo para o chute, o ponteiro tricolor mandou-a para o miolo da área e Orlando, em sensacional bicicleta, enviou-a para o fundo das redes. Um gol espetacular e raro, que merecia ficar, como ficou, isolado no placar para receber o devido destaque.

Surpreendidos com o gol e o inesperado domínio do Fluminense, os vascaínos, nervosos, começaram a apelar para a violência. O primeiro a apanhar foi Rubinho, que, contundido, foi fazer número na ponta direita. O zagueiro Aroldo foi outra vítima da truculência cruzmaltina e tal como seu companheiro, não conseguiu recuperar-se, indo fazer figuração no ataque. Com praticamente nove jogadores em campo, o Fluminense passou a atacar menos, mas a se defender melhor.

Os minutos passavam e o Fluminense não cedia, não dava brechas ao Vasco. A inferioridade numérica em campo só servia para ressaltar os méritos da equipe tricolor. E foi assim, com o coração dos seus atletas e a cabeça do seu treinador, que o Tricolor venceu. O time havia conquistado o título com uma equipe na época considerada sem grandes estrelas, mas contando com muita aplicação tática, disposição e um sensacional gol de bicicleta de Orlando, o Pingo de Ouro.

- **PERSONAGEM: ORLANDO**

Xodó da torcida, Orlando tornou-se “Pingo” por sua baixa estatura (1,65m) e “de Ouro” pela habilidade para marcar gols bonitos e memoráveis. Foi o segundo maior artilheiro da história do clube, com 184 gols em 310 jogos. Um de seus gols mais importantes foi o primeiro da vitória por 2 a 0 sobre o Corinthians no primeiro jogo da decisão do Mundial de 1952. Pela Seleção Brasileira, foi campeão do Sul-Americano de 1949.

Ficha Técnica

Data: 30/06/1948

Árbitro: Carlos de Oliveira Monteiro

Público: 14.381 pagantes

Gol: Orlando 8' 1ºT

Fluminense: Castilho, Pé de Valsa, Aroldo, Índio, Mirim, Bigode, Cento e Nove, Simões, Rubinho, Orlando e Rodrigues. **Técnico:** Ondino Viera

Vasco: Barbosa, Laerte, Wilson, Ely, Danilo, Jorge, Djalma, Ademir, Friaça, Maneca e Chico.

Técnico: Flávio Costa

DÉCADA DE 1950



CARIOCA - 1951

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Nosso povo te abraça

Flu vence clássico e duelo das torcidas.

Pelos excelentes serviços prestados ao esporte nacional e mundial, o Fluminense recebeu em 1949 um dos troféus mais cobiçados do planeta, a Taça Olímpica. A honraria, concedida anualmente pelo Comitê Olímpico Internacional, é considerada uma espécie de Prêmio Nobel do Esporte. O Fluminense foi o primeiro e único clube latino-americano a conquistá-la. É também o único clube de futebol do mundo a detê-la.

Construído especialmente para abrigar a Copa de 1950, o Maracanã passaria a ser, a partir daquele ano, a casa do Flu. O talentoso Didi, meia tricolor, seria o primeiro jogador a marcar um gol no estádio. O clube sairia vencedor dos primeiros clássicos contra Flamengo, Vasco e Botafogo disputados em suas dependências. Foi também àquela época que o jovem trio Castilho, Píndaro e Pinheiro começou

a brilhar. Eles integrariam um dos maiores esquadrões da história do clube.

Uma promoção do Jornal dos Sports badalaria o campeonato de 1951. O "Duelo das Torcidas", idealizado pelo jornalista Mário Filho, buscava atrair público ao estádio para eleger, através de um júri, a torcida mais festiva.

Entusiasmadas, ambas as torcidas encheram o estádio, que recebeu cerca de 100 mil torcedores imbuídos do dever de animar ainda mais o espetáculo. O comparecimento maciço de público gerou excelente renda aos clubes. Em campo deu Flu: 1 a 0, gol de Orlando. Foi uma vitória em dose dupla, pois o júri se rendeu ao show à parte da torcida tricolor, elegendo-a a melhor do clássico. O Flu chegava à ponta da tabela e embalava rumo a mais um título.

Um mês depois, nova edição do "Duelo das Torcidas", que mais pareceu filme repetido, pois o Fluminense venceu de novo por 1 a 0 com um gol de Orlando e a torcida tricolor foi outra vez eleita a melhor no clássico Fla-Flu. Uma curiosidade fora de campo marcou a partida: um sósia do presidente Getúlio Vargas, que estivera também no Fla-Flu anterior, chamava a atenção de todos com um cartaz sobre a sua predileção clubística: "Eu sou Fluminense".

• PERSONAGEM: CARLYLE

Carlyle enfileirou a extensa lista de *bad boys* do futebol brasileiro. Apesar da fama de galã, era temperamental e costumava se meter em confusões. Numa delas, foi dispensado da Seleção Brasileira. Seu estilo aguerrido o levava a perseguir a vitória com obstinação incomum. Goleador, dono de chute forte e dribles desconcertantes, este mineiro nascido em Almenara foi o artilheiro do Estadual de 1951: 23 gols em 20 jogos.

Ficha Técnica

Data: 14/10/1951

Árbitro: Mário Vianna

Público: 94.558 pagantes

Gol: Orlando 22' 2ºT

Fluminense: Castilho, Píndaro, Pinheiro, Victor, Édson, Jair, Telê, Orlando, Carlyle, Didi e Joel. **Técnico:** Zezé Moreira

Flamengo: Garcia, Biguá, Pavão, Bria, Dequinha, Bigode, Joel, Hermes, Índio, Rubens e Esquerdinha. **Técnico:** Flávio Costa



CARIOCA - 1951

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 BANGU

Avante ao combate

Depois de uma guerra no primeiro jogo, Telê decide.

O assunto nas ruas durante a semana que antecedeu o segundo jogo da melhor de três entre Fluminense e Bangu, que decidia o Carioca de 1951, era um só: a violência do primeiro confronto. De fato, o choque entre o meia Didi e o zagueiro Mendonça (que resultou na fratura da perna do jogador alvirrubro), o soco de Mirim em Orlando e a cusparada do goleiro Oswaldo em Carlyle eram temas que de longe suplantavam qualquer discussão sobre os méritos da vitória tricolor por 1 a 0.

O clima de animosidade entre tricolores e banguenses era tanto que obrigou dirigentes dos dois clubes a se reunirem para propor um pacto de paz, e jogadores a jurarem sobre a Bíblia não desrespeitar seus rivais. Tudo com o intuito de arrefecer os ânimos para a decisão que se avizinhava.

Veio o domingo da segunda partida e houve futebol de verdade. Dessa vez os dois finalistas souberam recompensar o público com um grande jogo, redimindo-se de seus pecados. O Bangu começou dominando, encorralando o Flu, que se defendia bem. Pouco a pouco foi equilibrando as ações até conseguir seu primeiro gol, com Telê, que escorou de cabeça uma bola alçada à área pelo ponteiro Lino. Telê, que disputara todo o campeonato como ponta-direita, atuou na decisão como centroavante, substituindo Carlyle, contundido.

Longe de se sentir tranquila com a vantagem apertada, a torcida tricolor ficou ainda mais nervosa quando o Bangu se lançou ao ataque buscando desesperadamente o empate. Zizinho, incansável, procurava a todo custo uma oportunidade, mas esbarrava na tríade Castilho, Píndaro e Pinheiro, o trio final mais famoso da história do clube.

O segundo tempo seguia igual, com oportunidades para ambos os lados, até que numa bela jogada, Róbson, o aspirante que substituía o titular Joel, encontrou Telê bem colocado para, com um chute rasteiro no canto, marcar o segundo gol da tarde. Estava selada a sorte do campeonato, sem a necessidade de um terceiro jogo, em um ano especial para o Flu, que conseguiu o feito inédito de se sagrar campeão em três categorias distintas: juvenis, aspirantes e profissionais.

Uma vitória limpa, imaculada, sem absolutamente nada que pudesse empanar o brilho do triunfo que enriqueceu ainda mais o patrimônio de glórias do Tricolor. Vitória da "marcação por zona" de Zezé Moreira sobre a "diagonal" de Ondino Viera. Vitória da

juventude do Fluminense sobre os veteranos do Bangu. Nascia a mística do "Timinho", assim definido pelos idiotas da objetividade.

• PERSONAGEM: TELÊ

Mineiro de Itabirito, Telê Santana foi sempre tricolor de coração. Ganhou o apelido de "Fio de Esperança" (famoso filme da época) num concurso entre populares porque, com ele em campo, o Flu nunca esmorecia e acreditava até o fim no resultado. Inovou ao atuar como ponta que conjugava as atribuições ofensivas com a capacidade de recuar para auxiliar na marcação e na armação. Foi, por isso, quase um quarto homem de meio-campo. E por sua característica, fez com que o Fluminense atuasse involuntariamente no 4-4-2 muitos anos antes de o estilo ser adotado. De 1950 a 1961, vestiu 559 vezes a camisa do clube e conquistou diversos títulos, entre eles o Mundial de 1952. Foi mais tarde campeão também como treinador. Era ele o comandante tricolor à beira do campo no antológico Fla-Flu de 1969.

Ficha Técnica

Data: 20/01/1952

Árbitro: Mário Vianna

Público: 68.656 pagantes

Gols: Telê 19' 1ºT, Telê 31' 2ºT

Fluminense: Castilho, Píndaro, Pinheiro, Victor, Édson, Laffayette, Lino, Orlando, Telê, Didi e Róbson. **Técnico:** Zezé Moreira

Bangu: Oswaldo, Djalma, Salvador, Ruy, Irany, Alaíne, Moacir Bueno, Zizinho, Joel, Décio Esteves e Nívio. **Técnico:** Ondino Viera



MUNDIAL - 1952

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 0 PEÑAROL

Maracanazo vingado

Flu derruba base da Seleção do Uruguai no Maracanã.

Campeão do mundo em 1950 numa decisão que causou comoção nacional no Brasil, a Seleção do Uruguai havia enfrentado semanas antes o Fluminense, numa excursão que o time carioca fizera pela América do Sul. Em dois jogos realizados no Estádio Centenário, empates em 1 a 1 e 3 a 3, resultados que mediam a força do time tricolor.

Ainda no encalço da Copa, com aval da FIFA, seria organizada no ano seguinte a primeira edição de um campeonato mundial interclubes, à época batizada de Copa Rio. O Palmeiras seria o campeão.

Em 1952, ano do cinquentenário de fundação do Fluminense, a competição voltou a ser organizada. Por ter sido o campeão carioca do ano anterior, o Tricolor garantiu sua vaga. O clube não teria vida

fácil. O Peñarol, base da Seleção do Uruguai campeã do mundo, seria um de seus adversários na primeira fase. As feridas da Copa de 50 ainda não estavam cicatrizadas entre os brasileiros. Era impossível não se lembrar do desastre de dois anos antes. O Sporting, de Portugal, e o Grasshopper, da Suíça, na mesma chave, seriam os outros adversários do Flu.

Mais de 63 mil tricolores estiveram no Maracanã para a estreia. O desafio seria contra o Sporting, então campeão português e um dos melhores times da Europa, mas o 0 a 0 não saiu do placar. Na rodada seguinte, o Tricolor conseguiria a sua primeira vitória naquele mundial: 1 a 0, gol de Marinho, em partida duríssima contra o ferrolho defensivo do campeão suíço. A última partida da primeira fase seria contra o Peñarol, justamente o adversário mais aguardado.

O atacante Ghiggia, que fora o carrasco brasileiro na final da Copa, era um dos craques do time uruguai. Por outro lado, Bigode, que amargara o vice, estava em campo pelo Fluminense, num confronto que mobilizou mais de 50 mil tricolores. O público aplaudia efusivamente a cada disputa em que o defensor levava a melhor. A despeito de muitos acreditarem que o jogo seria fácil para os uruguaios, o Flu, com uma disposição fora do comum, era todo ataque.

O domínio tricolor se traduziria em gols. Aos 36, após boa jogada de Didi, Telê tocou para Marinho, que fuzilou. Já no fim do primeiro tempo, o juiz marcou pênalti para o Flu. Orlando cobrou alto, no canto direito, marcando o segundo gol tricolor na partida.

No segundo tempo, o Fluminense consolidaria o chocolate com mais um gol de Marinho, após outra assistência de Telê. Curiosamente, a finalização se deu no mesmo canto da mesma baliza em que Barbosa sofrera o fatídico gol de 1950. O Flu lavava a alma brasileira e seguia em frente na Copa Rio.

• PERSONAGEM: BIGODE

Lateral esquerdo viril, de grande regularidade, cujo forte era a marcação, Bigode jogou no Fluminense de 1943 a 1955, com uma passagem não muito feliz pelo Flamengo no biênio 1950/1951, quando disputou a Copa do Mundo. Fez 394 partidas com a camisa tricolor, sendo o recordista do clube na época em que encerrou a carreira. Além do Supercampeonato de 1946, conquistou o Mundial de 1952 pelo Fluminense, título que não conseguiu pela Seleção. Faleceu em 2003 e foi sepultado com a camisa tricolor, como era seu desejo.

Ficha Técnica

Data: 20/07/1952

Árbitro: Eugen Dinger (ALE)

Público: 51.436 pagantes

Gols: Marinho 36' 1ºT, Orlando (pênalti) 44' 1ºT, Marinho 30' 2ºT

Fluminense: Castilho, Píndaro, Pinheiro, Jair Santana, Édson, Bigode, Telê, Orlando (Villalobos), Marinho, Didi e Róbson. **Técnico:** Zezé Moreira

Peñarol: Natero, Davoine, Colturi, Rodríguez Andrade, Nardelli, Romero, Ghiggia, Hohberg, Romay (Miguez), Schiaffino (Abbadie) e Vidal. **Técnico:** Juan Lopez



MUNDIAL - 1952

MARACANÃ

FLUMINENSE 5 x 2 ÁUSTRIA VIENA

Sonho de Valsa

De virada, Flu goleia austriacos e vai à final.

Classificado em primeiro lugar no seu grupo, o Fluminense cruzaria com o Áustria Viena nas semifinais da Copa Rio. O forte adversário, formado praticamente pela base da seleção austríaca, já havia aplicado duas marcantes goleadas na fase de classificação, contra os paraguaios do Libertad (4 a 2) e o FC Saarbrücken, da Alemanha (5 a 1). Conforme o regulamento da competição, Fluminense e Áustria Viena disputariam em dois jogos uma vaga na decisão do campeonato mundial de clubes. Um gol de Didi, já no fim, decidiria o primeiro duelo a favor do time carioca.

Não faltaria emoção também na segunda e decisiva partida. Logo no início, Telê, de cabeça, abriria o placar, aumentando ainda mais a vantagem do Fluminense. Em poucos minutos, porém, os austriacos virariam o jogo, trazendo apreensão aos tricolores. Até então, o

goleiro Castilho não havia sofrido gols nas quatro primeiras partidas da competição.

Mas o susto não duraria muito e, ainda no primeiro tempo, o Fluminense viraria mais uma vez a partida, agora com Orlando, autor dos dois gols que colocaram o time na frente antes de descer ao vestiário no intervalo: 3 a 2.

Veio o segundo tempo e os austríacos, precisando da vitória, partiram para cima do Fluminense, que se defendeu bem e logo equilibrou de novo as ações. O Áustria Viena então resolveu ir para o tudo ou nada, deixando espaços para contra-ataques. O Flu aproveitou, com gols de Quincas e Orlando, liquidando de vez a fatura: retumbantes 5 a 2 e vaga na decisão garantida.

Com o confronto encerrado, o técnico do Áustria Viena, Heinrich Muller, reconheceu a superioridade tricolor. "Pagamos pelo erro de tentar ir mais longe do que podíamos. Quando viramos a partida, deveríamos, prioritariamente, resguardar a nossa defesa para evitar que o Fluminense recuperasse o terreno perdido. Infelizmente, o time se entusiasmou com o placar e se lançou todo à frente."

Já pelo lado tricolor, empolgado com o histórico resultado, o técnico Zezé Moreira considerava ter um sabor especial a classificação sobre a equipe austríaca. "Sinto uma grande satisfação. Trata-se de uma vitória sobre um time poderoso, bem credenciado não somente por suas exibições na Europa como, ultimamente, também em São Paulo. Por isso, o triunfo teve um sabor especial. Terminada a nossa missão nesta etapa, vamos às finais. Contra o Corinthians,

precisaremos jogar ainda melhor", declarou. O Fluminense se colocava a dois passos de um feito histórico.

• PERSONAGEM: PÍNDARO

Um dos pilares da "Santíssima Trindade", integrada também por Castilho e Pinheiro, era uma barreira inexpugnável para os adversários. Capitão do time que conquistou a Copa Rio de 1952, recebeu das mãos do então prefeito João Carlos Vital o troféu da competição e o agradecimento por ter sido o Flu o primeiro clube carioca a conquistar o título de campeão do mundo no Maracanã. Pela Seleção Brasileira, poderia ter disputado a Copa de 50, mas pediu dispensa após se desentender com o técnico Flávio Costa. Apesar disso, por ser extremamente disciplinado e nunca ter sido expulso, foi agraciado com o Prêmio Belfort Duarte. Trabalharia nas divisões de base do clube ao encerrar a carreira.

Ficha Técnica

Data: 27/07/1952

Árbitro: Joaquim Fernandes Campos (POR)

Público: 33.897 pagantes

Gols: Telê 6' 1ºT, Stojaspal 16' 1ºT, Pichler 21' 1ºT, Orlando 31' 1ºT, Orlando 41' 1ºT, Quincas 8' 2ºT, Orlando 32' 2ºT

Fluminense: Castilho, Píndaro, Pinheiro, Jair Santana, Édson, Bigode, Telê, Orlando, Marinho (Simões), Didi (Róbson) e Quincas. **Técnico:** Zezé Moreira

Áustria Viena: Schweda, Stotz, Kowanz, Schleger, Ocwirk, Swoboda, Kominek, Huber, Pichler, Stojaspal e Aurednik. **Técnico:** Heinrich Muller



MUNDIAL - 1952

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 2 CORINTHIANS

Mundo tricolor

Título mundial interclubes é do Flu.

Tradicionais rivais, Fluminense e Corinthians haviam chegado invictos à grande decisão da Copa Rio, o campeonato mundial de clubes da época. Lendário goleiro tricolor, Castilho, quando perguntado sobre o adversário da final, usou de sinceridade: "Para mim, enfrentar um time brasileiro é sempre mais difícil", declarou, ainda antes da primeira das duas partidas da final. E não deu outra.

No primeiro confronto, o Corinthians fora realmente mais ofensivo, mas o Fluminense, taticamente muito disciplinado e competente. Tanto que foi o Tricolor que encontrou o caminho das redes: no primeiro tempo com Orlando, que abriu o placar; e na etapa final, com Marinho, num contra-ataque letal, arma bastante utilizada pelo time ao longo da competição. Fluminense 2 a 0.

Vantagem que o time carioca levaria para a segunda e decisiva partida, em que seria campeão até com um empate. Escolado,

porém, com o fracasso da Seleção Brasileira na Copa do Mundo dois anos antes, o Fluminense não se acomodou com isso. E tratou de sair na frente na grande final, com o craque Didi, que, de cabeça, fez 1 a 0 para o Flu. O goleiro Gilmar falhou no lance, desestruturando ainda mais o time paulista.

No segundo tempo, o Corinthians não tinha alternativa senão atacar. E conseguiria o empate. O Fluminense não deixaria barato. Marinho fez 2 a 1, que praticamente sacramentou o título tricolor. Os corintianos ainda empatariam no último minuto, mas a taça, a esta altura, já tinha dono. Fim de jogo. Fluminense campeão mundial de clubes. O árbitro francês da partida, Gabriel Tordjmann, fez questão de ficar com a histórica bola do jogo e ainda pediu autógrafos aos jogadores em campo.

Para coroar o aniversário de meio século de fundação, o Fluminense Football Club, que já tinha conquistado a Taça Olímpica, era agora o dono do mundo, feito destacado por periódicos brasileiros no dia seguinte à grande conquista. "Fluminense, campeão do mundo", publicou O Diário. "Empunha o Fluminense um troféu mundial", estampou a Última Hora. "O melhor presente que poderia receber o Fluminense aos 50 anos", escreveu a Tribuna de Imprensa.

A cidade do Rio de Janeiro estava em festa. Depois da tristeza na Copa do Mundo de 1950 e de uma sucessão de vitórias paulistas no Maracanã, o povo carioca, enfim, obtinha a sua primeira grande alegria no maior estádio do mundo.

- **PERSONAGEM: DIDI**

Grande maestro da Seleção, Didi foi um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro. Nelson Rodrigues o chamava de “Príncipe Etíope”, por conta do estilo elegante de jogar, cabeça sempre erguida, porte altaneiro e técnica refinada. “Mr. Football”, denominação que ganhou da imprensa europeia, foi também o inventor da “folha seca”, chute em que a bola ganha efeito e desce rapidamente. Pelo Fluminense, jogou de 1949 a 1956. Conquistou, além do Estadual de 1951, o título mundial do ano seguinte. É autor do primeiro gol no Maracanã numa partida entre cariocas e paulistas. Em 2000 entrou para o Hall da Fama da FIFA, ao lado de lendas como Pelé e Beckenbauer.

Ficha Técnica

Data: 02/08/1952

Árbitro: Gabriel Tordjmann (FRA)

Público: 53.074 pagantes

Gols: Didi 10' 1ºT, Jackson 11' 2ºT, Marinho 19' 2ºT, Souzinha 45' 2ºT

Fluminense: Castilho, Píndaro, Pinheiro (Nestor), Jair Santana, Édson, Bigode, Telê (Róbson), Orlando, Marinho, Didi e Quincas. **Técnico:** Zezé Moreira

Corinthians: Gilmar, Homero, Olavo, Idálio (Sula), Goiano, Julião, Cláudio, Luizinho (Souzinha), Carbone, Jackson e Colombo. **Técnico:** Rato



AMISTOSO - 1956

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 0 PORTO

Sê bem-vindo

**Dante de 100 mil torcedores, Flu massacra o
Porto.**

A estreia do Porto em gramados brasileiros foi cercada de grande expectativa. A boa impressão deixada pelo time do Benfica no ano anterior permitia antever uma performance ainda melhor da agremiação campeã portuguesa e vencedora da Taça de Portugal. O enorme interesse se refletiu na renda do amistoso e no público presente. Mas não se justificou em campo diante do domínio Tricolor.

A blitz promovida pelo Fluminense nos instantes iniciais prenunciou o que seria o encontro. E quando o time fez seu primeiro gol, aos 15, com Escurinho, a impressão que se tinha era de que aquele representava o início da goleada.

No período complementar, o Porto, de início, ameaçou reagir. Mas, aos 19, deu-se o gol que selou o destino do jogo. Léo recebeu um passe curto de Telê dentro da área, driblou dois e atirou rasteiro, com precisão, fora do alcance do goleiro Pinho. Daí em diante, o jogo foi todo tricolor. Telê, deslocado para o meio, deu nova vida ao ataque. O time português parecia cansado e desarvorou-se por completo com o terceiro gol, feito por Telê.

No vestiário, o ambiente era festivo, com a presença de vários diretores e do presidente Jorge Amaro de Freitas. Sylvio Pirillo, vestido impecavelmente, recebia efusivos abraços. Castilho, radiante, jogara com a classe de sempre e mantivera invicto o seu gol. Mas ninguém se mostrava mais contente que o garoto Altair, recém-promovido dos juvenis, ciente de que tivera excelente atuação em sua estreia como titular e em sua primeira partida no Maracanã.

• PERSONAGEM: JAIR SANTANA

Revelado no Olaria, chegou às Laranjeiras em 1952, aos 23 anos, por indicação do craque Didi. Volante à moda antiga, daqueles que não só marcavam implacavelmente como sabiam sair jogando, foi campeão mundial logo em seu primeiro ano no clube. Defendeu o Fluminense por nove temporadas e disputou 331 jogos. Além do mundial, conquistou os títulos do Torneio Rio-São Paulo de 1957 e 1960 e do Campeonato Carioca de 1959. Pendurou as chuteiras precocemente aos 31 anos, pois, com dificuldade de conciliar o futebol com os estudos, preferiu dedicar-se ao magistério, formando-se em Educação Física.

Ficha Técnica

Data: 17/06/1956

Árbitro: Alberto da Gama Malcher

Público: 101.745 pagantes

Gols: Escurinho 15' 1ºT, Léo 19' 2ºT, Telê 29' 2ºT

Fluminense: Castilho, Cacá, Pinheiro, Jair Santana, Clóvis, Altair, Telê, Léo, Waldo (Paulinho), Jair Francisco (Róbson) e Escurinho (Quincas). **Técnico:** Sylvio Pirillo

Porto: Pinho, Virgílio, Arcanjo, Osvaldo, Pedroto, Monteiro da Costa, Ernâni, Gastão, Jaburu, Teixeira e Perdigão. **Técnico:** Yustrich



RIO-SÃO PAULO - 1957

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 CORINTHIANS

Artilheiro máximo

Waldo rouba bola do goleiro e marca aos 43 minutos do segundo tempo.

Considerado por muitos um simples “fazedor de gols”, Waldo jamais se incomodou com seus críticos. E seguia marcando, de tudo quanto era jeito, como o gol que fez nos minutos finais da partida contra o Corinthians. Uma partida, por sinal, cheia de gols esquisitos, mas que manteve o Tricolor líder e invicto.

O gol tricolor parecia ser só uma questão de tempo. E ele veio aos 25, de um centro despretensioso de Escurinho. A bola tomou efeito e morreu no fundo da rede. Dois minutos depois, Telê deslocou-se em diagonal e deu um passe preciso para Waldo, que chutou sem chance de defesa.

Se no primeiro tempo o Flu marcou dois gols e levou duas bolas na trave, no segundo, ocorreu o contrário. Aos 15, Waldo emendou de

bico no poste um centro de Ivan. No lance seguinte, o Corinthians descontou. Aos 28, Paulo cabeceou a bola para o miolo da área, Luisinho arriscou uma bicicleta e furou. Róbson então tentou interceptar a trajetória da bola e, de bico, enviou-a às próprias redes.

Com o empate, o Flu voltou a pressionar. A dois minutos do fim, o goleiro Aldo ficou batendo a bola, retardando a sua devolução. Waldo tomou-lhe a pelota e levou-a para fora da área, sempre com Aldo o acossando. Vislumbrando o gol desguarnecido, o artilheiro girou subitamente e, quase sem ângulo, chutou em direção ao gol. A bola descreveu uma parábola e entrou rente à trave direita. Um gol inesperado, inusitado e decisivo. Foi acima de tudo um gol bonito, um dos mais de 300 que marcaria Waldo, o “fazedor de gols”, como era conhecido.

• PERSONAGEM: WALDO

Inicialmente contestado, Waldo se tornou unanimidade. O estilo rompedor e a força física extraordinária fizeram dele o maior goleador da história tricolor: 319 gols em 403 jogos. Vendido ao Valencia, Waldo deixou muitas saudades entre os torcedores e uma lacuna no comando do ataque tricolor que só foi preenchida à altura em 1969, com a chegada de Flávio. Foi campeão estadual em 1959 e do Rio-São Paulo em 1957 e 1960.

Ficha Técnica

Data: 19/05/1957

Árbitro: Ariovaldo Pereira dos Santos

Público: 17.225 pagantes

Gols: Escurinho 25' 1ºT, Waldo 27' 1ºT, Paulo 16' 2ºT, Róbson (contra) 28' 2ºT, Waldo 43' 2ºT

Fluminense: Victor Gonzalez, Cacá, Roberto, Altair, Ivan, Clóvis, Telê, Jair Francisco, Waldo, Róbson (Jair Santana) e Escurinho (Oswaldo). **Técnico:** Sylvio Pirillo

Corinthians: Zeferino (Aldo), Olavo (Homero), Cássio, Idálio, Oreco, Roberto Belangero, Zé Carlos, Luizinho, Paulo, Rafael e Boquita. **Técnico:** Oswaldo Brandão



RIO-SÃO PAULO - 1957

PACAEMBU

FLUMINENSE 3 x 1 PORTUGUESA

Os invencíveis

Tricolor vence e é campeão com uma rodada de antecipação.

Iíder incontestado do Torneio Rio-São Paulo, quatro pontos à frente do segundo colocado, o Fluminense precisava apenas do empate contra a Portuguesa para levantar o título inédito por antecipação. Mas o Tricolor não era time de empates e mais uma vez o Pacaembu, "jazigo perpétuo dos clubes cariocas", se curvaria ante o Flu. A primeira vez fora contra o Santos de Pelé, três dias antes, quando desfizera uma desvantagem de dois gols. A segunda seria contra a Lusa de Djalma Santos e Ipojucan.

Apoiado por um grande contingente de torcedores que foi a São Paulo acompanhar a decisão e encarou o frio de 12 graus daquela noite de quarta-feira, o Fluminense jogou com autoridade, sempre se impondo ao adversário.

Waldo fez o gol único da primeira etapa, deixando o Fluminense com as mãos na taça. A Portuguesa chegou a empatar com Liminha, aos 20 minutos da segunda etapa. Mas nem houve tempo para maiores preocupações. No minuto seguinte, o baiano Léo, desviando um centro de Telê com um leve toque, colocou o Tricolor novamente em vantagem. Waldo ainda fez mais um nos minutos finais, selando o jogo e a conquista do Torneio.

A vitória sobre o São Paulo quatro dias depois ratificaria o título, estabelecendo a maior diferença de pontos sobre o segundo colocado (cinco) na história do Torneio Rio-São Paulo. Primeiro clube carioca a vencer a competição e até hoje o único a fazê-lo de forma invicta, o Fluminense mostrava ser um colecionador de títulos.

• PERSONAGEM: ESCURINHO

Apelidado de Flecha Negra, por sua impressionante velocidade, Benedito Custódio Ferreira, o Escurinho, foi ídolo de infância de outro Benedito, o carrasco rubro-negro Assis. Ao lado de nomes como Castilho, Telê e Waldo, fez história em um time que conquistou diversos títulos de 1957 a 1960. Entre os 108 gols que marcou pelo clube, tem como o mais especial o segundo da vitória de 2 a 0 sobre o Madureira, que deu o título estadual de 1959 ao Fluminense. Recebeu passe livre em 1964 como gratidão pelos 10 anos de bons serviços prestados ao Tricolor.

Ficha Técnica

Data: 29/05/1957

Árbitro: Eunápio de Queiroz

Público: 10.287 pagantes

Gols: Waldo 16' 1ºT, Liminha 20' 2ºT, Léo 21' 2ºT, Waldo 44' 2ºT

Fluminense: Victor Gonzalez, Cacá, Roberto (Beto), Altair, Ivan, Clóvis, Telê, Jair Francisco (Léo), Waldo, Róbson e Escurinho (Dejayr). **Técnico:** Sylvio Pirillo

Portuguesa: Cabeção, Beiço (Mário Ferreira), Hermínio, Djalma Santos, Julião, Orlando, Amaral, Didi (Ipojucan), Liminha, Zezinho (Nelsinho) e Edmur. **Técnico:** Maurício Cardoso



CARIOCA - 1959

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 MADUREIRA

Campeão nato

**Carnaval começa no Maracanã e só termina
nas Laranjeiras.**

Nas Laranjeiras, ninguém admitia a possibilidade de o Campeonato Carioca de 1959 não ser decidido já no jogo contra o Madureira, válido pela penúltima rodada. Quatro pontos à frente do Botafogo, em campanha memorável de 16 vitórias e apenas uma derrota em 20 jogos, bastava ao Fluminense o empate para ser o campeão.

A principal virtude do quadro tricolor era o conjunto. De Castilho a Escurinho, ninguém destoava na equipe. Escudado por uma defesa que detinha o recorde de ser a menos vazada da história do profissionalismo, o goleiro Castilho sofreu apenas 6 gols em vinte partidas ao longo do campeonato. Jair Marinho, Clóvis, Altair e Pinheiro formavam o mais perfeito quarteto de zagueiros da cidade. Do meio-campo, Telê era o mais completo, admirado até pelos

adversários. Paulinho e Edmílson, se não tinham as mesmas qualidades individuais, eram mais jovens e rápidos. Entre Maurinho, Waldo e Escurinho, o primeiro era o mais técnico. O segundo, o mais temido pelas defesas contrárias. E o ponta só não havia feito gol de pé direito durante a competição. Irregular no turno, o Madureira, por seu lado, passou a revelação do retorno. Não era uma equipe propriamente técnica, mas bem organizada.

Ciente de sua imensa superioridade e determinado a cumprir o seu destino, o Fluminense entrou em campo disposto a decidir o jogo. E marcou logo aos oito, quando o zagueiro Décio Brito desviou um centro de Escurinho para dentro da própria meta. Aos 25 minutos, Waldo perdeu um gol feito, ao chutar, livre, para fora. Em outro lance, Telê, em sensacional bicicleta, obrigou Silas a espetacular intervenção. O Fluminense parecia não se conformar com o modesto 1 a 0 e disto certificou a todos com a conquista do segundo gol, aos 24 da etapa final, com Escurinho. O ponteiro fugiu livre pela esquerda e, na saída do goleiro Silas, encobriu-o com um leve toque.

Mal Antônio Viug trilou o apito, começaram os festejos. Bandeiras foram desfraldadas, foguetes foram disparados, champanha foi derramada. Era o reencontro da torcida tricolor com a emoção suprema do título carioca após oito anos. Nunca uma conquista fora tão merecida. Uma conquista de ponta a ponta. A vitória da organização, da planificação e do método; da união de esforços; da dedicação e do senso de responsabilidade de um grupo desrido de vaidade. Triunfo de um todo e não de um só. Triunfo legítimo do melhor.

• PERSONAGEM: PINHEIRO

Com uma vida de dedicação quase integral ao Fluminense, somando as funções de jogador e técnico, ninguém defendeu o clube tantas vezes. Foram 722 jogos no total. Titular por mais de 13 anos, é outro dos campeões mundiais de 1952, entre tantos títulos. Zagueiro dos bons, xerife da grande área, cobrador oficial de pênaltis – com chutes violentíssimos –, estreou com apenas 17 anos e logo assegurou vaga cativa no time. Após encerrar a carreira, foi um dos maiores reveladores de talentos das divisões de base do Flu. Morto em 2011, recebeu do clube a justa honra de ser velado no Salão Nobre das Laranjeiras.

Ficha Técnica

Data: 12/12/1959

Árbitro: Antônio Viug

Gols: Décio Brito (contra) 8' 1ºT, Escurinho 24' 2ºT

Fluminense: Castilho, Jair Marinho, Pinheiro, Altair, Edmílson, Clóvis, Maurinho, Paulinho, Waldo, Telê e Escurinho. **Técnico:** Zezé Moreira

Madureira: Silas, Bitum, Salvador, Décio Brito, Frazão, Apel, Nair, Azumir, Zé Henrique, Nelsinho e Osvaldo. **Técnico:** Lourival Lorenzi

DÉCADA DE 1960



RIO-SÃO PAULO - 1960

MARACANÃ

FLUMINENSE 7 x 2 SÃO PAULO

Pintando o sete

Tricolor massacra São Paulo com três de Waldo.

Naquele 20 de março, quando Waldo abriu o placar com menos de um minuto, muitos torcedores hão de ter pensado: "Pelo jeito, teremos 89 minutos de tédio." O raciocínio se justificava pelo fato de que, na época, a equipe treinada por Zezé Moreira tinha fama de vencer por diferença mínima (1 a 0 ou 2 a 1). Mas naquela tarde o campeão estadual daria um bico na tradição e quebraria a regra, pois chegaria a uma goleada de 4 a 0 com apenas 25 minutos de jogo.

Waldo marcaria o segundo, aproveitando uma bola mal recuada por De Sordi para se antecipar e tocar no fundo da rede de Poy. Pinheiro, de pênalti, faria o terceiro, cobrando com a fúria habitual, depois de o juiz marcar com correção uma bola desviada com a mão por Vítor. Já o quarto foi convertido pelo ponta-direita Maurinho, jogador que

havia sido contratado do próprio São Paulo no ano anterior. Lançado por Waldo, ele avançou sozinho e chutou sem apelação.

Apesar da sonora goleada, o Flu precisou levar um gol, convertido por Roberto, para voltar ao jogo e aguçar o seu desejo de marcar mais. E foi o que fez Waldo, dois minutos depois, ao dar um lençol no goleiro. Pouco depois, o artilheiro do jogo tentaria dar um giro com a bola e torceria o joelho, tendo de ser substituído no intervalo.

No segundo tempo, Roberto, de pênalti, descontou outra vez para o São Paulo, que, porém, levaria mais dois gols, marcados por Wilson Bauru e Escurinho, em passe também de Bauru. Fim de jogo. Acachapantes 7 a 2. A vitória do Flu no Maior do Mundo fora mesmo do tamanho do Maracanã. E nem seria justo responsabilizar os jogadores são-paulinos pela vexatória derrota. Naquele dia, o mais correto seria o Tricolor ter enfrentado o escrete húngaro de 1954.

• PERSONAGEM: JAIR MARINHO

Jair Marinho ainda não tinha deixado os juvenis quando recebeu a incumbência de suceder os laterais Píndaro e Cacá, ambos de Seleção Brasileira. Conhecia bem o riscado e o fez com grande competência. Nas Laranjeiras, conquistou muitos títulos e, como seus antecessores, defendeu com sucesso a Seleção Brasileira. Não por acaso, integrou a Seleção bicampeã mundial, no Chile, em 1962. Alternava talento na marcação com excelentes escapadas. Ficou quase um ano sem jogar ao ter a tibia fraturada por Amarildo, então atacante do Botafogo. De 1957 a 1964 no Flu, defendeu o time por 258 jogos.

Ficha Técnica

Data: 20/03/1960

Árbitro: Olten Aires de Abreu

Público: 19.599 pagantes

Gols: Waldo 1' 1ºT, Waldo 12' 1ºT, Pinheiro (pênalti) 14' 1ºT, Maurinho 25' 1ºT, Roberto 27' 1ºT, Waldo 29' 1ºT, Roberto (pênalti) 2' 2ºT, Wilson Bauru 4' 2ºT, Escurinho 11' 2ºT

Fluminense: Castilho, Jair Marinho, Pinheiro, Altair, Edmilson, Clóvis, Maurinho, Paulinho (Almir), Waldo (Wilson Bauru), Telê (Jair Santana) e Escurinho. **Técnico:** Zezé Moreira

São Paulo: Poy, Ademar, De Sordi, Sátiro, Vítor (Sérgio), Riberto, Paulinho (Vanderlei), Dino Sani, Bacurau, Gonçalo (Celso) e Roberto. **Técnico:** Vicente Feola



RIO-SÃO PAULO - 1960

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 VASCO

Trinca de ases

Waldo dá ao Fluminense uma vitória impossível.

Pelo Torneio Rio-São Paulo, Fluminense e Vasco fariam um jogão de bola, cuja estrela maior ao fim do espetáculo atenderia pelo nome de Waldo, um dos grandes ídolos da extensa galeria de Laranjeiras. O atacante tricolor, com os anos, se tornaria o maior artilheiro da história do clube, até hoje não superado.

Mas foi o Vasco, aproveitando-se da ausência de Pinheiro, que iniciou a partida de maneira arrasadora. Com menos de cinco minutos, o time cruzmaltino já havia marcado duas vezes. Para a maioria dos presentes ao Maracanã, a impressão passada foi a de que o Fluminense seria goleado. Afinal, fulminante, o Vasco já vencia o clássico por 2 a 0 quando nem bem o juiz havia iniciado a partida. Porém, aquele que tem um jogador como Waldo no time

bem sabe que 85 minutos são mais do que suficientes para inverter qualquer adversidade, exatamente como acabaria acontecendo.

Já aos 13 minutos, em um lançamento realizado pela direita, Bellini e Barbosa se atrapalharam. A bola então acabou sobrando para Waldo fazer o primeiro gol do Fluminense, diminuindo o marcador. Com a vantagem mínima, o Vasco foi à luta, mas esbarrou na trave tricolor, fiel parceira do goleiro Castilho. E logo no contra-ataque seguinte, em nova indecisão de Bellini, Waldo, o artilheiro tricolor, aproveitou o lapso do defensor e tocou na saída do goleiro: 2 a 2. Neste instante, para o Profeta Tricolor Nelson Rodrigues, “o tricolor teve vontade de ficar de pé e cantar o Hino Nacional”.

Waldo estava no apogeu de sua forma, no esplendor de sua carreira. Como ele, o Fluminense voltou para o segundo tempo determinado a buscar a virada no clássico. Por isso, aos 27 minutos, o técnico Zezé Moreira tirou Escurinho, que estava cansado, e colocou em seu lugar Jair Francisco. Com a sua entrada, Maurinho foi deslocado para a esquerda, o que acabou desmontando o sistema defensivo do Vasco.

O jogo já se encaminhava para o final quando Maurinho encaixou uma bela arrancada, deixou Paulinho para trás e cruzou. Waldo, o “homem que nasceu para arrombar defesas”, se antecipou, dominou o couro e fuzilou no canto direito do goleiro vascaíno. Fluminense 3 a 2. Era o gol da virada, conquistada com uma atuação antológica do artilheiro Waldo.

Neste espetáculo de gala, o Fluminense se alinhou de vez com o Palmeiras como um dos favoritos ao título do Torneio Rio-São Paulo.

• PERSONAGEM: ZEZÉ MOREIRA

Alfredo Moreira Júnior, mais conhecido como Zezé Moreira, foi o técnico que mais vezes dirigiu o Fluminense: 474 jogos. "Seu Zezé", como era chamado, foi pioneiro na introdução da marcação por zona no futebol nacional. Em seu primeiro ano no Flu, 1951, conquistou o Estadual. No ano seguinte, foi campeão do mundo pelo clube e chegou à Seleção, com a qual esteve na Copa do Mundo de 1954. Voltou às Laranjeiras em 1958 e conquistou outros dois títulos: o Estadual de 1959 e o Rio-São Paulo de 1960. Era irmão de Aymoré Moreira, técnico do Brasil na Copa de 1962.

Ficha Técnica

Data: 31/03/1960

Árbitro: Eunápio de Queiroz

Público: 46.234 pagantes

Gols: Pinga 4' 1ºT, Delém 5' 1ºT, Waldo 13' 1ºT, Waldo 25' 1ºT, Waldo 30' 2ºT

Fluminense: Castilho, Jair Marinho, Paulo, Edmilson, Clóvis, Altair, Maurinho, Paulinho, Waldo, Telê e Escurinho (Jair Francisco). **Técnico:** Zezé Moreira

Vasco: Barbosa (Miguel), Paulinho, Bellini, Dário, Écio, Orlando, Sabará (Joãozinho), Delém, Roberto, Pinga e Peniche. **Técnico:** Ely do Amparo



RIO-SÃO PAULO - 1960

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 PALMEIRAS

Tantas vezes campeão

Flu ganha mais um Torneio Rio-São Paulo.

O Fluminense estava a uma vitória de conquistar mais uma edição do Torneio Rio-São Paulo. Nos confrontos com equipes paulistas, o time já havia vencido a Portuguesa por 1 a 0, o Corinthians por 2 a 1, o São Paulo por 7 a 2 e o Santos por 4 a 2. Para a partida decisiva contra o Palmeiras, porém, Pinheiro, Altair e Waldo, que não desfrutavam de plenas condições físicas, eram motivo de preocupação para a equipe tricolor.

Quando a bola rolou, foi o Palmeiras que dominou o jogo até os 27 minutos, mas o 0 a 0 não saiu do placar. Diz um velho ditado no futebol que quem não faz o gol acaba levando-o. Assim, num contra-ataque rápido do Fluminense, Telê alçou uma bola na grande área. Na disputa do lance, Waldo cabeceou pressionado com Valdemar. A bola acabou desviando e indo parar no fundo da rede do goleiro Valdir: Fluminense 1 a 0.

Atrás no placar, o Palmeiras aguçou ainda mais o seu ímpeto ofensivo e partiu para cima, mas a tentativa de reação estacionava sempre em Pinheiro, Jair Marinho e Altair. O time alviverde ameaçaria com perigo no último minuto do primeiro tempo. Na jogada, Chinesinho fuzilou em diagonal, mas o goleiro tricolor Castilho fez uma defesa antológica, garantindo a vitória parcial no placar.

Na volta para o segundo tempo, o Fluminense manteve-se frio, com os nervos no lugar, bem postado defensivamente. Vez ou outra cutucava o Palmeiras no campo de ataque. Envolvidos, os adversários apelaram para as jogadas individuais, sem sucesso, facilitando ainda mais a vida dos tricolores. Fim de jogo, Fluminense campeão. O mesmo grupo que meses antes havia conquistado o Campeonato Carioca dava agora mais uma alegria à torcida tricolor.

O goleiro Castilho, ainda emocionado com a conquista, em entrevista, traçava um paralelo entre o seu dever e o de Waldo, artilheiro do time: "Enquanto a missão do nosso camisa nove é fazer gols, a minha é defender o zero a favor do clube."

A conquista pelo Fluminense do Torneio Rio-São Paulo de 1960 foi a última de um clube carioca no Rio de Janeiro enquanto Distrito Federal. Quatro dias depois, a capital do Brasil foi transferida para Brasília.

• PERSONAGEM: CASTILHO

Um dos grandes ídolos tricolores, por seu amor e devoção ao clube, Castilho foi titular do Fluminense por incríveis 19 temporadas (de 1947 a 1965). Graças a isso, é o recordista de

partidas com a camisa do clube (697). Era considerado um goleiro de muita sorte e foi o primeiro a usar uniformes cinzas ou azuis, diferentemente do preto, comum na época, por achar que assim não serviria de ponto de referência para os atacantes adversários. Conquistou uma legião de fãs no Flu e em todo o país, e defendeu o Brasil em quatro Copas do Mundo. Amputou o dedo mindinho, depois de sucessivas lesões, para acelerar seu retorno ao gol tricolor. Seu gesto é até hoje considerado uma das maiores provas de amor de um atleta ao clube de coração. Nada mais merecido que tenha sido agraciado com um busto em sua homenagem na sede de Álvaro Chaves.

Ficha Técnica

Data: 17/04/1960

Árbitro: Catão Montez Júnior

Público: 53.738 pagantes

Gol: Waldo 27' 1ºT

Fluminense: Castilho, Jair Marinho, Pinheiro, Altair, Edmílson, Clóvis (Jair Santana), Telê, Paulinho, Waldo (Wilson Bauru), Jair Francisco (Edil) e Escurinho. **Técnico:** Zezé Moreira

Palmeiras: Valdir, Djalma Santos (Jorge), Valdemar Carabina, Aldemar, Geraldo Scotto, Zequinha, Chinesinho, Julinho, Américo, Romeiro e Cruz (Goiano). **Técnico:** Oswaldo Brandão



RIO-SÃO PAULO - 1963

PACAEMBU

FLUMINENSE 4 x 2 SANTOS

Noite de pesca

Maior Santos da história é goleado em casa.

Então com um dos mais brilhantes esquadrões de todos os tempos, o Santos não esperava ser surpreendido pelo Fluminense. Mesmo jogando em São Paulo, o Tricolor aplicou uma goleada no time do Rei Pelé, que ficou na roda no fim. A atuação do Flu no Pacaembu é por muitos considerada uma das maiores da história do Rio-São Paulo.

Apesar disso, o Peixe saiu na frente, quando uma finalização de fora da área de Mengálvio passou por entre as pernas do zagueiro Dari e traiu Castilho. O Fluminense não se abalou. Consciente em campo, organizou-se e, aos 31, chegou ao empate num chute a meia altura de Ubiracy.

Dois lances antes do intervalo agitaram ainda mais a partida. Aos 44, Manoel aproveitou rebote de Gilmar para virar o jogo. O Flu,

porém, não soube segurar a vantagem e Pelé, de cabeça, deixou tudo igual novamente, após centro de Mengálvio: 2 a 2.

Muito confiante, o Fluminense voltaria avassalador no segundo tempo, quando exibiu um futebol de grande qualidade. O terceiro gol tricolor parecia ser uma questão de tempo. E ele aconteceu, aos 29, com Manoel aproveitando-se de falha de Mauro para, em um chute colocado, surpreender Gilmar. O Santos ainda assimilava o golpe quando apenas dois minutos depois, o Tricolor chegou ao quarto gol. No lance, após sucessivas trocas de passes, Ubiracy ganhou de Mauro na corrida e tocou rasteiro para dar números finais à partida.

Goleada tricolor. O Flu derrotava o Santos de Pelé, que, 15 anos depois, vestiria a camisa tricolor contra o Racca Rovers numa excursão do clube à Nigéria.

• PERSONAGEM: CARLOS ALBERTO TORRES

O capitão da Seleção Brasileira tricampeã do mundo no México é considerado um dos mais completos laterais direitos da história. Criado nas divisões de base das Laranjeiras, foi campeão carioca em 1964 e deixou o clube em 1965 com a promessa de retornar um dia. A promessa foi cumprida aos 32 anos, quando o Fluminense foi buscá-lo no Santos. O "capita" comandou a Máquina Tricolor na campanha do bicampeonato estadual, em 1976. Anos depois, prestou outro grande serviço ao clube ao recomendar a contratação do craque Romerito. Já como treinador, liderou à beira do campo o Fluminense na conquista do bicampeonato carioca em 1984.

Ficha Técnica

Data: 23/03/1963

Árbitro: Antônio Viug

Gols: Mengálvio 6' 1ºT, Ubiracy 31' 1ºT, Manoel 44' 1ºT, Pelé 47' 1ºT, Manoel 29' 2ºT, Ubiracy 31' 2ºT

Fluminense: Castilho, Carlos Alberto Torres, Wilson, Dari, Altair, Oldair, Gonçalo, Maurinho (Calazães), Manoel, Ubiracy e Escurinho. **Técnico:** Newton Anet

Santos: Gilmar, João Carlos (Tite), Mauro, Maneco, Dalmo, Lima, Mengálvio, Dorval, Coutinho (Pagão), Pelé e Pepe. **Técnico:** Lula



CARIOCA - 1964

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 1 BANGU

Força, glória e tradição

Castilho fatura o seu último título pelo clube.

Com 35 pontos, Fluminense e Bangu haviam terminado o Campeonato Carioca empatados. Apesar de o Tricolor ter mais vitórias e melhor saldo de gols que seu adversário, o regulamento previa, neste caso, que uma melhor de três fosse realizada para se conhecer o campeão. Um gol de pênalti, marcado por Amoroso, deu ao Flu uma vitória simples no primeiro duelo, assistido por mais de 70 mil pessoas. O time ficara, assim, a uma vitória da volta olímpica.

No jogo seguinte, muita vontade de parte a parte. Fluminense e Bangu alternavam jogadas de ataque e domínio da partida, deixando o confronto ainda mais emocionante. Aos 26, Joaquinzinho lança Gilson Nunes, que tenta encobrir o goleiro Aldo, mas a bola acaba indo para fora. A jogada inflama a turma de Moça Bonita e a resposta vem em seguida. Após lançamento de Parada, Bianchini atropela

Castilho e faz 1 a 0 para o Bangu. O Fluminense até poderia ter sofrido o segundo gol, mas o Bangu não aproveitou as oportunidades que criou ainda na etapa inicial.

Foi a hora então de a tradição tricolor falar mais alto. Logo no início do segundo tempo, Gilson Nunes cobrou rápido um escanteio. Na sequência do lance, Denílson raspou de cabeça, Aldo bateu roupa e a bola acabou sobrando para Joaquinzinho, que, como um raio, deixou tudo igual. Era o gol do empate tricolor. A torcida ainda comemorava quando Jorginho arrancou e dançou na frente de Nilton dos Santos antes de desferir um chute violentíssimo para deixar o Tricolor em vantagem.

O 2 a 1 dava o título ao Fluminense. Sentindo o bom momento e a proximidade da conquista, a torcida explodiu de felicidade. A partir daí, o Flu se impôs em campo com absoluta superioridade técnica e tática. E ao som de “É campeão” vindo das arquibancadas, Amoroso serviu Gilson Nunes, que cortou Fidélis, penetrou e disparou uma bomba no ângulo esquerdo de Aldo: Flu 3 a 1.

Os minutos restantes serviram para eternizar o técnico Tim, ex-jogador do Fluminense e um dos maiores craques da história do clube. Terminado o jogo, entre talco, confetes e serpentinas, Castilho, o símbolo máximo do Flu, comemorava o que seria seu último título nas Laranjeiras. E pensar que o Fluminense no início do campeonato chegou a ser chamado de “lanterninha dos grandes” pelo jornalista Armando Nogueira.

- **PERSONAGEM: JOAQUINZINHO**

Seja como ponta-de-lança, seja como armador, Joaquinzinho era um meia habilidoso que chutava forte com os dois pés. Foi o cérebro da equipe do Fluminense campeã carioca de 1964. Seus passes precisos e lançamentos em profundidade para os atacantes foram fundamentais na conquista do título. Como um segundo técnico, comandava as ações da equipe dentro de campo, corrigindo as falhas e explorando as limitações dos adversários. Curiosamente, quando jogava pelo Brasil de Pelotas (RS), quase foi trocado por Pelé em 1957. Com a camisa tricolor fez 125 jogos e marcou 43 gols.

Ficha Técnica

Data: 20/12/1964

Árbitro: Frederico Lopes

Público: 75.106 pagantes

Gols: Bianchini 28' 1ºT, Joaquinzinho 5' 2ºT, Jorginho 8' 2ºT, Gilson Nunes 22' 2ºT

Fluminense: Castilho, Carlos Alberto Torres, Procópio, Valdez, Altair, Denílson, Oldair, Jorginho, Amoroso, Joaquinzinho e Gilson Nunes. **Técnico:** Tim

Bangu: Aldo, Fidélis, Mário Tito, Paulo, Nilton dos Santos, Ocimar, Roberto Pinto, Paulo Borges, Bianchini, Parada e Cabralzinho. **Técnico:** Plácido Monsores



RIO-SÃO PAULO - 1965

MARACANÃ

FLUMINENSE 7 x 2 BOTAFOGO

O Flu bailou

Contra o Botafogo de Garrincha, Gérson e Jairzinho.

Despedindo-se de grandes referências como Castilho, Oldair e Carlos Alberto Torres, era um Fluminense em formação aquele que entrou em campo contra o Botafogo, pelo retorno do Torneio Rio-São Paulo. O técnico Tim gostava de trabalhar mesclando gerações. Por isso, oito jovens formados no clube – Edson, Laurício, Valdez, Íris, Luiz Henrique, Evaldo, Antunes e Gílson Nunes – jogariam aquela partida cujo derrotado estaria eliminado da competição.

Aproveitando-se do fato de contar com bons lançadores, Tim orientou sua equipe a explorar a vulnerável defesa alvinegra, que tinha como tática o recurso de jogar em linha (burra), para forçar o adversário a ficar em posição de impedimento.

Com a bola em jogo, os alvinegros saíram na frente, com Jairzinho. Mesmo em vantagem, os alvinegros viram o pânico se instalar em sua defesa e cederam o empate, com Evaldo, que chutou no contrapé de Manga depois de receber passe de Íris. O Flu seguia muito melhor e chegou à virada poucos minutos depois. Antunes recebeu no meio do campo, invadiu pela esquerda e colocou à direita do goleiro. O Flu ainda faria mais um antes do intervalo. No lance, Gílson Nunes lançou para Antunes, que, da ponta esquerda, cruzou para Amoroso finalizar do meio da área, sem chance para Manga.

O Botafogo voltou igual do intervalo. O segundo tempo consumaria o massacre tricolor. Logo aos dez, Evaldo serviu Antunes, que deixou Zé Carlos para trás e colocou com tranquilidade na saída de Manga. Cinco minutos depois, em mais um contra-ataque, Gílson Nunes ficou frente a frente com o goleiro alvinegro e, sem dificuldade, marcou o quinto.

Com o 5 a 1 no placar, o Flu pisou no freio. Mesmo assim, a história do quinto gol se repetiria, mas o gol seria marcado por Evaldo. Manga nada pôde fazer. Não tinha acabado. Dois pênaltis dariam números finais à partida: o primeiro com Gérson, que descontou para o Botafogo; e o outro com Gílson Nunes, que, com sua cobrança certeira, fez o Flu pintar o sete no clássico.

Flu 7 a 2. Goleada histórica no Maracanã. E pensar que do outro lado estavam Gérson, Jairzinho e Garrincha.

- **PERSONAGEM: AMOROSO**

Centroavante de toque refinado, de extrema classe e oportunismo, ganhou dos colegas o apelido de "Pé-de-coelho", tamanha a sua sorte no momento de fazer gols. Amoroso jogou no Fluminense de 1964 a 1968, período em que realizou 135 partidas e 73 gols com a camisa do clube. Foi campeão estadual pelo Flu em 1964, competição da qual foi artilheiro com 19 gols. Também foi artilheiro do Carioca no ano seguinte. Em 1968 foi trocado pelo zagueiro Assis, com o Remo.

Ficha Técnica

Data: 12/05/1965

Árbitro: Armando Marques

Público: 21.987 pagantes

Gols: Jairzinho 6' 1ºT, Evaldo 35' 1ºT, Antunes 38' 1ºT, Amoroso 42' 1ºT, Antunes 10' 2ºT, Gilson Nunes 15' 2ºT, Evaldo 26' 2ºT, Gérson (pênalti) 34' 2ºT, Gilson Nunes (pênalti) 42' 2ºT

Fluminense: Édson, Laurício, Procópio, Valdez, Altair, Íris, Luiz Henrique (Denílson), Amoroso (Ubiracy), Antunes (Carlinhos), Evaldo e Gilson Nunes. **Técnico:** Tim

Botafogo: Manga, Mura, Zé Carlos, Paulistinha, Rildo, Luís Carlos, Gérson, Garrincha, Jairzinho, Bianchini (Artur) e Roberto. **Técnico:** Geninho



TAÇA GUANABARA – 1966

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 1 FLAMENGO

O caneco é nosso!

Flu fatura a sua primeira Taça Guanabara.

A pós o fiasco da Seleção na Copa da Inglaterra, um Fla-Flu decisivo era visto como uma boa oportunidade para o torcedor fazer as pazes com o futebol. Empatadas em pontos, as equipes disputariam um jogo extra para conhecer o campeão da Taça Guanabara, competição que indicava o representante carioca na Taça Brasil e que era disputada pela segunda vez naquele ano. Na época não se tratava de um mero turno do Carioca, mas de uma competição à parte, e, enquanto assim o foi, o Fluminense foi quem mais a venceu.

Em campo, um desfile de grandes atletas, como Altair, Silva, Lula, Almir, Samarone, Carlinhos, Amoroso, entre outros. Foi um jogo repleto de emoções, técnica, talento e até violência, eletrizando os torcedores do começo ao fim. O favoritismo era rubro-negro, que saiu desordenado em busca do gol. Mas, a partir de um chapéu

antológico de Samarone em Ditão, o Fluminense mandou na partida e largou na frente, aos 30. No lance, Denilson encontrou Oliveira, que arrancou até a grande área e fez um centro perfeito para Amoroso, que, mesmo cercado por dois, cabeceou no ângulo, sem chance alguma para o goleiro.

O Fluminense voltou para o segundo tempo com alguns retoques. Aos 17, numa arrancada pela esquerda, Lula passou pelo defensor e chutou forte, mas o goleiro deu rebote. Mário, que acompanhava o lance, aproveitou e detonou, fazendo o segundo gol do Flu no clássico. O Flamengo descontaria na sequência, deixando o placar indefinido, e cresceria na partida. Mas o Flu soube explorar as subidas do adversário. Em um contra-ataque já perto do fim, Samarone roubou a bola e lançou Lula. O ponta avançou, entrou na grande área e rolou para Mário, que desferiu um chute violento, vencendo outra vez o goleiro. Gol do Fluminense e mais uma taça na sala de troféus do clube. Pela primeira vez, Oliveira, Samarone e Lula se sagravam campeões com a camisa tricolor, fato que se repetiria muitas vezes.

• PERSONAGEM: ALTAIR

Lateral de fôlego invejável, o franzino Altair marcou época nas Laranjeiras. Com um futebol guerreiro, chegou ao time principal com apenas 18 anos. Esteve no Chile com a Seleção em 1962, na conquista do bicampeonato mundial do Brasil. Estaria também na Copa de 66. Exemplo de dedicação e amor à camisa, foi o quarto jogador que mais vezes defendeu o Fluminense, com 551 jogos. É considerado por muitos o melhor marcador de Garrincha.

Ficha Técnica

Data: 07/09/1966

Árbitro: Aírton Vieira de Moraes

Público: 69.730 pagantes

Gols: Amoroso 30' 1ºT, Mário 17' 2ºT, Silva 25' 2ºT, Mário 40' 2ºT

Fluminense: Jorge Vitorio, Oliveira, Caxias, Altair, Bauer, Denilson, Jardel, Amoroso, Samarone, Mário e Lula. **Técnico:** Tim

Flamengo: Valdomiro, Murilo, Mário Braga, Ditão, Paulo Henrique, Carlinhos, Juarez, Fio, Almir, Silva e Osvaldo. **Técnico:** Armando Renganeschi



CARIOCA - 1966

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 1 VASCO

Até sem goleiro

Vitória heroica com goleiro improvisado por mais de 50 minutos.

Com o Bangu despontando como a grande atração do campeonato, Fluminense e Vasco chegavam para o clássico da nona rodada brigando pelas primeiras colocações na tabela. Para o confronto, Denilson havia sido liberado pelo Departamento Médico do clube, enquanto Jardel substituiria Roberto Pinto.

O jogo começou protocolar, com as equipes se estudando e pouco produzindo. Aos poucos a partida melhorou e, de pressão em pressão, Lula acabou sendo atingido dentro da área. Pênalti, que Amoroso bateu muito bem. Com o Flu em vantagem, o que havia de equilíbrio acabou de vez. O time se aproveitou e, numa triangulação envolvendo Samarone, Amoroso e Lula, o ponta completou, marcando o segundo gol tricolor.

O Vasco então foi à luta. Aos 38 minutos, em um contra-ataque, o goleiro Jorge Vitório deu um pontapé em Danilo e foi expulso. Como na época o regulamento do Campeonato Carioca não permitia substituições, o técnico Tim pediu a Mário que vestisse a camisa cinza de goleiro e colocasse as luvas. Antes que o primeiro tempo acabasse, Caxias vacila e Madureira encobre Mário, de cabeça, descontando para o Vasco.

No segundo tempo, o clássico ficaria cômico e dramático. A turma da Colina, mesmo com um a mais em campo, não conseguia o empate, pois Mário, durante intermináveis 52 minutos, carente de recursos técnicos, recorria a todo tipo de malabarismo para defender a meta do Flu.

Fim de jogo. Vitória tricolor por 2 a 1, dedicada por Tim aos seus comandados, que apresentaram um espírito de luta e sacrifício fora do comum, superando todas as dificuldades. Já no Vasco, após ridículo sem precedentes, ninguém apareceu para dar explicações. Somente Valdomiro, o roupeiro, atreveu-se a falar sobre o que aconteceu: "Faiou feio" (sic).

• PERSONAGEM: OLIVEIRA

Nascido em Belém, Raimundo Evandro da Silva Oliveira iniciou a carreira no Paysandu. Chegou ao Fluminense com 22 anos e defendeu o clube ao longo de oito temporadas. Lateral direito que marcava e apoiava com eficácia, Oliveira foi multicampeão nas Laranjeiras. De 1966 a 1973, realizou 346 partidas com a camisa do clube, quase sempre como titular. Seu grande momento foi a conquista do Campeonato Brasileiro de 1970.

Ficha Técnica

Data: 19/10/1966

Árbitro: José Teixeira de Carvalho

Público: 17.734 pagantes

Gols: Amoroso (pênalti) 24' 1ºT, Lula 37' 1ºT, Madureira 48' 1ºT

Fluminense: Jorge Vitório, Oliveira, Caxias, Altair, Bauer, Denílson, Jardel, Amoroso, Samarone, Mário e Lula. **Técnico:** Tim

Vasco: Édson (Amauri), Ari, Brito, Fontana, Mendez, Maranhão, Alcir, Nado, Madureira, Célio e Danilo. **Técnico:** Zezé Moreira



CARIOCA - 1967

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 VASCO

FluFC

Aos 35 do segundo tempo, juiz expulsa 17 e encerra jogo.

Flu e Vasco protagonizaram em 1967 uma das maiores batalhas campais da história do Maracanã. A briga generalizada, cujo estopim foi uma agressão de Adílson em Denílson já no fim da partida, envolveu praticamente todos em campo e provocou a expulsão de 17 jogadores.

O árbitro Cláudio Magalhães esperou os ânimos serenarem e deu o jogo por encerrado. Posteriormente, a partida seria considerada válida, contra a vontade do Vasco, que, derrotado, tentou de tudo para anulá-la. Adílson, o agressor, foi suspenso por seis jogos.

Enquanto houve futebol, o Flu foi melhor. Denílson e Suingue ditavam o ritmo no meio, ao passo que Samarone cadenciava o jogo com a categoria de sempre. Já o Vasco custava a criar jogadas e dependia de arroubos individuais e esporádicos de Nei e Adílson. Aos 19, o Flu inaugurou o marcador: Wilton cobrou um círculo, Cláudio

recebeu a bola livre e emendou no canto de Pedro Paulo. Aos 35, o atacante Cláudio contundiu-se no tornozelo e foi fazer número na ponta esquerda. Porém, a excepcional atuação de Samarone, eleito o craque daquele campeonato, impedia que os cruzmaltinos se beneficiassem dessa vantagem.

O segundo tempo prosseguiu nervoso, com jogadas duras e ríspidas. Aos 22, Samarone foi calçado dentro da área. Rinaldo cobrou o pênalti e marcou o segundo gol. No desespero, o Vasco foi à frente e conseguiu também o seu pênalti, aos 28, em um toque de mão de Valdez, mas Álvaro bateu mal, chutando para fora.

A partir daí, começaram as agressões que iriam acabar com o jogo. Em um lance casual, Denílson chocou-se com o vascaíno Adílson, que deixou o campo com a boca cortada, para ser medicado. Retornou disposto a repetir o feito do irmão, Almir Pernambuquinho, que protagonizara no ano anterior uma célebre pancadaria no Maracanã. Em fúria, Adílson atacou covardemente Denílson pelas costas, derrubando-o no chão e dando início ao conflito.

A batalha se travou em várias frentes. Mesmo mancando, Cláudio derrubou Adílson com um murro e pulou com os dois pés sobre Álvaro. Já Oldair e Valtinho se engalfinhavam em luta corpórea. O ponteiro Wilton, vítima de um ataque por trás do preparador físico do Vasco, chegou a ficar desacordado. À beira do campo, Pai Santana, então massagista do Flu, corria tresloucado atrás de Adílson, que fora se refugiar no túnel que levava ao vestiário do Vasco.

Ao final, entre mortos e feridos, sobreviveram todos. E foi sob vaias e aplausos que os jogadores se retiraram de campo.

• PERSONAGEM: DENÍLSON

Denílson, o "Rei Zulu", era implacável na marcação. Roubador de bolas, foi dos poucos a conseguir parar Pelé. Lançado no time principal em 1964, foi campeão carioca logo em seu primeiro ano como titular. Disputou a Copa do Mundo de 1966 e atuou na única vitória do Brasil na competição. Por muitos anos capitão do Fluminense, foi novamente campeão carioca em 1969, 1971 e 1973 e campeão brasileiro em 1970, no esplendor de sua forma. É o sétimo jogador que mais defendeu o clube, com 433 jogos.

Ficha Técnica

Data: 19/11/1967

Árbitro: Cláudio Magalhães

Público: 47.794 pagantes

Gols: Cláudio 19' 1ºT, Rinaldo (pênalti) 22' 2ºT

Fluminense: Márcio, Oliveira, Valtinho, Valdez, Bauer, Denílson, Suingue, Wilton, Cláudio, Samarone e Rinaldo. **Técnico:** Telê Santana

Vasco: Pedro Paulo, Jorge Luís, Sérgio, Álvaro, Oldair, Paulo Dias, Danilo Menezes, Nei, Adílson, Valfrido e Silva. **Técnico:** Ademir Menezes



BRASILEIRO – 1968

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Goool legal

Só juiz não vê “mão-boba” de Wilton.

Quando Fluminense e Flamengo entraram em campo pela sétima rodada daquele Campeonato Brasileiro, o máximo de emoção que poderiam proporcionar a tricolores e rubro-negros era uma colocação melhor na tabela de classificação. Disputado no Maracanã, o clássico, porém, viraria uma lenda.

Um lance capital agitaria a partida logo em seus primeiros minutos. Em um contra-ataque rápido, Serginho lançou Wilton, que se aproveitou de uma linha de impedimento malfeita pela zaga rubro-negra e ficou sozinho diante do goleiro Marco Aurélio. Ao pressentir que o goleiro chegaria antes, Wilton desviou a bola com um leve toque de mão e ficou livre para tocar para o fundo da rede. Todos no estádio notaram o tapa de Wilton na bola, menos o juiz e o bandeirinha.

Ninguém entendeu nada quando o árbitro Armando Marques e seu auxiliar se dirigiram para o meio do gramado, sinalizando que o gol tricolor havia sido validado. Os milhares presentes indagavam se o juiz não teria ficado cego ou louco. Ainda incrédulos, viram o placar do estádio informar o gol do Fluminense. Entreolharam-se, então, num misto de absolvição e cumplicidade, liberando um êxtase retardatário sem precedentes na história do Estádio Mário Filho. Em campo, a partida prosseguiu com a merecida vantagem tricolor.

Ao regressar para o segundo tempo, o juiz Armando Marques, tentando reparar o erro que cometera no começo do clássico, passou a ser excessivamente rigoroso com o time do Fluminense. Porém, contando com jogadores do naipe de Félix, Galhardo, Altair, Assis, Samarone e Lula, o Tricolor administrou o jogo com tranquilidade e manteve o placar de 1 a 0. Apesar da polêmica, foi uma vitória justa pelo volume de jogo apresentado pela equipe ao longo dos 90 minutos.

Aniversariante da data, Wilton, que comemorava 21 anos, foi naturalmente cercado por ávidos repórteres ao término do jogo. Todos queriam saber a opinião do jogador tricolor sobre o polêmico lance da partida, que dera a vitória ao Fluminense. De maneira singela, o ponteiro tricolor, ainda ofegante, respondeu: "Na disputa pela bola (entre ele e o goleiro do Flamengo, Marco Aurélio), ela bateu em mim. Daí fui em frente, corri e marquei o gol."

Passado já quase meio século da jogada que gerou inúmeras discussões, persiste, porém, a dúvida: qual das mãos Wilton teria utilizado no lance? A direita ou a esquerda?

• PERSONAGEM: WILTON

O ponta-direita Wilton defendeu o Fluminense de 1967 a 1975, numa trajetória recheada de títulos, quase sempre disputando a posição de titular com outro grande jogador: Cafuringa. Veloz, driblador, raçudo, é injustamente lembrado por alguns como “o jogador que fez um gol de mão no Flamengo”. Wilton foi muito maior do que isso. Pelo Fluminense conquistou quatro títulos cariocas e um brasileiro. Fez 193 partidas e 18 gols, como o que abriu o placar no histórico Fla-Flu da decisão do Estadual de 1969.

Ficha Técnica

Data: 13/10/1968

Árbitro: Armando Marques

Público: 29.558 pagantes

Gol: Wilton 13' 1ºT

Fluminense: Félix, Nélio, Galhardo, Altair, Assis, Cláudio, Suingue, Serginho, Wilton, Aguinaldo (Salvador) e Samarone (Lula). **Técnico:** Evaristo de Macedo

Flamengo: Marco Aurélio, Murilo, Onça, Guilherme, Tinho, Carlinhos, Liminha (Cardosinho), Gildo, Fio (Betinho), Silva e Arílson. **Técnico:** Válder Miraglia



CARIOCA - 1969

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 FLAMENGO

“Ah, aquele Fla-Flu...”

Em um grande épico, Fluminense conquista o Carioca.

Desanimada com as fracas campanhas do Fluminense na Taça Guanabara e no Campeonato Brasileiro do ano anterior, a torcida tricolor não alimentava muitas expectativas sobre o Campeonato Carioca de 1969. De novidades, a chegada do artilheiro Flávio e a promoção do técnico Telê Santana ao time principal.

Com o “Fio de Esperança” no comando, o Fluminense encaixou, assumiu a ponta da tabela e, mesmo assim, teve a sua campanha desdenhada pelos rivais. As semanas se sucederam, a liderança foi mantida e, na penúltima rodada do returno, uma vitória sobre o Flamengo daria ao Fluminense o título por antecipação.

A expectativa pelo clássico mexeu com a cidade. No dia do jogo, “os vivos saíram de suas casas, e os mortos de suas tumbas” e, assim,

mais de 170 mil torcedores lotaram o Maracanã.

Com menos de dez minutos, o goleiro rubro-negro mostrava-se inseguro, soltando algumas bolas fáceis. Uma delas sobrou para Lula, que bateu cruzado. A bola atravessou toda a extensão do gol, mas não entrou, sobrando do outro lado para Wilton. Mesmo com pouco ângulo, o jogador emendou para as redes e abriu o placar. A despeito de estar em vantagem, o time manteve a pegada. Mas Liminha empatou em um chute despretensioso de fora da área.

O gol mal tinha saído quando, apenas três minutos depois, Oliveira alçou uma bola na altura da marca do pênalti. Flávio escorou de cabeça para Cláudio, que driblou o goleiro e entrou com bola e tudo: Fluminense 2 a 1. Após este lance, Dominguez perdeu inexplicavelmente a cabeça e acabou expulso pelo árbitro, a quem ofendera.

O segundo tempo prometia. Precisando da vitória a qualquer custo, o Flamengo era todo pressão, o que resultaria em um novo empate, após cabeçada de Dionísio. Telê Santana, então, percebeu que o Fluminense precisava de sangue novo e, por isso, colocou em campo a sua arma secreta, Samarone. O jogador do Flu, depois de uma troca de passes com Cláudio, alçou a bola na área para Flávio, que, de meia-virada, sem deixar a bola cair, fez o gol do título tricolor.

Vitorioso no Fla-Flu do século, Telê Santana declarou: "A melhor resposta que poderíamos dar àqueles que diziam que o Fluminense era líder por apenas 24 horas foi dada, com o time liderando o campeonato do princípio ao fim. Sempre que entramos em campo,

defendíamos a primeira colocação. A conquista do título por antecipação faz dela incontestável."

O título de 1969 foi a primeira grande conquista de uma equipe que muitos consideravam uma das maiores de todos os tempos.

• PERSONAGEM: SAMARONE

Paulista de Santos, Wilson Gomes, o Samarone, foi contratado à Portuguesa Santista em 1965 a pedido do técnico Tim. Meio-campista habilidoso e guerreiro, foi ídolo de uma geração de tricolores, que o tinha como o grande craque de um dos times mais vitoriosos da história tricolor. Realizou 212 partidas com a camisa do Fluminense e anotou 50 gols. O "Diabo Louro", como era carinhosamente chamado, conquistou pelo clube o Brasileiro de 1970 e os Estaduais de 1969 e 1971.

Ficha Técnica

Data: 15/06/1969

Árbitro: Armando Marques

Público: 171.599 pagantes

Gols: Wilton 9' 1ºT, Liminha 35' 1ºT, Cláudio 38' 1ºT, Dionísio 16' 2ºT, Flávio 34' 2ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio, Denílson, Lulinha (Samarone), Wilton, Flávio, Cláudio e Lula (Gilson Nunes). **Técnico:** Telê Santana

Flamengo: Dominguez, Murilo, Onça, Guilherme, Paulo Henrique, Liminha, Rodrigues Neto, Arílson (Sídnei), Dionísio, Fio e Doval. **Técnico:** Tim

DÉCADA DE 1970



BRASILEIRO – 1970

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 1 CRUZEIRO

Valeu cada centavo

Cruzeiro de Tostão se curva ao Flu de Lula.

O Campeonato Brasileiro de 1970 foi o mais qualificado de todos os tempos. Em campo, distribuídos por grandes clubes brasileiros, estavam todos os heróis que, dois meses antes, encantaram todo o planeta, no México, com a conquista do tricampeonato mundial.

Dezessete clubes dividiam-se em dois grupos, jogando entre si em turno único. Os dois primeiros de cada um deles realizariam um quadrangular final.

O elenco tricolor que iniciara a disputa da competição era praticamente o mesmo que no primeiro semestre deixara escapar o bicampeonato estadual por um ponto. Prestigiado, o grupo faria uma exibição exemplar logo na segunda rodada, contra o Cruzeiro de Tostão. A novidade nas Laranjeiras era a volta de Samarone ao time titular.

Na partida, logo aos 15 minutos, Evaldo fez 1 a 0 para o Cruzeiro. O gol não abalou o Fluminense, que optou por jogar pelas pontas para chegar ao empate. Para tal, contava com um Cafuringa inspirado, que, aplicou em Vanderley e Piazza o drible "cafuné" (mistura de Cafuringa com Pelé), antes de cruzar da linha de fundo para Lula, que encheu o pé para deixar tudo igual.

O Fluminense encaixaria o seu jogo após o 1 a 1 e criaria, a partir daí, várias oportunidades: uma desperdiçada por Samarone; outra por Flávio, em cabeçada que a zaga tirou sobre a linha. Lula ainda sofreria um pênalti não marcado.

Lula era realmente um perigo constante para a defesa adversária. Seu único objetivo era fazer gols. E foi o que aconteceu logo no começo da segunda etapa. Numa arrancada, o ponteiro tricolor achou espaço entre Raul e a trave e, rapidamente, enfiou a bola para o fundo das redes do Cruzeiro. Samarone, numa das maiores atuações de sua vida, comandou o meio-campo, administrando a pegada tricolor até o fim. O Cruzeiro escapou de levar uma goleada.

Esse time era assim. Cada um por si e todos pelo Fluminense.

• **PERSONAGEM: GALHARDO**

O zagueiro Galhardo deixou o Corinthians para fazer história no Fluminense. Eficiente na marcação e seguro na saída de bola, seu estilo clássico e valente agradou em cheio a torcida tricolor. Em quatro temporadas com a camisa do Flu (1968 a 1971), conquistou dois títulos estaduais e um brasileiro. Fez sua última partida pelo clube em outubro de 1971. No mesmo ano, encerraria a carreira por conta de uma grave contusão.

Ficha Técnica

Data: 03/10/1970

Árbitro: Ramon Barreto

Público: 32.320 pagantes

Gols: Evaldo 15' 1ºT, Lula 25' 1ºT, Lula 5' 2ºT

Fluminense: Jorge Vitorio, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio, Denílson, Didi (Cláudio), Cafuringa, Flávio, Samarone e Lula. **Técnico:** Paulo Amaral

Cruzeiro: Raul, Raul Fernandes, Darci Menezes, Wilson Piazza, Vanderley, Zé Carlos, Dirceu Lopes, Natal (Eduardo), Evaldo (Spencer), Tostão e Hilton Oliveira. **Técnico:** Filpo Nuñez



BRASILEIRO – 1970

MORUMBI

FLUMINENSE 3 x 0 PALMEIRAS

Anotaram a placa?

**Com três gols de Flávio, Tricolor se impõe
fora de casa.**

Naquela tarde, mesmo jogando no Morumbi, o Fluminense se sentiu em casa. Afinal, graças à excelente campanha, quase três mil tricolores se deslocaram do Rio para ver a partida. O confronto tinha apelo, pois envovia os melhores times da competição. De um lado, a Academia do Palmeiras, invicta havia 19 jogos e dona da defesa menos vazada da competição. Do outro, o Fluminense, equipe de melhor ataque.

O Flu, de cara, mostrou nítida harmonia entre seus setores de defesa, meio-campo e ataque. Didi e Denilson eram implacáveis na marcação, anulando perfeitamente Dudu e Ademir da Guia. O Palmeiras, acuado, era o tempo todo bombardeado.

De tanto pressionar, o Tricolor chegou lá: aos 25, Samarone sofreu falta e Flávio, com um chute forte de pé direito, abriu o placar. O time aumentaria a vantagem apenas 13 minutos depois. Na jogada, Samarone achou Flávio na área. O atacante aproveitou o “deixa que eu deixo” dos zagueiros palmeirenses, ajeitou a bola com a canhota e, com categoria, trocou de pé para encobrir o goleiro. No fim do primeiro tempo, o juiz marcaria um pênalti inexistente de Samarone em Eurico. Mas Félix voaria para agarrar a cobrança de César, que bateu no canto esquerdo. A tarde era mesmo tricolor.

No segundo tempo, aos 12, numa indecisão causada por um lance em que Samarone levou vantagem, Flávio faz o terceiro do Flu. Era o seu 11º gol em 11 partidas na competição. Mas, numa atitude incompreensível do árbitro, o artilheiro da partida deixaria o campo expulso. “Não merecia, não entendi nada”, disse, revoltado.

Mesmo com um a menos, o show tricolor continuou. Fim de jogo: goleada tricolor em plena capital paulista. O Fluminense estava bem próximo de se garantir no quadrangular final do Brasileiro.

• PERSONAGEM: FLÁVIO

Nascido em Porto Alegre (RS), Flávio, o “Minuano”, era o artilheiro que faltava ao excelente time que o Fluminense formou para a temporada de 1969. Desde a saída de Waldo, em 1961, o clube tentava encontrar um substituto de peso. Flávio se provou a escolha acertada tanto em 1969 quanto mais tarde. Foram 92 gols em 115 partidas, com uma formidável média de 0,8 gol por jogo. Obstinado, era eficiente em cabeçadas, chutes de direita e de esquerda e até em cobrança de faltas. Conquistou muitos títulos, entre eles o Brasileiro de 1970.

Ficha Técnica

Data: 07/11/1970

Árbitro: Sebastião Rufino

Público: 22.096 pagantes

Gols: Flávio 25' 1ºT, Flávio 38' 1ºT, Flávio 12' 2ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio, Denílson, Didi (Silveira), Cafuringa, Flávio, Samarone (Mickey) e Lula. **Técnico:** Paulo Amaral

Palmeiras: Neuri, Eurico, Baldochi, Nélson, Dé, Dudu, Ademir da Guia, Edu, César, Hector Silva (Fedato) e Pio (Kraus). **Técnico:** Rubens Minelli



BRASILEIRO – 1970

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 PALMEIRAS

Flu sai na frente

Vitória sobre a Academia de Ademir abre o quadrangular final.

O quadrangular final do Campeonato Brasileiro de 1970 seria disputado por Fluminense, Palmeiras, Atlético-MG e Cruzeiro. O primeiro desafio seria com um time mordido pela goleada sofrida ainda na fase de classificação – o Palmeiras, que lutava também pelo bicampeonato brasileiro. Do lado tricolor, um grande problema: Flávio, artilheiro da equipe, estava fora do resto da competição por causa de um estiramento muscular. Para o seu lugar, um jovem chamado Mickey foi escalado. O encontro prometia.

O jogo começou sem grandes emoções, com leve vantagem para os paulistas, mas suas poucas investidas ao ataque foram anulados pelas alas tricolores: pela direita, Oliveira e Cafuringa, e pela esquerda, Marco Antônio e Lula. A partida seguiu estudada até os 34 minutos, quando Oliveira cruzou de curva na cabeça de Mickey, que

subiu mais alto do que Nélson, colocando forte no ângulo de Leão. Na comemoração, o atacante fez com as mãos o "V" da vitória ou, para muitos, o símbolo hippie de paz e amor. Este gesto conquistaria a torcida tricolor, presente em número superior a 50 mil ao Maracanã.

No segundo tempo, o Fluminense mandou no jogo desde o começo. Didi ia na cola de Ademir da Guia e Denílson cercava Jaime aonde quer que ele fosse. Assis, na zaga, também cumpria atuação excepcional. Cafuringa subiu naturalmente de produção e numa jogada de ataque sofreu um pênalti, ignorado pelo juiz. Logo depois, Lula, que havia se deslocado para o meio a fim de buscar jogo, por muito pouco não fez o segundo ao driblar Leão e chutar para o gol vazio, aparecendo Nélson para tirar em cima da linha. Quase no fim, quando o Flu já administrava o resultado, Silveira entrou no lugar de Samarone para garantir a vitória apertada.

O Fluminense largava na frente no quadrangular, já que, em Minas Gerais, Cruzeiro e Atlético-MG empatariam no clássico mineiro.

● PERSONAGEM: ASSIS

Indicado por Pinheiro, Francisco de Assis Luz e Silva, ou simplesmente Assis, veio do Remo-PA em 1968. Formou com Galhardo uma das melhores zagas da história do Fluminense. O atleta, que esbanjava vigor e vontade, conquistou quatro títulos estaduais e um brasileiro pelo Flu. Jogou em duas máquinas tricolores, a de 69-71 e a de Rivellino em 75. Com 412 partidas, o zagueiro é o oitavo jogador que mais vestiu a camisa do clube.

Ficha Técnica

Data: 13/12/1970

Árbitro: Armando Marques

Público: 50.421 pagantes

Gol: Mickey 34' 1ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio, Denílson, Didi, Cafuringa, Mickey, Samarone (Silveira) e Lula (Wilton). **Técnico:** Paulo Amaral

Palmeiras: Leão, Eurico, Baldochi, Nélson, Dé, Dudu, Ademir da Guia, Edu, Jaime (Fedato), César e Pio (Copeu). **Técnico:** Rubens Minelli



BRASILEIRO – 1970

MINEIRÃO

FLUMINENSE 1 x 0 CRUZEIRO

A um empate do título

Flu vence o Cruzeiro de Tostão, Piazza e Dirceu Lopes.

Iíder do quadrangular final do Campeonato Brasileiro, o Fluminense viajaria a Minas Gerais para o segundo desafio. Uma vitória sobre o Cruzeiro no Mineirão deixaria o time em situação excepcional para a conquista inédita do título da competição. O confronto, porém, não seria fácil, pois o forte adversário contava com quatro dos heróis do Tri – Brito, Piazza, Tostão e Fontana –, além de Dirceu Lopes, cortado na última hora por Zagallo. Já do lado tricolor, Flávio, vetado, era mais uma vez a preocupação. Mickey, autor do gol contra o Palmeiras, seria novamente o substituto.

Jogando em casa, o Cruzeiro partiu logo para cima, criando várias oportunidades e ameaçando constantemente o gol de Félix. A pressão era grande, apesar de em vários momentos os mineiros terem confundido vontade com rispidez. Passada a pressão inicial,

Samarone começou a organizar ataques pelo lado esquerdo, explorando a velocidade e a inteligência tática de Lula. Num deles, o ponta cruzou rasteiro. A bola chegou aos pés confiantes de Mickey, que, bem colocado e de frente para o gol, tocou sem força no canto. Flu 1 a 0. Mickey mais uma vez provava ter estrela, chegando a despertar a preocupação de Brito, que antes da partida já havia declarado: “O Flu tira um homem-gol e coloca outro sem que isso interfira no rendimento da equipe. O Mickey joga no mesmo estilo de Flávio.”

Mesmo com o campo encharcado, a temperatura subiu no segundo tempo. Mas o Cruzeiro esbarrava em Félix e no compacto sistema defensivo tricolor, que, consciente, só saía em contra-ataques bem estudados. O tempo voava e o time celeste apelava para a violência. Cafuringa era um dos mais visados, caçado na cara do juiz, que nada fazia. Para piorar, sem qualquer coerência, Samarone foi expulso acusado de retardar a partida.

Fim de jogo. Dirigentes e jogadores comemoravam efusivamente dentro do vestiário. O título nacional ficava mais perto. Com a vitória do Palmeiras sobre o Atlético Mineiro, um simples empate contra o Galo no Maracanã daria o campeonato ao Fluminense.

No dia seguinte à vitória, uma quinta-feira, a Avenida Rio Branco foi tomada pela caravana de tricolores que voltavam de Belo Horizonte, parando o Centro do Rio. A poucos quilômetros dali, o aeroporto Santos Dumont também era ocupado por tricolores eufóricos que foram recepcionar os jogadores do Fluminense, tratados como

heróis. Já Mickey, de novo o autor do gol, bastou pisar no saguão do aeroporto para ser carregado nos ombros da torcida, em triunfo.

• PERSONAGEM: FÉLIX

“No Fluminense eu era campeão ano sim, ano não.” Assim Félix resumiu sua vitoriosa trajetória nas Laranjeiras, referindo-se aos títulos estaduais de 1969, 1971, 1973 e 1975. Goleiro campeão do mundo com a Seleção Brasileira em 1970, Félix conquistaria no mesmo ano pelo Flu o Campeonato Brasileiro. Titular de 1968 a 1975, permaneceu no clube até 1978, quando se tornou o único atleta da história do Fluminense a atuar com mais de 40 anos. Tinha personalidade forte e não se abalava com as falhas. Por sua leveza, recebeu o apelido de “Papel”. Félix é um dos maiores goleiros da história do Flu.

Ficha Técnica

Data: 16/12/1970

Árbitro: Sebastião Rufino

Público: 25.922 pagantes

Gol: Mickey 35' 1ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio (Toninho), Denílson, Didi, Cafuringa, Mickey (Silveira), Samarone e Lula. **Técnico:** Paulo Amaral

Cruzeiro: Raul, Lauro, Brito, Fontana (Darcy Menezes), Vanderley, Wilson Piazza (Palhinha), Zé Carlos, Natal, Tostão, Dirceu Lopes e Rodrigues. **Técnico:** Ilton Chaves



BRASILEIRO – 1970

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 1 ATLÉTICO-MG

Campeão brasileiro

Fluzão conquista o maior Brasileiro de todos os tempos.

Mais de 110 mil tricolores lotaram o Maracanã. O time chegara à última rodada do quadrangular final precisando de um simples empate contra o Atlético para ser o campeão. Já eliminado, o Galo necessitava da vitória para ficar ao menos com uma das vagas para a Libertadores. A festa era linda. Na arquibancada, sob um bandeirão tricolor de 600 metros quadrados e uma tonelada de talco, milhares entoavam o grito de "Nense". A tarde – certamente uma das mais bonitas da história do Maracanã – confirmava uma máxima de Nelson Rodrigues: "a torcida tricolor não falha".

Flu e Galo começaram o jogo cautelosos, excessivamente defensivos. Do lado tricolor, talvez pela "irresponsabilidade ofensiva", que lhe custara o bicampeonato estadual, perdido no

semestre anterior. O 0 a 0 já era o suficiente, mas o Flu faria o Maracanã explodir aos 37 minutos. Na jogada, Didi centrou forte pelo alto, Mickey se antecipou a Vantuir e Humberto Monteiro e testou com violência, surpreendendo o goleiro Renato. Gol do Fluminense, mais uma vez assinalado por um jogador predestinado – substituto de Flávio, lesionado, Mickey marcou gols em todos os jogos do quadrangular final da competição –, que voltou a comemorar abrindo os braços, fazendo um gesto que ficou eternizado na memória tricolor: o “V” da vitória com paz e amor.

No intervalo, um temporal alagou o gramado do Maracanã. O campo pesado beneficiou o Atlético Mineiro, que conseguiu o gol de empate logo no início do segundo tempo. A torcida ficou em suspense, mas logo perceberia que não passou de um susto, pois o Fluminense rapidamente retomou as rédeas da partida, exercendo o seu domínio.

A cinco minutos do fim, a massa, pressentindo que a eternidade se anunciava, jogou fora as sandálias da humildade e berrou, em uníssono, estremecendo todo o estádio, fazendo-se ouvir também no Brasil inteiro: “É campeão! É campeão!”

Fim de jogo. Euforia no gramado e nas arquibancadas. Em meio às comemorações, o goleiro Félix lembrava a sua trajetória de glórias pelo clube: “Desde que vesti a camisa do Fluminense, vivo a dar voltas olímpicas. Já fui campeão carioca, campeão mundial e agora sou também campeão do Brasil.”

Chegara então o grande e aguardado momento: o capitão Denilson ergueu a taça, levando ao delírio todo o estádio. Eufórica, parte da

torcida nem se importou de ir a pé do Maracanã até as Laranjeiras.

O Flu triunfara. Era o campeão do Brasil. Entre 17 clubes seletos do país, fora o melhor, impondo-se pelo conjunto em campo e pela organização fora dos gramados.

• PERSONAGEM: MICKEY

Adalberto Kretzer, mais conhecido como Mickey, apelido que ganhou de um médico da sua cidade natal, chegou ao Fluminense em 1969. Sua contratação se deu depois de uma acirrada disputa com o Botafogo. Na fase final do Brasileiro de 1970, o centroavante supriu a ausência do artilheiro Flávio, vítima de uma grave lesão muscular. Além de anotar um gol contra o Atlético-PR na última partida da primeira fase, Mickey marcou nos três jogos decisivos, contra Palmeiras, Cruzeiro e Atlético-MG. Comemorava seus gols com o gesto de paz e amor, com os dedos em "V", famoso nos anos 70. Voltou a mostrar seu faro de artilheiro no ano seguinte ao marcar os três gols da vitória por 3 a 1 sobre o Flamengo que decidiu a Taça Guanabara.

Ficha Técnica

Data: 20/12/1970

Árbitro: José Faville Neto

Público: 112.403 pagantes

Gols: Mickey 37' 1ºT, Vaguinho 2' 2ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio (Toninho), Denílson, Didi, Cafuringa, Mickey, Cláudio e Lula. **Técnico:** Paulo Amaral

Atlético-MG: Renato, Nélito (Zé Maria), Humberto Monteiro, Vantuir, Oldair, Vanderlei, Humberto Ramos, Ronaldo, Lola, Vaguinho e Tião. **Técnico:** Telê Santana



CARIOCA - 1971

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 BOTAFOGO

Luta até o fim

**Não existe título impossível para o
Fluminense.**

Em 1971, o Botafogo tinha um grande time. Seu elenco contava com jogadores como Jairzinho, Paulo César Caju, Carlos Alberto Torres e Brito, todos integrantes da Seleção Brasileira tricampeã mundial no México em 1970. Era, por isso, considerado o favorito ao título do Campeonato Estadual. O time alvinegro confirmaria esta condição ao longo da competição, até três rodadas do fim, quando tinha aberto quatro pontos de vantagem sobre o Fluminense, numa época em que vitória valia apenas dois pontos.

O título era dado como favas contadas no Botafogo. A autoconfiança era tanta que PC Caju já havia até tirado fotos com a faixa de campeão. Mas o Fluminense tinha o time alvinegro entalado na garganta desde o Primeiro Turno, quando fora derrotado pelo rival com um gol de pênalti inexistente.

A partir daí, o Botafogo começou a mancar – nas rodadas finais o time empatou com o Bonsucesso, o América e perdeu para o Flamengo –, permitindo que o Fluminense chegasse. Enquanto o time alvinegro rateava, o Tricolor dava uma arrancada espetacular na reta final – vitórias sobre América (3 a 1), Vasco (2 a 0) e Flamengo (2 a 0). Tais resultados possibilitaram ao Fluminense chegar ao jogo final em condições de conquistar o título, embora fosse o Botafogo quem jogasse pelo empate.

Num domingo de Maracanã lotado, com mais de 140 mil torcedores, o Fluminense, que viveria mais um de seus momentos inesquecíveis, partiu de qualquer maneira em busca da vitória.

O clássico era uma batalha. O relógio marcava 40 minutos do segundo tempo e a torcida alvinegra já gritava "É campeão". Mas pressentindo que o gol do título sairia a qualquer momento, a imensa maioria dos tricolores recusava-se a deixar o estádio antes do apito final.

Seriam recompensados, pois apenas dois minutos depois, aos 42, após um cruzamento de Oliveira, Marco Antônio saltou numa disputa com Ubirajara, o vacilante goleiro alvinegro. A bola acabou sobrando nos pés de Lula, que emendou para o fundo da rede. Era o gol do título. A torcida tricolor, em êxtase, urrava de alegria, enquanto os jogadores do Botafogo cercavam o juiz pedindo falta no lance. Pouco depois, o árbitro apitou o fim da partida. Paulo César Caju, então, sentou na grama e começou a chorar.

Já Félix, o grande arqueiro tricolor, fez um desabafo após a conquista: "É assim que gosto de ganhar, quando ninguém acredita

no nosso time. Quero saber o que eles farão agora com a faixa que compraram."

• PERSONAGEM: LULA

Pernambucano de Arcoverde, Lula era um ponta de velocidade e habilidade. Foi campeão brasileiro de 1970 e carioca em 1969, 1971 e 1973. Ficará para sempre na memória dos tricolores o seu toquinho de canhota que decidiu o título épico de 1971 nos minutos finais da decisão contra o Botafogo. Foi um dos 102 gols que marcou pelo Fluminense em 376 jogos disputados de 1965 a 1974. Pela Seleção Brasileira, atuou em 13 partidas e anotou dois gols.

Ficha Técnica

Data: 27/06/1971

Árbitro: José Marçal Filho

Público: 142.339 pagantes

Gol: Lula 42' 2ºT

Fluminense: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis, Marco Antônio, Silveira, Didi (Flávio), Wilton (Cafuringa), Cláudio, Ivair e Lula. **Técnico:** Zagallo

Botafogo: Ubirajara, Carlos Alberto Torres (Mura), Brito, Osmar, Paulo Henrique, Nei Conceição, Carlos Roberto, Zequinha (Paraguaio), Nílson Dias, Careca e Paulo César.

Técnico: Paraguaio



CARIOCA - 1973

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

Com garra e com raça

Com mais de 100 mil pagantes, Flu conquista segundo turno.

O ano de 1973 havia começado bem para o Fluminense. O clube conquistara ainda nos primeiros dias a Copa São Paulo de Juniores, vencendo na final o Corinthians por 2 a 0. O time, que ficou conhecido como "Young Flu", revelaria dois grandes jogadores que se tornariam ídolos nas Laranjeiras: Carlos Alberto Pintinho e Kléber.

Já os profissionais, quase que simultaneamente, eram campeões em São Januário. Com um gol de Lula, a dois minutos do fim, haviam derrotado o Vasco na decisão do Torneio Internacional de Verão, que, além do rival carioca, contava com a participação do Argentinos Juniors e do Atlanta, ambos da Argentina.

Apesar do ano promissor que se anunciava, o Fluminense era ainda uma equipe em transição. Contava com remanescentes do time campeão estadual de 1971, agora na companhia de Gérson, o "Canhotinha de Ouro", torcedor do Tricolor. A novidade ficava por conta da chegada de Manfrini, que fora reserva do Palmeiras na conquista do Brasileiro de 1972.

Após ser desclassificado no Primeiro Turno, o Fluminense aproveitou as datas disponíveis para alterar o seu comando técnico (Duque no lugar de Zezé Moreira) e fazer uma excursão à África, que se revelou fundamental para que o time adquirisse padrão de jogo.

Conduzido por Manfrini, o Tricolor fez campanha excelente no Segundo Turno, chegando ao confronto decisivo com o Vasco. O vencedor garantiria uma vaga na fase final da competição. Após 90 minutos sem gols, na prorrogação o time cruzmaltino se lançou desorganizadamente à frente, abrindo brechas para o perigoso contra-ataque tricolor. Aos 15 minutos do primeiro tempo, em uma jogada iniciada por Kléber pela esquerda, o lateral Toninho recebeu um passe pelo alto e, livre, conduziu a bola por alguns metros até centrá-la na área. Bem colocado, o centroavante Dionísio – o "Bode Atômico" – subiu mais que Moisés e cabeceou no canto esquerdo de Andrada. Golaço!

A Turma da Fuzarca até tentou esboçar reação, mas a defesa do Fluminense neutralizava todas as investidas. Soa o apito final. Vitória tricolor e provação da torcida nas arquibancadas do Maracanã: "Um, dois, três, o Vasco é freguês."

• PERSONAGEM: PINTINHO

Carlos Alberto Gomes, o Pintinho, foi criado numa favela da Tijuca, razão por que receberia o apelido de "Holandês do Borel" (alusão à Laranja Mecânica de 1974). Revelado na base do Fluminense, foi diretamente alcçado ao posto de titular do time principal. Não se intimidou. Dono de um futebol elegante, assumiu o meio-campo e conquistou o Carioca de 1973. Com a Máquina, seria bicampeão 1975/76 e conquistaria o Torneio de Paris de 1976. Retornou em 1984 ao clube, onde integrou o elenco bicampeão carioca.

Ficha Técnica

Data: 25/07/1973

Árbitro: Aírton Vieira de Moraes

Público: 101.363 pagantes

Gol: Dionísio 15' 1ºT (prorrogação)

Fluminense: Félix, Toninho, Silveira, Assis, Marco Antônio, Pintinho (Adílson), Kléber, Rubens Galaxe, Dionísio, Manfrini e Lula (Ivair). **Técnico:** Duque

Vasco: Andrada, Paulo César, Moisés, Renê, Alfinete, Alcir, Gaúcho, Buglê, Fumanchu, Roberto (Dé) e Luís Carlos. **Técnico:** Mário Travaglini



CARIOCA - 1973

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 2 FLAMENGO

Cantando na chuva

Flu é campeão mais uma vez em cima do Fla.

Campeão do segundo e terceiro turnos, um empate contra o Flamengo seria o bastante para que o Fluminense fosse o campeão estadual de 1973. Para o Rubro-Negro, a missão era mais árdua: o time precisava derrotar o Tricolor duas vezes seguidas. Badalado, o Fla-Flu mexeu tanto com a cidade que até São Pedro se fez presente, com muita chuva e vento no Maracanã, que logo enlamearam o gramado. Dizem que até Noé e a sua arca foram vistos entre os mais de 70 mil torcedores.

Tanta era a confiança no título por parte dos jogadores tricolores que, ao sair da concentração para o estádio, Toninho ligou para a sede do clube, avisando: "Não se esqueçam de reservar um barril de chope para a gente." Já o técnico Duque, mais comedido, acendeu

velas aos pés do Corcovado e prometeu também peregrinar por cinco igrejas se a taça fosse mesmo parar nas Laranjeiras.

O jogo começou com o Fluminense ofensivo, vibrante, partindo pra cima do Fla. O zero no placar, porém, permaneceu quase até o fim do primeiro tempo, quando, em duas falhas dos rubro-negros, Manfrini e Toninho aproveitaram, deixando o Flu na boa: 2 a 0.

Mesmo desorganizado em campo, o Flamengo chegaria ao empate, com dois gols de Dario. Os rubro-negros ainda festejavam a igualdade no marcador quando Lula lançou Manfrini em profundidade. O atacante driblou o goleiro Renato, que havia deixado a meta em desespero, e ainda de fora da área rolou mansamente para o gol vazio, quase que desdenhando das diversas poças d'água pelo caminho. Quando a bola cruzou a linha, a torcida explodiu de alegria. Das cabines de rádio do Maracanã, o locutor Waldir Amaral assim anunciou o gol tricolor: "Manfrini, dez é a camisa dele! Indivíduo com-pe-ten-te. Tem peixe na rede do Flamengo." Já Nelson Rodrigues diria em sua crônica que o título tricolor "estava escrito há seis mil anos".

Mas ainda tinha jogo. Mesmo assim, a torcida do Fluminense, aquela que não falha jamais, já começava a invadir Álvaro Chaves para comemorar quando, no Maracanã, Dionísio recebeu sozinho, driblou Renato, cortou Chiquinho e marcou o quarto e último gol da noite. Fluminense campeão. Festa tricolor. Do outro lado, Zagallo perdia uma decisão pela primeira vez na carreira.

- **PERSONAGEM: MANFRINI**

Um dos atacantes mais carismáticos que o Fluminense já teve, Manfrini foi o grande jogador do Campeonato Carioca de 1973. Na final, contra o Flamengo, marcou dois gols na épica goleada de 4 a 2 sob uma chuva torrencial. Em outro Fla-Flu no mesmo ano, fez os dois gols da vitória tricolor de virada por 2 a 1, um deles de bicicleta. No início de 1975, esteve para ser negociado, mas por um pedido pessoal de Rivellino, que o via como seu parceiro ideal, ao então presidente Francisco Horta, acabou ficando por mais uma temporada. A solicitação não foi em vão: Manfrini foi mais uma vez campeão. Sempre muito identificado com o Flu, marcou 61 gols em 157 jogos pelo clube.

Ficha Técnica

Data: 22/08/1973

Árbitro: José Faville Neto

Público: 74.073 pagantes

Gols: Manfrini 40' 1ºT, Toninho 45' 1ºT, Dario 25' 2ºT, Dario 33' 2ºT, Manfrini 35' 2ºT, Dionísio 39' 2ºT

Fluminense: Félix, Toninho, Bruñel, Assis, Marco Antônio, Pintinho, Kléber, Marquinhos, Dionísio, Manfrini e Lula. **Técnico:** Duque

Flamengo: Renato, Moreira, Chiquinho, Fred, Rodrigues Neto, Liminha, Zico, Vicentinho (Arílson), Dario, Sérgio e Paulo César. **Técnico:** Zagallo



AMISTOSO - 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 1 CORINTHIANS

É tempo de sorrir

Máquina Tricolor inicia uma era no sábado de Carnaval.

A relação da torcida do Corinthians com Rivellino sofria gradativo processo de deterioração. A cada campeonato perdido pelo time a culpa recaía sobre o craque. A mídia corroborava, aumentando o clima de hostilidade ao maior jogador do Brasil da época.

Atento aos acontecimentos, o presidente do Fluminense Francisco Horta, recém-eleito, viajou até São Paulo, onde foi de surpresa à casa de Rivellino. Ofereceu flores tricolores à sua esposa, Marisa, que, sensibilizada, convidou-o a entrar e tomar um café. Horta aproveitou para contar a Marisa sobre as delícias de se viver na Cidade Maravilhosa e da paixão que os tricolores nutriam pelo Flu.

Repetiu tudo a Rivellino, que chegou pouco depois. O craque ouviu a proposta e, muito interessado, ligou para o pai, seu Nicola, para que

fossem juntos até a casa de Vicente Matheus, folclórico presidente corintiano, que pediu oito milhões de cruzeiros pelo passe do jogador. "Impossível", rebateu o presidente tricolor. "Com este dinheiro compro o Piauí, rebatizo o estado e coloco o Fluminense no mapa para sempre."

Acabou saindo por menos da metade, mas ainda assim muito dinheiro. Sem um centavo na mão, Horta voltou ao Rio com a ideia fixa de que a negociação seria a grande cartada para tirar o Fluminense da coadjuvância do ano anterior. Com o lema "Vencer ou vencer", mobilizou tricolores influentes, conseguiu empréstimo e realizou a mais fantástica contratação da história do futebol brasileiro. Estava dado o primeiro passo para a formação da Máquina, um dos times mais míticos do país.

Os noticiários esportivos ferveram com a novidade. A grande estreia de Rivellino com a camisa do Fluminense seria marcada para um sábado de Carnaval, no Maracanã. Para engrandecer o espetáculo, Horta foi pessoalmente pedir ao compositor Cartola, fanático torcedor do Flu, a presença da bateria da Mangueira. A solicitação, prontamente aceita, deu origem à "Torcida Manga Flu".

No gramado, um delírio. Rivellino driblou, fez lançamentos perfeitos e ainda marcou três gols. Quando substituído aos 27 minutos do segundo tempo, saiu aplaudido de pé por uma encantada torcida.

No vestiário, depois de receber das mãos do governador a chave da cidade, Rivellino, ainda eufórico, extravasou: "Viram só que mergulho e que cabeçada? Eu sabia que teria atuações como esta

pelo Flu. Só não imaginaria que fosse tão cedo. Tenho certeza que aqui no Rio vou ter todo o sucesso que mereço."

• PERSONAGEM: FRANCISCO HORTA

Advogado e juiz de Direito, Francisco Horta assumiu a presidência do Fluminense em 1975, quando ganhou as manchetes de todo o país ao contratar o então maior jogador em atividade no Brasil, o craque Rivellino, em litígio com a torcida do Corinthians. Horta montou um time que ficou conhecido como Máquina Tricolor, reunindo dez jogadores da Seleção Brasileira e um da Argentina. Em 1976, promoveu o troca-troca no futebol carioca. Na sua gestão, o clube conquistou o Torneio de Paris, o Troféu Teresa Herrera e os Campeonatos Cariocas de 1975 e 1976. Nos mesmos anos, chegaria às semifinais do Brasileiro. Seu lema "Vencer ou vencer" entrou para a história.

Ficha Técnica

Data: 08/02/1975

Árbitro: José Roberto Wright

Público: 40.547 pagantes

Gols: Rivellino 26' 1ºT, Rivellino 39' 1ºT, Lance 40' 1ºT, Rivellino 19' 2ºT, Gil (pênalti) 34' 2ºT

Fluminense: Roberto (Paulo Sérgio), Toninho, Silveira, Assis, Marco Antônio (Edinho), Zé Mário, Kléber (Pintinho), Rivellino (Erivelto), Cafuringa, Gil e Mário Sérgio (Zé Roberto).

Técnico: Paulo Emílio

Corinthians: Sérgio (Paulo Rogério), Zé Maria, Laércio (Zé Eduardo), Ademir, Wladimir, Tião, Adãozinho, Vaguinho (Zezé), Lance, Zé Roberto (Arlindo) e Daércio (Pita). **Técnico:**

Sylvio Pirillo



CARIOCA - 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 AMÉRICA

Indivíduo competente

Gol no fim da prorrogação decide Taça Guanabara.

Campeão da Taça Guanabara de 1974, o América tentaria o bicampeonato num jogo extra contra o Fluminense, de Rivellino. Foram 119,5 minutos de domínio tricolor. O time rubro, cauteloso, aventurava-se apenas em um ou outro contra-ataque. Os 30 segundos finais, porém, seriam eternos para o Flu e seu camisa 10.

Quando todos imaginavam que o empate sem gols seria mantido até o fim da prorrogação e que a decisão iria mesmo para os pênaltis, Bráulio, no último minuto, tentou aplicar um chapéu em Marco Antônio. O jogador do América levou a pior no lance e acabou colocando a mão na bola. Falta para o Flu muito próxima à entrada da área. Um clamor, então, ecoou por todo o Maracanã: "Ri-ve-lli-no! Ri-ve-lli-no!"

Chamando a responsabilidade para si, o craque ajeitou a bola e, sem qualquer fidalguia, aplicou uma patada atômica e certeira na direção da barreira. Ao tentar se esquivar, Geraldo desviou a trajetória da bola, que foi morrer no ângulo esquerdo de País.

Rivellino enlouqueceu. Aos 29 anos, o campeão mundial de 70 conquistava pela primeira vez na carreira um título com a camisa de um clube. "Minha vontade era de pular na torcida e vibrar no meio da galera", disse, ainda extasiado, o craque do Fluzão.

Cercado por repórteres e carregado nos ombros pelos torcedores, Rivellino desabafou: "Só quem sofreu como eu pode avaliar o que representa o carinho desta torcida. Quando soube do interesse do Fluminense por mim, reuni a família. Em orações pedimos muito que isto se concretizasse. No Flu posso mostrar que não sou azarado e muito menos covarde."

No vestiário, mais emoção: em nome de seus colegas, o goleiro Félix fez questão de dedicar a Rivellino o título, o primeiro da era da Máquina Tricolor, que classificou o time à fase final do Carioca.

• PERSONAGEM: KLÉBER

Kléber foi campeão da Taça São Paulo de Juniores pelo Fluminense em 1971 e 1973, ano em que faria sua estreia na categoria profissional. Promovido pelo técnico Duque, conquistaria, em final marcante contra o Flamengo, o título estadual logo em sua primeira temporada no time de cima. Deu a volta olímpica outras três vezes, em 1975, 1976 e 1980. Conquistaria também títulos internacionais, como o Torneio de Paris e o Troféu Teresa Herrera. Ao todo, realizou 312 jogos e anotou 38 gols pelo Fluminense.

Ficha Técnica

Data: 27/04/1975

Árbitro: Carlos Costa

Público: 96.035 pagantes

Gol: Rivellino 14' 2ºT (prorrogação)

Fluminense: Félix, Toninho, Silveira, Edinho, Marco Antônio, Zé Mário, Kléber, Rivellino, Gil, Manfrini (Erivelto) e Zé Roberto. **Técnico:** Paulo Emílio

América: País, Orlando, Alex, Geraldo, Álvaro, Ivo, Tadeu, Bráulio, Flecha, Neco e Paulo César. **Técnico:** Danilo Alvim



CARIOCA - 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

Gol do Elástico

Gol de placa de Rivellino entra para a história.

Campeão da Taça Guanabara de forma emocionante com um gol de falta de Rivellino no último minuto da prorrogação, o Fluminense, já garantido na fase final da competição, havia diminuído o ritmo. Assim, o jogo do retorno daquele Estadual contra o Vasco pouco significava para a Máquina. Alguns poderiam imaginar que a partida serviria apenas para engrossar as estatísticas do clássico. Não foi, porém, o que aconteceu.

Um lance fantástico, que entraria para a antologia do futebol, seria executado naquela tarde de inverno. Tudo começou quando Rivellino recebeu um passe de Manfrini na entrada da área do Vasco. Notou seus companheiros marcados e, em seguida, a aproximação de Alcir. Deu, então, uma meia parada, respirou fundo e, com o pé esquerdo, aplicou o drible do elástico entre as pernas do

jogador cruzmaltino. Na corrida, passou no meio de mais dois zagueiros e, da entrada da pequena área, chutou no canto esquerdo de Andrada. A jogada, desenrolada num tempo inferior a quatro segundos, constituiu um dos gols mais bonitos de todos os tempos.

Em entrevista após o jogo, Alcir foi de uma elegância rara: "Tenho certeza de que até os torcedores foram enganados nesta jogada espetacular. Nem sei por onde a bola passou." Já Rivellino, que sempre fora craque, encontrara no excelente ambiente das Laranjeiras o amparo emocional que lhe faltava. "Ele já não é mais um homem nervoso ou preocupado", afirmava João Alberto, psicólogo da equipe e faixa preta de jiu jitsu, que tinha carta branca para usar terapias alternativas, tanto nas questões emocionais quanto nas disciplinares. Prova de que não foram medidos esforços para que a Máquina Tricolor entrasse nos trilhos.

Outro exemplo disso foi o repatriamento de Paulo César Caju, então no Olympique de Marseille (FRA). Antes mesmo de sua estreia, o atacante já havia ganhado até música dos torcedores. "É covardia! É covardia! Com Paulo César, Rivellino e companhia!"

• PERSONAGEM: RIVELLINO

Jogador fora de série, um dos melhores da história, Rivellino foi contratado pelo Fluminense em 1975. Considerado o maior craque brasileiro dos anos 70, foi o grande líder do time que seria eternizado como "A Máquina Tricolor". Estreou em um sábado de Carnaval contra seu ex-clube, o Corinthians. Jogador extraclasse, de passes precisos, dribles desconcertantes e lançamentos longos, foi campeão do mundo no México, em 1970. Com a Seleção Brasileira, disputaria ainda as Copas de 1974 e 78. Seu futebol é exaltado por jogadores como Maradona.

Ficha Técnica

Data: 01/06/1975

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 58.279 pagantes

Gol: Rivellino 21' 2ºT

Fluminense: Félix, Toninho, Silveira, Assis, Marco Antônio, Zé Mário, Kléber, Rivellino (Erivelto), Wilton, Manfrini e Mário Sérgio. **Técnico:** Paulo Emílio

Vasco: Andrada, Paulo César, Miguel, Renê (Moisés), Celso Alonso, Alcir, Zanata, Luís Carlos, Carlinhos (Galdino), Roberto e Dé. **Técnico:** Mário Travaglini



AMISTOSO - 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 BAYERN DE MUNIQUE

É covardia, é covardia...

Flu vence a base da Seleção Alemã campeã mundial.

Bicampeão europeu e base da seleção alemã campeã mundial de 1974, o Bayern de Munique havia sido o adversário escolhido para o jogo de apresentação de PC Caju. Uma noite de gala fora preparada no Maracanã para a mais nova estrela da Máquina. O Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), estampado no uniforme do Flu, revelava mais uma faceta do pioneirismo tricolor. Pela primeira vez na história do país, um time colocava um patrocínio em seu uniforme.

Na época deste Fluminense x Bayern, o Brasil era um país muito pouco visitado por clubes estrangeiros, o que fazia com que a realização de partidas deste porte despertasse a atenção do público. Por isso, boa parte da imprensa só acreditou mesmo quando os alemães desembarcaram no Galeão, fato que mexeu com a cidade e

com todos os apaixonados por futebol, face à oportunidade de ver ao vivo um confronto internacional do mais alto gabarito.

O jogo começou a mil por hora. Cafuringa levava Weiss à loucura com seus dribles desconcertantes. Logo aos oito minutos saiu o gol. A jogada, que deixou a torcida extasiada, começara em um minielástico de Rivellino, que avançou e encontrou Kléber. Após a finalização do meia, Gerd Muller, artilheiro da Copa do Mundo de 1970, tentou interceptar e acabou fazendo contra.

A abertura do placar foi sucedida por uma supremacia tática, técnica e física tricolor. Se não fosse o goleiro Sepp Maier, os bávaros sairiam do Rio de Janeiro goleados. As atuações de Rivellino, Mário Sérgio e Kléber foram inesquecíveis. Isso sem falar do querido Cafuringa, que despertou a perplexidade de Beckenbauer em relação ao seu futebol. Ao indagar repórteres sobre o porquê de o ponteiro não ser titular da Seleção Brasileira, o "Kaiser" não acreditou ao ser informado de que o folclórico jogador não era titular nem do Fluminense.

Foi uma noite memorável, até hoje presente na antologia do futebol brasileiro, que começava a ganhar um grande técnico: Carlos Alberto Parreira. Após assumir interinamente algumas vezes o time principal das Laranjeiras, ele dava os primeiros passos para sua afirmação.

• PERSONAGEM: CAFURINGA

Moacir Fernandes, o Cafuringa, foi dos maiores pontas-direitas da história do futebol brasileiro. Driblador nato, levantava a torcida com suas jogadas de efeito e assistências

precisas, que fizeram a alegria de centroavantes como Flávio e Mickey. Desde 1967, em mais de 300 partidas pelo Fluminense, conquistou diversos títulos. O Campeonato Brasileiro de 1970 foi um deles. Ao se aposentar, ainda encantaria o país na Seleção Brasileira de másteres.

Ficha Técnica

Data: 10/06/1975

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 60.100 pagantes

Gol: Gerd Muller (contra) 8' 1ºT

Fluminense: Félix, Toninho, Silveira, Assis, Marco Antônio, Zé Mário, Kléber, Rivellino, Cafuringa, Paulo César (Manfrini) e Mário Sérgio. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Bayern Munique: Maier, Durnberger, Schwarzenbeck, Zobel, Weiss, Beckenbauer, Roth, Kapelmann, Gerd Muller, Rummenigge e Torstensson. **Técnico:** Dettmar Cramer



CARIOCA - 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 1 VASCO

Barba, cabelo e bigode

Flu começa bem o triangular decisivo e fica com a mão na taça.

Um triangular envolvendo Fluminense, Vasco e Botafogo decidiria o título carioca de 1975. Pelo investimento realizado, a conquista da taça era vista como uma obrigação nas Laranjeiras. Para tanto, até a forma de a equipe atuar foi revista pelo treinador Carlos Alberto Parreira, com os jogadores passando a dialogar mais entre eles, em detrimento do individualismo. Como destaque, o sacrifício tático de Manfrini, que, mesmo atuando fora de sua posição original, contribuiu com o coletivo, movimentando-se e criando espaços.

Fluminense e Vasco abriram o triangular em um jogo ao qual a torcida tricolor compareceu em esmagadora maioria, fazendo com que o time cruzmaltino entrasse em campo já derrotado. Estariam os vascaínos prevendo a catástrofe que se sucederia?

O jogo começou com muita correria. Logo aos sete, Pintinho avançou pela direita e centrou para Manfrini, que chutou para o fundo das redes: Flu 1 a 0. O gol bagunçou o Vasco, que na falta de um abrigo antiaéreo esquivou-se como pôde do bombardeio tricolor. Aos 35, não houve jeito: após lindo passe de Rivellino, Gil centrou e Paulo César Caju fez, de cabeça, o segundo do Flu no clássico. Com dois de vantagem, o time, então, pisou no freio e acabou sofrendo um gol antes do intervalo.

Na volta para o segundo tempo, Moisés acertou Paulo César e foi expulso no momento em que o Vasco esboçava uma reação. Insatisfeito com o cartão vermelho, o zagueiro vascaíno ainda deu um chute na cabeça de PC antes de sair de campo.

Com um a mais, o Fluminense deslanchou, com Gil marcando o terceiro, após passe de Caju. O gol mais bonito da partida, porém, estava guardado para o final. Aos 39, Rivellino recebeu no meio, deixou Alcir e Joel na saudade e, frente a frente com Andrada, detonou a bomba com precisão, sem chance alguma de defesa. Flu 4 a 1. Passeio tricolor no Maracanã. E ficou barato.

Na sequência do triangular, o Vasco venceria o Botafogo por 2 a 0, resultado que deixou o Flu em situação privilegiada. Contra o time alvinegro, a Máquina só não seria campeã se fosse derrotada por, pelo menos, três gols de diferença. Como o Botafogo não passou de uma vitória magra por 1 a 0, apesar de o Fluminense ter sido superior em quase toda a partida, o título de campeão carioca de 1975 acabou mesmo indo para as Laranjeiras, conforme se esperava. Era a consagração de Rivellino, Paulo César e companhia.

• PERSONAGEM: GIL

Mineiro de Nova Lima, o “búfalo” Gil foi um dos grandes parceiros de Rivellino. A Máquina não seria a mesma sem os lançamentos para o inalcançável Gil. Forte e veloz, com chutes precisos, era o desafogo e o contra-ataque fulminante daquele grande elenco. Foi autor de 58 gols no biênio 1975/76, número que o fez artilheiro do time naquele período. Chegou à Seleção Brasileira, onde se tornou herói da conquista do Torneio Bicentenário nos Estados Unidos em 1976. Ao todo, anotou 74 gols em 172 partidas.

Ficha Técnica

Data: 10/08/1975

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 79.764 pagantes

Gols: Manfrini 7' 1ºT, Paulo César 35' 1ºT, Edu 43' 1ºT, Gil 20' 2ºT, Rivellino 39' 2ºT

Fluminense: Félix, Zé Maria, Silveira, Assis, Marco Antônio, Zé Mário, Pintinho, Rivellino, Gil, Manfrini e Paulo César. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Vasco: Andrada, Toninho, Joel, Moisés, Celso Alonso, Alcir, Gaúcho, Edu, Ademir, Roberto e Dé. **Técnico:** Mário Travaglini



BRASILEIRO – 1975

MINEIRÃO

FLUMINENSE 2 x 1 CRUZEIRO

Olympique de Caju

Gol magnífico de PC Caju decreta vitória tricolor.

Durante o Campeonato Brasileiro de 1975, o Fluminense era líder de público e arrecadação. O país inteiro queria ver como funcionava aquela máquina de jogar bola. O presidente Francisco Horta queria sempre mais. Com a competição em andamento, resolveu trocar de técnico, contratando o ex-jogador e eterno ídolo Didi.

Em sua apresentação, o “Príncipe Etíope”, denominação que ganhou de Nelson Rodrigues, chegou em um impecável safári branco. Como o campo estava encharcado de lama, ele reuniu o grupo de jogadores na beira do gramado, onde proferiu uma breve palestra. Ao fim da conversa, dirigiu-se ao vestiário enquanto os jogadores, dispersos, batiam bola. Neste momento, o irreverente Mário Sérgio, duvidando do passado de boleiro do novo “professor”, lançou a bola enlameada, cheia de efeito, em sua direção e gritou: “Vai, Didi!” O

gênio da folha-seca, antes mesmo que a bola o atingisse e batizasse a sua indumentária, dominou-a com categoria, devolvendo-a, sem deixar cair, nos pés do engraçadinho. E fez isso calçando um sapato de bico fino e de cromo alemão. Os presentes aplaudiram de pé o mestre, que mandou o terno dali para o lixo, mas ganhou o respeito de todos de forma instantânea. Assim era o Mr. Football, apelido que recebeu da imprensa europeia durante a Copa de 58, quando foi eleito o melhor jogador do Mundial.

Nesse clima de "boleiragem", o Fluminense foi a Belo Horizonte enfrentar o grande time do Cruzeiro de Raul, Nelinho, Palhinha e do habilidoso ponta Joãozinho. Em jogo, a liderança do Grupo A. No comando da equipe mineira estava Zezé Moreira, ex-técnico de Didi no Flu nos anos 50. Depois de levar um gol de Palhinha, o Fluminense voltou mais agressivo para a segunda etapa e chegou ao empate com um gol de Kléber.

O jogo caminhava para terminar mesmo 1 a 1, mas aos 44, depois de levar inacreditáveis cinco bolas na trave, o Tricolor teve um escanteio a seu favor. Quando Paulo César Caju se dirigia para a cobrança, foi aconselhado por Zé Roberto a ousar, tentando o gol olímpico. Vaiado pela torcida do Cruzeiro durante quase todo o jogo, PC não pensou duas vezes: bateu forte, em curva, em direção ao gol de Raul, que, surpreendido, nada pôde fazer. Um golaço que selou a virada tricolor.

• PERSONAGEM: PAULO CÉSAR CAJU

Contratado ao Olympique de Marseille (FRA), Paulo César Lima, ou PC Caju, foi um dos grandes craques do futebol brasileiro. Irreverente e contestador, é outro dos integrantes

de luxo da Máquina Tricolor. Usava o cabelo no estilo *Black Power*, bem de acordo com suas roupas extravagantes. Em uma equipe que até hoje povoa o imaginário dos tricolores, PC exibia seu futebol vistoso, de fino trato com a bola. No Fluminense, conquistou o bicampeonato estadual em 1975/76. Uma brincadeira dizia que o Fluminense contava, em 1975, com o melhor ponteiro esquerdo do Brasil, Mário Sérgio, e com o melhor do mundo, Caju.

Ficha Técnica

Data: 19/11/1975

Árbitro: Romualdo Arppi Filho

Público: 55.814 pagantes

Gols: Palhinha 29' 1ºT, Kléber 28' 2ºT, Paulo César 44' 2ºT

Fluminense: Roberto, Toninho, Silveira, Edinho, Marco Antônio, Zé Mário (Pintinho), Kléber, Paulo César, Gil, Manfrini (Cafuringa) e Zé Roberto. **Técnico:** Didi

Cruzeiro: Raul, Nelinho, Moraes, Darci Menezes, Vanderley, Wilson Piazza (Evaldo), Zé Carlos, Joãozinho (Jésum), Eduardo, Roberto Batata e Palhinha. **Técnico:** Zezé Moreira



BRASILEIRO – 1975

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 2 PALMEIRAS

Que bonito é...

**Em atuação brilhante, Tricolor goleia o
Palmeiras.**

Iiberados pelo Departamento Médico, Félix e Edinho seriam importantes reforços para o Fluminense na partida contra o Palmeiras, respectivamente líder e vice-líder do Grupo A do Campeonato Brasileiro. A vitória tricolor classificaria o time para a semifinal da competição.

O primeiro gol da partida saiu dos pés do zagueiro Edinho, numa jogada habilidosa pela esquerda, complementada por Manfrini. Com vantagem no marcador, futebol objetivo e deslocamentos constantes, o segundo era uma questão de tempo. E foi o que aconteceu. Sua autoria coube a Paulo César, que, após tabelar com Manfrini e deixar a zaga palmeirense no vácuo, driblou o goleiro e finalizou para a meta vazia. Irritado por sofrer mais um gol, Leão rugiu com seus companheiros de equipe.

O Palmeiras voltou para o segundo tempo como o Fluminense queria: desenfreado no ataque, marcando homem a homem e oferecendo muito espaço pelo gramado. Como resultado, mais dois gols tricolores em menos de dez minutos. O terceiro, feito por Gil, foi sensacional. O ponteiro tricolor driblou dois zagueiros e soltou a bomba de perna esquerda, da risca da grande área, no canto do goleiro, sem chances de defesa. Já no quarto, Toninho veio arrancando desde o meio-campo, cortou para dentro e bateu firme, sem defesa. Mais um gol espetacular.

Daí em diante, o Fluminense abandonou a objetividade e só se preocupou em dar show para a torcida. Mesmo levando dois gols, o saldo final foi uma exibição memorável. Um dos grandes momentos da Máquina.

• PERSONAGEM: TONINHO

Antônio Dias dos Santos, mais conhecido como Toninho, veio do Galícia-BA em 1970. Com raça e muita força física, era um lateral direito que subia ao ataque e não fugia das divididas. Inicialmente reserva do consagrado Oliveira, aos poucos conquistou seu espaço, firmando-se como titular do Fluminense, onde jogou até o fim da temporada de 1975. No período, além de um título nacional, conquistou três Estaduais. Deixou as Laranjeiras no início de 1976 em um troca-troca com o Flamengo, promovido pelo então presidente Francisco Horta. Totalizou 247 jogos pelo clube.

Ficha Técnica

Data: 03/12/1975

Árbitro: Saul Mendes

Público: 58.073 pagantes

Gols: Manfrini 4' 1ºT, Paulo César 36' 1ºT, Gil 7' 2ºT, Toninho 8' 2ºT, Edu 17' 2ºT, Alfredo 32' 2ºT

Fluminense: Félix, Toninho, Silveira (Assis), Edinho, Marco Antônio, Zé Mário, Paulo César, Rivellino, Gil, Manfrini e Zé Roberto (Mário Sérgio). **Técnico:** Didi

Palmeiras: Leão, Eurico, Arouca, Alfredo, João Carlos, Édson, Ademir da Guia, Mário, Edu, Erb (Fedato) e Nei. **Técnico:** Dino Sani



TORNEIO DE PARIS – 1976

PARC DES PRINCES (PARIS)

FLUMINENSE 3 x 1 SELEÇÃO EUROPEIA

La Machine

**Tricolor deixa franceses boquiabertos com
belo futebol.**

Sem dinheiro em caixa, o Fluminense promoveu um troca-troca entre os quatro grandes clubes do Rio de Janeiro. Do Flamengo vieram Renato, Rodrigues Neto e Doval. Já de Vasco e Botafogo, Miguel e Dirceu. O ídolo Carlos Alberto Torres, capitão do Tri em 70, também estava de volta para fechar o elenco reformulado da segunda versão da Máquina Tricolor. O Fluminense tinha na agenda um grande compromisso: o tradicional Torneio de Paris, que, naquela edição, contaria também com forças como o Paris Saint-Germain, a Seleção Olímpica do Brasil e a Seleção Europeia, formada por craques atuantes no Velho Continente.

A estreia tricolor contou com uma exibição de gala do craque Rivellino. O Flu derrotou o PSG por 2 a 0 e se classificou para a decisão contra a Seleção Europeia, que tinha jogadores titulares do

famoso Carrossel Holandês – Suurbier, Van Hanegem e Rensenbrink.

Na final, o Fluminense entrou em campo sem Gil e pareceu sentir o peso do desfalque. Numa indecisão entre Renato e Miguel, Billy Bremner, capitão da seleção escocesa na Copa do Mundo de 74, abriu o placar. Mas a Máquina reservava uma jogada que arrancaria aplausos de pé. Paulo César conduziu a bola em direção à área adversária, driblou três e foi até a linha de fundo, onde parou, cortou mais um zagueiro e, por cobertura, colocou no ângulo oposto do goleiro. Gol de placa!

Na etapa final, PC cedeu a Rivellino o comando do show. O craque marcou o segundo, depois de um passe preciso de Doval que deixou inerte a zaga. Cinco minutos depois, o tiro de misericórdia: Rivellino driblou meio time e foi derrubado na área. Carlos Alberto Torres cobrou e fez: 3 a 1. Com a vitória praticamente assegurada, os tricolores ficaram trocando passes até o apito final do juiz.

Fim de jogo. Durante minutos, o Fluminense é aclamado por um público extasiado. Na tribuna de honra do estádio, o capitão do time, Torres, ergue a taça e comanda a volta olímpica. No retorno da delegação ao Rio, num domingo de sol tipicamente carioca, vários tricolores invadiram o Aeroporto do Galeão para saudar os campeões.

O feito da Máquina seria eternizado na memória e no coração até dos europeus, já que, mais de duas décadas depois, em 1997, num torneio precursor da Copa da França – que, além do país anfitrião, envolveu as seleções de Brasil, Itália e Inglaterra –, um gigantesco

painel homenageava os maiores craques que já haviam atuado em gramados franceses. Para imenso orgulho tricolor, a foto de Rivellino, com a camisa da Máquina, foi uma das exibidas. Marcou época.

● PERSONAGEM: DIRCEU

O polivalente Dirceu atuava como meia e ponta-esquerda. Disputou três Copas do Mundo e uma Olimpíada. Teve passagem marcante pela segunda versão da Máquina Tricolor, em 1976, quando foi titular absoluto de um dos maiores times da história do clube. Incansável em campo, recebeu o apelido de "Formiguinha". Envolvido em um troca-troca com o Vasco em 1977, teve sua saída muito lamentada pelos tricolores.

Ficha Técnica

Data: 24/06/1976

Árbitro: Robert Wurtz (FRA)

Gols: Bremner 33' 1ºT, Paulo César 43' 1ºT, Doval 21' 2ºT, Carlos Alberto Torres (pênalti) 26'
2ºT

Fluminense: Renato, Rubens Galaxe, Carlos Alberto Torres, Miguel (Edival), Rodrigues Neto, Pintinho, Paulo César, Rivellino (Carlinhos), Luiz Alberto, Doval e Dirceu. **Técnico:** Mário Travaglini

Seleção Europeia: Petrovic, Suurbier, Pietro, De Felipe (Spiegel), Van Hanegem, Acimovic, Stefanovic, Bremmer, Georgescu (Didier Six), Jordan e Rensenbrink. **Técnico:** Stefan Kovacs



CARIOCA - 1976

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

Vencer ou vencer

Flu é bicampeão no último minuto da prorrogação.

Com uma atuação de gala, a Máquina havia goleado o Botafogo por 5 a 1, conquistando o terceiro turno do Campeonato Carioca daquele ano. O resultado classificou o time para um quadrangular final em que brigaria pelo título com América, Vasco e, de novo, Botafogo, que tentavam impedir o bicampeonato do Flu.

No quadrangular, o time venceu o América por 2 a 0, mas não passou de empates com o Botafogo (0 a 0) e o Vasco (2 a 2), resultados que deixaram tricolores e cruzmaltinos empataados na liderança. Assim, uma partida extra entre os dois teve de ser marcada para apontar o campeão, o que só aconteceu mais de um mês depois, uma vez que o Campeonato Brasileiro já estava em andamento.

No dia da final, o Maracanã estava lotado. Fluminense e Vasco atraíram 127 mil torcedores para a grande decisão do campeonato. O regulamento previa 30 minutos de prorrogação em caso de empate, que, se persistisse, levaria a decisão aos pênaltis.

Com a bola rolando, o Flu foi para cima do Vasco. Contando com o apoio da torcida tricolor, que neste dia esteve simplesmente deslumbrante, o time bombardeou o adversário durante todo o jogo. Mas o Vasco, com o time todo plantado na defesa e a clara intenção de levar a partida para os pênaltis, segurou o 0 a 0 no tempo normal.

Na prorrogação, o panorama se manteve, com o Fluminense sempre tomado a iniciativa. O tempo foi escoando, mas a torcida mantinha a certeza do título, gritando “Nense” sem parar.

O ápice da decisão foi deixado para o último ato, no derradeiro minuto. PC Caju cruzou na área. Pintinho, do outro lado, escorou de cabeça para o meio e a bola encontrou Doval, que de orelha desviou para o fundo da rede de Mazarópi. Era o gol do título. O sonhado bicampeonato tornara-se realidade. Desde o Fla-Flu da Lagoa, em 1941, o clube não conquistava dois Estaduais de forma consecutiva.

• PERSONAGEM: DOVAL

Envolvido em troca-troca com o Flamengo, Doval chegou ao Fluminense em 1976, quando finalmente encontrou um time técnico, à altura de seu talento. Sagrou-se campeão logo em seu primeiro ano nas Laranjeiras. Foi autor do gol que decidiu o título estadual, contra o Vasco, marcado ao final de 120 minutos dramáticos. Jogador habilidoso e de muita raça, caiu facilmente nas graças da torcida. Doval era argentino, mas muito identificado com o Rio de Janeiro. Anotou 69 gols em 143 partidas.

Ficha Técnica

Data: 03/10/1976

Árbitro: Armando Marques

Público: 127.052 pagantes

Gol: Doval 13' 2ºT (prorrogação)

Fluminense: Renato, Rubens Galaxe, Carlos Alberto Torres, Miguel, Rodrigues Neto, Pintinho, Paulo César, Rivellino, Gil, Doval e Dirceu. **Técnico:** Mário Travaglini

Vasco: Mazarópi, Toninho, Abel, Renê, Luís Augusto, Zé Mário, Gaúcho, Luís Carlos, Galdino, Roberto e Dé (Fumanchu). **Técnico:** Paulo Emílio



CARIOCA - 1979

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 0 FLAMENGO

Foi praga?

Com boa atuação de pratas da casa, Flu derruba o Fla de Zico.

O prometido début da mais nova torcida organizada do Flamengo, a "Flagay", liderada pelo figurinista Clóvis Bornay, era o fato que mais esquentava o noticiário daquele Fla-Flu, válido pelo Terceiro Turno do Campeonato Carioca de 1979. A ideia, porém, não fora bem digerida pelas bandas da Gávea, a ponto de Márcio Braga, presidente rubro-negro, declarar que chamaria a polícia, se preciso, para impedir a estreia da torcida.

Em meio ao barraco midiático, os censurados encontraram solidariedade em João Saldanha, que em sua coluna do Jornal do Brasil escreveu considerar tudo normal. A única coisa que lhe causava perplexidade, no entanto, era o grande número de adeptos arregimentados em tão pouco tempo.

Celeumas à parte, unindo a nova geração aos jovens veteranos Edinho, Pintinho e Kléber, o Fluminense reencontrava o caminho de casa após o fim da Máquina Tricolor.

Climão criado, a partida começou com o Flamengo no ataque, não respeitando o Flu. Mas, aos poucos, Pintinho passou a organizar o time e ditar o ritmo do baile. O Fla, então, na falta de repertório, teve de apelar para a violência, enquanto o Flu apelou para os gols.

O primeiro gol tricolor no clássico saiu de uma bola mal rebatida, que sobrou nos pés do polivalente Rubens Galaxe. O jogador aproveitou a bobeada e mandou para o fundo das redes. O segundo foi marcado no último minuto do primeiro tempo. Zezé cruzou no segundo pau, Robertinho escorou para o meio e Pintinho completou de cabeça. A bola foi em cima do goleiro Cantarele, que falhou na jogada.

Veio o segundo tempo e logo no primeiro lance um pênalti foi marcado a favor do Flamengo. Zico, que havia acabado de entrar, cobrou no canto. Discípulo de Félix, Paulo Goulart foi na bola, espalmando-a para a linha de fundo.

A partir daí, o Fluminense, que já era melhor, mandou na partida, desperdiçando várias oportunidades de ampliar. Quando o 2 a 0 já parecia definido, Cristóvão chamou Manguito para dançar. Gingou na frente do zagueiro, cortou para o meio e mandou um petardo no ângulo. Goleada tricolor no Maracanã.

Dadas as circunstâncias, o 3 a 0 ficou até barato para o Flamengo. Interpelado pela imprensa, o técnico rubro-negro Cláudio Coutinho, que antes do clássico havia dito que seu time venceria com

facilidade, saiu-se com a pérola: “O que falo antes do jogo não comento depois.”

• PERSONAGEM: RUBENS GALAXE

Formado nas divisões de base do clube, Rubens Márcio Cordeiro Galaxe, ou simplesmente Rubens Galaxe, foi o sexto jogador que mais vezes atuou pelo Fluminense, com 465 partidas. Ao todo, foram mais de dez anos de dedicação à camisa verde, branca e grená. Jogador versátil, atuou pelo Fluminense em quase todas as posições de linha, sendo talvez o maior coringa que o clube já teve. Participou das conquistas dos Campeonatos Cariocas de 1973, 1976 e 1980. Disputou os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, pela Seleção Brasileira.

Ficha Técnica

Data: 14/10/1979

Árbitro: José Roberto Wright

Público: 100.010 pagantes

Gols: Rubens Galaxe 36' 1ºT, Pintinho 45' 1ºT, Cristóvão 42' 2ºT

Fluminense: Paulo Goulart, Edevaldo, Ademílton, Edinho, Carlinhos, Pintinho, Kléber (Cristóvão), Rubens Galaxe, Robertinho, Parraro (Gilcimar) e Zezé. **Técnico:** Sebastião Araújo

Flamengo: Cantarele, Toninho, Rondinelli, Manguito, Júnior, Carpeggiani, Andrade (Zico), Adílio, Tita, Cláudio Adão e Júlio César (Carlos Henrique). **Técnico:** Cláudio Coutinho

DÉCADA DE 1980



CARIOCA - 1980

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

Ao mestre, com carinho

Petardo de Edinho garante mais um Carioca.

O Fluminense não conquistava o Estadual havia quatro anos. Não bastasse o desejo de pôr fim ao jejum, nas Laranjeiras todos tinham gana de quebrar a sequência de títulos do Flamengo, único clube do mundo a se sagrar tricampeão em dois anos (1978-1979). Assim, impedir um bizarro tetracampeonato rubro-negro tornara-se a meta tricolor.

A tentativa esbarrava no desafio de montar uma equipe competitiva. Havia poucas perspectivas, já que o elenco contava com muitos jovens inexperientes formados na base. Edinho, o capitão, e Rubens Galaxe eram os únicos remanescentes da Máquina. De reforço mesmo, somente o atacante Cláudio Adão, renegado na Gávea, e o meia Gilberto, que veio do Atlético-GO.

Com muito trabalho, o técnico Nelsinho teve o grande mérito de fazer destes jogadores uma equipe. O Flu conquistou o Primeiro

Turno, em emocionante decisão de pênaltis contra o Vasco, e este ganhou o Segundo, garantindo-se também na decisão. Esta seria a oportunidade perfeita para os tricolores darem o troco em Zagallo, que meses antes havia trocado as Laranjeiras por São Januário.

Quase 110 mil torcedores assistiram sob chuva à grande final, equilibrada até os 22 do segundo tempo, quando o Flu teve a seu favor uma falta quase na lateral. Edinho pegou a bola e, enquanto a ajeitava carinhosamente, ao pé de seu ouvido escutou de Orlando Lelé: "Xiii... Essa bola vai parar lá na torcida do Vasco". Indiferente à provocação do lateral, chutou forte. A bola resvalou no chão, bateu no peito de Mazarópi, raspou na trave e morreu no fundo das redes: Flu 1 a 0. Em looping, a torcida tricolor cantava "A bênção, João de Deus", enquanto em campo o time tocava a bola, esperando o tempo passar.

Terminado o jogo, a euforia foi tanta que o roupeiro Ximbica precisou intervir para que Paulo Goulart, herói dos pênaltis do Primeiro Turno, não pulasse na geral para comemorar de corpo e alma com a galera.

Em casa, Nelsinho Rodrigues acompanhava tudo pelo rádio, no volume mínimo, para não excitar o pai, já bastante doente. Ao tomar conhecimento do triunfo, Nelson Rodrigues saltou da cama, ditando ao filho, mesmo com dificuldade, a última crônica de sua vida.

• PERSONAGEM: EDINHO

Edino Nazareth Filho, o Edinho, chegou às categorias de base do Fluminense com apenas 13 anos. Ainda jovem, já estava integrado aos profissionais. Fez parte da Máquina Tricolor bicampeã estadual. Com a debandada dos craques, teve a difícil missão de liderar o time que acabaria campeão estadual de 1980. Fundia técnica e raça e, apesar de

defensor, anotava muitos gols de cabeça e se projetava com desenvoltura ao ataque, onde abusava do chute forte e da facilidade de construir jogadas pela faixa esquerda do campo. Pela Seleção Brasileira, disputou três Copas do Mundo. Anos depois, foi treinador do clube, pelo qual conquistou duas Taças Guanabara, em 1991 e 1993.

Ficha Técnica

Data: 30/11/1980

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 108.957 pagantes

Gol: Edinho 22' 2ºT

Fluminense: Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho, Rubens Galaxe, Deley, Mário, Gilberto, Mário Jorge, Cláudio Adão e Zezé. **Técnico:** Nelsinho

Vasco: Mazarópi, Paulinho Pereira, Orlando, Ivan, Marco Antônio, Dudu, Marquinho, Guina (Peribaldo), Catinha (João Luís), Roberto e Wilsinho. **Técnico:** Zagallo



CARIOCA - 1983

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 AMÉRICA

Benedictus

Com dois de Assis, Flu fatura invicto a Taça Guanabara.

A conquista da concessão do terreno de Xerém pelo Fluminense foi o fato mais expressivo ocorrido no ano de 1981. O clube faria uso do espaço para construir o Centro de Treinamento Vale das Laranjeiras, que anos depois se transformaria em celeiro de jovens craques para o time profissional.

No futebol, o Fluminense pagava um preço alto pela manutenção do time campeão estadual de 1980. Para honrar compromissos financeiros assumidos, o clube teve de vender o zagueiro Edinho, grande ídolo da torcida. Com dinheiro em caixa, a nova política passaria a ser apostar em novos talentos. Assim, começaram a aparecer em Laranjeiras jogadores então pouco conhecidos, como Paulo Victor, Aldo, Duílio, Branco, Jandir e Leomir, que se uniram a Deley – único remanescente da conquista de 1980 – e ao treinador

da equipe, o ex-jogador do clube Cláudio Garcia, prestigiado pela diretoria tricolor mesmo após péssima campanha no Campeonato Brasileiro de 1983. Desfrutou assim da tranquilidade necessária para montar a nova equipe, reforçada pelos jovens Paulinho e Ricardo, ambos oriundos das divisões de base do clube, pelo ponta-esquerda Tato e pela dupla de atacantes sensação do campeonato brasileiro de 1983, Washington e Assis.

Com o time se acertando, o Fluminense realizou ótima campanha na Taça Guanabara, chegando à última e decisiva partida contra o América com a vantagem do empate. Apesar do ambiente nas Laranjeiras ser o melhor possível, rumores de assédio rubro-negro a Cláudio Garcia incomodavam. O treinador, publicamente, negava o fato.

No início da decisão, logo aos cinco minutos, Deley cobrou escanteio, Washington resvalou de cabeça e Assis, de canhota, completou para o fundo das redes. Com o gol, a equipe rubra se abriu e partiu para o ataque. O Flu aproveitaria os espaços. Aos 38, após centro de Leomir, a zaga falha, Assis mata a bola no peito e detona para o gol, sem piedade. O goleiro do América, Gasperin, não teve a menor chance. No segundo tempo, o Fluminense, tranquilo na partida, apenas administraria o resultado. Oito anos depois, a Taça Guanabara era novamente tricolor.

Durante as comemorações da conquista, numa churrascaria, em meio a jogadores e diretores, Cláudio Garcia declarava a todos adorar o ambiente do clube, que o time estava em franca evolução e que jamais trocaria o Fluminense pelo Flamengo. No dia seguinte ao

título, porém, iria às Laranjeiras, onde ganhou projeção nacional, e comunicaria sua transferência para a Gávea.

• PERSONAGEM: DELEY

Só pelo lançamento preciso para o gol de Assis no minuto final do Fla-Flu das finais de 1983, Deley já teria sua passagem eternizada no Fluminense. Mas o meia fez mais, muito mais. Pelo estilo de jogo, foi uma espécie de precursor de Deco. Quem o viu jogar faz a associação com facilidade diante da técnica refinada, liderança e dos passes e lançamentos precisos. Deley foi campeão logo no seu primeiro ano como profissional, em 1980, comandando o meio-campo de um time quase todo formado no clube. Anos depois, promoveria a integração dos jogadores que chegaram às Laranjeiras para formar um dos times mais carismáticos e vitoriosos da história do Flu, que teve seu ápice na conquista do Brasileiro de 1984.

Ficha Técnica

Data: 11/09/1983

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 79.275 pagantes

Gols: Assis 5' 1ºT, Assis 38' 1ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Branco, Jandir, Deley, Assis (Flávio Roberto), Leomir, Washington (Paulinho Cascavel) e Paulinho. **Técnico:** Cláudio Garcia

América: Gasperin, Jorginho, Zé Augusto, Everaldo, Aírton, Pires, Gilberto, Carlos Silva (Moreno), Gilcimar, Luisinho e Gílson. **Técnico:** Edu Antunes



CARIOCA - 1983

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

O carrasco

Gol de Assis aos 45 deixa Flu com a mão na taça.

Um triangular envolvendo Fluminense, Flamengo e Bangu decidiria o campeão carioca de 1983. A dupla Fla-Flu ganhara, respectivamente, as taças Rio e Guanabara. Já o Bangu chegara à fase final por ter somado mais pontos do que seus concorrentes no cômputo geral.

Disputado no Maracanã, o triangular foi aberto com um empate em 1 a 1 entre Fluminense e Bangu. O resultado deixava o time tricolor com a obrigação de vencer o Flamengo no fim de semana seguinte. Não bastasse a rivalidade histórica, os ânimos entre a dupla Fla-Flu andavam acirrados pelo fato de o treinador rubro-negro ser Cláudio Garcia, que trocara um clube pelo outro depois de conquistar a Taça Guanabara (Primeiro Turno).

Logo em seu início, o jogo foi interrompido pela invasão de um urubu no gramado. O animal fora levado pela torcida rubro-negra. O incidente causou grande confusão no clássico. A situação foi resolvida por Aldo, lateral do Flu, que, em meio ao caos, capturou a ave, levando a torcida tricolor ao delírio.

Apesar de violento, o clássico foi também cheio de lances de perigo. Mas aos 44 minutos do segundo tempo, quando o empate sem gols parecia inevitável, um repórter de rádio perguntou a Carbone o que ele tinha achado da partida. Para surpresa de todos os ouvintes, o técnico do Fluminense respondeu que a bola ainda estava rolando e que o seu time ainda não estava morto.

Nas arquibancadas, os flamenguistas já faziam a festa e comemoravam a eliminação do Fluminense. Menos de um minuto depois, em mais um ataque rubro-negro, Cláudio Adão tocou para Adílio e o juiz apitou impedimento. Duílio então cobrou rapidamente para Deley, que, sem hesitar, lançou Assis livre, sozinho, em pleno meio de campo.

Com uma incrível velocidade pelo lado direito, o camisa 10 tricolor conduziu a bola com o pé esquerdo e avançou pelo meio em direção à área adversária. A esta altura, o time rubro-negro, quase todo no campo de ataque, já nem tinha fôlego para voltar. Na sequência do lance, Assis bateu na bola, que passou lentamente entre o pé de Mozer e a mão de Raul, morrendo mansamente dentro do gol. Fluminense 1 a 0. Juiz da partida, Arnaldo César Coelho encerrou o jogo no ato.

Três dias depois, o Bangu perderia para o Flamengo por 2 a 1, resultado que daria a um dos times mais amados da história do Fluminense a conquista do primeiro de uma série de três títulos estaduais consecutivos.

● PERSONAGEM: ALDO

Um dos grandes laterais direitos da história do Fluminense, Aldo chegou às Laranjeiras em 1982. Vestiu a camisa tricolor em 211 jogos, conquistando duas Taças Guanabara, três títulos estaduais e um Brasileiro. Rápido e eficiente, marcou época com cruzamentos perfeitos para cabeçadas de Assis e Washington. O mais lembrado resultou no plástico gol do carrasco rubro-negro no título estadual de 1984. Ficou no Tricolor até dezembro de 1987, mas levou tempo até que o Flu encontrasse substituto à altura.

Ficha Técnica

Data: 11/12/1983

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 83.713 pagantes

Gol: Assis 45' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Branco, Jandir, Deley, Assis, Leomir (Ronaldo), Washington e Paulinho. **Técnico:** Carbone

Flamengo: Raul, Leandro, Figueiredo, Mozer, Júnior, Andrade, Adílio, Tita, Cléo (Lico), Lúcio e Edmar (Cláudio Adão). **Técnico:** Cláudio Garcia



BRASILEIRO – 1984

MORUMBI

FLUMINENSE 2 x 0 SÃO PAULO

O show está começando

Flu conquista grande vitória no Morumbi.

Com o elenco valorizado pela inesquecível conquista do Campeonato Estadual do ano anterior, o presidente Manoel Schwartz, recém-empossado, tinha de resolver a questão da renovação de contratos de muitos jogadores. O tempo urgia, pois, naquela temporada, o Campeonato Brasileiro começaria logo no fim de janeiro. Getúlio, lateral direito contratado ao São Paulo, era até então a única novidade.

Como na maioria dos campeonatos da época, em que regulamentos eram confusos e mal elaborados, o de 1984 não fugia à regra: seria dividido por fases, formadas por vários grupos, que se realinhavam ao longo da competição.

Numa destas tantas etapas e combinações, o São Paulo cruzaria o caminho do Fluminense. O jogo, marcado para o Morumbi, era tratado nas Laranjeiras como um grande teste, uma excelente

oportunidade de todos mostrarem trabalho. Contratado havia pouco tempo, o meia René ficaria à disposição no banco pela primeira vez.

O Fluminense faria 1 a 0 com Washington. Na jogada, Wilsinho cruzou, Assis disputou com Dario Pereyra e a bola caiu nos pés do centroavante, que, após rebatida, colocou no canto esquerdo de Waldir Peres. Com uma condição física invejável e, taticamente, jogando um futebol cada vez mais consistente, o Fluminense dominou completamente o São Paulo, que ainda cometeu pênalti em Washington, ignorado pelo árbitro.

O São Paulo continuava na teia do Fluminense no segundo tempo. Teve, por isso, que apelar para a violência, como no lance em que Marcão deu uma cotovelada em Branco. O juiz, que acompanhava o lance, expulsou o centroavante são-paulino de campo. Em vantagem numérica, o Flu passou então a tocar a bola para administrar o jogo. Mas ainda marcaria mais um, aos 37, num contra-ataque pela direita em que Washington serviu Rogério. O ex-jogador das divisões de base do clube chutou e fez o que seria seu primeiro e único gol com a camisa do Flu.

Fim de jogo. Vitória carioca. O Fluminense começava a ganhar corpo e a se consolidar na competição. Fora dos gramados, a torcida tricolor ansiava ainda pela estreia de Romerito, à época um dos maiores craques do planeta. O jogador aguardava apenas os trâmites necessários para a sua liberação do Cosmos (EUA).

- **PERSONAGEM: RICARDO GOMES**

Zagueiro extremamente técnico, Ricardo Gomes foi formado nas divisões de base do Fluminense. Em 1983, aos 18 anos, assumiu a posição de titular do time que conquistaria o tricampeonato estadual e o Campeonato Brasileiro. Exímio marcador, de estilo clássico e incapaz de desferir um pontapé, Ricardo se tornaria um dos grandes destaques daquela equipe. É até hoje uma das figuras mais queridas no meio do futebol. Foi um dos zagueiros mais técnicos que já vestiram a camisa do Fluminense e o maior marcador que Romário já enfrentou, segundo o próprio.

Ficha Técnica

Data: 18/03/1984

Árbitro: Édson Alcântara do Amorim

Público: 18.437 pagantes

Gols: Washington 5' 1ºT, Rogério 37' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Getúlio, Duílio, Ricardo Gomes, Branco, Leomir, Deley, Assis, Wilsinho (Rogério), Washington e Tato. **Técnico:** Carbone

São Paulo: Waldir Peres, Paulo Roberto, Gassem, Dario Pereyra, Nelsinho (Agnaldo), Pianelli, Jaime, Renato, Márcio Araújo, Marcão e Zé Sérgio (Sídnei). **Técnico:** Mário Travaglini



BRASILEIRO – 1984

MARACANÃ

FLUMINENSE 5 x 0 CORITIBA

É disso que o povo gosta

**Em destacada atuação coletiva, Flu arranca
para a semifinal.**

Mesmo com o Fluminense cumprindo boa campanha no Campeonato Brasileiro, Carbone acabaria demitido em meio à disputa. Os motivos alegados para a dispensa do treinador eram imprecisos: uns diziam ter sido pela forma equivocada com que Romerito havia sido lançado no time (de centroavante); outros, que sua saída se dera por um desentendimento do técnico com Antônio Castro Gil, vice-presidente de futebol da época.

Fato é que depois do melancólico empate sem gols com o Operário, em Campo Grande (MS), Carbone dera lugar a Carlos Alberto Parreira, dispensado havia pouco tempo da CBF. Com raízes profissionais nas Laranjeiras, o novo treinador assumiria o time

contra o mesmo Operário, comandado pelo ídolo tricolor Castilho, e sairia vencedor do confronto, desta vez em São Januário.

Na sequência, já com Romerito em sua posição de origem, o time venceria a Portuguesa por 4 a 2 e empataria com o Santo André em 1 a 1, resultados que levariam o Flu às quartas, contra o Coritiba.

O primeiro jogo, realizado no Paraná, terminaria empatado em 2 a 2. Apesar dos protestos de Parreira, que considerou irregulares os gols do adversário, o resultado trouxe bastante confiança ao Fluminense, que tinha a vantagem de jogar por dois empates. Na partida do Couto Pereira, um bom número de paraguaios havia ido ao estádio, todos fãs de Romerito, para quem foram torcer.

Uma semana depois, o Fluminense atropelaria o Coxa no Maracanã. Assis e Washington marcaram no primeiro tempo, sendo o do centroavante um golaço. No intervalo, o placar anunciou que, em São Paulo, o Corinthians havia goleado o Flamengo por 4 a 1. Dado o desenrolar da partida que acontecia no Rio, o time do Parque São Jorge já se preparava para enfrentar o Flu na semifinal.

No segundo tempo, o Tricolor aumentou o ritmo e a partida virou um ataque contra defesa. Aos 30, o Flu voltou a sério e, como consequência, marcou mais três, com Washington, René e Romerito, que, graças ao seu talento, transformou uma equipe que já era competitiva, deixando-a ainda mais forte. Fim de jogo e Carnaval nas arquibancadas.

O campeonato chegava às semifinais e o Flu, de certa forma, era o único legítimo classificado, já que Vasco e Grêmio haviam entrado

na competição como convidados, e o Corinthians havia se beneficiado de uma interpretação tendenciosa do regulamento para não ser eliminado ainda na segunda fase, em que teve campanha inferior ao Santa Cruz, preterido. "A democracia corintiana foi beneficiada pela ditadura da CBF", estampou a Folha de São Paulo à época.

• PERSONAGEM: TATO

Carlos Alberto Araújo Prestes, mais conhecido como Tato, foi um dos maiores pontas-esquerdas da história do Fluminense. Integrou um dos esquadrões mais vitoriosos do clube. Tato foi um dos protagonistas daquele grande time na caminhada do tricampeonato estadual e do Brasileiro. Forte, técnico e inteligente, encantou sempre a torcida por sua entrega em campo. Fez gols importantes e deu muitas assistências em sua gloriosa trajetória com a camisa tricolor. Ficou no clube até 1988, com algumas convocações para a Seleção Brasileira.

Ficha Técnica

Data: 06/05/1984

Árbitro: Emídio Marques Mesquita

Público: 60.385 pagantes

Gols: Assis 19' 1ºT, Washington 23' 1ºT, Washington 30' 2ºT, Renê 37' 2ºT, Romerito 45' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Branco (Renê), Leomir, Deley (Wilsinho), Assis, Romerito, Washington e Tato. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Coritiba: Jairo, André, Gomes, Vavá, Carlos Alberto Rocha, Élvio (Petróleo), Hélcio, Marco Aurélio, Eliseu, Mauro e Aladim (Gilson). **Técnico:** Dirceu Krugger



BRASILEIRO – 1984

MORUMBI

FLUMINENSE 2 x 0 CORINTHIANS

Fascina pela sua disciplina

Com atuação fantástica em São Paulo, Flu se aproxima da final.

Muito badalada pela mídia, a semifinal entre Fluminense e Corinthians prometia. Era a velha rivalidade entre Rio e São Paulo em alta. Era também o primeiro grande momento do técnico Carlos Alberto Parreira desde que fora dispensado pela CBF.

Por ter feito campanha melhor que seu adversário, o Fluminense tinha a vantagem de jogar por dois empates, mas Parreira não quis correr riscos e pediu que o time mantivesse o padrão habitual de jogo, tocando a bola e saindo em velocidade.

Ainda eufórico por ter eliminado o Flamengo da competição, o time paulista, que vivia os últimos momentos de um movimento que ficou conhecido como “Democracia Corintiana”, entrou em campo

exalando confiança, refletida no rosto de sua torcida, que lotou o Morumbi. Já o Fluminense, completo, era a imagem da concentração.

Quando a bola rolou, logo a um minuto, Tato deu seu cartão de visita, colocando a bola na cabeça de Washington. A bola entraria, mas Edson salvou o Corinthians, tirando-a já sobre a linha. O Fluminense dominava a partida, dava um banho tático em seu adversário. Assim, só mesmo através da violência o Flu foi parado, com Mauro, aos 28, atingindo o ponta tricolor, algo que se repetiria 11 minutos depois, por falta de recursos do zagueiro alvinegro.

O Flu ocupava todos os espaços e o gol parecia ser questão de tempo. E ele aconteceu: o craque Romerito alçou de forma perfeita na cabeça de Assis, que só cumprimentou o goleiro. Flu 1 a 0, para a explosão de alegria dos quase dez mil tricolores presentes ao estádio.

O Fluminense manteve a pegada no segundo tempo, não deixando o Corinthians sair de seu próprio campo de defesa. A torcida tricolor, que se organizara em centenas de ônibus até São Paulo, gritava olé. Parecia só haver tricolores no Morumbi. O show de bola ficou completo depois que Washington deu um chapéu em Mauro. O atacante, que havia recebido a bola de Jandir, tocou para Assis finalizar no meio da área. O goleiro Carlos ainda defendeu o chute, mas, no rebote, Tato coroou a sua atuação e a de todo o time, tocando, de direita, para o fundo da rede: Flu 2 a 0. Foi uma surra tricolor, uma aula de futebol. Espectador privilegiado da partida, o goleiro tricolor Paulo Victor, se quisesse, nem precisaria tomar banho.

No domingo seguinte, com quase 120 mil pessoas no Maracanã, o Flu voltou a jogar bem, mas não saiu de um empate sem gols com o Corinthians. Já era, porém, o bastante para a classificação tricolor, que faria uma decisão inédita com o Vasco, a primeira envolvendo dois times do Rio de Janeiro.

• PERSONAGEM: PARREIRA

Formado em Educação Física, Carlos Alberto Parreira iniciou sua carreira como preparador físico do São Cristóvão. Assumiria idêntica função no Fluminense, seu clube de coração. Às vésperas do triangular final que decidiria o título carioca de 1975, foi guindado à condição de treinador da Máquina Tricolor. O título foi conquistado, seu primeiro como treinador de futebol. Foi também quem treinou a equipe na emblemática vitória sobre o Bayern. O grande momento nas Laranjeiras se daria em 1984 com a conquista do bicampeonato brasileiro. Tetracampeão do mundo pela Seleção em 1994, revelou grandeza ao retornar ao Flu no pior momento de sua história, ajudando no resgate da dignidade tricolor. Ao todo, comandou o time em 146 jogos.

Ficha Técnica

Data: 13/05/1984

Árbitro: Luís Carlos Félix

Público: 90.560 pagantes

Gols: Assis 39' 1ºT, Tato 36' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Branco, Jandir, Deley (Leomir), Assis, Romerito (Renê), Washington e Tato. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Corinthians: Carlos, Édson, Mauro, Juninho, Wladimir, Paulinho, Sócrates, Zenon, Biro Biro, Casagrande (Ataliba) e Eduardo. **Técnico:** Jorge Vieira



BRASILEIRO – 1984

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 VASCO

A um passo do paraíso

Don Romero deixa Flu perto do título nacional.

Por conta do regulamento, Fluminense e Vasco chegariam à decisão do Campeonato Brasileiro em igualdade de condições. O Tricolor, que tinha a defesa menos vazada, somara também o maior número de pontos na competição. Mas nem isso daria qualquer vantagem ao time na final, disputada em dois jogos.

A despeito disso, o então desacreditado e quase desconhecido elenco tricolor estava ciente de que levar o título nacional para as Laranjeiras seria a grande oportunidade profissional de suas vidas. Por isso, estavam dispostos a sacrifícios em campo para não deixar a chance passar.

No primeiro jogo da decisão, marcado para uma quinta-feira à noite, o Fluminense entrou sem Branco, seu lateral esquerdo, que estava

suspensos. Já o adversário tinha entre os seus titulares três ex-jogadores do Flu – Mário, Edevaldo e Arturzinho.

Pouco depois do início da partida, o domínio tricolor já era absoluto. Aos 23 minutos, Tato encontrou na intermediária adversária Assis, que alçou a bola na área. Washington subiu e, embora não tenha alcançado, atraiu a marcação da defesa do Vasco. Romerito, que acompanhava o desenrolar da jogada por trás da defesa, recebeu e emendou de pé direito. O chute foi parcialmente defendido por Roberto Costa. A bola voltou nos pés do paraguaio, que desta vez mandou para o fundo das redes. Fluminense 1 a 0.

O Tricolor faria uma exibição memorável naquela noite, digna de um futuro campeão. Foram tantas as oportunidades criadas que a derrota por diferença mínima acabou ficando barata para o Vasco. Assim, o Flu deixava passar uma excelente oportunidade de resolver a decisão já no primeiro confronto.

Foi até então a melhor partida do craque Romerito com a camisa do Fluminense. Com uma atuação impecável, o meia demonstrou toda a sua capacidade técnica e espírito de luta, fazendo com que o clássico tivesse um significado todo especial para a torcida tricolor.

Carlos Alberto Parreira estava satisfeito ao fim do jogo. O técnico fez um resumo da brilhante atuação do time tricolor: “Futebol é isso. É luta pela posse de bola, por espaços, sem trégua. E é assim que o Fluminense tem se apresentado, somado à coragem, aplicação tática, garra e coração.”

O bicampeonato brasileiro ficou muito próximo. O Tricolor estava a um passo do paraíso.

• PERSONAGEM: ROMERITO

Chegou ao Fluminense em 1984, vindo do Cosmos de Nova Iorque, acrescentando um toque de classe à equipe. Um dos melhores jogadores dos anos 80, o paraguaio Romerito marcou época no Tricolor. Com seu toque de qualidade, vigor físico e futebol moderno, possuía grande sentido de marcação, além de desenvoltura na armação e na condução de bola ao ataque. Foi campeão carioca em 1984 e 1985 e Brasileiro em 1984. Sempre um predestinado em decisões, foi autor de gols em várias finais. Tricolor de coração, Romerito é até hoje assíduo frequentador das Laranjeiras.

Ficha Técnica

Data: 24/05/1984

Árbitro: Luís Carlos Félix

Público: 63.156 pagantes

Gol: Romerito 23' 1ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Renato Martins, Jandir, Deley (Renê), Assis, Romerito, Washington (Wilsinho) e Tato. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Vasco: Roberto Costa, Edevaldo, Ivan, Daniel Gonzalez, Árton, Pires, Mário (Geovani), Arturzinho, Mauricinho (Jussiê), Roberto e Marquinho. **Técnico:** Edu Antunes



BRASILEIRO – 1984

MARACANÃ

FLUMINENSE 0 x 0 VASCO

Bicampeão brasileiro

Com um empate, Brasil vira tricolor.

O Fluminense contava com o grande reforço de Branco para a segunda partida da final do Campeonato Brasileiro, disputada em um intervalo inferior a 72 horas desde o primeiro encontro. Nuvens brancas se formaram do lado tricolor da arquibancada, com o tradicional talco arremessado na entrada em campo do time, que pisou no gramado empunhando a bandeira do Fluminense e vestindo a incomparável camisa tricolor.

A decisão teve até um toque cívico. Entusiasmadas com a campanha pelas Diretas Já, cerca de 130 mil vozes gritavam, em uníssono, antes do início do jogo: “Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil.”

Quando a bola rolou, apesar de o Vasco ter tomado a iniciativa, foi o Fluminense quem teve a primeira grande oportunidade, com Assis, que por centímetros não alcançou uma bola alçada por Romerito. O

Vasco tentou responder. A rápida movimentação do time cruzmaltino dava trabalho a Jandir e Deley. Ao fim do primeiro tempo, face à superioridade tricolor, o editor de imagens da emissora que transmitia a partida só teve a mostrar jogadas do Flu nos melhores momentos.

O Fluminense jogava pelo empate para ser campeão. Por isso, contava com o relógio como seu grande aliado. O Vasco tinha os nervos à flor da pele. Ainda assim, a equipe tricolor trocava passes dentro do campo adversário a poucos minutos do fim, demonstrando domínio absoluto da partida. A frieza e a postura tática do Flu nesta partida se assemelharam muito às exibidas nas semifinais, contra o Corinthians.

Um susto, porém, tiraria a respiração da torcida tricolor e levantaria a vascaína. Já nos últimos minutos, Arturzinho chutou e Paulo Victor fez, com os pés, a mais importante defesa de sua carreira. Como resposta, num contra-ataque aos 42, Assis cortou Daniel González dentro da área e chutou raspando a trave. Depois deste lance, a torcida tricolor jogou fora as sandálias da humildade e incendiou a cidade com o grito de campeão.

Fim de jogo. Num misto de alívio e alegria, o sempre comedido Parreira trancou-se no vestiário e, sozinho, chorou de emoção. "Pensei que nunca mais fosse chorar de alegria. Graças a Deus, eu estava enganado."

Para a comemoração do título, o presidente Manoel Schwartz mandou abrir a sede do clube, contratou uma banda e distribuiu chope para toda a torcida, que festejou até o dia amanhecer.

• PERSONAGEM: PAULO VICTOR

Paulo Victor é um dos maiores colecionadores de títulos do Fluminense e membro ilustre da dinastia de grandes goleiros do clube. Segurança na saída de gol, reflexo apurado e espírito de liderança eram algumas de suas virtudes. Era o camisa 1 do esquadrão que se tornaria tricampeão carioca e campeão brasileiro. Herói em tantas jornadas, Paulo Victor também tinha a fama de sortudo, como Castilho. Pela Seleção, foi convocado para a Copa de 1986.

Ficha Técnica

Data: 27/05/1984

Árbitro: Romualdo Arppi Filho

Público: 128.781 pagantes

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Ricardo Gomes, Branco, Jandir, Deley, Assis, Romerito, Washington e Tato. **Técnico:** Carlos Alberto Parreira

Vasco: Roberto Costa, Edevaldo, Ivan, Daniel Gonzalez, Airton, Pires, Mário, Arturzinho, Jussiê (Marcelo), Roberto e Marquinho. **Técnico:** Edu Antunes



CARIOCA - 1984

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 VASCO

E vai rolar a festa

**Fluminense vence o Vasco e fica só
esperando o Flamengo.**

Antes de enfrentar o Vasco no triangular decisivo do Campeonato Estadual, a torcida tricolor já havia passado por fortes emoções. Tudo porque a única chance que o Fluminense tinha de se juntar na fase final ao Flamengo (campeão da Taça Guanabara) e ao Vasco (campeão da Taça Rio) seria somando o maior número de pontos entre todos nos dois turnos. E foi o que fez, mas de maneira emocionante.

O Fluminense dependia de um tropeço do Flamengo, que empataria em 1 a 1 com o Campo Grande. Assim, as vitórias por 2 a 0 sobre o Volta Redonda e de 2 a 1 sobre o Flamengo classificaram o time para o triangular decisivo, que seria aberto com Fluminense e Vasco, conforme sorteio. Quem perdesse enfrentaria o Flamengo na partida seguinte.

Do grupo campeão brasileiro na temporada anterior, havia duas novidades mais expressivas: Carlos Alberto Torres comandava o time no lugar de Parreira, que se transferira para os Emirados Árabes, e Carlos Alberto Pintinho retornara às Laranjeiras.

O novo encontro decisivo entre Fluminense e Vasco vinha sendo tratado como um duelo bastante equilibrado. E em campo, o que se viu foi um futebol solidário do Tricolor contra um individualismo pouco produtivo dos vascaínos. Como destaque, o brilho e o talento de Romerito.

Tantas eram as oportunidades criadas que só mesmo por um capricho do destino os gols saíram apenas no segundo tempo. O primeiro foi marcado por Romerito, que aproveitou um lançamento de Assis. O segundo aconteceu no final, quando o Vasco já partia em desespero em busca do empate. Num contra-ataque, que finalizou outra jogada iniciada por Assis, Paulinho (que entrara no lugar de Tato) deu uma incrível arrancada, cruzou todo o campo vascaíno e, para delírio da torcida, colocou a bola no fundo da rede.

A primeira batalha pelo bicampeonato estava ganha. Mas faltava a derradeira.

• PERSONAGEM: LEOMIR

Revelado pelo Coritiba, o meia Leomir chegou ao Fluminense em 1983. Incansável e determinado, era o tipo de jogador que não aparecia tanto para a torcida, mas que era extremamente útil para a equipe. Conquistou quatro importantes títulos nas Laranjeiras: o tricampeonato carioca e o Campeonato Brasileiro. Fez 261 jogos e 32 gols até deixar o clube em 1988. Como auxiliar do técnico Abel Braga, participou das conquistas dos Campeonatos Cariocas de 2005 e 2012.

Ficha Técnica

Data: 09/12/1984

Árbitro: Arnaldo César Coelho

Público: 94.123 pagantes

Gols: Romerito 7' 2ºT, Paulinho 42' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Vica, Branco, Leomir, Renê (Pintinho), Assis, Romerito, Washington e Tato (Paulinho). **Técnico:** Carlos Alberto Torres

Vasco: Roberto Costa, Edevaldo, Ivan, Daniel Gonzalez, Donato, Oliveira, Geovani, Marcelo (Rômulo), Mauricinho, Roberto e Marquinho. **Técnico:** Edu Antunes



CARIOCA - 1984

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Assis, sempre ele

**Tricolor conquista bicampeonato carioca
com gol de Assis.**

Havia uma grande preocupação nas Laranjeiras. Ricardo Gomes, Branco, Jandir e Deley desfalcariam o Fluminense na grande final contra o Flamengo. Ambos haviam vencido o Vasco no triangular final e estavam em igualdade de condições.

Ciente da mística que sempre envolveu o clássico Fla-Flu, o roupeiro tricolor Ximbica contou a Assis que guardava com carinho o par de chuteiras com o qual o jogador havia marcado o gol do título estadual do ano anterior, também sobre o Flamengo. O camisa 10 não titubeou. Tratou de dispensar as chuteiras novas, optando pelas velhas e surradas companheiras de luta e de glórias.

No dia do jogo, mais de 150 mil torcedores lotaram o Maracanã. Pouco antes do início do clássico, o lado tricolor das arquibancadas

provocava com o cântico “Recordar é viver, Assis acabou com você”.

Quando a bola rolou, a exemplo do que havia acontecido no Fla-Flu decisivo de 1983, a torcida rubro-negra soltou um urubu no estádio. E o penoso, mais uma vez, não teve um final feliz. Ao sobrevoar o lado tricolor, em meio a uma nuvem de talco, foi abatido em pleno voo.

O primeiro tempo seria quase todo do Flu. Num dos muitos lances, Washington e Fillol dividiram na intermediária. No choque, a bola sobrou no meio para Romerito, que por muito pouco não abriu o placar.

Na etapa final, no momento em que o Flamengo ensaiava um certo domínio, o Fluminense marcaria o seu gol. Renê lançou Aldo, que cruzou para Assis. Inaugurando um estilo – parado no ar, como no filme “Matrix” –, o atacante subiu lá no terceiro andar e acertou uma cabeçada no ângulo esquerdo de Fillol, que, congelado como uma estátua, nada pôde fazer senão acompanhar o desfecho da jogada.

A velocidade de Aldo no lance fora tanta que, mesmo após o cruzamento, o lateral direito continuou correndo em disparada, passando batido por detrás do gol de Fillol, só parando ao receber, já do outro lado, um abraço do ponta-esquerda Tato, com quem comemorou o gol.

Após a jogada, o pé-quente Mick Jagger, que estava no estádio torcendo para o Fluminense, levantou-se e disse: “It's done!” (Acabou, está feito!). O Flamengo até tentou reagir, mas enfrentar um raio que cai duas vezes no mesmo lugar é muito complicado.

Terminado o jogo, a emoção tomou conta do Maracanã. Geraldinos e arquibaldos, em êxtase, vibravam com mais uma inesquecível conquista sobre o rival. O Fluminense era bicampeão estadual! Mais uma vez o Rio se vestiu de verde, branco e grená.

● PERSONAGEM: ASSIS

"Recordar é viver, Assis acabou com você!" Assis criou fama de carrasco rubro-negro ao decidir dois estaduais consecutivos em finais contra o Flamengo, em 1983 e 1984. Os dois gols estão entre os mais reverenciados da história do Fluminense. Marcou época ao formar com o atacante Washington uma das duplas mais carismáticas de todos os tempos. Era o camisa 10 do time, conseguindo ser ao mesmo tempo um grande articulador, goleador e líder. Mais que um ídolo, Assis é um verdadeiro herói para a torcida. Uma figura mítica, lendária, cujo nome está eternizado nos corações tricolores.

Ficha Técnica

Data: 16/12/1984

Árbitro: José Roberto Wright

Público: 153.520 pagantes

Gol: Assis 30' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Vica, Renato Martins, Leomir, Renê, Assis, Romerito, Washington e Tato. **Técnico:** Carlos Alberto Torres

Flamengo: Fillol, Jorginho, Leandro, Mozer, Adalberto, Andrade, Adílio, Tita, Bebeto, Nunes e Élder. **Técnico:** Zagallo



CARIOCA - 1985

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 1 BANGU

Três vezes Tri

Gol de falta de Paulinho dá mais um título ao Tricolor.

Fluminense, Flamengo e Bangu mais uma vez decidiram o título estadual num triangular. Com a dupla Fla-Flu vencendo cada um dos turnos, o clube de Moça Bonita conquistara o direito de ingressar na fase final por ter somado mais pontos que os demais concorrentes.

Por sorteio, Fluminense e Flamengo abriram o triangular. O empate em 1 a 1 no clássico, seguido da derrota de 2 a 1 para o Bangu, eliminava o Rubro-Negro. Com o triunfo, o Bangu havia conquistado a vantagem de jogar pelo empate na última partida, que vinha sendo encarada pelo Flu como a grande oportunidade de conquistar o seu primeiro tricampeonato carioca na Era Maracanã.

Entre bandeiras, nuvens de talco e fogos, o time foi saudado por quase 90 mil tricolores. Nem o gol marcado por Marinho logo aos

quatro abalou a torcida, que não deixou de cantar um segundo sequer. Sob o calor da multidão, os 11 guerreiros trocaram a técnica pela garra e partiram obstinados em busca do título.

Mas, na luta pelo sonho, um contratempo. Já desfalcado de Aldo, Branco e Assis, o Tricolor ainda se viu obrigado a queimar a primeira substituição, entrando Paulinho no lugar de Tato, machucado.

Após o intervalo, o treinador Nelsinho pediria ao time que tocasse mais a bola e trocasse passes rápidos. Foi assim que Deley conseguiu encontrar espaço para, com Romerito, organizar melhor a equipe.

O Flu encurralou o Bangu e criou sucessivas chances de gol. Em uma delas, o zagueiro Jair salvou com a mão, quase em cima da linha, e o árbitro não viu. Dada a dramaticidade da situação, a torcida chamou, em cántico, João de Deus, que ouviu as preces e inspirou Paulinho a tocar para Romerito, que dominou a bola, livrou-se de Baby e, quase caindo, chutou para as redes. Mas o empate não era o bastante.

Aos 31, Washington sofreu uma falta na entrada da área. Jandir já se preparava para bater quando Deley gritou: "Deixa para o Paulinho." Na hora da cobrança, lembrou-se dos conselhos de Getúlio. "Se tiver oportunidade de cobrar falta, bata no meio. O Gilmar sempre escolhe um canto." Dito e feito: goleiro de um lado, bola no meio. Daí em diante, arquibancada e gramado viraram uma coisa só.

Com o tricampeonato, o time, formado em 1983 basicamente por jogadores desconhecidos, entrava para a história como um dos mais

vitoriosos que o Fluminense já teve.

No dia seguinte, o ex-goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, herói do tri de 1919, então com 91 anos, falou sobre o mérito tricolor: “Jogamos melhor e merecemos o título.”

• PERSONAGEM: PAULINHO

Ponta-esquerda driblador revelado nas divisões de base do Fluminense, Paulinho despontou ao conquistar pela Seleção Brasileira o Mundial Sub-20 de 1983. No clube, disputava posição com Tato no célebre elenco tricampeão carioca. Eram dois pontas infernais. Jogador predestinado, marcou gols nos três triangulares decisivos do tricampeonato de 83 a 85. Seu maior momento pelo Tricolor ocorreu ao fazer, de falta, o gol do título de 1985. Jogou no Fluminense de 1982 a 1987 e novamente em 1992, totalizando 212 jogos.

Ficha Técnica

Data: 18/12/1985

Árbitro: José Roberto Wright

Público: 88.162 pagantes

Gols: Marinho 4' 1ºT, Romerito 18' 2ºT, Paulinho 31' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Beto, Vica, Ricardo Gomes, Renato Martins, Jandir, Deley, Renê, Romerito, Washington e Tato (Paulinho). **Técnico:** Nelsinho

Bangu: Gilmar, Perivaldo, Jair, Oliveira, Baby, Israel, Arturzinho, Mário, Marinho, Fernando Macaé (Cláudio Adão) e Ado. **Técnico:** Moisés



CARIOCA - 1987

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 0 VASCO

Antológico

Washington faz um gol de placa no Maracanã.

O Fluminense teria um aproveitamento de 50% no clássico, pois faria dois gols em quatro chutes. No primeiro, Jandir cobrou uma falta, Zé Maria cabeceou e Acácio defendeu. No rebote, Washington mandou para o fundo da rede.

Já o segundo seria inesquecível. Depois que Leomir raspou de cabeça uma bola rebatida pela defesa tricolor, a bola sobrou no meio para Washington, que driblou Donato. Na sequência, o centroavante, sozinho, avançou, conseguindo escapar da tentativa de Donato de derrubá-lo. Moroni então tentou o combate, também sem sucesso, e Acácio saiu do gol, desesperado. Washington também o driblaria. Com o goleiro batido, todos no estádio imaginaram que o jogador tricolor chutaria, mas Washington driblou mais uma vez o goleiro antes de, finalmente, chutar para o fundo da rede.

Presidente de honra da Torcida Young Flu, o saudoso Armando Giesta, que acompanhou o time de 1934 a 2011, declararia que este fora o verdadeiro gol de placa do Maracanã.

• PERSONAGEM: WASHINGTON

Washington anotou 124 gols em 305 jogos com a camisa do Fluminense. Alguns estão entre os mais belos da história do clube, dentre os quais um de bicicleta contra o Flamengo e outro em que driblou meio time do Vasco. Era imbatível nas cabeçadas, seja pela impulsão ou pela técnica. Também possuía um chute forte com a perna direita e uma habilidade não tão comum em centroavantes de porte físico mais avantajado como o seu. Nascido em Valença (BA), Washington teve uma doença degenerativa em 2009 e foi homenageado no Maracanã pela torcida, que se mobilizou para levantar recursos ao ex-jogador. O evento, emocionante, ficou conhecido como Washington Day.

Ficha Técnica

Data: 23/07/1987

Árbitro: Aluísio Viug

Público: 35.896 pagantes

Gols: Washington 18' 1ºT, Washington 31' 2ºT

Fluminense: Paulo Victor, Aldo, Vica, Ricardo Gomes, Carlinhos (Alexandre Torres), Jandir, Leomir, João Santos (Paulinho Andrioli), Romerito, Washington e Zé Maria. **Técnico:** Carbone

Vasco: Acácio, Paulo Roberto, Donato, Moroni, Mazinho, Henrique (Vivinho), Luís Carlos (Geovani), Tita, Mauricinho, Roberto e Romário. **Técnico:** Sebastião Lazaroni



BRASILEIRO – 1988

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 VASCO

Washington, urgente!

Na prorrogação, Flu se classifica para a semifinal.

Uma das atrações do Fluminense para o Brasileiro de 1988 era a volta do zagueiro Edinho, grande ídolo da torcida, após seis anos fora do clube. O time contava ainda com três remanescentes do Tri: Jandir, Washington e Romerito. Com essa base, cumpriu excelente campanha no primeiro turno, ficando invicto até a 12^a rodada, a última desta fase, e assegurou uma vaga nas finais. No segundo turno o time relaxou e caiu de produção.

Após o fim dos dois turnos de classificação, os jogadores entraram de férias e o desfecho do campeonato ficou para o ano seguinte. O emparelhamento das quartas-de-final apontava um confronto entre Fluminense e Vasco, este, o time de maior pontuação na competição, com ampla vantagem sobre os demais. O Flu venceu a primeira partida por 1 a 0, gol contra de Zé do Carmo, em um jogo que

ficou marcado pela implacável marcação que Donizete exerceu sobre o meia Geovani, anulando-o completamente.

Veio o jogo de volta. Pelo regulamento da competição, se o Vasco vencesse por um gol de diferença, haveria prorrogação, e aí sim o time de São Januário jogaria pelo empate, por ter melhor campanha. Foi o que aconteceu. Donizete abriu o marcador com um belo gol, após receber lançamento de Washington, driblar Acácio e fuzilar. Mas o Vasco virou o jogo, marcando o gol da vitória no último minuto.

Neste momento, após 90 minutos eletrizantes, com os times exaustos, tudo indicava que o forte time do Vasco ficaria com a vaga. Mas a prorrogação traria uma nova reviravolta. No primeiro minuto do segundo tempo, o atacante Zé Maria aproveitou uma indecisão da zaga adversária e chutou sem piedade para as redes. O Vasco teve que partir para o tudo ou nada, e acabou ficando sem nada. Aos 11 minutos, Washington invadiu a área e encobriu o goleiro com um toque de extrema categoria. A torcida tricolor explodiu de emoção. Na soma dos 120 minutos, 3 a 2 para o Fluminense. Vitória da superação em um jogo suado, brigado e muito bem jogado. Um jogaço!

Pouco tempo depois, Edinho, Romerito, Washington e Jandir deixavam as Laranjeiras, anunciando a difícil época de entressafra que estava por vir. Jandir ainda retornaria ao clube em 1994, mas este seria o último grande momento dos outros três jogando com a camisa tricolor.

- **PERSONAGEM: JANDIR**

Volante vigoroso, dotado de uma raça ímpar, dono de boa arrancada e bom finalizador de fora da área, Jandir chegou ao Fluminense por indicação de Castilho. Fez parte de um dos times mais amados e vitoriosos da história tricolor, sagrando-se tricampeão estadual e campeão brasileiro. Ficou até 1989 em Laranjeiras e voltou ao clube em 1994. Gaúcho de Tenente Portela, Jandir atuou 325 vezes com a camisa do Flu.

Ficha Técnica

Data: 01/02/1989

Árbitro: José Roberto Wright

Público: 75.157 pagantes

Gols: Donizete 20' 1ºT, Bismarck 35' 1ºT, Leonardo 45' 2ºT, Zé Maria 1' 2ºT(prorrogação), Washington 11' 2ºT (prorrogação)

Fluminense: Ricardo Pinto, Carlos André, Édson Mariano, Edinho, Eduardo, Jandir, Donizete, Paulinho Andrioli, Romerito (Alexandre Cruz), Washington e Cacau (Zé Maria).

Técnico: Sérgio Cosme

Vasco: Acácio, Paulo Roberto, Célio Silva, Leonardo, Mazinho, Zé do Carmo (Cocada), Geovani, Bismarck, Vivinho, Roberto (Ernâni) e Sorato. **Técnico:** Zanata

DÉCADA DE 1990



CARIOCA - 1994

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 2 FLAMENGO

Super Ézio

Em virada emocionante, Ézio faz três e o Flu goleia o Fla.

O s anos 90 foram os piores da história do Fluminense. Nas primeiras temporadas da década, ainda que sem grandes estrelas, o time até chegava a finais, mas não conquistava títulos. Em âmbito doméstico, embora sem brilho, houve alguns bons momentos: o Flu venceu a Taça Rio de 1990 e as Taças Guanabara de 1991 e 1993. Nacionalmente, o time terminou em quarto o Campeonato Brasileiro de 1991 e, no ano seguinte, foi até a decisão da Copa do Brasil, contra o Internacional, que, jogando a segunda partida no Beira-Rio, foi amplamente favorecido pela arbitragem, com um pênalti inexistente já no fim.

Em 1994, o Fluminense manteve alguns bons jogadores remanescentes de anos anteriores, como Ézio e Lira, e ainda se reforçou com outros dois de Seleção Brasileira, o lateral Branco e o

meia Luiz Henrique. O time se tornou mais competitivo e, já no começo do Estadual, fez um clássico marcante contra o Flamengo, que saiu na frente. Mas, logo no primeiro ataque do segundo tempo, o ex-atleta rubro-negro Luiz Antônio deixou tudo igual. Na sequência da partida, o Maracanã testemunhou um show à parte do artilheiro Super Ézio. Com três gols do atacante, o Flu não apenas virou como transformou em goleada um jogo até então bem disputado, que assim se manteve mesmo depois de o time ter um jogador expulso.

Com a vitória, o Fluminense encaminhou sua classificação para o quadrangular final da competição e, de quebra, viu Ézio seguir os passos de outro carrasco rubro-negro, o ídolo Assis.

• PERSONAGEM: ÉZIO

Nono maior artilheiro da história do clube, Ézio foi o grande nome do Fluminense numa década de dificuldades. Seu ímpeto ofensivo e faro para o gol agradaram em cheio a torcida, que o tinha como espécie de super-herói do time. Na denominação do locutor Januário de Oliveira, que rapidamente se difundiu entre os tricolores, era o “Super Ézio”. Estava em campo no histórico Fla-Flu de 1995, vencido com um gol de barriga de Renato Gaúcho. Antes, já havia marcado o gol do título da Taça Guanabara de 1993, contra o Volta Redonda, taça que também conquistou em 1991. Fez 12 gols sobre o Flamengo, tornando-se o terceiro maior goleador do clássico. Faleceu em 2011 e foi velado no Salão Nobre do Fluminense.

Ficha Técnica

Data: 13/03/1994

Árbitro: Léo Feldman

Público: 55.618 pagantes

Gols: Charles Baiano (pênalti) 28' 1ºT, Luiz Antônio 30seg 2ºT, Ézio 13' 2ºT, Ézio 15' 2ºT, Ézio (pênalti) 26' 2ºT, Charles Baiano 35' 2ºT

Fluminense: Ricardo Cruz, Júlio César, Márcio Costa, Luís Eduardo, Lira, Jandir, Branco, Luiz Antônio, Luiz Henrique, Mário Tilico e Ézio (Márcio Baby). **Técnico:** Deley

Flamengo: Gilmar, Henrique, Gélson, Rogério, Josicler, Fabinho (Régis), Charles, Marquinhos, Nélio, Charles Baiano e Valdeir (Sávio). **Técnico:** Júnior



CARIOCA - 1994

MARACANÃ

FLUMINENSE 7 x 1 BOTAFOGO

Cruel, muito cruel

Em goleada histórica, o Flu humilha o Botafogo.

Não foram poucas na história as partidas entre Fluminense e Botafogo que terminaram em goleadas marcantes para o Tricolor. Logo nas duas primeiras, em 1905 e 1906, o Flu marcou uma chuva de gols nas vitórias por 6 a 0 e 8 a 0, esta, por sinal, a mais elástica de todos os tempos. Apesar disso, nenhum delas talvez tenha sido mais emblemática do que o 7 a 1 pelo Estadual de 1994, jogo jamais esquecido pelas duas torcidas.

Disputada numa sexta-feira, dia bastante incomum para o futebol, a partida era válida pelo quadrangular final da competição. A noite chuvosa teria sido um prenúncio do banho de bola que estaria por vir. Quem chegou tarde ao Maracanã certamente perdeu boa parte do espetáculo: em menos de 25 minutos, o Flu já havia marcado uma avalanche de gols e vencia por 4 a 0. O goleiro Wagner se cansava de

pegar bola no fundo das redes, enquanto Túlio mal tocava na bola. O time alvinegro até descontou, diminuindo um pouco o vexame, mas, para seu azar, o Flu não se acomodou e manteve o ritmo no segundo tempo, marcando mais três vezes.

Ézio, sempre ele, fez dois gols e teve uma movimentação perfeita no ataque. Mário Tilico cumpriu sua melhor atuação com a camisa tricolor, com um gol e assistências. E o ídolo Branco, que seria tetracampeão do mundo três meses depois pela Seleção, teve o mérito de fechar o placar. O Tricolor pintava o sete no Maracanã, número místico alvinegro e que ainda faria alusão ao seu futuro patrocinador, o refrigerante Seven Up, parodiado depois pelos tricolores em camisetas provocativas com os dizeres "Seven One".

Revoltado com a atuação de seus jogadores, o então presidente alvinegro Carlos Augusto Montenegro lançou mão de um bordão que, anos depois, ficaria ainda mais popular com o sucesso do filme "Tropa de Elite". Vociferou o cartola contra aqueles que não honravam a camisa do Botafogo: "Pede pra sair."

• PERSONAGEM: BRANCO

Eficiente na marcação e dono de um violento chute de canhota, Cláudio Ibrahim, o Branco, chegou jovem ao Fluminense. No elenco tricampeão de 1983/84/85, compôs uma ala esquerda infernal com Tato. Encerrou a carreira no clube em 1998, em sua terceira passagem. Pelo Brasil, além da Copa de 1994, esteve também nas de 86 e 90. Ficará eternizado na memória dos torcedores o gol de falta contra a Holanda nas quartas-de-final da Copa de 1994. À época, Branco era jogador do Fluminense.

Ficha Técnica

Data: 29/04/1994

Árbitro: Jorge Travassos

Público: 3.230 pagantes

Gols: Ézio 5' 1°T, Luiz Henrique 7' 1°T, Ézio 18' 1°T, Luiz Antônio 24' 1°T, Grizzo 36' 1°T, Mário Tilico 25' 2°T, Luiz Antônio 31' 2°T, Branco (pênalti) 34' 2°T

Fluminense: Ricardo Cruz, Alfinete, Rau, Luís Eduardo, Branco, Jandir, Cláudio, Luiz Antônio, Luiz Henrique (Wallace), Mário Tilico e Ézio. **Técnico:** Deley

Botafogo: Wagner, Perivaldo, Márcio, Rogério, Eduardo, Fabiano (Grizzo), Nélson, Bob, Sérgio Manoel, Túlio e Reginaldo (Marcelo). **Técnico:** Dé



CARIOCA - 1995

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 3 FLAMENGO

Virou freguês

Renato faz gol de cobertura e Flu mais uma vez vence Fla.

Menos de um ano depois de a Seleção Brasileira pôr fim a um jejum de 24 anos sem títulos mundiais, o Rio parou para assistir ao Estadual mais badalado dos últimos tempos: o Flamengo, que comemorava seu centenário, contratou o atacante Romário, um dos heróis do Tetra e então eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA; o Vasco tentava um inédito tetracampeonato estadual em sua história; e o Botafogo armava um grande time, que se sagraria campeão brasileiro. Já o Fluminense, recheado de atletas desconhecidos, era o menos cotado entre os grandes.

Classificados para o octogonal final da competição, Fla e Flu se enfrentavam pela terceira vez no ano. Foi a partir deste clássico que o Tricolor passou a estampar o slogan “Ame o Rio” em seu uniforme, em referência a uma campanha publicitária da época.

Derrotado no Fla-Flu anterior por 3 a 1, o Flamengo tomou a iniciativa do jogo e abriu o placar logo no primeiro minuto, gol que contou com o desvio de Paulo Paiva. O ritmo da partida seguiu alucinante: com 32 minutos, cinco gols já haviam sido marcados no clássico, que, a esta altura, tinha vitória parcial do Fla por 3 a 2.

Mas quem brilhava mesmo em campo era Renato Gaúcho, que disputava com Romário o posto de "Rei do Rio". Capitão do Flu, Renato fazia ótima partida. Já havia sofrido o pênalti, convertido por Ézio, que empatou o jogo em 1 a 1 e voltaria a deixar tudo igual depois de marcar um golaço de cobertura em Roger, goleiro rubro-negro que um dia se disse "perfeito".

O "time de operários" do Flu, como Renato definia a sua equipe, mostrou a sua cara e suou sangue nos 45 minutos finais. Coube a Rogerinho, que entrara no lugar de Luiz Henrique, marcar os dois gols que virariam a partida. O Flu venceu o clássico por um improvável e emocionante 4 a 3, que encantou a sua torcida, enchendo-a de alegria e confiança. Depois de um começo ruim no octogonal, o time engrenava rumo ao título.

• PERSONAGEM: AÍLTON

O apoiador Aílton foi revelado nas divisões de base do Olaria. Renegado na Gávea, onde havia atuado, desembarcou no Fluminense em 1995. Sua participação foi decisiva na conquista do Campeonato Estadual daquele ano. Sua entrega e sua mobilidade foram determinantes para as três vitórias sucessivas nos Fla-Flus de 1995. Na final, a jogada que resultou no gol do título ficará eternizada nas mentes de tricolores e rubro-negros.

Ficha Técnica

Data: 30/04/1995

Árbitro: Cláudio Garcia

Público: 41.119 pagantes

Gols: Mazinho 1' 1ºT, Ézio (pênalti) 10' 1ºT, Sávio 17' 1ºT, Renato Gaúcho 23' 1ºT, Marquinhos 32' 1ºT, Rogerinho 3' 2ºT, Rogerinho 34' 2ºT

Fluminense: Welerson, Ronald, Lima, Paulo Paiva, Lira, Márcio Costa, Aílton, Djair, Luiz Henrique (Rogerinho), Renato Gaúcho e Ézio (Ânderson). **Técnico:** Joel Santana

Flamengo: Roger, Marcos Adriano, Gélson, Jorge Luís, Branco, Charles, Válber, Marquinhos, Sávio (William), Mazinho e Romário. **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo



CARIOCA - 1995

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 FLAMENGO

O Gol de Barriga

Com gol no fim, o Flu é campeão no centenário do Fla.

Mais de 100 mil torcedores lotaram o Maracanã para o Fla-Flu mais badalado de todos os tempos. No ano do centenário rubro-negro, os dois rivais outra vez decidiam um título estadual. Envolto pelo suspense momentâneo, o Rio de Janeiro parou para ver a partida, que começou sob uma forte chuva, trazendo um aspecto de guerra ao espetáculo.

Como só a vitória interessava ao "time de operários", rótulo criado pelo craque Renato Gaúcho, o Flu partiu com tudo pra cima. Não tardou para o Fla sucumbir à pressão. Após passe de Rogerinho, Renato manteve a tradição de marcar em Fla-Flus e abriu o placar, aos 30. Mesmo em vantagem, o time seguiu na toada e ainda fez o segundo, aos 42. Na jogada, Márcio Costa chutou de fora da área e Roger não segurou. No rebote, Renato atrapalhou a marcação do

zagueiro, que rolou para o meio da área. Leonardo, então, só teve o trabalho de tocar para o gol vazio.

O título parecia certo. Mas só parecia. Porque no segundo tempo uma falta cobrada pelo ex-tricolor Branco no travessão fez acordar o rival, que chegou ao empate a 13 minutos do fim.

A situação piorou depois que Lira foi expulso. Tudo apontava para o título rubro-negro. Nas arquibancadas, sua torcida já entoava o grito de “É campeão”. Mas Fla-Flu é sempre Fla-Flu.

Aos 41, Ronald tocou a bola para Aílton, que invadiu a área pela direita e cortou Charles duas vezes, antes de fuzilar. A bola sairia, mas Renato, com a barriga, desviou-a para dentro. Era o gol do título. Lima ainda seria expulso nos acréscimos, deixando o Flu com dois a menos, mas àquela altura nada poderia impedir a conquista tricolor.

Extasiada, a torcida comemorava o épico, cantando uma paródia de “Asa Branca”: “O primeiro, três a um; o segundo, quatro a três; o terceiro, foi três a dois, e o campeão é o pó-de-arroz.” Em um dos maiores Fla-Flus de todos os tempos, o título era mais uma vez tricolor.

• **PERSONAGEM: RENATO GAÚCHO**

Renato se tornou mais um carrasco rubro-negro ao marcar gols em vários Fla-Flus que disputou. Líder nato, tornou-se o grande comandante do time campeão estadual de 1995, virando o “Rei do Rio”. Um dos momentos mais lembrados da história do Fluminense será sempre o já icônico gol de barriga. Regente das arquibancadas, Renato teve uma boa passagem como técnico em 2007. Ele se sagrou campeão da Copa do Brasil e vice-campeão da Libertadores no ano seguinte.

Ficha Técnica

Data: 25/06/1995

Árbitro: Léo Feldman

Público: 109.204 pagantes

Gols: Renato Gaúcho 30' 1ºT, Leonardo 42' 1ºT, Romário 26' 2ºT, Fabinho 32' 2ºT, Renato Gaúcho 41' 2ºT

Fluminense: Welerson, Ronald, Lima, Sorlei, Lira, Márcio Costa, Ailton, Djair, Rogerinho (Ézio), Renato Gaúcho e Leonardo (Cadu). **Técnico:** Joel Santana

Flamengo: Roger, Marcos Adriano (Rodrigo Mendes), Gélson, Jorge Luís, Branco, Charles, Fabinho, Marquinhos, William (Mazinho), Romário e Sávio. **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo

DÉCADA DE 2000



BRASILEIRO – 2000

MARACANÃ

FLUMINENSE 6 x 1 SANTA CRUZ

Noite de Magnata

Magno Alves faz cinco, assume artilharia e o Flu, a liderança.

O Fluminense atravessou o momento mais crítico da sua história no triênio 1996-1998, quando pagou o preço por sucessivas más administrações. Mas já a partir do ano seguinte, tal qual a ave Fênix, o clube ressurgiu das cinzas e voltou a ocupar lugar de destaque no cenário nacional. Neste processo, o técnico Carlos Alberto Parreira foi muito importante, tornando-se um dos pilares da reconstrução da identidade vencedora do clube.

Em 2000, o Fluminense dava provas de sua recuperação e encantava o país com grandes atuações, especialmente do trio formado por Roger, Roni e Magno Alves. No primeiro semestre, notadamente na Copa do Brasil, em que eliminou o Vasco em São Januário, o Flu já mostrava que seria um time difícil de ser batido, como o foi também na Copa João Havelange, denominação do Brasileirão daquele ano.

Com uma grande campanha, o Flu se classificou antecipadamente para as oitavas-de-final num jogo que não poderia ter sido mais significativo.

Com uma atuação inesquecível, o artilheiro Magno Alves, iluminado, balançou cinco vezes as redes do Santa Cruz em noite mágica no Maracanã. Curiosamente, durante boa parte do jogo, o placar não indicava esta aparente facilidade. O atacante marcou o primeiro, mas, numa bobeada, o time pernambucano chegou ao empate, que, por pouco, não se transformou em virada. Mas foi o Flu quem desceu em vantagem para o intervalo, com mais um gol do Magnata, como era carinhosamente chamado pelos torcedores.

A partir dos 17, o show começou. Foram mais quatro gols em menos de 15 minutos, três de Magno Alves, para delírio da torcida, que saiu em êxtase com a goleada de 6 a 1 e a noite iluminada de seu atacante.

Com os cinco gols, Magno Alves assumiria a artilharia da competição e o Fluminense, o topo da tabela. A goleada de 6 a 1 sobre o Santa Cruz foi um marco da chegada de dias melhores ao clube.

• **PERSONAGEM: MAGNO ALVES**

Décimo maior artilheiro da história tricolor, com 111 gols em 265 jogos, Magno Alves teve uma passagem inesquecível pelo Fluminense de 1998 a 2002. Sua velocidade e explosão encantavam a torcida, que gritava “Ah, Magno Alves!” nas arquibancadas. O ápice se deu em 2000, ano em que foi artilheiro do Brasileiro com 20 gols. Em 2001, foi convocado para a Seleção Brasileira e disputou a Copa das Confederações. Foi um dos grandes

nomes da conquista do Campeonato Estadual de 2002, durante o centenário do clube, fazendo gols em quase todos os jogos decisivos.

Ficha Técnica

Data: 25/10/2000

Árbitro: Héber Roberto Lopes

Público: 11.660 pagantes

Gols: Magno Alves 7' 1ºT, Márcio Allan 19' 1ºT, Magno Alves 34' 1ºT, Magno Alves 17' 2ºT, Roni 20' 2ºT, Magno Alves 22' 2ºT, Magno Alves 30' 2ºT

Fluminense: Murilo, Donizete Amorim, César, Agnaldo Liz (Emerson), Paulo César, Marcão, Fabinho, Jorginho, Roger (Fernando Diniz), Roni (Agnaldo) e Magno Alves. **Técnico:** Valdir Espinosa

Santa Cruz: João Carlos, Wellington, César, Valnei, Hilton, Fabiano (Bebeto), Marcílio, Marcelinho, Márcio Allan, Valdomiro (Sérgio Alves) e Róbson. **Técnico:** Nereu Pinheiro



BRASILEIRO – 2001

PARQUE ANTARCTICA

FLUMINENSE 6 x 2 PALMEIRAS

Passeio no Parque

Com briga e tudo, time tem atuação de gala e faz história.

A exemplo da boa campanha do ano anterior, o Fluminense iniciou o Campeonato Brasileiro de 2001 com tudo. A base fora mantida e ainda ganhou alguns reforços pontuais. Sob comando de Oswaldo de Oliveira, o time esteve sempre entre os primeiros na fase de classificação, que teve numa sonora goleada aplicada sobre o Palmeiras em pleno Parque Antarctica seu jogo mais emblemático.

No início da partida, um susto. Logo no primeiro ataque, o Palmeiras saiu na frente. O equilíbrio se manteve até os 16 minutos, quando Roger, tido como o craque do time, empatou para o Fluminense. Depois, de maneira impressionante, a cada ataque tricolor, um gol era marcado. Antes mesmo dos 30 minutos, o Flu já vencia por 4 a 1.

Após o quarto gol, o volante alviverde Galeano discutiu asperamente com o meia tricolor Fernando Diniz; e ambos acabaram expulsos. Quando saíam de campo, iniciaram uma briga, que culminou numa confusão generalizada em campo. Quando o jogo reiniciou, Roger ainda fez mais um, fechando o placar do primeiro tempo em incríveis 5 a 1.

Na etapa final, como imaginado, o ritmo alucinante dos 45 minutos iniciais diminuiu. Apenas mais um gol para cada lado foi assinalado, dando números finais à goleada. A derrota histórica por 6 a 2 é até hoje a maior sofrida pelo Palmeiras em sua casa em todos os Brasileiros. Já o Flu, com a vitória, assumia a liderança da competição, encaminhando sua classificação para a fase de quartas-de-final.

• PERSONAGEM: RONI

Roni foi um dos poucos motivos de orgulho da torcida tricolor no pior momento da história do clube. Vestiu a camisa do Flu de 1997 a 2002, quando conquistou o título estadual no ano do centenário. Pela Seleção, disputou a Copa das Confederações de 1999, marcando dois gols. Formou dupla com Romário em alguns jogos do Campeonato Brasileiro de 2002. Roni retornaria às Laranjeiras em 2009, mas disputaria apenas 12 partidas.

Ficha Técnica

Data: 07/11/2001

Árbitro: Héber Roberto Lopes

Público: 6.289 pagantes

Gols: Marcão (contra) 2' 1ºT, Roger 16' 1ºT, Sidney 18' 1ºT, Magno Alves 20' 1ºT, Roni 29' 1ºT,

Roger (pênalti) 48' 1ºT, Magno Alves 28' 2ºT, Pedrinho 36' 2ºT

Fluminense: Murilo, Flávio, André Luís, Régis, Paulo César, Marcão, Sidney, Fernando Diniz, Roger (Jorginho), Roni (Andjelkovic) e Magno Alves (Caio). **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Palmeiras: Sérgio, Alexandre, Galeano, Leonardo, Daniel, Fernando, Magrão (Juninho), Pedrinho, Misso (Róbson), Lopes e Muñoz (Donizete). **Técnico:** Márcio Araújo



BRASILEIRO – 2002

MARACANÃ

FLUMINENSE 5 x 1 CRUZEIRO

Sinistro

Contratado para o centenário, Romário dá cartão de boas-vindas e marca dois.

No primeiro semestre do ano de seu centenário, após golear o Flamengo por 4 a 1 – desfazendo o sonho da conquista de um inédito tetracampeonato do rival –, o Fluminense chegou ao seu vigésimo nono título estadual, com a vitória por 3 a 1 sobre o Americano, no Maracanã. Pouco depois, ainda no encalço das comemorações pela data festiva e de fundação, 21 de julho, o clube anunciou a contratação do supercraque Romário. A euforia tomou conta da torcida tricolor para a estreia do artilheiro, tanto que 66 mil torcedores compraram ingresso para assistir ao jogo, cercado de muita expectativa.

Ao entrar em campo com dois de seus filhos, o atacante foi ovacionado pela plateia, que o saudou com o cântico de “Romário é sinistro”. Era a primeira vez do Baixinho com a camisa tricolor.

O adversário era o bom time do Cruzeiro, que contava com a dupla de zaga Luisão e Cris, ambos com passagens pela Seleção. Mas, naquele dia, nada poderia impedir o show de Romário. Empolgado com a festa da torcida, o time partiu para cima e não tardou a inaugurar o placar, com Magno Alves, de cabeça. O Fluminense passava a ter mais um goleador centenário, Magno Alves, que, pouco depois, serviu Fernando Diniz para que o meia, no melhor estilo Romário, finalizasse com perfeição: Flu 2 a 0. Mas ainda faltava o do protagonista da tarde para o espetáculo ficar completo. E ele veio de pênalti, bem cobrado por Romário. A massa explodiu no Maraca com a primeira vez do astro pelo Flu. Solidário, Romário dedicou o gol a Ximbica, saudoso roupeiro do clube, que havia falecido semanas antes.

No segundo tempo, Beto, o outro estreante do time, também deixou a sua marca. Mas uma expulsão boba do meia arrefeceu o ímpeto do Flu, que poderia ter aplicado uma goleada histórica no time celeste. O Cruzeiro ainda conseguiu um gol, diminuindo para 4 a 1 a vantagem tricolor. Mas o recital ainda aguardava seu desfecho, que não poderia ter sido melhor. No último lance da partida, em jogada iniciada com dois toques de primeira no meio de campo, Romário fez um belo gol com seu tradicional toquinho de ponta de chuteira. A bola entrou mansa no fundo da rede, e o juiz encerrou o jogo ali mesmo. Festa total da torcida, que, em delírio, exaltava a grande atuação do time, entoando o grito de "o mais amado do Brasil".

- **PERSONAGEM: ROMÁRIO**

Pelo Fluminense, Romário marcou o único gol de bicicleta de sua carreira, contra o Guarani, em 2003. Contratado para ser a estrela do centenário, em 2002, ficou a um gol de disputar a decisão do título brasileiro. Eleito pela Fifa o melhor jogador do Mundo em 1994, quando também se sagrou herói do tetracampeonato, o Baixinho disputou três Brasileiros pelo Flu e marcou ao todo 48 vezes com a camisa do clube. Sua experiência em campo ajudou na formação de jovens talentos como Arouca, Carlos Alberto, Diego Souza e Antônio Carlos, entre outros.

Ficha Técnica

Data: 11/08/2002

Árbitro: Héber Roberto Lopes

Público: 66.828 pagantes

Gols: Magno Alves 30' 1ºT, Fernando Diniz 33' 1ºT, Romário (pênalti) 43' 1ºT, Beto 2' 2ºT, Fábio Júnior 43' 2ºT, Romário 47' 2ºT

Fluminense: Murilo, Flávio, César, Zé Carlos, Marquinhos, Marcão (Carlos Alberto), Fabinho, Beto, Fernando Diniz (Yan), Magno Alves (Roni) e Romário. **Técnico:** Robertinho

Cruzeiro: Jefferson, Ruy, Luisão, Cris (Marcelo Batatais), Leandro, Augusto Recife (Alessandro), Vander (Maicon), Wendel, Jussiê, Fábio Júnior e Joãozinho. **Técnico:** Marco Aurélio



CARIOLA - 2003

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 0 FLAMENGO

Olé... Olé... Olé...

Atuação antológica desestabiliza goleiro do Fla.

O primeiro Fla-Flu da temporada de 2003 foi um chocolate tricolor: Flu 3 a 0. O time chegou a este placar em menos de dez minutos e o sustentou até o fim. Os rivais se reencontrariam nas semifinais daquele Estadual, que seriam disputadas em dois jogos. No primeiro, empate em 1 a 1. No segundo e decisivo, um empate seria o bastante para que o Fla chegassem à grande final. Nas arquibancadas, do lado tricolor, com a faixa “Pra que servem os cartões?”, a torcida protestava contra a liberação de vários atletas rubro-negros então suspensos. Em outra, “Convocação ou sequestro”, os tricolores criticavam a exclusão do meia Carlos Alberto para servir à Seleção.

Com a necessidade da vitória, o Fluminense tomou a iniciativa do jogo e partiu pra cima. Numa falta cobrada por Djair, Ademílson

pegou o rebote e pôs o Flu em vantagem. O primeiro tempo seguiu com oportunidades para as duas equipes, mas terminou mesmo com a diferença mínima para o time dirigido por Renato Gaúcho.

O Fluminense voltou do vestiário disposto a decidir de vez o jogo. Três gols em menos de vinte minutos selaram a classificação tricolor, para desespero do goleiro rubro-negro, que era alvo constante de provocação dos torcedores tricolores. Praticamente todos do lado preto e vermelho deixaram o Maracanã. Os poucos que ficaram ainda presenciaram um olé de quase dois minutos do Flu, que arrancou aplausos de uma massa enlouquecida. Enquanto isso, na beira do campo, talvez por pena do rival, Renato pedia que o time tocasse a bola.

O baile tricolor aliado aos cânticos provocativos desequilibrou Júlio César, que, num ato impensado, quis mostrar aos seus companheiros como se jogava, abandonando a sua meta. Com a bola dominada, Júlio César tentou driblar todos os adversários que encontrava pela frente. Sua correria frenética parou na lateral do campo, na altura do meio-campo, onde fez falta num jogador do Flu. O árbitro, porém, preferiu inverter a marcação.

Evaristo de Macedo, então técnico do Fla, ficou revoltado com a falta de maturidade do seu goleiro e deu-lhe uma bronca daquelas. O Flu, que não tinha nada com isso, levou o 4 a 0 até o fim e, pelo segundo ano seguido, decidiria o Estadual.

- **PERSONAGEM: MARCÃO**

Contratado no momento mais crítico da história do Fluminense, Marcão cairia no gosto da torcida por seu estilo incansável de marcação. Suas incríveis regularidade e eficiência lhe garantiam a titularidade, independentemente de quem estivesse no comando da equipe. Fez quase 400 jogos pelo clube ao longo das oito temporadas em que o defendeu. Mostrou ter estrela ao marcar gols decisivos nos Estaduais de 2002 e 2005. Marcão não chegou à Seleção, como pedia a torcida, mas o golaço de bicicleta que fez num clássico contra o Botafogo não ficou nada a dever a nenhum dos já marcados pelos que vestiram a Amarelinha.

Ficha Técnica

Data: 15/03/2003

Árbitro: Carlos Jorge Lopes Moreira

Público: 31.026 pagantes

Gols: Ademílson 21' 1ºT, Alex Oliveira 6' 2ºT, Ademílson 14' 2ºT, Fábio Bala (pênalti) 26' 2ºT

Fluminense: Kléber, Zada, César (Rodolfo), Zé Carlos, Jadílson, Marcão, Marciel, Djair, Alex Oliveira (Fernando Diniz), Ademílson (Fábio Bala) e Marcelo. **Técnico:** Renato Gaúcho

Flamengo: Júlio César, Alessandro, Váldson, Fernando, Athirson, Jorginho, André Gomes, Fábio Baiano, Felipe (Fabiano Cabral), Zé Carlos (Jean) e Fernando Baiano (Andrezinho).

Técnico: Evaristo de Macedo



BRASILEIRO – 2003

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 2 CORITIBA

O verdadeiro Gol Mil

**Alex Oliveira faz milésimo gol do Flu em
Brasileiros.**

O Fluminense não fazia um bom Brasileiro. A ameaça de rebaixamento rondava o clube. A cinco rodadas do fim, uma derrota em casa seria catastrófica, pois praticamente decretaria a queda. Por outro lado, uma vitória poderia lhe soar como redentora. Era nesse clima, entre a tensão e o alívio, que estava o Maracanã. Havia outro ingrediente: com 998 gols na história do Brasileirão – considerando todas as edições desde 59 –, o Flu estava a apenas dois da marca do milésimo.

A situação, que não era boa, quase ficou pior no começo do jogo, quando Marcão tirou sobre a linha o que seria o primeiro gol do Coxa. Prenúncio de um drama? O suspense foi temporariamente interrompido, aos dez, quando Marcelo sofreu pênalti para o Flu. Romário cobrou, Fernando Prass defendeu, mas, no rebote, o

Baixinho abriu o placar. Tranquilidade? Nada disso. Mais arrumado em campo, o Coritiba partiu pra cima e, também de pênalti, chegou ao empate no fim do primeiro tempo. Apreensão em todo o estádio.

O thriller ganharia contornos ainda mais dramáticos quando o lateral esquerdo Jadílson foi expulso, deixando o Flu com dez desde o começo do segundo tempo. O Coritiba, que já era melhor, se aproveitou da vantagem numérica e seguiu bombardeando Kléber, que pegava tudo. O goleiro tricolor, porém, não conseguiu impedir o pior, aos 26, quando Lima virou para o time paranaense. A situação, antes ruim, se tornara desesperadora. Tudo parecia perdido.

Mas eis que, aos 43, num lance de pura sorte, uma bola chutada por Odvan, então no time alviverde, bateu em Alex Oliveira e entrou. Era o gol mil do Flu em Brasileiros, certamente assinado pelo rodriguiano Gravatinha, mas não ainda o desafogo. A torcida, antes com o grito cortado pelo nó na garganta, começou a apoiar sem parar. Deu certo, pois aos 47, rigorosamente no último lance da partida, a estrela de Romário brilhou. Mesmo sem ângulo, o atacante acertou um chuteço, decretando a última virada da partida.

Alívio e festa no Maracanã, no que foi uma das vitórias mais suadas e sofridas da história recente tricolor. Extenuados física e emocionalmente, jogadores choravam no gramado.

E Romário? Bem, como o próprio disse uma vez, já pelo Flu, quando ele nasceu, Papai do Céu apontou pra ele e disse: "Você é o cara."

- **PERSONAGEM: CARLOS ALBERTO**

Jogador de personalidade, Carlos Alberto foi uma das grandes revelações das divisões de base do Fluminense. Na decisão do Estadual de juniores de 2002, disputada na Gávea, marcou o gol do título tricolor na virada por 2 a 1. Logo subiria à categoria profissional e ganharia de novo o Estadual no ano do centenário. Virou destaque do time e foi negociado para o Porto. Retornaria ao Flu em 2007 para conquistar a Copa do Brasil.

Ficha Técnica

Data: 08/11/2003

Árbitro: Jamir Carlos Garcez

Público: 7.675 pagantes

Gols: Romário 10' 1ºT, Marcel (pênalti) 43' 1ºT, Lima 26' 2ºT, Alex Oliveira 43' 2ºT, Romário 47' 2ºT

Fluminense: Kléber, Júnior César, César, Rodolfo, Jadílson, Marcão, Sidney (Alex Oliveira), Esquerdinha (Thiago), Carlos Alberto, Marcelo (Sorato) e Romário. **Técnico:** Renato Gaúcho

Coritiba: Fernando, Maurinho, Danilo, Odvan, Lira, Reginaldo Nascimento, Roberto Brum (Willians), Jackson, Souza (Alexandre Fávaro), Lima (Marco Brito) e Marcel. **Técnico:** Paulo Bonamigo



CARIOCA - 2005

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 1 FLAMENGO

O Papa é tricolor

**Na final da Taça Rio, Fluminense
homenageia João Paulo II.**

Alecidão na véspera do Fla-Flu que decidiria a Taça Rio de 2005, o Papa João Paulo II recebeu uma daquelas homenagens inigualáveis. Havia 25 anos, tornara-se um símbolo, uma espécie de tábua de salvação, para os momentos de angústia da torcida tricolor. Então no Rio de Janeiro quando o Flu decidiu contra o Vasco o Primeiro Turno do Estadual de 1980, a torcida tricolor apelou ao Pontífice na decisão por pênaltis, cantando pela primeira vez o tradicional "A bênção, João de Deus", que depois viraria um hino entre os tricolores. Por isso, antes daquele Fla-Flu, os torcedores do Flu protagonizaram um minuto de silêncio arrepiante, entoando, com as mãos para o alto, o "A bênção, João de Deus" mais estrondoso da história do Maracanã.

A carga de ingressos fora rapidamente esgotada para o clássico, que vinha sendo encarado como uma final antecipada, já que o vencedor

do confronto enfrentaria o Volta Redonda, campeão da Taça Guanabara, na decisão.

O jogo começou truncado, mas com leve predomínio do Tricolor, que fizera uma campanha avassaladora na Taça Rio, com cinco vitórias – uma delas por 4 a 0 sobre o Botafogo – e apenas uma derrota na fase de classificação. Na semifinal, uma vitória nos pênaltis sobre o Vasco, depois de um empate em 1 a 1 no tempo normal, garantiu ao time de Abel Braga a vaga na final.

As emoções do Fla-Flu ficaram reservadas para os 45 minutos finais. Após linda jogada individual, Juan sofreu pênalti logo no início. Tuta cobrou no meio e abriu o placar. Pouco depois, Leandro, que seria vetado, mas pedira para jogar, ampliou. Não suportaria, porém, as dores na clavícula esquerda e sairia ovacionado pela torcida, que o chamou de “guerreiro”. Foi substituído por Alex, cria da casa, que faria o terceiro. Era o começo da goleada. Os torcedores não paravam de cantar, a energia no estádio era impressionante, mas o ato mais bonito ainda estava por acontecer. Com muita categoria, Preto Casagrande fez um golaço de cobertura. Uma pintura! Goleada garantida e Flu classificado para mais uma final.

• **PERSONAGEM: GABRIEL**

Revelado pelo São Paulo, Gabriel chegou sem alarde às Laranjeiras e conquistaria a torcida com uma temporada que beirou a perfeição. Nela, conquistou o Campeonato Estadual e entrou para a história do Brasileiro ao tornar-se, com 16 gols, o maior artilheiro de uma edição da competição. Por conta de seu brilhante desempenho, foi eleito pela CBF o melhor jogador da posição. Tantas láureas renderam-lhe uma convocação à Seleção Brasileira. Transferiu-se então para o Málaga (ESP), mas

retornaria ao Fluminense em 2007. No ano seguinte, foi peça importante do time em sua trajetória na Libertadores.

Ficha Técnica

Data: 03/04/2005

Árbitro: Luiz Antônio Silva dos Santos

Público: 65.672 pagantes

Gols: Tuta (pênalti) 4' 2ºT, Leandro 6' 2ºT, Alex 25' 2ºT, Preto Casagrande 29' 2ºT, Zinho 46' 2ºT

Fluminense: Kléber, Gabriel, Igor, Antônio Carlos, Juan, Marcão, Arouca, Diego, Juninho (Preto Casagrande), Leandro (Alex) e Tuta (Alan). **Técnico:** Abel Braga

Flamengo: Diego, Ricardo Lopes, Rodrigo, Fabiano, André Santos (Adrianinho), Da Silva, Jônatas, Júnior (Zinho), Fellype Gabriel, Marcos Denner (Geninho) e Dimba. **Técnico:** Cuca



CARIOLA - 2005

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 1 VOLTA REDONDA

Trinta vezes campeão

**Flu mantém a tradição e é campeão no
último instante.**

Dirigido por Abel Braga, o Fluminense chegava embalado para a final com o Volta Redonda. O título seria decidido em dois jogos e o time, que fazia grande campanha também na Copa do Brasil, era tido como o grande favorito para ficar com a taça.

No primeiro jogo, o Flu chegou rapidamente aos 2 a 0, dando a falsa impressão de facilidade no confronto. Nas arquibancadas, os gritos de "É campeão" ecoavam desde os primeiros minutos. Os deuses do futebol, porém, foram cruéis com o Tricolor: de maneira surpreendente, o time levou quatro gols e só conseguiu marcar mais um, no fim, com Tuta. A derrota por 4 a 3 obrigava o Fluminense a vencer por dois gols o último desafio.

O Maracanã estava lotado. Tantos eram os torcedores do lado de fora que a administração do estádio se viu obrigada a liberar a geral. Logo no início da partida, a situação, que já não era boa, ficou ainda pior, com o time da Cidade do Aço abrindo o placar. O título agora parecia distante. Mas antes do intervalo, com um gol contra de Aílson, após cabeçada de Tuta, a partida ficaria empatada.

Com a obrigação da vitória, o Flu foi à frente em busca da virada. Aos 23, Juan cobrou uma falta pela direita e Marcão, de cabeça, repetiu 2002, quando também marcou na decisão do Estadual. Explosão em todo o estádio!

O Flu era todo pressão, mas o gol redentor não saía. Pouco depois, um susto: Túlio, então no Volta Redonda, quase marcou num contra-ataque. O 2 a 1 levaria a disputa para os pênaltis, mas a torcida tricolor se arrepiou de emoção aos 47, quando Leandro, do meio de campo, levantou uma bola na área. Na disputa, o zagueiro Antônio Carlos, cria de Xerém, levou a melhor sobre o goleiro Lugão e, de cabeça, viu a bola morrer no fundo da rede. Um gol espírita, que garantiu ao clube o trigésimo estadual e a hegemonia no Rio de Janeiro.

• PERSONAGEM: ANTÔNIO CARLOS

Um dos principais zagueiros revelados em Xerém, Antônio Carlos sobressaiu por seu estilo voluntarioso. Forte no jogo aéreo, ele foi um dos heróis do 30º título estadual do clube em 2005. O gol, anotado já nos acréscimos da decisão, ficou marcado como símbolo de um grupo jovem, voluntarioso e identificado com o clube, que, além de Antônio Carlos, contava com os então recém-promovidos da base Arouca e Diego Souza.

Ficha Técnica

Data: 17/04/2005

Árbitro: Edilson Soares da Silva

Público: 63.762 pagantes

Gols: Fábio 9' 1ºT, Aílson (contra) 47' 1ºT, Marcão 23' 2ºT, Antônio Carlos 47' 2ºT

Fluminense: Kléber, Gabriel, Antônio Carlos, Fabiano Eler, Juan, Marcão, Arouca, Diego (Alex), Juninho (Rodrigo Tiúí), Leandro e Tuta. **Técnico:** Abel Braga

Volta Redonda: Lugão, Schneider, Aílson, Alemão, Maciel (Hamilton), Jonílson, Mário César, Gláuber, Adriano Felício (Élson), Fábio (Madson) e Túlio. **Técnico:** Dário Lourenço



BRASILEIRO – 2005

MINEIRÃO

FLUMINENSE 6 x 2 CRUZEIRO

Com o sangue do encarnado

Petkovic brilha em goleada espetacular.

Campeão estadual e vice da Copa do Brasil, o Fluminense fazia de 2005 um ano marcante para a sua torcida, que assistiu ainda a várias partidas antológicas do time no Campeonato Brasileiro. Tanta fibra e dedicação fizeram com que o ex-radialista Luiz Mendes rotulasse o Flu como “o time que se recusa a perder”, tendo em vista que muitas de suas vitórias eram conquistadas na base da superação, e geralmente no fim, como contra o Cruzeiro (2 a 1, no Raulino de Oliveira), o Santos (4 a 3, no Raulino de Oliveira), o Juventude (4 a 3, no Alfredo Jaconi) e o Goiás (2 a 1, no Serra Dourada).

Entre as 42 partidas da campanha, nenhuma foi mais marcante do que a sonora goleada por 6 a 2 sobre o Cruzeiro em pleno Mineirão. O início do jogo, porém, não foi fácil. Logo aos 14 minutos, a Raposa saiu na frente, com Kelly. O gol sofrido não abalou o Flu. Em belíssima

jogada individual, ainda no primeiro tempo, o craque Dejan Petkovic empatou o duelo.

Era só o começo. No segundo tempo, um espetáculo tricolor em Belo Horizonte. Pet resolveu repetir a dose e marcou outro gol de placa, dando um drible desconcertante em seu marcador antes de acertar um tirambaco no ângulo direito de Fábio. Pouco depois, Gabriel, lateral artilheiro que cumpria uma temporada de sonhos, fez o terceiro. Para dar mais emoção, Wágner ainda diminuiu para o time da casa, mantendo o suspense.

O jogo ficou eletrizante, dando a impressão de que seria equilibrado até o fim, mas em dez minutos, como uma avalanche, o Fluzão fez mais três, com Beto, Gabriel e Tuta, fechando a noite mágica. 6 a 2 para o Flu, que aplicou ao Cruzeiro a maior goleada já sofrida por ele no Mineirão. Desde então, o Flu impôs outras derrotas importantes, em casa e fora, ao clube mineiro, que se tornou um dos adversários mais vezes derrotados pelo Tricolor na década.

● PERSONAGEM: PETKOVIC

Nascido na Sérvia, Dejan Petkovic entrou para a lista de jogadores estrangeiros que se destacaram pelo Fluminense. Sua excelente trajetória no Campeonato Brasileiro de 2005 rendeu-lhe a *Bola de Prata* da conceituada revista *Placar*, como principal meia da competição. Autor de um gol olímpico contra o Grêmio em 2006, fez partidas antológicas em 2005 nas vitórias contra Cruzeiro, Goiás e Santos. Em sua trajetória pelas Laranjeiras, Pet anotou 19 gols em 59 partidas.

Ficha Técnica

Data: 07/09/2005

Árbitro: Elvécio Zequetto

Público: 11.119 pagantes

Gols: Kelly 14' 1ºT, Petkovic 30' 1ºT, Petkovic 8' 2ºT, Gabriel 11' 2ºT, Wágner 23' 2ºT, Beto 30'
2ºT, Gabriel 37' 2ºT, Tuta 40' 2ºT

Fluminense: Kléber, Gabriel, Gabriel Santos, Igor, Juan, Marcos Aurélio (Milton do Ó),
Arouca, Felipe (Preto Casagrande), Petkovic, Leandro (Beto) e Tuta. **Técnico:** Abel Braga

Cruzeiro: Fábio, Maurinho, Moisés, Marcelo Batatais, Ânderson, Maldonado, Diogo, Kelly
(Martinez), Wágner, Adriano (Diego) e Adriano Louzada (Lopes). **Técnico:** Paulo César
Gusmão



COPA DO BRASIL – 2007

ARENA DA BAIXADA

FLUMINENSE 1 x 0 ATLÉTICO-PR

Vaga na raça

Adriano Magrão classifica o Tricolor para a semifinal.

Injustamente derrotado pelo Atlético-PR na semifinal do Campeonato Brasileiro de 2001 – com arbitragem ruim, em partida única, na Arena da Baixada –, o Fluminense reencontrava o clube paranaense seis anos depois, em novo jogo decisivo, este pelas quartas-de-final da Copa do Brasil.

Após um empate em 1 a 1 no Maracanã (Thiago Silva marcou para o Fluminense), o favoritismo para o duelo da volta era dos paranaenses. O Flu precisava ao menos de um gol, já que o empate em 0 a 0 classificaria o time da casa, missão muito difícil, pois o adversário tradicionalmente levava a melhor quando jogava em seus gélidos domínios.

Comandado pelo técnico Renato Gaúcho, em mais uma passagem pelo clube, o Fluminense iniciou o jogo com atitude, pressionando o

Atlético-PR. E quase chegou lá numa bela arrancada de Arouca, mas Guilherme saiu do gol e fez falta no volante, evitando gol certo. Com a expulsão do goleiro rubro-negro, o Flu passou a jogar com um a mais. Pouco depois, o atacante Rafael Moura perdeu gol feito e a chance de deixar o Tricolor em vantagem no intervalo da partida.

O jogo já passava dos 30 minutos do segundo tempo e tornava-se dramático, quando entrou em cena um herói improvável. Antes renegado, uma das últimas opções de ataque, Adriano Magrão saiu do banco para marcar o gol da classificação tricolor à semifinal, aos 32. Foi a vez de o Flu se defender, garantindo-se nas grandes intervenções de Fernando Henrique. Na fria Curitiba, consolidava-se a vingança tricolor.

• PERSONAGEM: ADRIANO MAGRÃO

“Ah, tá lá dentro, o Magrão é melhor que o Shevchenko!” Era assim que a torcida tricolor enaltecia Adriano Magrão, herói na conquista do título da Copa do Brasil de 2007. Nas quartas-de-final, contra o Atlético-PR, em jogo complicado na Arena da Baixada, Adriano veio do banco e fez o gol da classificação. Assumiu então a condição de titular e foi fundamental nos jogos seguintes, contra Brasiliense e Figueirense. O atacante é o retrato perfeito de um herói improvável, pois, quando ninguém esperava, entrou no time e decidiu.

Ficha Técnica

Data: 09/05/2007

Árbitro: Wilson Luiz Seneme

Público: 19.251 pagantes

Gol: Adriano Magrão 32' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Carlinhos, Thiago Silva, Luiz Alberto, Júnior César, Fabinho (Lenny), Romeu (Thiago Neves), Arouca, Cícero, Alex Dias e Rafael Moura (Adriano Magrão). **Técnico:** Renato Gaúcho

Atlético-PR: Guilherme, Jancarlos, Danilo, Marcão, Nei, Alan Bahia, Erandir (Pedro Oldoni), Evandro (Válber), Netinho (Viáfara), Alex Mineiro e Ferreira. **Técnico:** Osvaldo Alvarez



COPA DO BRASIL – 2007

ORLANDO SCARPELLI

FLUMINENSE 1 x 0 FIGUEIRENSE

Campeão nacional

**Com gol do zagueiro Roger, Flu conquista a
Copa do Brasil.**

Grande força do futebol nacional, o Flu chegava pela terceira vez a uma decisão de Copa do Brasil. A exemplo de 2005, quando fizera a finalíssima com o Paulista, o Tricolor era considerado favorito contra o Figueirense. Desta vez tudo levava a crer que o título ficaria em Álvaro Chaves. Antes, na semifinal, o time de Renato Gaúcho havia eliminado um antigo algoz, o Brasiliense, em dois confrontos emocionantes – vitória por 4 a 2, no Maracanã, e empate em 1 a 1, na Boca do Jacaré. Na grande decisão, o frustrante empate em 1 a 1 num Maracanã superlotado mudou de lado o favoritismo. Mesmo assim, mais de três mil tricolores invadiram Florianópolis em busca da conquista inédita.

A vantagem catarinense desmoronou logo aos três minutos, quando o zagueiro Roger, que substituía o capitão Luiz Alberto, abriu o

placar, ao receber passe do predestinado Adriano Magrão, também autor do gol de empate no jogo de ida. Os 87 minutos restantes foram tensos, nervosos. A partida era truncada, brigada palmo a palmo, típica de uma decisão. O Flu, porém, contava com um monstro na zaga, Thiago Silva, e defendeu-se bem, garantindo o título inédito. Festa em Floripa, que, tomada por cariocas, virou um point tricolor.

Com o feriado de Corpus Christi no dia seguinte, o Rio de Janeiro parou para receber os campeões no aeroporto Santos Dumont. Sobre um carro do Corpo de Bombeiros, foram cortejados até as Laranjeiras, onde uma grande festa havia sido preparada. Jogadores, um a um, eram saudados por uma massa enlouquecida no campo. Juntos, time e torcida, gritavam: "Ih, Libertadores qualquer dia estamos aí." Era a volta do clube à maior competição das Américas.

• PERSONAGEM: ROGER

Quarto-zagueiro, Roger era uma espécie de coringa no elenco do Fluminense, já que atuava também como lateral esquerdo. Carismático, exercia liderança entre os demais jogadores. Nascido em Porto Alegre (RS), foi querido também no Grêmio antes de se tornar herói no Flu, pelo qual marcou gols em partidas internacionais, como na vitória por 1 a 0 sobre o Atlético Nacional (COL), na Libertadores de 2008. Teve, porém, seu nome eternizado nas Laranjeiras ao marcar o gol do título tricolor sobre o Figueirense na decisão da Copa do Brasil.

Ficha Técnica

Data: 06/06/2007

Árbitro: Héber Roberto Lopes

Público: 17.415 pagantes

Gol: Roger 3' 1ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Carlinhos, Thiago Silva, Roger, Júnior César, Fabinho, Arouca, Cícero, Carlos Alberto (Thiago Neves), Alex Dias (Rafael Moura) e Adriano Magrão (David). **Técnico:** Renato Gaúcho

Figueirense: Wilson, Vinícius (Edson), Felipe Santana, Chicão, Anderson Luis (Fernandes), Diogo (Ramon), Henrique, Ruy, Cleiton Xavier, André Santos e Victor Simões. **Técnico:** Mário Sérgio



CARIOLA - 2008

MARACANÃ

FLUMINENSE 4 x 1 FLAMENGO

O Fla-Flu do Créu

Thiago Neves faz três e torcida cai no funk.

Dois mil e oito começou com o Fluminense ainda embalado pela ótima trajetória do ano anterior. O time conquistara a Copa do Brasil e fizera boa campanha no Brasileiro, ficando em quarto. Além disso, Thiago Neves, que assumira de vez a camisa 10, fora eleito pela revista Placar o melhor jogador do campeonato. No esplendor de sua forma física e técnica, o meia seria uma das grandes atrações da constelação montada para a temporada seguinte.

Junta pela primeira vez numa Libertadores, a dupla Fla-Flu chegou animada para o clássico, que valeria mais do que três pontos ao Flu, mas também a repetição de um recorde alcançado de 1970 a 1971, quando ficou 18 jogos sem perder no Maracanã.

Quando a bola rolou, os rivais fizeram um primeiro tempo até movimentado, mas sem gols. Durante o intervalo, a natureza interferiria nos desígnios daquela partida, com raios, trovões e

chuva, que provocaram queda de energia no estádio. A falta de luz, contudo, não desanimou as duas torcidas, que não paravam de cantar.

Depois que os refletores foram novamente acesos, Kléberson fez um gol. Na comemoração, dançou uma espécie de ciranda com seus companheiros. A torcida rubro-negra ainda comemorava quando Thiago Neves, de falta, marcou um bonito gol. Era o começo do show particular do meia, que, pouco depois, também de falta, virou a partida. O Fla-Flu se tornara eletrizante, mas o meia ainda não se dera por satisfeito. Aos 33, saiu driblando e marcou outro golaço. Festa da torcida tricolor, que, orquestrada por Neves, dançava nas arquibancadas o “Créu”, funk carioca hit da época.

Talvez temendo que o meia fosse alvo de violência pelas provocações, Renato o sacou, mas ainda havia tempo para mais um, marcado por Maurício, que sacramentou a goleada, fazendo a música da moda ser dançada na velocidade quatro.

• PERSONAGEM: THIAGO NEVES

Sem alarde, Thiago Neves veio do Japão para o Fluminense no início de 2007. Inicialmente reserva de Carlos Alberto, o meia participou de quase todos os jogos da campanha do título da Copa do Brasil. No Campeonato Brasileiro do mesmo ano, quando assumiu a condição de titular, foi considerado o melhor jogador da competição. No ano seguinte brilhou ainda mais. Foi artilheiro do time na Libertadores, onde se tornou o único atleta a anotar três gols na finalíssima da competição. Regressou ao Fluminense no início de 2009, emprestado por cinco meses. Três anos depois, voltou para se tornar campeão estadual e brasileiro.

Ficha Técnica

Data: 10/02/2008

Árbitro: João Batista de Arruda

Público: 39.056 pagantes

Gols: Kléberson 4' 2ºT, Thiago Neves 8' 2ºT, Thiago Neves 27' 2ºT, Thiago Neves 33' 2ºT,
Maurício 41' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Rafael, Ânderson, Roger, Gustavo Nery, Fabinho, Romeu,
Arouca (David), Conca (Maurício), Thiago Neves (Tartá) e Cícero. **Técnico:** Renato Gaúcho

Flamengo: Diego, Luizinho, Thiago Sales, Rodrigo Arroz, Egídio, Cristian, Colace (Marcinho),
Léo Medeiros, Kléberson, Diego Tardelli (Maxi Biancucchi) e Obina. **Técnico:** Joel Santana



LIBERTADORES – 2008

MARACANÃ

FLUMINENSE 6 x 0 ARSENAL

Estoy aqui

Com volta do talco, time dá espetáculo.

Sorteado para o chamado “grupo da morte” da Libertadores, o Flu caíra numa chave que contava com o então campeão da Copa Sul-Americana, o Arsenal (ARG); o clube de coração de Nicolás Leoz (presidente da Conmebol), o emergente Libertad (PAR); além da LDU (EQU), reforçada por uma altitude superior a três mil metros, em Quito, onde o Flu iniciou sua caminhada, arrancando um heroico empate sem gols.

Na rodada seguinte, o Fluminense faria sua primeira partida em casa, num jogo que ficou marcado pelo retorno de uma antiga tradição da torcida na entrada do time em campo, o talco.

O espetáculo nas arquibancadas se refletiu também no gramado. Numa atuação irretocável, que beirou a perfeição (o time só cometeu a sua primeira falta aos 41 minutos), o Flu aplicou um

histórico 6 a 0 no Arsenal, até hoje a maior goleada em confrontos entre brasileiros e argentinos pela Libertadores.

Dodô brilhou intensamente, participando de todos os gols: sofreu a falta cobrada por Thiago Neves, que abriu o placar; com estilo, serviu-se de um cruzamento cinematográfico de Júnior César, para pegar de primeira, assinando mais uma pintura ao seu já vasto repertório; e, antes do intervalo, saiu enfileirando, como num videogame, antes de dar uma assistência perfeita para Gabriel marcar.

Enganou-se, porém, quem imaginou que o Flu se acomodaria com a goleada precoce. Como diz um velho ditado, o time parecia brincar de "três vira, seis acaba". E só valia golaço, como o marcado por Dodô, que, depois de uma inversão de trivela de Thiago Neves, pegou de primeira, de fora da área, assinando um dos gols mais bonitos da história do Maracanã. Explosão nas arquibancadas!

Dodô ainda completaria sua atuação magistral assistindo Washington, que fez o quinto, e sofrendo a falta do sexto gol, marcado por Cícero. A atuação de almanaque constituiu um dos mais bonitos capítulos da história do Flu, que viu sua torcida deixar o Maracanã ao som do hit "O show está começando".

• PERSONAGEM: DODÔ

Dodô, "o artilheiro dos gols bonitos", após uma breve passagem em 1994, retornou ao Fluminense em 2008 para disputar a Libertadores. Durante a competição, brilhou em vários momentos. Na goleada de 6 a 0 sobre o Arsenal (ARG), fez dois gols (um de placa) e participou dos outros quatro. Ainda foi fundamental contra o São Paulo, nas quartas-de-final, marcando um gol quando tudo parecia perdido, e depois contra o Boca Juniors

(ARG), no segundo jogo das semifinais, quando voltou a marcar e a participar dos outros gols. Deixou saudade por esses momentos, em jogos que a torcida nunca vai esquecer.

Ficha Técnica

Data: 05/03/2008

Árbitro: Carlos Torres (PAR)

Público: 32.614 pagantes

Gols: Thiago Neves 13' 1ºT, Dodô 24' 1ºT, Gabriel 45' 1ºT, Dodô 5' 2ºT, Washington 26' 2ºT, Cícero 40' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Gabriel, Thiago Silva, Luiz Alberto, Júnior César (Roger), Ygor, Arouca (Fabinho), Conca, Thiago Neves (Cícero), Dodô e Washington. **Técnico:** Renato Gaúcho

Arsenal: Cuenca, Espinola, Mosquera, Matellán, Cristian Díaz, Carrera (Gómez), San Martín (Pellerano), Casteglione, Yacuzzi, Biagini (Leguizamón) e Calderón. **Técnico:** Gustavo Alfaro



LIBERTADORES – 2008

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 1 SÃO PAULO

Épico

Com gol aos 46 do segundo tempo, Flu vai à semi.

Time de melhor campanha na primeira fase, o Fluminense impôs-se no mata-mata da Libertadores, passando com relativa tranquilidade pelo Nacional (COL). Nas quartas, porém, o Flu se depararia com o supercampeão São Paulo de Muricy Ramalho, então vencedor das últimas duas edições do Brasileiro. Um baita desafio!

No jogo de ida, no Morumbi, derrota por 1 a 0. Uma semana depois, no Maracanã, só uma vitória por dois gols de diferença classificaria o Flu. Para aumentar a dramaticidade, o São Paulo contava com a melhor defesa do país nos anos recentes.

Quando o juiz apitou o início do jogo, o Flu partiu para cima. A pressão deu certo, pois não tardou para Washington tocar para o fundo das redes de Rogério Ceni, depois que Cícero escorou

cruzamento de Júnior César. O Coração Valente quase rasgou a camisa na comemoração, com gana, realçando o compromisso do time com a classificação.

A pressão tricolor seguiu até o início do segundo tempo. Conca ainda acertou um chutaço no travessão, mas o 1 a 0 teimoso perdurava. Um gol de Adriano, aos 25, complicou de vez a vida do Flu. Sorte a do time que, logo na saída da bola, Dodô errou o chute e enganou Ceni, que viu a bola passar por entre suas pernas. Ainda faltava um, e o estádio passou a assistir ao jogo de pé, aflito, aguardando pelo desfecho heroico. O Flu martelava, encurralava o São Paulo, que se defendia como podia. Até que, aos 46, a massa tricolor teve o coração arrancado pela boca. Washington, de cabeça, fuzilou Ceni, em escanteio batido por Thiago Neves. Era o gol da classificação.

O Maraca então explodiu, lembrando a comemoração de um título. Emocionados, Renato Gaúcho e jogadores se ajoelharam no gramado, agradecendo aos céus. A torcida, enlouquecida, também se recusava a deixar o estádio. O "Horto Mágico" foi cantado até o dia clarear.

• PERSONAGEM: WASHINGTON

"Coração valente, guerreiro tricolor, Washington é matador!" Desde 2008, em sua primeira passagem pelo clube, a torcida festejava assim o artilheiro Washington Stecanelo Cerqueira. Autor de um dos gols mais emocionantes da história do Fluminense, contra o São Paulo, nas quartas-de-final da Libertadores, o atacante rapidamente criou grande identificação com os tricolores. Artilheiro do Campeonato Brasileiro de 2008, com 21 gols, Washington deixou o clube no ano seguinte. Voltou em 2010 para ser tricampeão brasileiro. Anotou oito gols na campanha vitoriosa.

Ficha Técnica

Data: 21/05/2008

Árbitro: Carlos Amarilla (PAR)

Público: 68.191 pagantes

Gols: Washington 11' 1ºT, Adriano 25' 2ºT, Dodô 26' 2ºT, Washington 46' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Gabriel (Alan), Thiago Silva, Luiz Alberto, Júnior César, Ygor (Maurício), Arouca (Dodô), Conca, Thiago Neves, Cícero e Washington. **Técnico:** Renato Gaúcho

São Paulo: Rogério Ceni, Jancarlos (Joilson), Alex Silva, Miranda, Richarlyson, Zé Luís, Fábio Santos, Hernanes, Hugo (Jorge Wagner), Dagoberto (Aloísio) e Adriano. **Técnico:** Muricy Ramalho



LIBERTADORES – 2008

MARACANÃ

FLUMINENSE 3 x 1 BOCA JUNIORS

“Prazer, Fluminense!”

**Em grande jogo, com direito a virada,
Tricolor chega à final.**

Com o cartaz de ter conquistado seis vezes a Libertadores, três delas só no século XXI, o Boca Juniors, de estrelas como Riquelme, Palacio e Palermo, pintava como a maior pedreira do Flu no caminho até a final. Se quisesse chegar lá, o Flu teria de quebrar um tabu de 45 anos, pois desde 1963, com o Santos de Pelé, o popular clube argentino não era eliminado da Libertadores por um brasileiro.

Com a tradicional La Bombonera interditada, Boca e Flu tiveram que jogar em Avellaneda, onde brilharam as estrelas dos Thiagos Silva e Neves, que marcaram os gols tricolores no bom empate em 2 a 2.

No jogo de volta, o Flu tinha a vantagem de um empate de 0 a 0, que se manteve até o intervalo. Aos 12, porém, Palermo, até hoje o maior artilheiro do Boca, pôs os xeneizes na frente. Renato, então, mandou

o time todo à frente. Tirou o volante Ygor, colocando Dodô, que logo sofreria falta. Washington interveio e garantiu que marcaria o gol. Promessa feita, promessa cumprida: 1 a 1.

O jogo passou a ficar franco, mais aberto. Conca, que tivera passagem pelo rival River Plate, diminuiu o suspense, virando num chute que contou com providencial desvio. A vaga ainda não estava garantida. Palermo aumentava a dramaticidade e infernizava a defesa do Flu, sendo parado apenas por Thiago Silva, que chegou a tirar uma bola sobre a linha, e Fernando Henrique. Os tricolores só puderam respirar aliviados nos acréscimos, quando Dodô apertou a saída de bola, roubando-a, para decretar o placar final.

“A dois passos do paraíso” estavam o time e a torcida, que não parava de cantar o hit da banda Blitz. Já o craque Riquelme, que antes dissera não conhecer o clube carioca, teve de ouvir ainda um gracejo do técnico Renato: “Prazer, Fluminense!”

• PERSONAGEM: THIAGO SILVA

Zagueiro de rara eficiência, Thiago Silva ganhou um apelido que rapidamente se popularizou: “Monstro”. Deu sequência ao sucesso no Fluminense em sua trajetória na Europa e tornou-se um dos defensores mais valorizados do mundo. Nas Laranjeiras, conquistou a Copa do Brasil de 2007 e foi um dos protagonistas da campanha da Libertadores de 2008. Tema de um documentário, levou mais de 50 mil tricolores para a sua despedida no Maracanã. Disputou as Copas do Mundo de 2010 e 2014. É um dos maiores zagueiros da história do Fluminense e um dos grandes ídolos tricolores de todos os tempos.

Ficha Técnica

Data: 04/06/2008

Árbitro: Carlos Torres (PAR)

Público: 78.856 pagantes

Gols: Palermo 12' 2ºT, Washington 17' 2ºT, Conca 26' 2ºT, Dodô 47' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Gabriel, Thiago Silva, Luiz Alberto, Júnior César, Ygor (Dodô), Arouca, Conca, Thiago Neves (Maurício), Cícero e Washington (Roger). **Técnico:** Renato Gaúcho

Boca Juniors: Migliore, Ibarra, Cáceres, Paletta, Morel Rodríguez (Boselli), Battaglia, Vargas (Ledesma), Dátolo (Chávez), Riquelme, Palacio e Palermo. **Técnico:** Carlos Ischia



BRASILEIRO – 2009

MINEIRÃO

FLUMINENSE 3 x 2 CRUZEIRO

A arrancada

**Time de Guerreiros surpreende e caça a
Raposa no segundo tempo.**

O Flu iniciaria muito mal o Brasileiro de 2009, somando apenas 15 pontos em todo o Primeiro Turno. Com o clube em situação desesperadora, jornalistas e estatísticos já decretavam por antecipação o rebaixamento do time.

Com o aval da diretoria, o técnico Cuca começou a realizar mudanças. Afastou jogadores mais experientes e promoveu a entrada de jovens da base. Produziu-se, então, a transformação. Nascia ali o Time de Guerreiros, que deu a vida em campo na maior arrancada já vista na história do futebol brasileiro.

Da 28^a rodada em diante, o Flu não perderia mais. A situação crítica obrigava o time a vencer praticamente todos os seus jogos. Por isso, já na 31^a, o time poderia ficar em situação desesperadora se fosse

derrotado pelo Goiás. A vitória parcial por 2 a 0 do mandante parecia o fim. Sangrava o coração tricolor em todo o Brasil. O time sentiu na carne e honrou o manto, superando-se para chegar ao empate.

Apesar da reação, os matemáticos calculavam que, àquela altura, o Flu tinha 98% de chances de ser rebaixado. Só uma sequência impressionante o salvaria. O time enfrentaria ainda adversários que brigavam pela ponta, caso do Atlético-MG. O Galo, porém, sucumbiu ao Tricolor, com gols de Fred e Conca (2 a 1).

O Flu teria um desafio ainda maior três dias depois, quando enfrentou o embalado Cruzeiro num Mineirão com quase 50 mil torcedores. A Raposa colocou pressão e chegou logo aos 2 a 0 (perderia ainda um pênalti). O Flu mais uma vez era assombrado pelo fantasma do rebaixamento.

Mas o Flu não desistiria. Jogava por ele e por milhões. "Lutem até o fim" dizia uma faixa da torcida, mostrando que seguiria acreditando até o último fiapo de esperança. E como um rolo compressor, o Tricolor voltou para o segundo tempo, virando o jogo em 26 minutos, com gols de Gum e Fred (dois), o grande líder da equipe.

A cruzada tricolor rumo ao impossível começava a despertar a atenção do país.

• PERSONAGEM: CUCA

"Olê, olê, olê, olá, Cuca, Cuca!" Assim, a torcida tricolor saudava o treinador nos estádios. Em 2009, durante o Brasileiro, o técnico assumiu o time na lanterna. Teve autonomia para fazer uma varredura no elenco e escalar os mais jovens. Protagonizou então a maior arrancada da história da competição. Os matemáticos chegaram a cravar 98% de

chances de o time ser rebaixado. Graças a Cuca e a seus comandados, a estatística virou pó. O comandante do Time de Guerreiros ainda levou a equipe à final da Sul-Americana, quando apenas a altitude foi capaz de derrubá-la. Saiu do clube no primeiro semestre de 2010, mas construiu a base da equipe tricampeã brasileira.

Ficha Técnica

Data: 01/11/2009

Árbitro: Sandro Meira Ricci

Público: 49.140 pagantes

Gols: Jonathan 12' 1ºT, Wellington Paulista 30' 1ºT, Gum 10' 2ºT, Fred 13' 2ºT, Fred 26' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Mariano, Gum, Dalton, Dieguinho (Urrutia), Diogo, Diguinho (Digão), Equi González (Tartá), Conca, Maicon e Fred. **Técnico:** Cuca

Cruzeiro: Fábio, Jonathan, Gil, Thiago Heleno (Fernandinho), Diego Renan, Fabrício, Henrique, Marquinhos Paraná, Gilberto, Guerrón (Leandro Lima) e Wellington Paulista (Eliandro). **Técnico:** Adílson Batista



BRASILEIRO – 2009

MARACANÃ

FLUMINENSE 1 x 0 PALMEIRAS

Salve o Tricolor

**Em jogo disputado sob intenso calor, Flu
mantém o embalo.**

O Flu chegava com o moral elevado para o desafio contra o Palmeiras. O time, que vinha de uma virada memorável em Belo Horizonte e uma classificação heroica em Santiago contra o Universidad do Chile, pela Sul-Americana, conquistara de vez a confiança da torcida. Dirigido por Muricy Ramalho, o Palmeiras tentava voltar à liderança, mas as arquibancadas lotadas do Maracanã, coloridas por um belo mosaico preparado pelos torcedores, apontavam para mais uma inesquecível tarde tricolor.

Apesar do jogo truncado, foi o Flu quem tomou a iniciativa. Sob forte calor, cada jogada era disputada palmo a palmo. O equilíbrio foi mantido no segundo tempo, mas Maicon deu uma arrancada espetacular numa jogada que culminou em escanteio para o Flu.

Conca cobrou, Fred se antecipou e, de cabeça, estufou as redes. Explosão de felicidade entre os quase 65 mil tricolores.

A quatro rodadas do fim, o desejo de contrariar jornalistas e matemáticos tornara-se uma obsessão. O Flu estava vivíssimo em sua caminhada para se manter na elite. Contrariava prognósticos, fazia das partidas verdadeiras batalhas, derrubando adversários que brigavam pelo título. E nas arquibancadas do Maracanã, o grito de "Guerreiro, Guerreiro, Guerreiro, Time de Guerreiro" não seria calado nunca mais.

• PERSONAGEM: MARIANO

Jovem e desconhecido, Mariano chegou ao Fluminense em 2009. Amargou a reserva por um período, mas Cuca descobriu seu talento a tempo, quando estava prestes a ser dispensado. Suas atuações objetivas, aliadas à velocidade e ao vigor físico, o conduziram à Seleção Brasileira. De seus pés saíram gols importantes e jogadas que resultaram na conquista do tricampeonato brasileiro. Foram mais de 130 partidas com a camisa tricolor até se transferir para o futebol francês no fim de 2011.

Ficha Técnica

Data: 08/11/2009

Árbitro: Carlos Eugênio Simon

Público: 64.194 pagantes

Gol: Fred 14' 2ºT

Fluminense: Rafael, Gum, Dalton, Digão, Mariano, Diogo, Diguinho, Conca (Equi González), Dieguinho (Tartá), Maicon (Alan) e Fred. **Técnico:** Cuca

Palmeiras: Bruno, Maurício, Danilo, Marcão (Deyvid Sacconi), Figueroa (Wendel), Sandro Silva, Souza, Diego Souza, Armero, Obina (Robert) e Vágner Love. **Técnico:** Muricy

Ramalho



SUL-AMERICANA - 2009

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 1 CERRO PORTEÑO

Guerreiros

Flu consegue virada histórica com gols nos acréscimos.

Numa pegada impressionante, o Fluminense estava invicto havia 11 jogos, seis dos quais com vitórias consecutivas, como a obtida uma semana antes, em Assunção, por 1 a 0, sobre o Cerro Porteño, mais uma vez com um gol de Fred. O atacante, como o time, atravessava fase fenomenal. Talvez por isso, jogando por um simples empate, acreditou-se que o Flu chegaria com facilidade à decisão da Copa Sul-Americana.

Mas futebol não perdoa nem um segundo de distração. Logo aos seis, Cáceres inaugurou o placar e deixou em aberto a disputa. O Flu atacava, massacrava, mas Barreto fazia milagres no gol. Com duas baixas, o time começava a pagar o preço da desgastante maratona de decisões. Digão e Maicon saíram machucados e desfalcariam o time até o fim do ano. Clima de tensão no Maracanã.

Gum também tivera o supercílio cortado e voltara com a cabeça enfaixada, fazendo jus à alcunha de guerreiro, que ganharia a partir deste jogo. E foi dele o gol salvador, aos 47. No lance, Gum acertou um chute no canto, comemorando como um gladiador que acabou de deixar o sangue no gramado.

As emoções, porém, não terminariam aí. Com jogo prometido até os 50, o bom goleiro Barreto, numa ação desesperada, foi até a área tricolor. Mas, numa bola esticada, Alan ficou no mano a mano com o goleiro ainda no meio-campo, passou por ele e tocou para o gol vazio. Loucura no Maracanã com a mais nova façanha dos Guerreiros e briga generalizada em campo.

• PERSONAGEM: GUM

“Gum, guerreiro, Gum, guerreiro.” É assim que a torcida tricolor demonstra seu carinho e admiração por Wellington Pereira Rodrigues. Gum chegou ao Fluminense em 2009, vindo da Ponte Preta, e rapidamente virou titular. Sua raça e sua garra foram determinantes para a arrancada tricolor em 2009. Com a camisa 3, Gum marcou quatro gols na conquista do tricampeonato brasileiro, formando também a zaga menos vazada da competição ao lado de Leandro Euzébio. Dois anos depois, na conquista do tetracampeonato, assinalou dois gols

Ficha Técnica

Data: 18/11/2009

Árbitro: Carlos Chandía (CHI)

Público: 39.397 pagantes

Gols: Cáceres 6' 1ºT, Gum 47' 2ºT, Alan 49' 2ºT

Fluminense: Rafael, Gum, Dalton, Digão (Carlos Eduardo), Mariano, Diogo, Diguinho, Conca,

Marquinho (Adeílson), Maicon (Alan) e Fred. **Técnico:** Cuca

Cerro Porteño: Barreto, Irrazábal, Hérner, Torré (Piris), Cardozo, Cáceres, Brítez, Villarreal, Recalde (Ortiz), Ramírez (Nuñez) e Nanni. **Técnico:** Pedro Troglio



BRASILEIRO – 2009

COUTO PEREIRA

FLUMINENSE 1 x 1 CORITIBA

Matemáticos rebaixados

Fora de casa, contra adversário direto, Flu faz história.

A pós derrotar o Atlético-PR e golear o Sport e o Vitória, completando uma série de seis vitórias seguidas e uma invencibilidade que já chegava a dez jogos no Brasileiro, o Fluminense precisava de um simples empate na última rodada para escapar da degola. Mas a tarefa não seria fácil. O time jogaria no Paraná e o Coritiba, o adversário, vivia o ano de seu centenário. Para piorar, o Coxa também estava ameaçado de rebaixamento e manter-se na elite em ano tão importante era uma questão de honra para a instituição.

Num Couto Pereira lotado, a torcida preparou o que chamou de Green Hell, numa tentativa de tornar o ambiente hostil ao Flu, que, estrategicamente, atrasou sua entrada em campo. O cenário era de

guerra. Na madrugada anterior, torcedores já haviam soltado fogos em frente ao hotel, para atrapalhar o sono dos atletas tricolores.

Com cara de final, Coritiba e Flu ofuscou até mesmo a decisão do título. A maioria só tinha olhos para aquela que se tornara uma das partidas mais dramáticas da história do Brasileiro. Para vê-la, centenas de tricolores viajaram até o Sul.

Quando a bola rolou, logo aos 21, um lance polêmico: um jogador do Coritiba tirou de dentro do gol uma bola desviada por Fred. O árbitro não confirmou o gol. Pouco depois, não houve jeito. Numa falta, o atacante rolou para Marquinho acertar um chutão no canto esquerdo. O alívio não duraria nem dez minutos, com o gol de empate do Coxa. Apesar de toda a tensão no segundo tempo, os Guerreiros se defenderam bem, garantindo um desfecho feliz para a arrancada mais impressionante de todos os tempos.

Inconformados com o descenso do Coritiba, torcedores invadiram o campo e acuaram a delegação tricolor. Nada que abalasse o Time de Guerreiros, que foi recebido com festa por centenas de tricolores no aeroporto. E os matemáticos, que antes cravavam o rebaixamento do time, aprenderam que a lógica não existe quando se trata de Fluminense.

• PERSONAGEM: MARQUINHO

Em mais de 150 partidas oficiais, o apoiador Marquinho jogou em diversas posições e sempre demonstrou muita vontade. Dos seus pés, saiu o primeiro gol do tricampeonato de 2010: foi marcado em cobrança de falta contra o Coritiba, pela última rodada do Brasileiro de 2009. Este gol desmoralizou matemáticos e estatísticos. Sua comemoração foi uma das marcas da incrível fuga do rebaixamento protagonizada pelo Time de

Guerreiros. No próprio campeonato de 2010, agora não mais em sentido figurado, fez o primeiro gol da equipe na competição que viria a conquistar (vitória por 1 a 0 sobre o Atlético-GO). Em 2011, teve destaque na boa campanha do time no Segundo Turno do Brasileiro.

Ficha Técnica

Data: 06/12/2009

Árbitro: Leandro Pedro Vuaden

Público: 30.493 pagantes

Gols: Marquinho 27' 1ºT, Pereira 35' 1ºT

Fluminense: Rafael, Gum, Dalton, Cássio, Mariano, Diogo, Maurício, Conca, Marquinho (Dieguinho), Alan (Adeílson) (Equi González) e Fred. **Técnico:** Cuca

Coritiba: Vanderlei, Rodrigo Heffner (Márcio Gabriel), Jéci, Pereira, Renatinho, Jailton, Leandro Donizete, Pedro Ken (Carlinhos Paraíba), Marcelinho Paraíba, Marcos Aurélio e Ariel (Rômulo). **Técnico:** Ney Franco

DÉCADA DE 2010



BRASILEIRO – 2010

MARACANÃ

FLUMINENSE 2 x 1 FLAMENGO

Ganhar é normal

Flu vence Fla e sobe na tabela do Brasileiro.

Com a excelente arrancada do Fluminense no fim de 2009, a expectativa por um título no ano de 2010 era muito grande. O time disputaria três competições na temporada, mas não chegaria às decisões do Campeonato Carioca e da Copa do Brasil. No Campeonato Brasileiro, a história seria outra. Muricy Ramalho, técnico tricampeão brasileiro pelo São Paulo, seria contratado para dirigir o Flu, que traria também jogadores como o zagueiro Leandro Euzébio e o lateral esquerdo Carlinhos. Mesmo jogando bem, o Fluminense perderia duas vezes nas três primeiras rodadas, ambas com arbitragens ruins. O Fla-Flu da quarta rodada se anunciava como a partida perfeita para o Time de Guerreiros iniciar uma reação. Seria também o último clássico disputado no Maracanã antes do fechamento do estádio para reformas visando à Copa do Mundo de 2014.

Durante praticamente os 90 minutos, só deu Fluminense. O time abriu 2 a 0, com gols de Rodriguinho e Conca, um aos 10 minutos do primeiro tempo e outro aos 10 do segundo. O placar era até modesto pelo bom volume de jogo tricolor, que fazia a sua melhor partida na competição até então. No fim, aos 45 minutos, o goleiro Bruno, que dias depois seria detido por envolvimento em um crime, descontou, de falta, para o Flamengo.

A meta era acumular 12 pontos nas quatro últimas rodadas antes da paralisação para a Copa do Mundo de 2010. Para isso, um vídeo motivacional fora bolado para atuar como um mantra no elo entre time e torcida. Deu certo. Após vencer o clássico, o time superou na sequência Atlético-MG, Vitória e Avaí, ficando muito perto da liderança do Brasileiro.

• PERSONAGEM: CARLINHOS

Carlos Andrade de Souza transferiu-se para o Fluminense em 2010, negociado pelo Santo André. Vestindo a camisa 6, marcou contra o Palmeiras, na penúltima rodada do Brasileiro daquele ano, o primeiro gol da vitória decisiva por 2 a 1. No jogo seguinte, contra o Guarani, fez o cruzamento para o gol do título. Seus avanços rápidos e cruzamentos precisos contribuíram para a conquista do tricampeonato brasileiro, no qual foi considerado um dos melhores laterais da competição. Fez mais um cruzamento decisivo contra o Botafogo no segundo jogo da final do Estadual de 2012. Carlinhos foi titular absoluto na conquista do tetracampeonato brasileiro em 2012.

Ficha Técnica

Data: 26/05/2010

Árbitro: Marcelo de Lima Henrique

Público: 14.496 pagantes

Gols: Rodriguinho 10' 1ºT, Conca 10' 2ºT, Bruno 45' 2ºT

Fluminense: Rafael, Mariano, Gum, Leandro Euzébio, Carlinhos, Diogo, Diguinho, Marquinho, Conca, Rodriguinho (Alan) e Fred (André Lima). **Técnico:** Muricy Ramalho

Flamengo: Bruno, Leonardo Moura, David, Ronaldo Angelim, Juan, Rômulo (Ramon), Toró, Fernando, Camacho, Vinícius Pacheco (Diego Maurício) e Vágner Love. **Técnico:** Rogério Lourenço



BRASILEIRO – 2010

VILA BELMIRO

FLUMINENSE 1 x 0 SANTOS

Feitiço na Vila

Flu cozinha o Peixe e garante mais três pontos.

No recomeço do Brasileiro, após paralisação para a Copa do Mundo, o Fluminense assumiria a liderança se vencesse o limitado time do Grêmio Prudente (que mudaria para Grêmio Barueri) no Maracanã. Apesar de dominar o jogo, o Flu foi castigado com um contra-ataque no fim e saiu com um frustrante empate em 1 a 1.

O desafio seguinte, pela nona rodada, seria bem mais complicado. O Flu enfrentaria o time da moda, o Santos, de Ganso, Neymar e companhia, então campeão paulista e da Copa do Brasil. Como um atrativo a mais à partida, já recheada de expectativas, os santistas contavam com o retorno de Robinho, atacante da Seleção.

Sonhando com a tríplice coroa, a torcida do Santos pressionava. Os Guerreiros adotaram uma postura cautelosa, jogando mais

recuados, esperando pela hora do bote, dado aos 32 minutos do segundo tempo, após Diguinho tocar para Mariano, que lançou Alan. O menino, que entrara no lugar de Rodriguinho, chutou cruzado, marcando o gol da vitória tricolor.

O resultado encheu de moral a equipe, que se manteve invicta até a última rodada do Primeiro Turno do Brasileiro. Mas a esta altura o Fluminense já havia acumulado pontos suficientes para se estabilizar na liderança.

• PERSONAGEM: LEANDRO EUZÉBIO

Estava escrito que Leandro Euzébio um dia seria campeão pelo Fluminense. O zagueiro, que chegou a atuar pelo infantil do clube, só chegou aos profissionais depois de uma longa carreira e de destacadas atuações pelo Goiás. Foi autor de cinco gols na campanha do tricampeonato brasileiro e formou, ao lado de Gum, a zaga menos vazada do campeonato. Identificado com o clube, em 2012, conquistou o Estadual e o tetracampeonato brasileiro, marcando três gols na competição.

Ficha Técnica

Data: 18/07/2010

Árbitro: Cláudio Luciano Mercante Júnior

Público: 9.193 pagantes

Gol: Alan 32' 2ºT

Fluminense: Fernando Henrique, Gum, Leandro Euzébio, André Luís, Mariano, Diogo (Marquinho), Diguinho, Conca (Júlio César), Carlinhos, Rodriguinho (Alan) e Fred. **Técnico:** Muricy Ramalho

Santos: Rafael, Maranhão, Edu Dracena, Durval, Pará, Arouca, Wesley (Zé Eduardo), Paulo Henrique Ganso, Neymar (Madson), Robinho e André (Marcel). **Técnico:** Dorival Júnior



BRASILEIRO – 2010

ENGENHÃO

FLUMINENSE 2 x 0 GRÊMIO

ConcategoriA

Argentino faz dois gols e deixa Tricolor mais perto da taça.

ime de melhor campanha no Primeiro Turno, com 38 pontos, o Fluminense começava a conviver com problemas que colocavam em risco a sua liderança. O elenco tinha várias baixas por lesões e o time não poderia mais jogar no Maracanã, fechado para reformas visando ao Mundial de 2014. O Brasileiro cruzava a última curva quando, pela 32ª rodada, o Flu encarou o Grêmio, invicto havia nove partidas. Comandado por Renato Gaúcho, o adversário, dos mais indigestos, tinha ainda a melhor campanha do returno e se aproximava perigosamente dos líderes. Fluminense e Grêmio, no Engenhão, tinha cara de final antecipada.

Coube a Conca, craque do Flu no campeonato, chamar para si a responsabilidade de decidir. Ainda no primeiro tempo, o argentino

chutou de longe e marcou um golaço. A torcida tricolor explodiu. "Vamos pra cima, Fluzão, quero gritar campeão...", cantava, eufórica.

O Grêmio dominava as ações no segundo tempo, mas o Flu era perigoso nos contra-ataques. Num deles, Washington, que vivia seca de nove jogos sem gols, chutou mascado. A finalização acabou se transformando num passe para Conca marcar mais um, o da vitória por 2 a 0. A poucas rodadas do fim, o Time de Guerreiros se consolidava na liderança.

● PERSONAGEM: RICARDO BERNA

Ricardo Berna chegou ao Fluminense em 2005. Em 2006, na reta final do Campeonato Brasileiro, o goleiro assumiu a condição de titular pela primeira vez. Seu grande momento no clube se deu em 2010, quando foi um dos protagonistas da conquista do tricampeonato brasileiro, por seu desempenho em jogos decisivos das rodadas finais. Teve uma atuação marcante contra o Internacional no Beira-Rio, onde realizou uma das mais belas defesas da competição, ao espalmar uma cobrança de falta perfeita. É o único atleta da história do clube com três títulos nacionais com a camisa tricolor, conquistados em 2007, 2010 e 2012.

Ficha Técnica

Data: 28/10/2010

Árbitro: Héber Roberto Lopes

Público: 13.592 pagantes

Gols: Conca 19' 1ºT, Conca 36' 2ºT

Fluminense: Ricardo Berna, Mariano, Gum, Leandro Euzébio, Carlinhos, Fernando Bob (Valencia), Diguinho (Belletti), Marquinho, Júlio César (Thiaguinho), Conca e Washington.

Técnico: Muricy Ramalho

Grêmio: Víctor, Gabriel, Rafael Marques, Paulão, Fábio Santos (Gílson), Vilson, Souza (Diego), Lúcio, Douglas, Jonas e André Lima (Júnior Viçosa). **Técnico:** Renato Gaúcho



BRASILEIRO – 2010

ENGENHÃO

FLUMINENSE 1 x 0 GUARANI

Tri do Brasil

**Liderado por Conca, Time de Guerreiros
conquista o Brasileiro.**

O Fluminense faria duas de suas três últimas partidas em Barueri (SP), contra São Paulo e Palmeiras. A cidade fora invadida por tricolores, que vibraram com as grandes vitórias por 4 a 1 e 2 a 1 sobre os paulistas. Mais até do que os três pontos, a goleada sobre o São Paulo valera ao Flu a retomada da liderança, perdida na rodada anterior no empate em 1 a 1 com o Goiás. Assim, o time passou a depender de um tropeço do Corinthians, que aconteceu já no jogo seguinte ante o Vitória.

Desta forma, o Time de Guerreiros chegava à derradeira rodada em primeiro, ainda com Corinthians e Cruzeiro no seu encalço, mas precisando de uma simples vitória contra o Guarani para dar o grito de campeão. Antes do jogo, os torcedores abriram o mais lindo mosaico da ainda breve história do Estádio Olímpico João Havelange.

Com os dizeres “Juntos pelo tri”, a massa tricolor escancarava seu apoio aos Guerreiros, então a um passo de se tornarem imortais.

Quando Carlos Eugênio Simon autorizou o início da decisão, o Fluminense sentiu a responsabilidade. O Guarani, já rebaixado, jogava como nunca, para tentar frustrar os planos do adversário. O empate em 0 a 0 no primeiro tempo trouxe ainda mais tensão aos tricolores no estádio e até fora dele, pois milhares assistiam à partida de um telão na Praça da Apoteose.

A seca de Washington perdurava até a partida final. Muitos, por isso, torciam para que fosse ele o autor do gol do título. A tensão seguia, com o time pouco produzindo. A torcida, então, passou a jogar junto, inflando-se. Deu certo. Carlinhos insistiu numa boa jogada individual pela esquerda e cruzou com perfeição para Washington, que fazia o último jogo de sua carreira. O atacante cabeceou, a bola resvalou no braço de um jogador do Guarani e sobrou caprichosamente para Emerson, que tocou para o fundo das redes. Era o gol do título!

Era também o ápice da saga do Time de Guerreiros, que, graças à façanha do ano anterior, pôde soltar a grito de tricampeão em todo o país. E Conca? O craque, que estivera em campo em rigorosamente todas as partidas da campanha, entrava de vez para a galeria de heróis das Laranjeiras, abençoada, como todo o Rio, por uma forte chuva após o título. Era a bênção aos tricampeões!

• PERSONAGEM: CONCA

Conca foi eleito o melhor jogador do Campeonato Brasileiro de 2010, um dos mais importantes títulos do clube nos tempos recentes. Outro feito histórico do meia

argentino foi ter participado das 38 partidas da trajetória tricolor na competição. Habil e talentoso, ajudou o Flu a chegar às decisões da Taça Libertadores da América de 2008 e da Copa Sul-Americana do ano seguinte. Foi um dos grandes líderes também do Time de Guerreiros de 2009, marcado pela superação em esplêndida arrancada no Campeonato Brasileiro. Após muitos pedidos da torcida, retornou ao clube em 2014, mas não teve o mesmo brilho de sua passagem anterior.

Ficha Técnica

Data: 05/12/2010

Árbitro: Carlos Eugênio Simon

Público: 35.527 pagantes

Gol: Emerson 17' 2ºT

Fluminense: Ricardo Berna, Mariano, Gum, Leandro Euzébio, Carlinhos, Valencia, Diguinho, Júlio César (Washington), Conca, Emerson (Rodriguinho) e Fred (Fernando Bob).

Técnico: Muricy Ramalho

Guarani: Emerson, Guilherme Mattis (Pablo), Aíslan, Aílson, Fabiano, Ronaldo, Maycon, Apodi, Paulinho, Márcio Careca (Geovane) e Reinaldo (Douglas). **Técnico:** Vágner Mancini



LIBERTADORES - 2011
DIEGO ARMANDO MARADONA

FLUMINENSE 4 x 2 ARGENTINOS JRS.

Impossible is nothing

**Em jogo épico, Guerreiros lutam até o fim e
se classificam.**

O s principais jornais do Rio e do Brasil, de modo unânime, diziam que só um milagre colocaria o Flu nas oitavas da Libertadores. Os matemáticos mais uma vez estimavam como reduzidas as chances de classificação do Flu (apenas 8%). O time fora derrotado pelo Nacional em Montevidéu e viajaria até Buenos Aires, onde teria uma missão das mais complicadas: vencer o Argentinos Juniors e ainda torcer por uma derrota do time uruguai, que jogaria em casa contra o América do México. Em caso de empate neste confronto, o Time de Guerreiros precisaria derrotar os argentinos por dois gols de diferença.

Impossível? Não para o Time de Guerreiros! Lutando até o fim, os tricolores jogaram como nunca e, como sempre, contrariaram a

matemática. Com ótima atuação, o Flu fez 2 a 1 no primeiro tempo, mas o 0 a 0 persistia em Montevidéu.

O Argentinos Juniors complicou ainda mais a vida do Flu, empatando no começo da segunda etapa. O 2 a 2 era o bastante para a classificação dos hermanos. Para o Flu, a situação passou a ser desesperadora. Mas, com uma garra incomum, os Guerreiros foram todos para cima. Rafael Moura aproveitou o rebote de cabeçada de Valencia e pôs o Flu de novo na frente. Não era o bastante. O empate definitivo em Montevidéu obrigava o Flu a fazer mais um. E o que parecia impossível aconteceu. Edinho se mandou para o ataque e sofreu pênalti. Fred, o encarregado da cobrança, viu o mundo cair sobre os seus ombros. Mas, como bom capitão, o atacante foi lá e cobrou forte, no ângulo.

Milagre tricolor na Libertadores: Fluminense classificado, e no dia seguinte, conforme tradição tricolor, festa no aeroporto.

• **PERSONAGEM: FRED**

Fred resgatou no século XXI algo que sempre existiu no Fluminense, desde 1902 – um Time de Guerreiros. Ele chegou às Laranjeiras em 2009 e teve participação fundamental logo em sua temporada de estreia, quando marcou 22 gols, muitos deles decisivos para manter o time na Série A. Tornou-se o expoente de uma equipe que contrariou a lógica em arrancada impressionante. Jogador de Seleção e de Copa do Mundo, conquistou o Campeonato Brasileiro em 2010. No ano seguinte, o atacante tornou-se o maior goleador tricolor em uma edição de Brasileiro, com 22 gols. Em 2012, ano em que ganhou o Estadual, fazendo um lindo gol de bicicleta, o Flu passou a ser o clube pelo qual Fred mais vezes atuou na carreira. No mesmo ano, Fred atingiu o seu auge com a camisa tricolor: foi campeão, artilheiro e melhor jogador do Brasileiro. Em 2013, brilhou com a camisa da Seleção, conquistando o título da Copa das Confederações em pleno Maracanã, a sua casa. Foi ainda artilheiro do Campeonato Brasileiro mais uma vez, em 2014, e hoje é um dos maiores artilheiros da história do Fluminense.

Ficha Técnica

Data: 20/04/2011

Árbitro: Wilmar Roldán (COL)

Gols: Júlio César 17' 1ºT, Salcedo (pênalti) 25' 1ºT, Fred 40' 1ºT, Oberman 9' 2ºT, Rafael Moura 23' 2ºT, Fred (pênalti) 43' 2ºT

Fluminense: Ricardo Berna, Mariano, Gum, Edinho, Júlio César (Tartá), Valencia, Diguinho (Araújo), Marquinho, Conca, Rafael Moura (Fernando Bob) e Fred. **Técnico:** Enderson Moreira

Argentinos Juniors: Navarro, Sabia, Torréen (Oberman), Gentiletti (Sánchez), Prósperi, Mercier, Basualdo (Laba), Escudero, Rius, Salcedo e Niell. **Técnico:** Pedro Troglio



BRASILEIRO – 2011

RAULINO DE OLIVEIRA

FLUMINENSE 3 x 2 SANTOS

Isso é Fluminense

No último lance, Flu conquista vitória que parecia distante.

O Fluminense tem uma história recheada de vitórias épicas em Volta Redonda. Pelo Brasileiro de 2005, conseguiu, nos últimos minutos, uma virada emocionante contra o Santos, derrotado por 4 a 3. Seis anos depois, nova virada improvável, com três gols no fim, que deram ao Flu uma incrível vitória por 3 a 2 sobre o Atlético-GO.

As boas lembranças pareceram inspirar os Guerreiros, que enfrentariam de novo o Santos na cidade. Três meses antes, o Peixe havia conquistado a Libertadores, comandado por Muricy Ramalho, que tivera uma saída conturbada das Laranjeiras. Este fato acirrou os ânimos da torcida, que passou a desejar com fervor uma vitória sobre o ex-treinador.

Neymar, que já despontava como astro do futebol brasileiro, infernizava a defesa tricolor. Foi de seus pés que, aos 32, saiu o primeiro gol da partida. Mas Marquinho não demoraria a empatar. Bem disputado tecnicamente, o jogo ficou ainda melhor no segundo tempo, com chances de gol a todo instante. Aos 27, Rafael Sóbis acertou um belo chute de fora da área. Era a virada tricolor.

Tudo sinalizava para mais uma vitória na arrancada daquele retorno, mas a expulsão de Digão complicou a situação. A blitz do Santos se tornava quase insuportável. Abel então colocou o zagueiro Márcio Rozário no lugar de Fred. Não adiantou: aos 44, o Flu sucumbiu à pressão e Rentería empatou: 2 a 2. A torcida, já frustrada, passou então a temer pelo pior. Mas num escanteio, aos 50, o Raulino de Oliveira veio abaixo: Rafael Sóbis cobrou pela direita e Rozário subiu mais que todo mundo, fazendo o gol da mais nova heroica vitória tricolor. Na comemoração, o time correu para abraçar Abel Braga, o protagonista da noite na Cidade do Aço, duro como os nervos tricolores.

• PERSONAGEM: RAFAEL SÓBIS

O atacante rapidamente ganhou destaque quando chegou ao Fluminense, em 2011. Foi um dos protagonistas da excelente campanha tricolor no retorno do Brasileiro daquele ano, quando ajudou o Time de Guerreiros a ficar com uma das vagas na Libertadores. Foi fundamental também no título estadual do Flu em 2012, ao marcar dois gols na goleada por 4 a 1 sobre o Botafogo na primeira partida da decisão. Ainda conquistou o título brasileiro em 2012, marcando três importantes gols na competição.

Ficha Técnica

Data: 01/10/2011

Árbitro: Evandro Rogério Roman

Público: 11.780 pagantes

Gols: Neymar 32' 1ºT, Marquinho 39' 1ºT, Rafael Sóbis 27' 2ºT, Rentería 44' 2ºT, Márcio Rozário 50' 2ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Mariano, Digão, Leandro Euzébio, Carlinhos, Edinho, Diguinho, Marquinho, Lanzini (Deco), Martinuccio (Rafael Sóbis) e Fred (Márcio Rozário).

Técnico: Abel Braga

Santos: Rafael, Danilo (Adriano), Edu Dracena, Durval, Éder Lima, Arouca (Ibson), Henrique, Elano (Rentería), Neymar, Borges e Alan Kardec. **Técnico:** Muricy Ramalho



BRASILEIRO – 2011

ENGENHÃO

FLUMINENSE 5 x 4 GRÊMIO

Quatro vezes Fred

**Em noite inspirada do artilheiro, Flu faz
história diante do Grêmio.**

O Flu ainda sonhava com o tetracampeonato quando entrou em campo pela 35ª rodada do Brasileiro para o desafio contra o Grêmio. O clube tentava ainda uma inédita participação consecutiva na Libertadores, obtida já na partida seguinte, contra o Figueirense, goleado por 4 a 0 em Florianópolis, com três gols de Fred, em estado de graça. Apesar disso, jogando em casa, o time vinha de dois insucessos, coincidentemente contra mineiros – Atlético e América. Por isso, poucos imaginariam que o duelo do Guerreiro Tricolor com o Imortal iria se tornar um épico.

Início de jogo. Aos 16, Rafael Marques abriu o placar para os visitantes. O gol acordou o Flu, que, com Leandro Euzébio, acertou a trave. Logo depois, Fred aproveitou cruzamento de Marquinho e empatau o jogo, que ficaria assim no intervalo se não fosse por uma

falta inventada nos acréscimos. Marquinhos cobrou e o Grêmio foi para o vestiário em vantagem.

O Flu tinha obrigação de vencer e partiu pra cima. A reação não tardou: Deco achou Fred, que, de novo, deixou tudo igual. Inspirado, o meia quase fez o terceiro com um chute de fora da área, mas Rafael Sóbis, fazendo uso do mesmo expediente, não perdoou.

Com o Flu em vantagem, Carlinhos quase ampliou. O jogo parecia resolvido, mas, surpreendentemente, em um minuto, o Grêmio virou a partida. Como superação é a marca do Time de Guerreiros, o Flu não se abateu e tratou logo de marcar o gol do 4 a 4, este de pênalti, mais uma vez com Fred.

O jogo ficou aberto e emocionante. A noite era do atacante da Seleção. Iluminado, Fred marcou um golaço. Houve ainda tempo para o artilheiro acertar a trave em outra finalização. Mas o histórico 5 a 4 já estava eternizado.

• **PERSONAGEM: ABEL BRAGA**

Formado na base do clube, Abel Braga sempre se destacou pela sua liderança. Profissionalizou-se em 1971, ano em que conquistaria seu primeiro título estadual. Ganharia também a competição em 1973 e 1975. Como treinador, retornaria ao Fluminense em 2005, quando se tornou mais um ex-jogador do clube a ser campeão também como técnico. Em 2011, após três temporadas no Al Jazira, retornaria ao Brasil e à sua "casa" (como define o Flu). No ano seguinte, em 2012, foi novamente campeão estadual, e ainda conquistou o Brasileirão.

Ficha Técnica

Data: 16/11/2011

Árbitro: Francisco Carlos Nascimento

Público: 8.904 pagantes

Gols: Rafael Marques 16' 1ºT, Fred 24' 1ºT, Marquinhos 45' 1ºT, Fred 7' 2ºT, Rafael Sóbis 16'
2ºT, Brandão 29' 2ºT, Adílson 30' 2ºT, Fred (pênalti) 33' 2ºT, Fred 36' 2ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Mariano, Elivélton, Leandro Euzébio, Carlinhos, Valencia,
Diguinho, Marquinho (Matheus Carvalho), Deco (Souza), Rafael Sóbis (Rafael Moura) e
Fred. **Técnico:** Abel Braga

Grêmio: Victor, Mário Fernandes, Gilberto Silva (Saimon), Rafael Marques, Gabriel,
Fernando, Adílson, Marquinhos (Leandro), Douglas, Lúcio (Miralles) e Brandão. **Técnico:**
Celso Roth



CARIOCA - 2012

ENGENHÃO

FLUMINENSE 3 x 1 VASCO

Embalado na magia

Quarteto ofensivo brilha e Flu conquista a Taça Guanabara.

A dversário da final, o Vasco chegava embalado para ficar com a taça. O time tinha 100% de aproveitamento na competição, com oito vitórias em oito jogos, uma delas sobre o Flamengo na semifinal. Vice no Brasileiro no ano anterior, o Vasco sustentava também o título de campeão da Copa do Brasil, o que fazia dele o favorito, como cravavam cronistas da mídia especializada.

Apesar das estrelas do seu elenco, o Flu chegava menos badalado para a decisão. O time eliminara o Botafogo na semifinal, com duas defesas de Diego Cavalieri na decisão por pênaltis. Mesmo assim, o clube vivia um incômodo jejum de vitórias em clássicos.

Dentro de campo, porém, desde o início, o que se viu foi um show tricolor. Wellington Nem, que enlouquecia a defesa vascaína, sofreu pênalti de Fágnner. Fred cobrou e abriu o placar. O Vasco ainda se recuperava quando Deco surpreendeu todo o estádio. Na intermediária, o Mago recebeu a bola e, lançando mão de sua genialidade, enganou Fernando Prass em um chute de longe. O lance desnorteou o adversário, que poderia ir para o intervalo até com uma goleada contra, se Thiago Neves, livre, não desperdiçasse uma chance clara.

Formado por Thiago Neves, Deco, Wellington Nem e Fred, o quarteto ofensivo tricolor jogava o fino. Não tardou para que Fred ampliasse, desbancando de vez todo o favoritismo cruzmaltino.

Não passava dos 20 quando muitos vascaínos já deixavam o Engenhão ao som de “vice de novo”. O Vasco ainda descontou, mas já era tarde. Taça Guanabara nas Laranjeiras e vaga garantida na decisão do Estadual.

• PERSONAGEM: DIEGO CAVALIERI

Cavalieri foi revelado pelo Palmeiras, clube em que se destacou antes de se transferir para a Europa, em 2008. Na sua volta ao Brasil, não demorou a agradar a exigente torcida tricolor. Com excelente retrospecto em cobranças de pênaltis, ajudou o Flu a conquistar a Taça Guanabara de 2012, ao defender duas cobranças do Botafogo na semifinal. Foi campeão estadual no mesmo ano, sua primeira conquista com a camisa do clube. Por suas atuações decisivas, foi eleito o melhor goleiro da competição. Repetiu a excelente performance no torneio seguinte, o Campeonato Brasileiro, quando conquistou o título e foi eleito o melhor goleiro. Em 2013, foi goleiro reserva da Seleção no título da Copa das Confederações.

Ficha Técnica

Data: 26/02/2012

Árbitro: Marcelo de Lima Henrique

Público: 31.276 pagantes

Gols: Fred (pênalti) 36' 1ºT, Deco 41' 1ºT, Fred 11' 2ºT, Eduardo Costa 37' 2ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno, Leandro Euzébio, Ânderson, Carlinhos (Thiago Carleto), Valencia, Diguinho, Deco, Thiago Neves (Rafael Moura), Wellington Nem (Jean) e Fred. **Técnico:** Abel Braga

Vasco: Fernando Prass, Fágner, Dedé, Rodolfo, Thiago Feltri (Felipe), Nilton, Fellipe Bastos (Eduardo Costa), Juninho Pernambucano, Diego Souza, William Barbio (Kim) e Alecsandro.

Técnico: Cristóvão Borges



LIBERTADORES - 2012

LA BOMBONERA

FLUMINENSE 2 x 1 BOCA JUNIORS

Invasão tricolor

**Time de Guerreiros derruba longa
invencibilidade do Boca.**

A pós eliminar o Boca Juniors na Libertadores de 2008, o Fluminense reencontraria o popular clube argentino na fase de grupos da edição de 2012. Em sorteio, o Tricolor caíra no Grupo 4 da competição, que, além de Flu e Boca, contava com Arsenal (ARG) e Zamora (VEN). A expectativa pela reedição do duelo era enorme tanto no Brasil quanto na Argentina. Flu e Boca ganhara status de um dos maiores clássicos das Américas. Motivados, cerca de quatro mil tricolores viajaram a Buenos Aires e fizeram história ao invadir o mítico Estádio La Bombonera.

Campeão invicto do Torneio Apertura do ano anterior, o Boca não perdia havia 36 jogos quando chegou para o duelo com o Fluminense. Todo o favoritismo pertencia ao time da casa. Mas, quando a bola rolou, quem mandou mesmo no jogo foi o Flu, que fez

a tão exaltada defesa xeneize – que tivera a melhor performance da história do Campeonato Argentino – sucumbir com menos de dez minutos. Deco cobrou falta na cabeça de Fred, que só escorou, abrindo o placar. Após o lance, a partida ganhou muito em emoção, com sucessivos ataques de lado a lado.

O Boca Juniors só empataria no segundo tempo – e logo no primeiro minuto –, após Somoza pegar o rebote de uma falta cobrada por Riquelme, que bateu na trave e ainda resvalou em Diego Cavalieri. A Bombonera virou uma loucura. Suas estruturas balançavam com os pulos e gritos de sua fanática torcida.

Para muitos, o Flu não seguraria a pressão. Mas, quando é o Flu que está em campo, todos os palpites e prognósticos podem cair por terra, como, de fato, caíram, depois que Wellington Nem, revelação tricolor, avançou pelo lado esquerdo, chamou o marcador para um tango e cruzou para o arremate certeiro de Deco, que pegou de primeira, partindo para o abraço. Flu 2 a 1 e festa tricolor em Buenos Aires, com milhares de torcedores cantando sem parar dentro do grande templo da Bombonera. Antes, entre clubes brasileiros, só o Santos, o Cruzeiro e o Paysandu haviam vencido o Boca em seu estádio.

• PERSONAGEM: WELLINGTON NEM

“Wellington Nem é o Messi de Xerém.” Com essa música nos estádios, a torcida tricolor reverencia um dos maiores craques já revelados na fábrica de talentos tricolor. Em 2011, com tantos bons jogadores em sua posição, o jovem atacante foi emprestado para o Figueirense e eleito a revelação do Campeonato Brasileiro daquele ano. Voltou para o Fluminense e não quis ser negociado para o exterior antes de ser campeão pelo clube de coração. Com velocidade e dribles desconcertantes, rapidamente virou titular e não saiu

mais do time, tornando-se peça fundamental no primeiro semestre de 2012, quando o clube conquistou pela 31ª vez o Campeonato Estadual. Promessa cumprida. Teve um desempenho ainda mais brilhante no segundo semestre, quando foi peça fundamental do Flu na conquista do tetra brasileiro, marcando seis gols ao longo da campanha.

Ficha Técnica

Data: 07/03/2012

Árbitro: Carlos Amarilla (PAR)

Gols: Fred 9' 1ºT, Somoza 1' 2ºT, Deco 9' 2ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno (Jean), Digão, Ânderson, Carlinhos, Valencia, Diguinho, Deco (Edinho), Thiago Neves (Rafael Sóbis), Wellington Nem e Fred. **Técnico:** Abel Braga

Boca Juniors: Orion, Roncaglia, Caruzzo, Insaurralde, Clemente Rodríguez, Rivero (Chávez), Somoza, Erviti (Lugo), Riquelme, Mouche (Araujo) e Santiago Silva. **Técnico:** Julio César Falcioni



CARIOCA - 2012

ENGENHÃO

FLUMINENSE 4 x 1 BOTAFOGO

Sem choro nem vela

Flu atropela Botafogo e põe a mão na taça.

Campeão da Taça Guanabara, o Fluminense, garantido na final, passou a priorizar a Libertadores durante a disputa da Taça Rio. Para as partidas, Abel Braga escalou times mesclados de jovens com reservas, deixando muitos pontos pelo caminho. Assim, o Flu ficou de fora das semifinais e viu o Botafogo levar o retorno e chegar embalado à decisão. A estratégia do treinador não foi em vão, pois o Flu fez a melhor campanha entre os 32 participantes da fase de grupos da competição internacional.

Para a primeira partida da final, o Botafogo chegava confiante. Estava invicto em 2012 e não perdia para o Flu havia dois anos. No Engenhão, então, nunca havia sido derrotado pelo rival.

A euforia alvinegra se justificou com Renato, que inaugurou o placar. Deco aproveitou a parada técnica, como previa o regulamento, para sacudir o time, lembrando aos seus companheiros que disputavam

uma decisão de campeonato. A partir daí, o Flu dominou inteiramente, reservando uma pintura para o último ato do primeiro tempo: Fred, de bicicleta, estufou a rede de Jefferson. A massa tricolor ficou extasiada com o golaço de seu capitão.

O domínio continuou no segundo tempo. Com mais volume, as oportunidades se sucediam. Iluminado em decisões, Rafael Sóbis marcou em dose dupla, o segundo, uma obra-prima, com o atacante servindo-se de belo lançamento de Thiago Neves para driblar o goleiro e, mesmo sem ângulo, tocar para o gol. A festa, porém, ainda não estava completa. Faltava um, de Marcos Júnior, mais uma revelação de Xerém. Placar final: Flu 4 a 1.

No domingo seguinte, após vencer o Internacional por 2 a 1 e se classificar para as quartas-de-final da Libertadores, o Tricolor bateria de novo o Botafogo, dessa vez por 1 a 0, gol de Rafael Moura. Assim, em mais um título no Engenhão, o Flu conquistaria o seu trigésimo primeiro Carioca.

● **PERSONAGEM: DECO**

O currículo de Anderson Luís de Souza é inquestionável. Deco é um dos maiores jogadores de Portugal em todos os tempos. Multicampeão por Porto, Barcelona e Chelsea, o atleta disputou duas Copas do Mundo, em 2006 e 2010. No Fluminense, participou da conquista do tricampeonato brasileiro, título que faltava na carreira do camisa 20. Em 2011, após muitos críticos decretarem a sua aposentadoria, o apoiador encantou o Brasil. Com um repertório incrível de dribles, passes e lançamentos, o Mago, como ficou conhecido na Europa, fez grandes partidas, com direito a série de lençóis nos adversários. Foi eleito o melhor jogador do Carioca de 2012, em que liderou o Flu rumo ao título. Seu último grande momento com a camisa tricolor se deu no Campeonato Brasileiro de 2012, quando teve um desempenho decisivo nos 17 jogos em que esteve em campo.

Ficha Técnica

Data: 06/05/2012

Árbitro: Luiz Antônio Silva dos Santos

Público: 23.000 pagantes

Gols: Renato 8' 1ºT, Fred 43' 1ºT, Rafael Sóbis 12' 2ºT, Rafael Sóbis 20' 2ºT, Marcos Júnior 38'
2ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno, Gum, Leandro Euzébio, Carlinhos, Edinho, Jean, Deco
(Wagner), Thiago Neves (Marcos Júnior), Rafael Sóbis e Fred (Rafael Moura). **Técnico:** Abel
Braga

Botafogo: Jefferson, Lucas, Antônio Carlos, Fábio Ferreira, Márcio Azevedo, Marcelo
Mattos, Renato, Fellype Gabriel, Maicosuel (Jadson), Elkeson (Caio) e Loco Abreu (Herrera).

Técnico: Oswaldo de Oliveira



BRASILEIRO – 2012

ENGENHÃO

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Até 2112

**No clássico do centenário, Tricolor alcança
mais uma vitória histórica.**

Há 100 anos, Fluminense e Flamengo entravam em campo pela primeira vez após a saída de nove titulares do Tricolor para formar o departamento de futebol do clube de regatas. Era o primeiro jogo e a primeira vitória do Flu, que deu início à maior rivalidade do futebol brasileiro e ao maior clássico do mundo: o Fla-Flu.

Quando se fala em jogos importantes, a história costuma sorrir só para um lado. O Tricolor venceu decisões de título carioca contra o rival em 1919, 1936, 1941, 1969, 1973, 1983, 1984 e 1995. Derrotas? Apenas em 1963, 1972 e 1991. De 1936 a 1941, quando o Flu teve um de seus maiores times, o Fla amargou nada menos do que cinco vices. Foi um trivice de 1936 a 1938 e mais um bivice em 1940 e 1941. Para completar, em duelos válidos por centenários, o Flu costuma sair

vencedor. Em 1995, no centenário do Flamengo, foram três vitórias e dois empates no ano. Em 2002, no centenário do Fluminense, em duelo decisivo pelo Carioca, o Flu venceu por 4 a 1.

Em 2012, entrando como favorito absoluto para a partida, válida pelo Brasileiro, mas especialmente marcada para a data por causa das comemorações do centenário do clássico, o Fluminense tinha a tarefa de manter a sua hegemonia. Agarrado na mística do primeiro duelo, quando um time inferior venceu um superior, o Flamengo acreditava que poderia vencer. Mas, quando do outro lado do campo está a camisa tricolor, não há jeito. Debaixo de chuva, como em tantos outros jogos inesquecíveis, ocorreu mais uma vitória do time das três cores que traduzem tradição. O artilheiro Fred, que homenageara mais uma vez Super Ézio, fez o gol único. E, de novo, a profecia foi confirmada.

Para a alegria do genial tricolor Nelson Rodrigues, que, coincidência ou não, completa 100 anos junto com o clássico que ajudou a imortalizar, em um domingo especial em que o Rio de Janeiro parou, tudo foi Fla-Flu e os tricolores terminaram a noite com o mais prazeroso sentimento de triunfo. Outro momento igual, somente em 2112.

• PERSONAGEM: NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues é um troféu que só o Fluminense tem. O equivalente seria algum clube do planeta ter como torcedor Shakespeare ou Dostoiévski. Entre peladas e partidas antológicas, somente ele conseguiu imortalizar em crônicas craques e pernas de pau que fizeram do Fluminense o time mais mítico de todos. Os anos passam e, ao lemos ou relemos seus textos, a impressão que se tem é que, mesmo depois de morto, o Profeta Tricolor continua escrevendo cada vez melhor.

Ficha Técnica

Data: 08/07/2012

Árbitro: Wagner do Nascimento Magalhães

Público: 32.591 pagantes

Gol: Fred 10' 1ºT

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno, Gum, Ânderson, Carlinhos, Edinho, Jean, Deco (Valencia), Thiago Neves (Wagner), Wellington Nem e Fred (Samuel). **Técnico:** Abel Braga

Flamengo: Paulo Víctor, Luiz Antônio, Marllon, Marcos González (Arthur Sanches), Magal, Amaral (Mattheus), Ibson, Renato, Bottinelli, Vágner Love e Diego Mauricio (Adryan).

Técnico: Joel Santana



BRASILEIRO – 2012

ENGENHÃO

FLUMINENSE 1 x 0 FLAMENGO

Seremos campeões

Vitória emocionante aproxima time do tetracampeonato.

Fluminense e Atlético-MG, com o Grêmio correndo por fora, disputavam palmo a palmo o título do Campeonato Brasileiro. E nada melhor do que um Fla-Flu para embalar o time rumo à conquista. O Flamengo vinha empolgado pela vitória sobre o Atlético-MG no meio da semana, enquanto o Fluminense, a cada rodada, aumentava a sua vantagem na liderança.

O Tricolor começou com tudo. Deco mostrava a sua maestria com belos lançamentos. No primeiro, deixou Thiago Neves perto de abrir o placar. Logo depois, colocou Wellington Nem na cara do gol e da jogada surgiu um escanteio para um lance histórico. Deco recebeu a bola, cruzou de três dedos e Fred executou um voleio espetacular. Um golaço.

Tudo levava a crer que a vitória seria tranquila, mas Fla-Flu é sempre Fla-Flu. O Fluminense controlava a vantagem e até mandou duas bolas na trave, em faltas cobradas por Thiago Neves, mas nos 20 minutos finais, o Flamengo partiu com tudo em busca do empate. Foi um sufoco, com seguidos lances de perigo à meta tricolor.

Aos 41 minutos do segundo tempo, Diguinho cometeu pênalti em Wellington Silva. Vagner Love e Renato Abreu não quiseram cobrar. Sobrou então para Bottinelli, que bateu no canto direito para defesa do iluminado Digo Cavalieri.

Para aumentar o desespero rubro-negro, no lance seguinte, Vagner Love emendou um cruzamento para as redes do Flu. A torcida explodiu, mas a alegria foi curta e cruel: o gol não valeu. Love estava completamente impedido.

O jogo terminou 1 a 0. Após o apito final, curiosamente, a torcida rubro-negra aplaudiu o seu time. Enquanto isso, Cavalieri, o herói da dramática vitória tricolor, era reverenciado por uma massa eufórica com os gritos de “melhor goleiro do Brasil”.

• **PERSONAGEM: PERSONAGEM: WAGNER**

Meia de estilo clássico, revelado pelo América Mineiro, seu ótimo desempenho nos Campeonatos Brasileiros de 2006 e 2008, defendendo o Cruzeiro, rendeu-lhe a Bola de Prata da Revista Placar como o melhor da posição no torneio. Seu futebol refinado atraiu a atenção de clubes da Europa, para onde se transferiu em 2009. Repatriado pelo Fluminense no final de 2011, foi campeão carioca e brasileiro pelo Tricolor em 2012.

Ficha Técnica

Data: 30/09/2012

Árbitro: Marcelo de Lima Henrique

Público: 25.313 pagantes

Gols: Fred 18' 1ºT.

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno, Gum, Digão, Carlinhos, Edinho, Jean, Deco, Thiago Neves (Wagner), Wellington Nem (Marcos Júnior) e Fred (Diguinho). **Técnico:** Abel Braga

Flamengo: Felipe, Wellington Silva, Frauches, Marcos González, Ramon, Amaral (Renato Abreu), Ibson, Léo Moura (Bottinelli), Cléber Santana, Liedson (Nixon) e Vagner Love.

Técnico: Dorival Júnior



BRASILEIRO – 2012
EDUARDO FARAH (PRES. PRUDENTE)

FLUMINENSE 3 x 2 PALMEIRAS

É tetra!

Campeão brasileiro com três rodadas de antecedência.

Com uma campanha esmagadora, o Fluminense foi a Presidente Prudente enfrentar o desesperado Palmeiras, sabendo que uma combinação de resultados poderia lhe dar o título já naquela rodada. O time liderava todos os índices técnicos do campeonato. Tinha o melhor ataque, a melhor defesa, o maior número de vitórias, o maior saldo de gols, o menor número de derrotas, além do artilheiro da competição. Sem falar em uma vantagem de nove pontos sobre o segundo colocado.

Com a bola rolando, a equipe colocou em prática toda a superioridade representada pelos números. Ninguém queria saber de esperar mais uma semana pelo título. Fred deu duas cabeçadas perigosíssimas na primeira etapa. A primeira foi defendida pelo goleiro e a segunda explodiu na trave. Aos 45 minutos, porém, não

teve jeito. Wellington Nem chutou rasteiro, o goleiro deu rebote e Fred, sempre ele, completou para as redes.

O panorama da partida não mudou no segundo tempo. Rafael Sóbis marcou o que seria o segundo gol tricolor, mas um impedimento duvidoso foi marcado. Logo em seguida, Fred, aberto pela direita, chutou para a área. A bola desviou no zagueiro Maurício Ramos e encobriu o goleiro Bruno. Fluminense 2 a 0.

A vitória parecia encaminhada, mas o time relaxou e, em poucos minutos, o Palmeiras, que lutava contra o rebaixamento, igualou o placar. Jogando no mesmo horário em São Januário, o Atlético-MG havia apenas empatado com o Vasco e, portanto, naquele momento, um gol tricolor significaria o título. E ele tinha que ser de Fred, que aos 43 minutos do segundo tempo, recebeu passe de Jean e emendou para o fundo das redes.

A torcida tricolor vibrou em todo o país. O Fluminense era tetracampeão brasileiro! A conquista estava assegurada com nada menos que três rodadas de antecipação. Uma campanha para ficar na história.

• **PERSONAGEM: PERSONAGEM: JEAN**

Volante de futebol vistoso, bom toque de bola e eficiente nas cobranças de falta, atua também como lateral direito ou ala. Revelado pelo São Paulo, chegou ao Fluminense como um dos grandes reforços para a temporada 2012. E não decepcionou, firmando-se como um dos principais nomes do time na campanha do tetracampeonato brasileiro. Convocado diversas vez para a seleção, fez parte do grupo campeão da Copa das Confederações em 2013.

Ficha Técnica

Data: 11/11/2012

Árbitro: Leandro Pedro Vuaden

Público: 8.461 pagantes

Gols: Fred 45' 1ºT, Maurício Ramos (contra) 8' 2ºT, Barcos 16' 2ºT, Patrick Vieira 19' 2ºT e Fred 43' 2ºT.

Fluminense: Diego Cavalieri, Bruno (Diguinho), Gum, Leandro Euzébio, Carlinhos, Edinho, Jean, Thiago Neves, Rafael Sóbis (Valencia), Wellington Nem (Marcos Júnior) e Fred.

Técnico: Abel Braga

Palmeiras: Bruno, Wesley, Maurício Ramos, Henrique (Román), Juninho, Marcos Assunção (Luan), João Denoni, Corrêa, Patrick Vieira, Obina (Maikon Leite) e Barcos.

Técnico: Gílson Kleina

OS AUTORES

Dhaniel Cohen

Começou sua carreira profissional em 1997 dando aulas de redação no Colégio e Curso pH, onde ficou até 2002. Foi redator publicitário de algumas agências, mas preferiu seguir a sua paixão por esporte. No jornalismo esportivo desde 1999, teve passagens por diversos veículos como repórter, especialmente rádios e sites. Entre eles, destacam-se Portal dos Esportes da Globo (hoje GloboEsporte.com) e Top Sports (atual Esporte Interativo). Em alguns, como na extinta rádio Rio, em 2002, ano do centenário do Fluminense, teve o prazer de cobrir o clube. Entre 2003 e 2005, foi redator júnior, pleno e depois sênior da revista Proteste. A partir de 2006, virou editor da revista Dinheiro & Direitos, função que exerceu até 2010, quando aceitou uma proposta para trabalhar em seu clube de coração. Entre 2007 e 2011, foi assessor de imprensa do presidente Peter Siemsen. No início de 2008, foi um dos mentores do Blog da Flusócio e comandou a equipe editorial do blog até 2010. Em 2009, foi um dos idealizadores de uma campanha que trouxe centenas de novos sócios para o Fluminense, que no ano seguinte culminou no livro “Cidadania Tricolor – Porque o Fluminense somos todos nós”.

Heitor D'Alincourt

Mexe com cinema, TV, música e livros. É empreendedor de várias ações no Fluminense e também no futebol. Em 1999, compôs e interpretou o CD “Saudações Tricolores”, canção executada na Rádio Globo quando o Fluminense é destaque. Em 2000, pesquisou e produziu a Calçada da Fama do Maracanã. Em 2002, corre realizou o documentário “Saudações Tricolores”. Em 2003, produziu o livro infantil “Flupi vai ao Maraca”. Já em 2004, ano do centenário da camisa tricolor, resgatou e lançou réplicas de camisas históricas do Fluminense. No ano seguinte, para celebrar o trigésimo título carioca do clube, corre realizou o documentário “30 vezes campeão”. Em 2006, lançou a réplica da camisa do Castilho e com a verba arrecadada nas vendas construiu um busto do goleiro na sede do clube. Em 2009, idealizou e produziu a campanha “Washington Day” para arrecadar fundos ao ex-jogador e lançou o livro “O Fluminense me domina”. Um ano depois, lançou o livro de arte “Torcida do Fluminense: a melhor e mais bonita do mundo”.

João Boltshauser

Bacharel em Ciências da Computação formado pela Universidade Federal Fluminense, pesquisador da história do Fluminense Football Club por hobby e paixão – atividade que exerce há mais de 20 anos –, no início da gestão Peter Siemsen foi nomeado diretor do Flu-Memória e começou a trabalhar voluntariamente pelo clube. Em 2012, após 13 anos como funcionário da IBM Brasil, passou a se dedicar profissionalmente ao Fluminense, onde ficou até o início de 2014. Entre as suas principais realizações está a coordenação do projeto da nova Sala de Troféus do clube, inaugurada em julho de

2012, da qual foi também o responsável pela curadoria, pelas pesquisas históricas e pela redação de grande parte dos textos.

Carlos Santoro

Engenheiro Civil formado em 1990 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Trabalhou no setor de construção por mais de 15 anos, tendo gerenciado dezenas de obras em todo o Grande Rio. De 2007 a 2010 foi diretor de produção de uma empresa produtora de vídeos. Tricolor apaixonado, desde 1994 tem se dedicado a pesquisar a história do Fluminense. É coautor do livro do centenário do clube, publicado em 2002, e coprodutor dos vídeos “A conquista” (sobre o título da Copa do Brasil de 2007) e “TS-3 – O Monstro” (sobre Thiago Silva). Em 2005, elaborou, desenhou e produziu um pôster contando toda a evolução dos uniformes do clube, primeiro trabalho do gênero no país.

CRÉDITOS

Copyright © 2015 by Fluminense Football Club

1^a edição – Abril de 2015

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publisher

Cláudio Soares

Produtores

Dhaniel Cohen e Heitor D'Alincourt

Conteúdo

Dhaniel Cohen, Heitor D'Alincourt, Carlos Santoro e João Boltshauser

Pesquisa

Carlos Santoro e João Boltshauser

Produção de pesquisa

Gabriel Peres

Capa e projeto gráfico

Pablo Massolar

Produção de epub e mobi

Felipe Sotello

Ficha catalográfica

Bárbara Sotello

Revisão

João Marcelo Garcez e Patrícia Sotello

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cohen, Dhaniel

Fluminense: jogos inesquecíveis / Dhaniel Cohen, Heitor D'Alincourt, João Boltshauser, Carlos Santoro – 1.ed. – Rio de Janeiro : Publiko, 2015.

eISBN 978-85-66631-19-7

1. Futebol 2. Fluminense (Clube de Futebol) 3. História 4. Fluminense Football Clube I. Título. Cohen, Dhaniel. III. D'Allincourt, Heitor. IV. Santoro, Carlos. V. Boltshauser, João.

CDD-796.3340981

Índices para catálogo sistemático

1. Futebol : História 796.3340981

PUBLIKI

Largo do Machado, 54/804 – Catete

CEP: 22221-020 – Rio de Janeiro – RJ

Telefax: (+ 55 21) 3825-9513

E-mail: contato@publiki.me

Site: www.publiki.me

AGRADECIMENTOS

Sem a força e a compreensão de muitos tricolores, essa obra não teria saído. Por isso, os autores do livro fazem questão de agradecer amigos e profissionais que de algum modo colaboraram com o projeto.

O nosso muito obrigado para Adriana Milani, Alexandre Vasconcelos, Alexey Dantas, André Fampa, Angela Bonfante, Ângelo Chaves, Argeu Affonso, Assis, Bernardo Belfort, Bernardo Leal, Bernardo Pontes, Beto Meyer, Braz Antônio Masullo, Bruno Holfinger, Carlos Eduardo Moura, Carlos Garcia, Carlos Miranda, Carlos Muniz, Celso Barros, Christiane Baroncini, Daniel Huallem, Daniele Gomes do Nascimento, Danilo Félix, Dario Guagliardi Neto, Deco, Denise Laporaci, Edgard Maciel de Sá, Eduardo Albuquerque, Eduardo Augusto Urzeda Rocha, Érica Bittencourt, Erich Onida, Fábio Dib, Fred, Gabriel Oliveira, Gabriel Peres, Giuliano Barros, Guilherme Figueiredo, Hélio Sussekind, Idel Halfen, Jackson Vasconcelos, José Ademar Arrais, Leandro Rangel, Leila Medeiros, Lívia Andrade, Lucas Sodré, Luciana Anselmo, Luiz Carlos Pereira, Luiz Cunha, Luizinho (Marketing), Marcelo Teixeira, Marcelo Vieira, Marcio Estanislau, Marcos Benjamin, Marcos Caetano, Maria Greco, Mariana Britto, Michel Cardoso, Nelson Perez, Pascoal Bruno, Patrick Szymshak, Pedro Abad, Peter Siemsen, Priscila Soares, Rafael do Nascimento

Boltshauser, Rafael Marques, Rafael Pereira, Rafael Pulcinelli, Ralff Santos, Raul Fernandes, Remo Bruno, Renata Alves, Ricardo Ayres, Ricardo Martins, Roberta Fernandes, Rodrigo Caetano, Rodrigo Henriques, Rodrigo March, Rogério Félix, Romerito, Sandro Lima, Sarah Cohen, Tamiris Torres Costa, Tatiana Monyque Kaplan Cohen, Thiago Neves, Vinícius Villar e Yonathan Meir Cohen.

Vale destacar que dentro do clube, Presidência, Conselho Diretor, Futebol, Jurídico, Financeiro, Social, Marketing, Comunicação e Informática, todos foram fundamentais para chegarmos até aqui.

Também fazemos questão de registrar o apoio de Adidas, Ambev, ComeceAki, Fluboutique, Flusócio, Photocamera e Unimed ao projeto, pois sem eles, nada disso seria possível.

Dedicamos a obra à memória de Armando Giesta, Pinheiro, Seu Chico Cysne e Super Ézio.

UM NOVO
JEITO DE LER
E PUBLICAR
LIVROS



O Fluminense Football Club inova mais uma vez e marca um golaço editorial. Este "**Fluminense: Jogos Inesquecíveis**" é o primeiro e-book da América Latina publicado oficialmente por um clube de futebol. Os jogos épicos e marcantes, que mostram um pouco da história do Flu, estarão na sua mão, através da internet, em seu smartphone, tablet, e-reader, computadores e outros dispositivos eletrônicos de leitura. A Publiki, que editou e produziu este e-book, é uma agência completa de tecnologia, inovação, consultoria e inteligência de marketing na área editorial. Acreditamos no talento dos clientes que nos procuram e lutamos para potenciá-lo de forma otimizada e profissional. Desenvolvemos estratégias personalizadas para cada uma das empresas, editoras e autores que encontraram na Publiki o parceiro ideal para o seu crescimento. Publiki: *um novo jeito de ler e publicar livros.*

Os editores